

A romantic couple is shown in a close embrace. The woman, on the right, has her eyes closed and a gentle smile, leaning her head against the man's. She is holding a large glass of red wine. The man, on the left, is seen from the back of his head and shoulder, with his hand resting on the woman's neck. The background is a soft, out-of-focus grey. The title 'Amores e Vinhos' is written in a large, elegant, dark purple script across the center. The author's name 'Camila Alkimim' is at the bottom in a smaller, dark purple serif font. There are some faint, light purple circular bokeh effects in the lower left and center.

# Amores e Vinhos

Camila Alkimim



# Amores e Vinhos

Camila Alkimim



Copyright © 2020 Camila Alkimim

Todos os direitos reservados.

Título: Amores e vinhos

Autora: Camila Alkimim

Revisão: Expresso das Letras





Quando Stella Davis, uma atriz com imagem desgastada, pensa que nada mais pode dar certo na sua vida, ela recebe a notícia que herdou uma vinícola.

Uma herança deve ser algo bom, não é? A não ser que ela venha acompanhada de um segundo herdeiro (babaca) que pode tornar a vida de Stella ainda mais infernal. Mas será que o atraente James Preston é tão difícil assim ou apenas é necessário conhecê-lo melhor? Na dúvida, a atriz decide lutar pelo que quer. E nessa luta pode encontrar mais do que espera para o seu futuro.



[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)

[Outras obras da autora](#)

[Leia um trecho de Procura-se Pedro](#)

[Leia agora um trecho de O amor não tem regras](#)

[Leia agora um trecho de Em busca de mim](#)

[Sobre a autora](#)



Acredito que toda história merece uma boa trilha sonora, por isso, aqui estão algumas das músicas que me acompanharam durante o processo de escrita.

Para ter acesso à playlist, basta apontar o celular para o QR Code ou procurar por Amores e Vinhos no Spotify.



*Spotify*



Boa leitura!





# Capítulo 1

Eu detestava me sentir acuada, com medo ou insegura. Não gostava da sensação de impotência, de não saber o que estava por vir, e ao atravessar a porta do escritório de advocacia do senhor Eric Hall, eu me senti exatamente dessa maneira.

Não que eu tivesse feito algo errado, ou que devesse me arrepender por estar ali, não. Para ser sincera, eu me sentia assim, essa bagunça toda de emoções, por ele ter a minha história, passado e futuro em suas mãos.

Engolindo a ansiedade que estava prestes a me sufocar, avancei mais dois passos para dentro da sala de espera bem iluminada e logo vi que não estava sozinha.

Mais adiante, ocupando uma das cadeiras junto a parede oposta à entrada, um homem, que não aparentava ter mais do que trinta anos assim como eu, me encarava com olhos curiosos. Por puro instinto, meneei a cabeça em um cumprimento silencioso, que foi retribuído da mesma maneira e me aproximei do balcão, onde uma jovem vestida em um terninho me esperava.

— A senhorita deve ser Stella Davis — sorriu com simpatia. — O senhor Hall irá chamá-la em breve.

Após lhe retribuir o gesto em sinal de agradecimento, me aproximei de uma das cadeiras vagas ao lado do homem, que com a barba de alguns dias por fazer sobre a pele bronzeada, os lábios cheios e bem desenhados e um olhar de predador, poderia facilmente estar protagonizando algum filme de Hollywood.

Com a mente trabalhando em um ritmo acelerado demais por tudo que estava prestes a acontecer, acabei tomando um susto e sendo patética ao dar um pulinho na cadeira quando a voz grave, apesar de gentil, chegou até mim.

— Você é diferente do que eu esperava.

— Desculpe?

Ainda com o coração batendo descompassado em meu peito, lhe encarei, buscando sentido em suas palavras.

— Lamento, eu não queria assustá-la — ele disse, exibindo um tímido sorriso torto, enquanto parecia se arrepender de ter iniciado a conversa. — Eu não sei o que me fez imaginar que o simples fato de você ser atriz, a faria aparecer aqui como se estivesse prestes a receber um Oscar. Mas ver você assim, com roupas comuns me fez perceber que não é assim tão diferente de mim, uma pessoa normal — deu de ombros.

Sem saber muito bem o que responder, permaneci parada, encarando-

o, ao mesmo tempo em que outra onda de insegurança me atingia.

— Desculpe, eu não quis ser rude. Não foi a melhor maneira de começar — admitiu, coçando a nuca em um gesto de nervosismo, sem desviar os olhos de mim. — James Preston.

Assim que meus dedos envolveram a sua mão, bem maior do que a minha e que apesar de macia apresentava alguns calos, a porta às minhas costas se abriu.

— Senhorita Davis, James, vejo que já foram apresentados — disse o advogado com certo humor contido em seu tom de voz, fazendo com que eu soltasse a mão do homem diante de mim. — Se estiverem prontos, podemos começar.

Depois de concordar com um breve aceno, James se colocou de pé, enquanto eu, sentindo-me letárgica e com os joelhos fracos por saber que não havia mais como voltar atrás, precisei de mais alguns segundos antes de aceitar a sua mão e me levantar.

Foi somente ao estar parada frente a frente com ele que pude notar o quanto ele era grande, e não apenas por seus dez ou quinze centímetros mais altos do que eu, mas também por seus ombros largos. Sorrindo de maneira gentil, ele então indicou o caminho até Eric Hall e eu tomei a frente, me esforçando ao máximo para não desmaiar de nervoso.

Ao caminhar para dentro daquela sala, eu me sentia como uma condenada indo em direção à forca.

Sem saber quanto minhas pernas aguentariam, acabei ocupando a primeira cadeira que surgiu diante de mim. Eric Hall, o advogado, assumiu a cabeceira da mesa, enquanto James sentou-se do outro lado, em frente a mim.

— Senhorita Davis? — Chamou o homem, me trazendo de volta ao presente, enquanto sentia as palmas de minhas mãos transpirarem.

Do outro lado da mesa, profundos e misteriosos olhos castanhos me encaravam. Evitando fazer contato, virei o rosto para a minha esquerda, onde o senhor de cabelos e bigode grisalhos aguardava pacientemente que eu lhe desse atenção.

— Gostaria de fazer a leitura do exame em particular ou posso fazer para a senhorita?

Com a boca mais seca do que eu julgava normal, mesmo tendo ingerido uma grande quantidade de água ainda a pouco, apenas concordei com um meneio de cabeça e indiquei com a mão para que ele prosseguisse.

Às vezes era melhor despejar a verdade toda de uma vez, assim como quem arranca um curativo.

Conforme meus ouvidos captaram os ruídos do envelope sendo

aberto, meus músculos se tornaram rígidos, mas nem mesmo isso me fez desviar a atenção do tampo de madeira escura diante de mim.

Embora eu não fosse capaz de mensurar o quanto minha vida mudaria quando as palavras fossem ditas, sabia que a partir daquele instante nada voltaria a ser igual, porque desde que o advogado tinha batido à minha porta uma semana atrás, o que havia sido quebrado não poderia ser restaurado tão facilmente.

— De acordo com os resultados descritos nesses papéis — começou a recitar, fazendo a tensão em meu corpo aumentar ainda mais —, a senhorita Stella Davis aqui presente é filha de Alessandra Dempsey e neta de Vincenzo Giordano.

Incapaz de olhar para os dois homens que agora dirigiam suas atenções para mim, porque sim, eu podia sentir o peso de seus olhares ao me encararem, soltei o ar preso em meus pulmões.

Diferente do que supus, minha cabeça permanecia no mais absoluto e amedrontador silêncio, que foi interrompido um segundo depois, quando uma mão bonita, de dedos longos e pele bronzeada surgiu em meu campo de visão, colocando um copo d'água diante de mim.

— Tente beber um gole — ofereceu, com gentileza.



Incapaz de desviar o olhar enquanto agarrava o copo com as duas mãos, em uma tentativa de evitar que a tremedeira o derrubasse, agradei em um murmúrio, antes de fazer o que ele havia dito.

A cada gole ingerido eu me esforçava para fazer a tensão se dissipar, tentava empurrá-la para baixo, afinal de contas, isso havia sido apenas o começo.

Quando já não restava mais nada no copo, o coloquei sobre a mesa e mais uma vez me permiti olhar para o homem sentado diante de mim, dono dos olhos mais expressivos e misteriosos que eu já havia visto.

— Obrigada — agradei, conseguindo pronunciar algo, e recebendo como resposta um discreto sorriso torto.

— Está se sentindo bem? Você me parece um pouco pálida.

— Sim, obrigada, eu... eu só estou um pouco surpresa e cansada — confessei, retorcendo nervosamente meus dedos escondidos debaixo da mesa.

— Imagino que a viagem tenha sido cansativa, mas ao final da leitura, pode se hospedar na propriedade se quiser, pedi que arrumassem um quarto para você.

— Tudo bem, nós... — suspirei, sentindo-me frustrada de não conseguir pronunciar uma única frase por completo. — Nós podemos ver isso

depois, não há pressa — sorri de leve, grata por sua gentileza.

— Se ambos estiverem de acordo, podemos iniciar a leitura do testamento? — perguntou o senhor, se voltando em minha direção após permanecer calado enquanto eu me recuperava do choque.

Meu gesto positivo parece ter agradado a ambos, o que foi bom, uma vez que eu não planejava fazer uma cena.

— Para James Preston, meu braço direito e neto por consideração — começou o advogado, me instigando a encarar o outro herdeiro —, deixo a propriedade na qual passei dias solitários muitos anos atrás e o vi correr, brincar e cavalgar livremente quando ainda era um garoto que morava com os pais. Sua família me foi fiel por longos anos, e espero que com esse presente possa retribuir o tempo de suas vidas que me foi dedicado, além de tudo que você fez por mim nesses últimos anos, garoto.

Embora eu não o conhecesse até o momento em que nos encontramos na sala de espera do escritório, eu podia ver a emoção em seus olhos e a julgar por sua expressão, podia supor que um filme passava em sua cabeça, com certeza eram lembranças da breve história citada ali e algumas outras que haviam sido deixadas de fora do documento.

Durante o breve silêncio que se fez na sala, Preston acenou para o advogado, mostrando-se satisfeito com o que lhe fora destinado.

— Para Stella Davis — disse o senhor, recuperando minha atenção —, deixo essa carta, escrita no instante em que decidi resgatar o tempo perdido, embora naquele momento ainda não soubesse que certas coisas e pessoas jamais poderiam ser recuperadas.

Tomada pela dormência que começava a se espalhar por meu corpo, permaneci encarando o advogado, embora não estivesse ouvindo, enquanto a leitura do testamento era realizada.

— ... Deixo-lhe também a vinícola, tão importante para a nossa família há muitas gerações e que anteriormente deveria ter sido passada para as mãos de sua mãe, se eu não houvesse sido tão duro com todos nós.

Ouvindo apenas a parte final de sua leitura devido a dormência e ao pequeno devaneio no qual havia entrado, encarei com confusão o advogado que agora me estendia uma carta, sem dúvidas a referida no testamento.

— Desculpe, senhor Hall — pedi, sentindo um rubor tingir minhas bochechas conforme os olhares se recaiam sobre mim —, minha cabeça, eu não... hum, não assimilei tudo o que disse.

— Senhorita Davis, você é a herdeira da vinícola Giordano. Entrarei com um pedido para que as propriedades sejam transferidas para seus respectivos herdeiros e assim que esse processo estiver concluído, poderão fazer com os seus bens o que lhes for conveniente.

Antes que qualquer outra frase fosse dita, meu coração passou a pulsar com mais rapidez em meu peito, fazendo minha respiração se tornar irregular.

— O quê? Não, eu não posso assumir isso — falei, um tom mais alto do que a etiqueta pedia. — Esse senhor estava em seu juízo perfeito quando tomou essa decisão? — perguntei, indicando os papéis do testamento dispostos sobre a mesa diante do advogado.

— A cabeça de seu avô estava funcionando muito bem até os últimos instantes, senhorita — disse James, me encarando com um olhar severo em meio a sua reprimenda.

— Pois não é o que parece. Ele sequer me conheceu, como pode confiar seu bem mais precioso a uma estranha? Como pode me tornar a herdeira disso tudo? De maneira alguma ficarei com essa propriedade.

— Não seja mal-agradecida, senhorita Davis, não quando tudo que ele pretendia era se reaproximar da família.

Irritada pelo tom acusatório de James, levantei-me em um impulso que fez a cadeira pesada raspar sobre o piso, dei as costas para ambos os homens que permaneciam sentados e iniciei uma breve caminhada pelo espaço, sem me importar se um certo par de olhos julgadores estavam sobre mim, recriando minhas atitudes.

— Me desculpe se não estou morrendo de gratidão por isso, senhor Preston, a minha vida ia muito bem obrigada até que essa bomba explodisse em minhas mãos.

Motivado por minhas duras palavras, em um piscar de olhos ele se colocou de pé, fazendo com que sua presença imponente tornasse a sala menor e mais desconfortável para mim.

— Você poderia ao menos ser um pouco mais respeitosa com a memória e o desejo de seu avô.

Apesar de seu tom de voz contido, eu podia ver o ódio fervilhando em seus olhos.

— Pois saiba você que Vincenzo Giordano nunca foi o meu avô, senhor Preston!

Assim que as palavras deixaram os meus lábios, seu corpo todo se retesou e ele avançou um passo em minha direção.

— Realmente, você é boa demais para isso tudo, não é? Isso aqui nunca estará aos pés da vida luxuosa que você está acostumada a ter. — desdenhou.

— Senhorita Davis, James, por favor, acalmem-se — interveio o senhor, que até então havia se mantido calado. — Nenhuma decisão precisa ser tomada nesse instante. Independentemente de sua escolha, por questões

legais a propriedade deve ser designada a você. É compreensível que esteja surpresa com a situação toda, tome o seu tempo para pensar a respeito — aconselhou, tentando acalmar de vez os ânimos exaltados.

Incapaz de lhe dar uma resposta à provocação, detive os meus passos enquanto cobria o meu rosto com as mãos e fazia um grande esforço para respirar de maneira tranquila. Naquele momento, todos os acontecimentos da última semana se chocavam contra mim, me mostrando que tudo que eu havia vivido ao longo dos trinta anos de minha existência não passavam de uma mentira, um grande faz de contas.

Era pedir demais que ao abrir os olhos eu percebesse que tudo isso não passava de um sonho ruim?

— *Desculpe aparecer sem qualquer aviso prévio, senhorita, mas só consegui encontrar seu endereço essa manhã e algumas coisas mudaram desde então, por isso não pude seguir com o protocolo de comunicar uma visita antes que ela de fato acontecesse.*

Essas haviam sido as primeiras palavras ditas pelo homem sentado a poucos metros de mim, anunciando o prelúdio para o caos que se instalaria em minha vida.

— *Venho em nome de Vincenzo Giordano, talvez o nome não lhe seja estranho, uma vez que ele possui uma famosa vinícola em Napa Valley.*

*Senhor Giordano era um homem viúvo há muitos anos e rompeu o contato com a filha, Alessandra. Recentemente, ele decidiu reatar esse laço familiar que havia se perdido, mas por infortúnio do destino descobriu-se que a então senhorita Dempsey, que já não carregava o nome Giordano, veio a falecer alguns anos após deixar a casa do pai, ainda jovem.*

*Notando a minha inquietação com essa história, que parecia sem pé nem cabeça para mim, uma vez nada tinha a ver comigo, o homem se adiantou antes que eu o interrompesse.*

*— Alessandra Dempsey, única herdeira do senhor Vincenzo, teve uma filha antes de falecer e após uma série de outras pesquisas, que não foram assim tão simples devido a alguns segredos de justiça, chegamos até você, senhorita Davis.*

*Incerta se eu havia compreendido o que o homem havia acabado de me dizer, permaneci imóvel, apenas encarando-o com uma grande interrogação na testa. Ele certamente havia se confundido.*

*— Eu não quero ser rude, senhor Hall, mas acho que veio à pessoa errada. Meus pais se chamam Charles e Lauren Davis e bem, eu conheço os meus avós — sorri de leve — Acho que houve alguma confusão.*

*Pronta para acompanhá-lo até a saída e colocar um fim nessa confusão, me levantei do sofá, mas antes que eu pudesse me afastar o*

*suficiente, ele me deteve com um discreto pigarro.*

*— Embora exista a possibilidade de quem sim, a investigação tenha sido equivocada e nos direcionado à pessoa errada, todos os indícios nos levam a crer que a senhorita é a neta desaparecida do senhor Vincenzo Giordano.*

— Creio que minha presença já não é mais necessária, é melhor que eu os deixe a sós — disse James Preston, me trazendo de volta ao presente, apenas para me provar que não, toda essa confusão não se tratava de um sonho ruim.

— Sem problemas, James. Entrarei em contato em breve, cuide-se — despediu-se de maneira informal, confirmando a minha suspeita de que havia certa proximidade entre ambos.

— Passar bem, senhorita Davis — disse James com desdém, antes de deixar a sala.





## Capítulo 2

Eu ainda caminhava aturdida de um lado para o outro na sala, quando o senhor se colocou em meu caminho, me impedindo de dar mais um passo sequer.

— Senhorita Davis, está tudo bem, acalme-se — disse com suavidade, em um tom compreensivo. — Entendo que toda essa situação tenha lhe surpreendido, mas não há por que se precipitar. O processo de transferência dos bens para o seu nome é um tanto burocrático, não irá acontecer da noite para o dia. Além disso, o funcionamento da propriedade não será alterado, logo, ninguém será prejudicado.

— Por favor, me chame apenas de Stella — pedi, me deixando ser conduzida por ele ao lugar que ocupava até instantes atrás. — É tudo tão recente, senhor Hall, e como se eu já não tivesse problemas suficientes, ainda vem esse outro senhor criticar minhas decisões — desdenhei, sentindo-me irritada.

— James é um bom rapaz, pode acreditar. Ele não sabe de toda a história e vocês dois estão em uma situação complicada. Ele tinha grande estima por seu avô, portanto, ainda está vivendo o luto, afinal de contas,

apenas uma semana se passou desde a partida de Vincenzo. Já você teve o seu castelo de areia derrubado por uma grande onda.

Em uma tentativa de ser minimamente compreensiva, algo que James Preston havia ignorado, concordei com um aceno conforme meus ombros cediam diante do peso dos fatos e encarei o homem diante de mim, que não devia ser assim tão mais novo do que Vincenzo Giordano, meu então... avô.

Vencida pela curiosidade que toda a situação havia despertado em mim, perguntei:

— Vocês eram amigos, senhor Hall?

Conforme aguardava por uma resposta, notei como os olhos dele se tornaram brilhantes e desfocados em meio a um sorriso saudoso, conforme parecia resgatar algumas memórias.

— Meu pai era advogado de seu bisavô quando a vinícola foi passada para as mãos de Vincenzo, eu era apenas um rapazinho na época. Anos depois eu acabei seguindo os passos do velho senhor Hall e quando ele se aposentou, herdei parte de seus clientes, seu avô foi um deles. Com o tempo, nós nos tornamos amigos. Lamento que não possam ter se conhecido.

Ainda soava estranho aos meus ouvidos o fato de se referirem à um completo estranho como meu avô.

— Por que a filha o deixou? — perguntei baixo, quase em sussurro, tentando encaixar algumas das peças soltas.

— Não cabe a mim lhe contar essa história, mas segundo seu avô, as respostas estão na carta. Agora, se me permite oferecer um conselho, senhorita Stella — deu de ombros e sorriu ao manter a formalidade que eu já havia dispensado —, tente não o julgar por decisões que foram tomadas no passado, em outros tempos. Ele nunca se perdoou por isso.

Apesar de ainda ter muitas perguntas a fazer, porque ao que parecia, essa era uma história que continha algumas camadas bem densas, me vi sem palavras, então apanhei minha bolsa da cadeira ao lado à qual eu ocupava e me levantei.

— Obrigada por tudo, senhor Hall e me perdoe pela confusão que causei.

— Não há nada que se desculpar — Sorriu, descartando o acontecimento com um simples gesto — e Stella — pousou uma mão sobre meu ombro, me detendo com delicadeza — se permita conhecer o outro lado da história antes de tomar qualquer decisão.



Era final de tarde quando deixei o escritório do advogado e retornei ao pequeno hotel no qual eu havia me instalado pela manhã, carregando comigo a carta deixada por Vincenzo Giordano, uma cópia do testamento e outra do resultado de exame de DNA, que havia sido coletado dias atrás e enviado a um laboratório especializado em São Francisco.

Tomada pela fome e pelo cansaço como há muito eu não me sentia, decidi tomar um banho rápido antes de resolver a próxima questão. Aproveitando que ainda havia uma desculpa para usar óculos escuros, me vesti com jeans, camiseta, uma jaqueta e apanhei o boné que sempre carregava comigo. Depois de soltar os cabelos, coloquei o acessório que ocultaria parte de meu rosto e deixei o quarto, tentando passar despercebida.

Embora a acomodação oferecesse serviço de cozinha, onde eu poderia pedir qualquer coisa disponível no cardápio, decidi agarrar a quietude oferecida por Napa Valley, que embora também fosse um local turístico, permitia que eu me sentisse livre ao poder caminhar sem que alguém estivesse à espreita, com câmeras apontadas para mim. A última coisa que eu precisava naquele momento era ficar no radar dos paparazzis.

Do lado de fora do pequeno hotel, com o celular em mãos e o GPS aberto, identifiquei alguns comércios nas redondezas e decidi explorar a vizinhança, já que tudo à minha volta tinha um ritmo diferente de Los Angeles.

Não foi preciso caminhar mais do que duas quadras para chegar a um pequeno mercado. Ainda mantendo a cabeça baixa bem como os óculos escuros e o boné, entrei no comércio e sem pressa alguma caminhei entre as prateleiras, observando itens que me chamavam atenção e que poderiam ser petiscos não apenas durante a noite, como também na viagem de volta a L.A, que eu faria no dia seguinte. Pouco a pouco, a cesta pendurada em meu braço esquerdo foi sendo preenchida com chocolates e algumas outras guloseimas.

Ao parar diante de uma prateleira abastecida com bebidas alcólicas, peguei uma garrafa de vinho em que o rótulo carregava o nome Giordano e a encarei por alguns instantes. Sentindo um frio na barriga, que eu poderia classificar como medo, expectativa e sabe-se lá mais o quê, optei por devolvê-la ao seu lugar e me direcionei com rapidez ao caixa. Evitando encarar a garota sentada atrás do balcão, paguei por minhas compras e deixei o estabelecimento.

Embora estivesse desejando mais do que tudo jantar uma pizza —

uma vez que não havia encontrado nada mais atraente ao meu paladar no mercado — e ter uma longa noite de sono, me vi incapaz de ignorar os intensos e simpáticos olhos azuis de um cachorro peludo, amarrado ao hidrante em frente ao mercado, certamente esperando por seu dono, que deveria estar fazendo algumas compras.

Usando aquela típica voz engraçada, que só é aceitável para falar com crianças e cachorros sem parecer ridículo demais, perguntei:

— Será que você vai saborear os meus dedos como petisco, se eu te fizer um carinho?

Como se houvesse compreendido meu questionamento, o cachorro de porte médio se deitou e apoiou sua cabeça sobre as patas da frente. Incapaz de resistir, me aproximei um pouco mais e toquei seu pescoço, deslizando os dedos através do pelo mesclado de branco, cinza e preto, que conforme eu havia imaginado, era muito macio e sedoso.

— Você é um garoto muito bonito — cantarolei, sorrindo para o animal, que me pegou de surpresa ao virar sua cabeça e lambeu a minha mão, como um agradecimento pelo elogio.

Ao deslizar os dedos por sua coleira, após coçar um pouco mais suas costas e orelhas, encontrei a plaquinha metálica com seu nome gravado.

— Snow, sim, esse nome combina com você — ponderei, ganhando mais uma lambida, antes de me levantar. — Até mais garoto.

Eu ainda pensava no fato de que esses tinham sido os primeiros sorrisos sinceros que eu havia dado na última semana, quando comecei a me afastar. Olhando para trás algumas vezes, pude ver o momento em que um homem alto se abaixou junto de Snow, o desamarrou e diante da alegria do cão em rever o dono, passaram a caminhar juntos na direção oposta à minha.



Após terminar o jantar e me ver sem muito o que fazer enquanto esperava ser vencida pelo sono, deixei que meus olhos vagassem até a mesinha no canto do quarto, onde três pastas estavam empilhadas e pareciam chamar por mim.

Uma delas eu só havia olhado o conteúdo na companhia do advogado, há mais de uma semana e desde então vinha evitando-a, mas agora que tudo tinha sido esclarecido e já não restavam dúvidas quanto a minha identidade, bem como o fato de que Lauren e Charles, pessoas que eu passei a vida toda



chamando de pais, mentiram para mim, me senti encorajada a verificar seu conteúdo mais uma vez.

Com as mãos e pernas tremendo, atravessei o quarto em alguns passos, apanhei o objeto e voltei a me acomodar na cama confortável. Sentando com as pernas cruzadas diante de mim, virei a capa e me deparei com a primeira página.

Imersa no silêncio do quarto, meus olhos percorreram cada uma das linhas, repletas de informações sobre pessoas que até uma semana eu desconhecia. Assim como da primeira vez em que peguei tais papéis em minhas mãos, a foto retirada de um anuário com o nome de Alessandra Dempsey na legenda roubou o ar de meus pulmões.

Exceto pelas roupas que aparentavam ser de três décadas passadas, era como se eu estivesse olhando a minha própria foto de dez anos atrás! O rosto jovem da mulher em questão era muito parecido com o meu, assim como os lábios cheios e bem desenhados, os cabelos castanhos, a pele branca e os grandes olhos redondos que tinham cor de chocolate derretido.

Surpresa diante das semelhanças apresentadas naquela foto, continuei avançando as páginas. Mais ao fim, o nome de meus pais era citado junto ao meu, correlacionados por um pedido de adoção.

Como se o destino estivesse zombando de mim, o celular ao meu lado

passou a tocar, exibindo na tela uma foto em que eu e minha mãe estávamos com os rostos colados, sorrindo felizes para a câmera. Agora que eu sabia de toda a verdade, era fácil notar a ausência de semelhanças entre nós.

Fingindo não ouvir o toque do aparelho, assim como eu vinha fazendo nos últimos dias, aguardei até que ela desistisse de ligar e me rendi ao cansaço acumulado ao longo do dia.

Quando fui acordada na manhã seguinte, com os raios de sol se infiltrando através da cortina e iluminando o quarto, respirei fundo enquanto criava coragem para deixar a cama e partir. Era hora de voltar ao mundo real.



## Capítulo 3

Depois de olhar uma última vez ao redor e me certificar que nada havia sido esquecido no interior do quarto, fechei a porta atrás de mim e segui pelo corredor arrastando a pequena mala, enquanto me dirigia aos elevadores.

Recostada contra a parede metálica durante a descida até o térreo, aproveitei os minutos de espera para enviar uma mensagem a Dylan, mesmo sabendo que ele não responderia com rapidez, já que estava no meio das gravações de seu novo filme.

Com um suspiro resignado, constatei que já fazia quase dois anos desde que eu havia atuado em um filme, vivido a rotina insana de gravações e estado em frente às câmeras.

Recordar tais coisas trazia à tona sentimentos agriados. Era frustrante pensar que a mesma produção de uma plataforma de streaming, na qual nós atuamos como par romântico e descobrimos que a nossa química funcionava bem não apenas na frente das câmeras e que posteriormente alavancou sua carreira, havia sido a mesma que levou meu nome ao esquecimento depois de desgastar a minha imagem ao máximo.

Deixei tais emoções para trás e guardei o celular de volta na bolsa, assim que o alerta do elevador soou. No instante em que as portas se abriram diante de mim, segurei com firmeza na alça da mala e a arrastei para fora, avançando até a recepção, pronta para fazer o check out.

Apesar de todo profissionalismo da atendente, não pude deixar de notar seu olhar brilhante e o sorriso simpático direcionados a mim com um pouco mais de intensidade que o normal, que me fez acreditar que ela era uma possível admiradora de meu trabalho. Embora eu não fosse contar a ela, aqueles simples gestos impensados haviam ajudado minha autoestima decadente a subir um pouco.

— Senhorita Davis? — chamou a recepcionista, me detendo quando eu já estava prestes a partir. — Deixaram este embrulho ainda há pouco, destinado à senhorita.

— Oh, eu não esperava por isso — sorri sem jeito.

Surpresa com o presente, que supus ser uma delicadeza do senhor Hall, uma vez que eu duvidava que tal gesto partiria do arrogante James Preston, peguei a embalagem retangular acompanhada de um cartão e a acomodei em minha bolsa, antes de me despedir da jovem e partir.



— Ainda bem que o voo chegou no horário, temos uma reunião em cinquenta minutos — disse Gabby, minha empresária e melhor amiga, assim que me juntei a ela no saguão do aeroporto a caminho da saída.

— Como assim, uma reunião? Isso não estava na agenda, né?

Ao precisar lidar com a segunda surpresa do dia quando ele mal havia chegado à metade, tentei imaginar quantas outras imprevisibilidades ainda estava por acontecer, até que eu enfim conseguisse colocar a cabeça em meu travesseiro.

— Não, nada planejado. Porém, uma marca entrou em contato querendo você como garota propaganda do produto, então vamos agarrar a oportunidade.

Apesar de não dizer com todas as letras, porque isso já havia rendido algumas discussões entre Gabby e eu que não nos levou a lugar algum, nós duas tínhamos plena consciência que minha carreira de atriz, outrora promissora, agora se limitava a pequenos trabalhos, que nem de longe me

rendiam o prestígio de tempos atrás.

Com o estômago se contorcendo e roncando tamanha era minha fome, perguntei sem interromper a caminhada:

— Temos tempo para um almoço?

— Só se você prometer me contar absolutamente tudo.

— Combinado — concordei, sustentando um sorriso ao sentir a magia contida no ar de Los Angeles me atingir no instante em que coloquei os pés do lado de fora do aeroporto.

Depois de passar em um drive-thru e me conseguir algo muito calórico e pouco saudável para o almoço, Gabby passou a dirigir por ruas e avenidas que eu sequer prestava atenção quais eram, conforme narrava a ela os acontecimentos do dia anterior.

Pouco a pouco, conforme fui enumerando os pontos importantes dos últimos acontecimentos de minha vida, como a confirmação de minha adoção, o fato de me tornar herdeira de uma vinícola e discutir com um estranho, percebi que mais motivos eu tinha para acreditar que estava protagonizando um drama, o meu próprio drama da vida real.

Perfeito, era tudo que eu precisava.

— Ele era gato, pelo menos? — perguntou Gabby, cortando o meu

fluxo de pensamentos.

— É sério que dentre tudo que eu te contei, você está preocupada com isso?

Levei a mão ao peito, encarando-a com os olhos arregalados pela ofensa.

— E o Oscar de melhor atriz vai para... — sorriu debochada. — Você é incrível, querida, mas eu conheço os seus truques. Agora me dê a resposta.

— Ele se acha o dono da razão.

— Ah, Stella! Vamos lá, não é porque você namora o queridinho de Hollywood que ficou cega.

Embora eu pudesse dizer a ela que James Preston era sim um homem bonito, com olhar penetrante, além de um belo sorriso torto, daqueles capazes de colocar facilmente uma mulher de joelhos diante de si, caso não fosse tão arrogante, optei apenas por dizer:

— Tudo bem, — falei, em meio a um suspiro — não seria de se jogar fora se não tivesse um gênio dos infernos.

— Homem da fazenda, baby. — Deu de ombros, como se essa simples frase esclarecesse tudo.

— E o que você sabe sobre “homem da fazenda”?



— Uma coisa ou duas — piscou, exibindo um sorriso malicioso — Agora, esse seu “não é de se jogar fora não me convenceu”, vamos, só trabalho com fatos, me mostre uma foto dele.

— Onde diabos eu vou conseguir uma foto do herdeiro arrogante, Gabby? Ele gritou comigo, caso você tenha ignorado essa parte da história — disse com ultraje.

— Estamos na era digital, baby, duvido que com uma googlada você não o encontre. Anda, me faz esse favor antes que eu tenha que parar o carro para pesquisar por mim mesma.

Com a certeza de que ela seria capaz de fazer isso apenas para me provocar, alcancei a contragosto o celular no interior da bolsa e digitei o nome da vinícola no buscador. Depois de explorar o menu no site oficial da propriedade, encontrei algo referente a equipe.

Quando a página carregou por completo, a foto de Vincenzo Giordano surgiu diante de meus olhos, mas como esse não era o alvo de minha pesquisa, rolei a página para baixo.

Em uma foto pequena, James Preston aparecia bem apresentado, vestido com roupas sociais escuras e sustentando aquele olhar confiante, arrogante, que por um instante quase me fez acreditar que ele estava me encarando. Aproveitando o fato de que o sinal de trânsito estava fechado para

nós, virei a tela do aparelho para Gabby.

— Essa foto é pequena demais, mal dá para vê-lo. Você pode fazer melhor do que isso, procure o Instagram — disse simplesmente, colocando o carro em movimento conforme ignorava a irritação que ela sabia estar causando em mim.

Depois de algumas tentativas frustradas que quase me fizeram desistir da pesquisa e mandar Gabby a merda, isso se eu não estivesse realmente curiosa para descobrir um pouco mais sobre aquele homem, após ter sido instigada por minha amiga, encontrei seu usuário, mas o perfil era fechado para curiosos como eu. Não me dando por satisfeita, busquei então o Instagram da vinícola.

A foto mais recente postada era uma em que James aparecia vestido de maneira elegante, os mesmos trajes sociais escuros da foto do site, encarando a câmera com um olhar tão intenso que me deixou desconcertada. Ao seu lado, Vincenzo Giordano sorria abertamente, segurando o que parecia ser um prêmio. Passando os olhos pela legenda, constatei que a foto já tinha alguns anos, mas havia sido postada há pouco tempo como uma homenagem à partida daquele senhor.

Insatisfeita com apenas aquela imagem, continuei olhando o feed, passando por fotos “conceituais” de garrafas, taças, cachos de uva, plantações

a perder de vista sob um céu muito azul, até que meus olhos se detiveram em uma específica.

Assim como Gabby dissera, James aparecia no seu melhor estilo homem da fazenda, exibindo aquele discreto sorriso torto que eu já tinha visto, trajando jeans, botas e uma camisa que se ajustava bem ao seu corpo, conforme ele mantinha um dos braços apoiado de maneira casual sobre um grande barril de carvalho.

— Oh, baby... — negou, com um sorriso divertido nos lábios conforme me flagrou encarando a foto — “Não é de se jogar fora” definitivamente não descreve um homem desses — ela disse com diversão, espiando a tela do celular meio de lado — E digo mais, se um homem desses me chamasse para dar umas voltas na vinícola e quisesse me mostrar as uvas dele, eu não pensaria duas vezes — completou, deixando-me de boca aberta conforme eu desviava a minha atenção do aparelho e notava que o carro já estava estacionado junto ao meio fio.



O sol já começava a se pôr no horizonte, quando Gabby parou diante de meu prédio. A reunião havia durado mais tempo do que o planejado, mas

em contrapartida, um bom contrato havia sido fechado. Embora fosse precipitado e com grandes índices de uma possível frustração, eu queria acreditar que a campanha teria bastante visibilidade.

— Você vai ficar bem?

Se o tom de voz não denunciasse a sua preocupação, o par de olhos muito azuis que me encaravam o fariam.

— Tudo sob controle — garanti a ela, depois de lhe beijar a bochecha e descer do carro.

— Sabe que pode me ligar a qualquer momento, né? Que não precisa passar por isso sozinha.

— Sei sim, mas de qualquer forma, tenho terapia daqui a dois dias. Obrigada por tudo — agradei, enquanto recolhia os meus pertences do banco traseiro de seu carro.

Depois de mais um aceno, me adiantei até a portaria e em questão de segundos eu já estava na segurança imposta por portas de ferro, longe das câmeras dos paparazzis que só me perseguiram por eu ser a namorada de Dylan Maxwell, o novo queridinho de Hollywood.

O curto trajeto entre o elevador e a porta de meu apartamento foi o suficiente para que o peso dos últimos dias triplicasse sobre as minhas costas,

fazendo a exaustão me atingir em cheio.

Do lado de dentro do apartamento tudo permanecia como eu havia deixado, organizado e imerso em um profundo silêncio, que acabou por ser o que eu precisava naquele momento.

Após deixar a mala e o par de sapatos que calçava no closet, retornei para o quarto. Com cuidado e uma pitada de curiosidade, coloquei o embrulho que me fora dado sobre a cama, na intenção de ler o cartão, mas antes que o fizesse, a notificação do celular atraiu minha atenção.

*“Estou em uma gravação externa, assim que acabar, vou para a sua casa ;)”*

Com Dylan fora de casa por mais duas horas, coloquei a banheira para encher enquanto me despia e antes mesmo que a água atingisse o nível certo, eu já estava submersa. Pouco a pouco, o som constante da água caindo da torneira foi relaxando o meu corpo e silenciando minha mente tumultuada.

Embora eu desejasse que aquela paz perdurasse por vários dias ou talvez pelo que restava de minha vida, eu duvidava que sequer havia conseguido isso por míseros minutos, quando meu pesadelo particular voltou a se repetir em minha mente como um filme.

Há uma semana eu vinha vivendo em negação.

Durante esses sete dias eu havia tentado acreditar nas palavras desesperadas de minha mãe ao telefone, que negou absolutamente tudo, cogitando até mesmo que fosse pegadinha de algum programa de TV, quando eu disse a ela que havia recebido a visita de um advogado e o nome das pessoas a quem ele representava.

Apesar de seus esforços, sua voz havia vacilado em alguns momentos da chamada, seu tom havia se tornado mais agudo e quando não havia mais maneiras de negar o inegável, em especial por eu estar em posse de tantos documentos, ela cedeu e disse as palavras que haviam aberto um buraco em meu peito:

*“Me desculpe, eu só queria te proteger”.*

Com a bile me subindo até a garganta, lavei meu corpo, esfregando a esponja com mais força que o necessário sobre a minha pele e então saí da banheira. O toque macio do roupão felpudo foi acolhedor e o simples fato de me dar por satisfeita com o carinho de uma vestimenta, me mostrou o quão deprimente era a minha situação naquele momento.

Após preparar algo simples para saciar o pouco de fome que ainda me restava, troquei o roupão por um pijama velho, porém confortável e me deitei para assistir um filme. Quando o sono enfim me engoliu, sequer tentei resistir.



## Capítulo 4

O peso ao redor de minha cintura, o calor agradável às minhas costas e o perfume familiar foram os primeiros indícios que notei ao despertar de que Dylan estava na cama comigo, embora eu não tivesse percebido a sua chegada na noite anterior.

Sem pressa alguma de deixar o conforto da cama compartilhada, me aconcheguei melhor contra ele, que me trouxe para mais perto de seu corpo e murmurou algo ininteligível em meio ao sono, enquanto afundava o rosto em meus cabelos.

Após uma rápida olhada para a mesinha de cabeceira, constatei que em poucos minutos o despertador tocaria, então aproveitei o tempo que ainda restava para ficar ali, aninhada contra ele em segurança. Dylan vinha sendo a minha âncora, mantendo-me firme para que não ficasse à deriva em meio ao caos.

— É hora de acordar. — Cantarolei, friccionando meu quadril contra sua excitação matinal.

— Mais cinco minutos... — murmurou, se mantendo imóvel.



Aturdida como havia estado na semana anterior, sequer conseguia pensar em sexo, mas agora que parte das dúvidas e incertezas haviam sido solucionadas, eu me sentia bem o suficiente para me perder no corpo bonito dele, por isso voltei a repetir o movimento, quando ele se manteve imóvel.

— Senti sua falta, querido.

Depois de apertar meu corpo com firmeza contra o dele em busca de mais contato, fiquei imóvel, sentindo sua ereção esmagada contra minha bunda. Dylan afastou os cabelos de meu pescoço e beijou minha nuca, fazendo com que minha pele se arrepiasse em resposta.

A mão que repousava em meu quadril subiu pela lateral de meu corpo, se infiltrando por baixo do tecido leve que me cobria, passando suavemente por minhas costelas até chegar ao meu seio esquerdo.

Minha respiração já estava descompassada quando seus beijos passaram a descer por minhas costas, sendo alternado com mordiscadas, enquanto sua mão apertava meu peito, me excitando ainda mais. Quando seus lábios enfim alcançaram a base de minha coluna eu me virei, ficando deitada de barriga para cima, deixando-o cara a cara com a calcinha de renda que eu havia escolhido para vestir na noite passada.

Apesar de estarmos imersos na penumbra do quarto, eu podia ver seu olhar faminto alternando entre meu rosto e o meio de minhas pernas, que

agora era atingido por sua respiração. Não querendo perder muito tempo, Dylan me beijou uma vez sobre a renda da calcinha e então segurou nas laterais para removê-la.

Eu já estava me contorcendo diante da expectativa de ter ele me beijando tão intimamente, quando seu celular passou a tocar sobre a mesinha do outro lado da cama, longe demais para que eu o alcançasse e recusasse a chamada.

— Continue.

Prestes a atender o meu pedido, que havia saído em meio a um ofego, vi sua determinação desaparecer quando o aparelho voltou a tocar.

— Desculpe linda, deve ser importante.

Após recolocar a calcinha de volta ao lugar, Dylan rolou para fora da cama evitando olhar em minha direção, apanhou o celular na mesinha de cabeceira e desapareceu do lado de fora do quarto. Ainda com esperanças de que ele retornaria para terminar o que havia começado, apesar do clima já ter ido para o espaço, ouvi o chuveiro ser ligado no quarto de visitas e a minha expectativa se tornou frustração.

Com o humor arruinado, saí da cama, segui até o banheiro e dei início à minha higiene matinal.



Quando entrei na cozinha após o banho, que pouco havia contribuído para que meu humor melhorasse, Dylan estava lá, sem camisa, fazendo panquecas e torradas para nós dois.

— Era da produção, mudaram algumas cenas, preciso estar no set daqui a pouco.

— Azar o meu, né? — resmunguei, aceitando o prato oferecido por ele, enquanto meu olhar se demorava sobre seu peitoral.

— Prometo que será recompensada. — Piscou. — Agora me conte os detalhes da reunião.

Por ambos estarmos com o tempo limitado, uma vez que eu tinha uma sessão fotográfica em duas horas e precisava me apressar, aproveitei enquanto comíamos para dar a Dylan uma versão resumida dos fatos, contei de maneira resumida sobre meu desentendimento com o outro herdeiro e o conselho dado pelo advogado.

— Infelizmente essa é uma decisão que só cabe a você, mas vou te apoiar, independente do que decidir.

Ao desocupar a cadeira em frente à minha, Dylan deixou a louça suja sobre a pia, para que depois eu colocasse tudo na lava louças e quando se virou para ir a caminho do quarto, notei cinco linhas finas e avermelhadas na lateral de suas costas.

— Isso são arranhões, querido?

— Jen acabou levando muito a sério o pedido de “mais veracidade” feito por Phil, após a mesma cena ser repetida pela quinta vez. Ela se desculpou depois. — Deu de ombros.

— Hum, certo, mas diga a ela para não se animar tanto, pois quero o meu homem inteiro ao final das gravações.

Com um breve aceno, ele concordou e desapareceu no corredor a caminho do quarto. Minutos depois, quando eu bebia o último gole de meu suco, Dylan veio até mim já vestido, me deu um beijo de despedida e então partiu.



No horário combinado, Gabby me encontrou na locação onde seria gravado um comercial de maquiagem. Sendo uma marca que eu não apenas

conhecia como também era consumidora, já estava bastante familiarizada com os produtos.

Seguindo as orientações, me sentei diante da penteadeira abastecida com os produtos, posicionei o celular sobre o tripé em frente ao espelho, abri a minha conta em uma rede social e passei a fazer uma transmissão ao vivo, de cara lavada e tudo. Enquanto conversava com os seguidores, fui aplicando os produtos de cuidados para a pele e falando sobre os benefícios de cada um deles.

Ao final desse breve processo, a transmissão foi interrompida para que algumas fotos pudessem ser feitas, mas Gabby assumiu o meu celular e mostrou um pouco dos bastidores para aqueles seguidores que permaneceram conectados, enviando mensagens.

Quando os fotógrafos se deram por satisfeitos, eu já estava tonta por todos aqueles flash disparados contra mim, mas voltei a ocupar o posto diante da penteadeira cheia de luzes, equipada com várias maquiagens e dei continuidade à transmissão. Embora eu não fosse uma profissional naquela arte, era algo que eu gostava de fazer e até mesmo levava jeito, por isso concordaram iniciar a campanha com algo tão informal, o que era uma verdadeira estratégia de marketing.

Quarenta minutos depois, quando a transmissão chegou ao fim, uma

maquiadora se aproximou para fazer alguns retoques e deixar a coisa toda mais profissional para ser exibida nas fotos oficiais.

— Você se saiu bem, senhorita Davis, quase nem tenho trabalho a fazer — brincou.

— Bondade sua, mas aceito o elogio.

— Espero que a senhorita volte logo a atuar, na minha opinião, é uma das melhores atrizes da atualidade. Assisti todos os seus filmes.

*Eu também espero*, respondi mentalmente a seu primeiro comentário. Embora seu comportamento não fosse tão discreto quanto exigiam que fosse, eu gostava desse tipo de abordagem que alguns fãs tinham. Faziam ao menos eu me sentir querida.

Desde que minha imagem havia se desgastado, após atuar repetidas vezes em filmes onde eu era a mocinha indefesa, a sofredora, a pura e virginal, pouco a pouco os estúdios passaram a me virar as costas, a evitar ter o meu nome em seu elenco, já que segundo alguns críticos, era como se sempre estivessem assistindo o mesmo filme. Não que eu tivesse alguma culpa por isso, já que o roteiro não era uma competência minha, mas de qualquer forma, meu nome passou a ser evitado e desde então eu vinha batalhando para me desvincular dessa imagem.

Eu havia tentado testes em filmes medievais, de ação, fantasias e várias outras possibilidades que foram aparecendo no decorrer do tempo, mas no fim, meu nome sempre era cortado e outra atriz ficava o papel.

Assim que a gentil maquiadora terminou seu trabalho, lancei um olhar pidão a Gabby, que de maneira educada dispensou as pessoas da produção com quem conversava e me escoltou até o banheiro.

Com longas e exaustivas horas de trabalho que ainda teria pela frente antes que a sessão tivesse fim, aproveitei para petiscar algumas coisas da mesa farta disposta em um canto do estúdio e beber um copo de suco. Quando os equipamentos foram ajustados, fui chamada até a outra parte do estúdio e me posicionei entre o fundo branco e a câmera diante de mim, pronta para iniciar.

Diferente de produções menores, essa incluía uma troca de roupa e de penteado de acordo com o produto registrado naquele momento. Embora eu normalmente não me importasse de ser manipulada por profissionais da equipe, a parte do cabelo sem dúvidas havia sido a pior de todas, devido a questão dos efeitos especiais.

Como se esticar, torcer, prender e soltar não fosse o suficiente, bolas de isopor e extensão capilar foram presas aos meu cabelo para que pudessem produzir aquele efeito esvoaçante, que embora ficasse muito bonito nas

imagens, era extremamente incômodo e doloroso. Sentada na cadeira do cabeleireiro, eu olhava para Gabby com um olhar suplicante, desejando que a tortura chegasse ao fim, mesmo sabendo que ela não podia me ajudar quanto a isso.

Assim como os outros aspectos, a maquiagem, destaque da campanha também foi se modificando pouco a pouco, ora para valorizar o olhar, ora o rosado de minhas bochechas, o volume de meus lábios ou a luminosidade de minha pele.



Após o longo dia de trabalho, Gabby e eu deixamos o estúdio em nossos respectivos carros e paramos em um café. Localizado em um beco, com uma aparência retrô elegante e uma clientela tranquila e discreta, aquele lugar havia sido um achado em meio à loucura de Los Angeles.

Para a nossa sorte, a mesa mais ao fundo onde costumávamos nos sentar estava vazia e sem precisar pensar, rumamos logo para ela, acompanhadas de uma das simpáticas garçonetes, que após nos servir um copo d'água e anotar os pedidos, que eram os mesmos de todas as vezes, fomos deixadas sozinhas.



Depois de terminar algo que digitava em seu celular, Gabby deixou o aparelho de lado, saindo do modo empresária e me deu atenção por toda a hora seguinte, sendo a amiga que eu precisava, embora seu rosto estivesse mais sério que de costume.

— Aconteceu algo? Você está o dia todo com essa cara...

— Não, está tudo bem, apenas pensando em algumas coisas. Mas talvez aqui não seja o melhor lugar para conversarmos.

— Prefere que eu te ligue mais tarde? — Ofereci, conforme a curiosidade me atingiu.

— Se estiver com tempo, podemos parar em meu apartamento que está mais perto e discutir a respeito.

Sem ter qualquer ressalva quanto a sua sugestão, concordei com um aceno e então voltamos a falar de amenidades enquanto comíamos, mas eu já havia me distraído o suficiente e assim que os pratos se esvaziaram, Gabby decidiu partir.

Apesar de não ir ao seu apartamento com tanta frequência dado a nossa vida corrida, no caso a dela mais do que a minha, tão logo entrei pude constatar que pouco havia mudado no ambiente desde que eu estivera ali pela última vez, o que era esperado, já que minha amiga era do tipo minimalista

elegante.

Assim que ocupei uma das poltronas confortáveis em frente à Gabby, ela me lançou um olhar de desculpas e disse:

— Stella, a verdade é que isso tem me perturbado desde ontem, por isso vou ser bem direta. O que acha de expormos a sua história para a mídia?

— Não! — neguei assim que as últimas palavras deixaram os seus lábios.

— Eu entendo que se trata de uma invasão à sua vida privada e que outras pessoas serão envolvidas, mas se fizermos a coisa da maneira correta, com cuidado, isso pode lhe render uma boa exposição.

— Não quero, Gabby.

— Nós sabemos do que esses abutres são capazes, querida, cedo ou tarde isso pode cair nas mãos deles e não vai ser bonito. Eu poderia...

Convicta de minha decisão, levantei da poltrona que ocupava já com a bolsa em mãos e declarei:

— Gabby, tentar alavancar a minha carreira em cima da mentira que foi a minha vida, não é uma opção.



## Capítulo 5

Depois de uma conversa acalorada com Gabby sobre não explorar meu drama pessoal na mídia a fim de voltar os holofotes para mim, me despedi dela sem ressentimentos, sabendo que outro agente teria feito a mesma proposta.

Embora eu apreciasse o silêncio e a quietude de meu apartamento, que tinha uma bonita vista da cidade, eu vinha carregando uma sensação estranha dentro do peito e quanto mais pensava a respeito em busca de respostas, mais aquela angústia aumentava. Ligeiramente aliviada por saber que na manhã seguinte eu seria atendida por minha terapeuta, tentei empurrar a ansiedade para longe.

Com boa parte de minhas amigas próximas trabalhando em diferentes projetos e Dylan fora de casa até depois de dez horas da noite, devido ao novo cronograma de gravações, que incluía até mesmo a antecipação da viagem que deveria ser feita apenas no final do mês para daqui há alguns dias, me vi entediada e sem ter o que fazer.

Cansada de passar a *timeline* das redes sociais sem ver algo interessante enquanto esperava por minha comida chinesa, decidi brincar um

pouco com meus seguidores em um jogo de perguntas e respostas. Mais rápido do que imaginei, inúmeras perguntas começaram a surgir, bem como alguns recadinhos bonitos de admiradores, que inclusive eram de outros países.

Por estar me divertindo com pessoas que estavam a milhas de distância, oferecendo amor gratuitamente e me fazendo companhia para o jantar, só fui perceber o quanto as horas haviam passado quando Dylan enviou uma mensagem bem além do horário previsto para a sua chegada, dizendo que estava exausto e iria para a própria casa. Tentando ser compreensiva e não querendo argumentar que não precisava de nada além de sua companhia, apenas concordei.

Mesmo frustrada, me vi sorrindo enquanto gravava um vídeo de despedida, agradecendo a todos pela interação. Após descartar a embalagem vazia, apaguei as luzes do apartamento e segui para o quarto. Tão logo meu corpo se acomodou na cama macia, agradei ao fato de que o dia havia chegado ao fim.



— Fiquei preocupada com a sua mensagem, Stella, como está se

sentindo?

Após me receber na entrada de sua sala com um abraço apertado e um sorriso acolhedor, Sarah sentou-se na poltrona azul, há quase dois metros de distância de mim e me observou com um semblante neutro.

— Eu queria sorrir e dizer a você que está tudo bem, mas na verdade não está. Desde nossa última consulta, quinze dias atrás, minha vida virou de cabeça para baixo e... eu sou uma fraude — declarei, evitando encarar os seus olhos após uma breve pausa para tomar fôlego.

— Você gostaria de completar seu raciocínio e me dizer o motivo de pensar isso a seu respeito?

— A minha vida e o meu trabalho não passam de uma grande mentira, eu vivo uma mentira, eu sou uma mentira, eu... — parei de repente e neguei com um aceno, conforme minha voz se tornou mais alta.

Por ter aparecido em frente às câmeras desde os dez anos de idade, após ter sido descoberta por um caça talentos, algo que minha mãe sempre se opôs e agora eu compreendia os motivos, foi imprescindível ter o acompanhamento de um profissional que me ajudasse a entender determinadas questões e lidar com outras, e desde o princípio Sarah havia sido essa pessoa.

Era fácil eu dizer que ela me conhecia melhor do que eu mesma, uma vez que trabalhava comigo há vinte anos, mas a julgar pelo discreto vinco que havia entre suas sobrancelhas quando voltei a encará-la, me questionei se havia lhe surpreendido com essa nova versão de mim mesma. Imediatamente sorri sem humor.

Desde pequena eu costumava dizer a Sarah que vivia de fazer mentiras se tornarem realidades, afinal de contas, todas personagens que interpretei só existiam ali, naquelas folhas de papel e em uma tela de cinema. Eu passava meses me preparando, habitando a cabeça de um alguém imaginário, criando sorrisos e trejeitos que não me pertenciam e quando tudo chegava ao fim, lá estava eu lamentando para ela em meio a uma crise de identidade. Com o passar do tempo isso foi ficando mais fácil de lidar e até mesmo evitar, mas ainda havia dias como hoje em que eu me questionava quem eu realmente era, porém, dessa vez havia um peso a mais.

— Eu fui adotada — engoli com dificuldade —, Lauren e Charles não são os meus pais biológicos — funguei — Eu vivi uma mentira a minha vida toda.

Incapaz de fingir estar no controle de minhas emoções por mais tempo, me rendi ao choro que estava preso em minha garganta há uma semana.

Não foi bonito como as lágrimas silenciosas que eu costumava derramar em frente às câmeras, foi barulhento, doloroso, profundo, com soluços que reverberaram não apenas em meu peito pela falta de ar, como em minha alma, agora ferida, enquanto uma pergunta se repetia em minha mente: Quem era Stella?

Uma Davis ou uma Giordano? Era difícil saber quando eu não me sentia fazendo parte de nenhuma das duas!

Rejeitada.

Adotada.

Uma farsa.

Uma vida de mentiras.

Chorei ao me recordar da visita de Eric Hall, chorei ao lembrar da negação de minha mãe e posteriormente de sua confirmação, quando eu a confrontei através de uma chamada telefônica, chorei por ter sido julgada pelo olhar desdenhoso de James Preston, quando na verdade a última coisa que eu desejava era ser herdeira de qualquer coisa daquela família.

Minha família.

Quando já não havia mais lágrimas para chorar e parte do peso que eu vinha carregando saiu de meu peito, aceitei a caixa de lenços que ela me



oferecia e tentei me recompor, enquanto sentia meu corpo pesado, exaurido de suas forças após o choro.

— Gostaria de falar sobre essa descoberta? — perguntou em um tom leve, porém profissional.

Concordei com um aceno fungando algumas vezes e então passei a lhe contar a versão completa dos fatos.

— Eles roubaram o meu direito de saber as minhas origens, Sarah. Se alguém me perguntar sobre doenças pré-existentes na família, o que eu vou dizer? Que eu não sei! Porque Lauren e Charles não são os meus pais, não compartilham o seu sangue comigo. Alessandra e Michael Dempsey estão mortos, Vincenzo Giordano está morto... E eu... Eu estou sozinha, perdida.

— Você conversou com eles a respeito?

— No início minha mãe negou, tentou me convencer que se tratava de uma brincadeira de péssimo gosto de algum canal de TV, mas quando insisti, olhando para os documentos em minhas mãos, vendo em uma foto as semelhanças que Alessandra e eu compartilhávamos, ela acabou cedendo e admitindo.

— Ela disse algo a respeito do processo de adoção?

— Eu não... Não a deixei falar, apenas encerrei a chamada quando

arranquei dela a resposta que precisava ouvir e desde então tenho me mantido afastada, ignorando suas ligações e as de Charles. Gabby disse que todos os dias eles mandam mensagens para ela, querendo saber de mim.

— Você sabe que cedo ou tarde precisará conversar com eles a respeito, não sabe?

Eu sabia, tinha essa consciência. Em meu coração, existia vergonha por agir dessa maneira com as duas pessoas mais importantes de minha vida, que me deram uma casa, boa educação e acima de tudo amor, mas ao mesmo tempo, eu me sentia traída, afinal de contas, isso poderia ter sido revelado há muito tempo e de outra maneira.

Havia uma ferida aberta, muito profunda, precisando ser tratada. Eu não estava pronta para ouvir o que tinham a me dizer.

— Agora que tem conhecimento dos fatos, você pretende fazer algo, Stella?

Antes que eu tivesse a chance de formular algo para dizer, a verdadeira resposta surgiu em minha mente.



Após chegar em casa, eu debati por horas sobre o que faria, apesar de saber que só havia um caminho. Eu andei de um lado para o outro sem chegar a lugar algum, tentei comer e me distrair, evitar o inevitável, até não ser mais possível.

Fui para o quarto cedendo a um desejo de minha alma e peguei o presente que Eric havia me dado. Conforme eu já imaginava, ao abrir a embalagem retangular, me deparei com uma garrafa da vinícola Giordano. Era um vinho antigo, um Cabernet Sauvignon, em que no rótulo lia-se *Preziosa*, safra era de 1989, o mesmo ano em que nasci. Prontamente tentei me convencer de que aquilo era apenas uma coincidência.

Tomada por aquele aperto em meu peito, devolvi a garrafa à embalagem, atravessei o quarto em direção ao closet e depois de abrir uma das gavetas mais escondidas e menos utilizadas, peguei a carta ainda lacrada que havia sido entregue a mim durante a leitura do testamento e retornei ao outro cômodo.

Sentada no centro da cama, com as mãos trêmulas e o coração pulsando descompassado, analisei por um instante a caligrafia bonita na qual meu nome havia sido escrito e então virei o envelope, abrindo-o a seguir, pronta para ler o que quer que Vincenzo Giordano, meu avô, tivesse a me dizer.



## Capítulo 6

Quando Dylan chegou em casa naquela noite, eu já havia me recomposto de todo choro que a leitura da carta havia causado, porém, ainda me sentia fragilizada. Saber que ele viajaria em poucos dias quando o que eu mais precisava era de alguém que me apoiasse, não contribuiu em nada para minha total recuperação, mas decidi que ao invés de lamentar por sua partida, faria bom proveito do tempo restante em sua companhia.

Com beijos e carícias, ele me recompensou por todos os dias que estive ausente devido às gravações e por aqueles que ainda ficaria, enquanto estivéssemos viajando para lugares diferentes. Quando nos demos por saciados, caímos exaustos na cama e antes que o sono me envolvesse, meus olhos se demoraram uma última vez sobre a carta dobrada em cima da mesinha de cabeceira.

*“Não estou pedindo que passe uma borracha sobre a vida que teve, apenas que se permita conhecer mais uma parte de quem é você”.*

No instante em que a lembrança de tais palavras me atingiu, algo aconteceu dentro de mim e de uma hora para outra foi como se eu estivesse no lugar errado, como se uma linha muito fina prestes a se partir estivesse me

dando pequenos puxões em outra direção, acabando com algumas dúvidas que eu vinha carregando sobre meu futuro incerto.

Depois de comunicar a Dylan, Gabby e Eric Hall na manhã seguinte sobre minha decisão, o senhor garantiu que se certificaria pessoalmente para que tudo corresse bem, e depois disso, lá estava eu, deixando para trás a mágica Los Angeles e indo mais uma vez em direção à Napa Valley, uma região montanhosa, cercada de vegetação e conhecida por seus muitos vinhedos.

Mudanças.

Aparentemente, minha vida havia entrado em uma fase regida por essa pequena palavra que continha grande significado.

— *Você vai ficar bem?*

— *Vou sim. Acho que chegou o momento de encaixar algumas peças soltas nesse quebra-cabeça — brinquei, ganhando um olhar profundo e uma carícia suave em meu rosto. — Vou sentir sua falta, querido.*

*Concordando com um discreto aceno, Dylan inclinou seu rosto para baixo, o suficiente para deixar nossos lábios alinhados e então me beijou de maneira doce, como se eu fosse um cristal fácil de ser quebrado.*

A breve despedida que havíamos tido naquela manhã ainda estava

fresca em meus pensamentos, quando o último trecho da viagem feita de carro de São Francisco à Santa Helena, uma das cidadezinhas que compunha a região de Napa Valley, acabou. Por sugestão do senhor Hall, eu havia preferido chegar à propriedade após o expediente, o que me garantiu certa tranquilidade e menos olhares curiosos por parte dos turistas.

Conforme o combinado, o homem bem vestido e de olhar bondoso me esperava na calçada, em frente aos jardins que ocultavam boa parte do prédio ao fundo. Após deixar o carro em um estacionamento na lateral da propriedade, me juntei a ele.

— Seja bem-vinda de volta, senhorita Stella. Pronta para conhecer a vinícola Giordano?

— Obrigada mais uma vez por tudo que tem feito por mim, senhor Hall e quanto à sua pergunta, eu espero que sim — declarei em meio a um sorriso nervoso.

Depois de me indicar a trilha de pedras que partia de onde estávamos e serpenteava em meio ao jardim, passei a caminhar ao lado dele, com olhos atentos indo de um lado a outro, admirando a beleza do lugar, até me deparar com uma elegante construção de tijolos aparentes e vegetação crescendo nas paredes, que me roubou o fôlego.

— Embora essa parte comercial já esteja fechada, achei que você

gostaria de ter um vislumbre do lugar, mas não se preocupe, já providenciei para que nos próximos dias você seja apresentada a tudo.

Depois de dar mais uma boa olhada no prédio e agradecer a sua gentileza, o senhor indicou que retornássemos ao estacionamento e após dar partida no carro e tomar a frente, ele permaneceu liderando o trajeto por uma estrada privada, ladeada por muitas árvores, que rapidamente foram substituídas por campos abertos em ambos os lados, onde fileiras e mais fileiras de parreiras de uvas se estendiam à perder de vista.

Localizada no alto de uma colina, longe dos olhos de turistas e curiosos, em meio a árvores grandes e densas como as que eu tinha avistado no início do caminho, encontrava-se a propriedade particular de Vincenzo Giordano.

Com paredes de tijolos aparentes que seguiam o mesmo estilo de construção do outro prédio, grandes janelões e vegetação recobrimo a parte externa, a casa era sem dúvidas um sonho.

Por saber que senhor Hall não poderia se demorar devido a seus afazeres, deixei para admirar a fachada em outro momento, e mais uma vez fui conduzida por ele, dessa vez para dentro do casarão.

Se o exterior do lugar já não fosse espetacular por si só, o lado de dentro se mostrou ainda mais deslumbrante. Após ultrapassarmos o hall de



entrada, composto por uma área ampla com duas grandes escadas de madeira em suas laterais e que se uniam ao chegar no piso superior, nós seguimos em frente. Quando lhe perguntei sobre o funcionamento da casa, o advogado garantiu:

— Pode ficar tranquila quanto aos funcionários, senhorita Stella, todos são muito discretos e já sabem de sua vinda.

Tomamos um caminho à direita logo após eu acenar em concordância e então seguimos por um longo corredor.

Ao nos aproximamos de uma porta aberta, acabei sendo surpreendida ao ouvir a voz de James e como se a sua presença ali durante a minha chegada já não fosse algo um tanto incômodo, as suas palavras, ditas por alguém que não sabia estar sendo ouvido por outras pessoas fora do ambiente, me atingiram em cheio.

— Muito bem, Nora, você deve estar prestes a conhecer “a herdeira”  
— disse com hostilidade.

Após uma tossida discreta, que teve como único objetivo alertá-los de que não estavam sozinhos, atravessei as portas do cômodo, que se tratava de um escritório e vi o rosto de James endurecer conforme seu olhar se fixava em mim.

Ainda sustentando a feição tranquila que eu sabia estar carregando desde que chegara à propriedade, me adiantei até a mulher que aparentava ter a idade de minha mãe e lhe estendi a mão.

— Prazer, Nora, eu sou Stella Davis ou “a herdeira” — declarei, completando com uma piscadinha que só ela pôde ver.

Com um brilho de compreensão nos olhos e um sorriso gentil que me pareceu muito sincero, Nora aceitou o cumprimento e se apresentou como governanta da casa, colocando-se à minha disposição.

Ao desviar o olhar para James, que já não ocupava a cadeira atrás da mesa de madeira escura, lhe sorri com toda doçura que uma boa atriz saberia interpretar, até mesmo em situações como aquela e declarei:

— É um prazer revê-lo, senhor Preston, “o herdeiro” — devolvi no mesmo tom utilizado por ele, enquanto lhe oferecia a mão para um cumprimento educado.

Às minhas costas, eu podia sentir o olhar do advogado e da governanta como se esperassem por uma grande cena, mas para a sorte de James, não minha, ele foi educado em retribuir o gesto.

— Obrigada por aceitar me ensinar sobre a propriedade e os negócios — declarei, assim que nossas mãos se soltaram.

Com total descrença estampada no olhar, ele se virou para o senhor Hall no mesmo momento que eu, apenas para vê-lo sorrir discretamente, com um ar culpado.

— Desculpe, James, devo ter esquecido de lhe avisar — disse um tanto sem graça, dando de ombros.

Por dentro eu comemorava o fato de vencer a primeira batalha.



## Capítulo 7

— Realmente acreditou que eu viria aqui à passeio, senhor Preston? Que iria beber do vinho, desfrutar da casa e não me importaria em saber nada sobre os negócios e a família que até então eu desconhecia?

Apesar da dureza entremeada à minhas palavras, do desafio ali contido, James não pareceu vacilar ao ser pego em sua suposição errônea a meu respeito. A prova disso era a maneira como seus olhos, de um profundo tom de castanho, me encaravam.

— Seja bem-vinda, senhorita Davis, esteja pronta às seis e meia em ponto. E agora se me dão licença, preciso ir.

Ao sair de trás da mesa, James apenas meneou a cabeça em minha direção e de Nora e se aproximou do senhor Hall, que já havia se colocado próximo da porta e o acompanhou para fora.

— Ele costuma ser melhor do que isso... — disse a mulher, como se estivesse se desculpando por ele.

— Esse comportamento rude me incomodou da primeira vez que nos encontramos, mas agora está sendo até divertido.

Diante de minha confissão, o vinco que havia se formado em sua testa desapareceu.

— Estarei a sua disposição para o que necessitar, senhorita Davis. Imagino que esteja cansada devido à viagem, mas quando se sentir à vontade, gostaria de ser informada sobre seus gostos alimentares e horários. Desde que o senhor Giordano se foi, não há uma rotina regrada a ser cumprida na casa, mas tenho certeza de que a sua presença aqui será boa para todos.

Tomada pelo sentimento de gratidão e até mesmo emocionada por não ser recebida por todos da mesma maneira como James vinha me tratando, sorri com simpatia para mulher de rosto bondoso e corpo rechonchudo, que me estudava com seus olhos azuis muito claros.

— Antes de mais nada, gostaria que dispensasse a formalidade — pedi, ganhando como resposta um aceno e um sorriso.

Após lhe garantir que não desejava causar nenhum transtorno, prometi que após a partida do senhor Hall eu a procuraria, assim ela poderia me apresentar o essencial da casa e eu lhe informaria o que precisasse saber a meu respeito. Parecendo satisfeita com minha resposta, Nora então se retirou do escritório, me deixando sozinha.

Enquanto torcia para que o advogado estivesse dando um puxão de orelhas em James e aguardava seu retorno, aproveitei para explorar o espaço

à minha volta.

Embora a ampla mesa e a estante disposta atrás dela fossem feitas de madeira escura, o ambiente tinha um ar clean, que atribuí às paredes cinza claro, a porta dupla de acesso a uma varanda e às duas janelas quadradas com vista para um dos vinhedos da propriedade, por onde entrava grande quantidade de luz natural. Do outro lado do cômodo, um sofá e duas poltronas estavam dispostos diante da lareira, que certamente era de grande valia durante o inverno.

Durante a breve inspeção da sala, observei da tapeçaria estendida sobre o chão de madeira, aos quadros pregados sobre a parede e por fim, os itens que enfeitavam a estante e que me atraíram até ela.

Além de alguns livros com uma bonita encadernação de capa dura e lombada com letras douradas, um relógio antigo e outros objetos menores, os itens que mais despertaram meu interesse foram as poucas garrafas de vinho ali expostas, sendo o *Preziosa* um deles, além dos prêmios que as acompanhavam.

Até me deparar com todas essas informações bem diante de meus olhos, expostas a quem quisesse ver, eu não tinha tomado consciência do quanto a vinícola Giordano era famosa e premiada por seus produtos.

— Essa foi a safra seguinte à partida dela. Ele tinha uma relação de

amor e ódio com esse vinho — disse o senhor que eu sequer havia notado a presença quando toquei o rótulo semelhante ao que eu tinha recebido dele como presente.

— E o nome...?

— É como ele a chamava. Alessandra era sua “*preziosa*”.

Sem saber o que dizer, apenas dei as costas ao móvel e voltei minha atenção para o advogado.

— Eu deveria ter avisado James...

— De maneira alguma se desculpe, senhor Hall, a cara dele foi impagável — sorri com deleite.

— Ah, senhorita Stella, que Deus nos ajude... — replicou com diversão.

Depois de me passar algumas informações importantes, inclusive reforçar o fato de que James era o principal administrador e representante legal de meu avô, algo que poderia ser modificado assim que tudo fosse transferido para o meu nome e eu tivesse plenos poderes, o senhor me indicou qual direção tomar para encontrar Nora, se despediu com a promessa de retornar em breve e partiu, me deixando sozinha junto à porta de entrada do casarão.



Para o meu completo alívio, Nora vinha ao meu encontro assim que me voltei para o interior do imóvel, me poupando de ter que procurar por ela em cada cômodo.

Depois que retirei as duas malas que havia trazido comigo de dentro do carro e as carreguei escada acima, não sem protestos de sua parte, que insistia em chamar por ajuda, a mulher me acompanhou por um longo corredor até se deter diante de uma porta.

— Quando soube de sua vinda, escolhi esse quarto especialmente para você. A vista da sacada é muito bonita. Mas caso não esteja de seu agrado, basta me dizer.

— Nora, por favor, não me veja como uma celebridade — pedi com delicadeza, não querendo ofendê-la por seus esforços em me agradar. — Prometo não ter ataque de estrelismo e pedir coisas absurdas. Espero que logo você descubra que eu gosto mais do simples e confortável.

— Desejo que aprecie o tempo que ficará aqui. — Falou em um tom acolhedor — Algum pedido para o jantar?

— Não dessa vez, vou deixar a seu critério.

— Sinta-se à vontade para explorar *sua* casa, Stella. Lhe avisarei quando o jantar estiver pronto — sorriu de leve, retirando-se logo em

seguida.

Assim como outras partes da casa que eu havia conhecido de maneira um tanto breve, o quarto tinha uma aparência antiga e elegante, além da grande cama com cabeceira ornamentada, que parecia me chamar ao seu encontro. Deixando as malas junto à porta e avançando alguns passos, me atrevi a sentar em uma beirada do colchão e no mesmo instante me arrependi. A maciez era tão atrativa e acolhedora que eu poderia até mesmo estar sentada sobre um punhado de nuvens.

Necessitada mais do que tudo de um banho, abri a mala que continha meus itens de higiene e os levei para o banheiro, que mantinha o mesmo padrão do outro cômodo. Sem pressa de estar em qualquer lugar na próxima hora, coloquei a banheira de estilo clássico com pés dourados para encher, enquanto dispunha meus produtos sobre a bancada da pia.



Determinada a não ser um trabalho a mais para Nora ter que lidar, decidi ir ao seu encontro assim que meu banho chegou ao fim. Me guiando apenas por meus instintos, uma vez que ainda não havia assimilado a disposição dos cômodos da casa, cheguei à cozinha, onde ela e uma mulher

que se revezava entre o fogão e a bancada, conversavam. Não querendo ser uma completa intrusa, dei uma leve batida na porta para indicar a minha presença, o que as silenciou.

— Eu já estava prestes a lhe chamar, Stella — disse animada. — Essa é Justine, responsável por todas as delícias que você irá comer enquanto estiver conosco.

Após cumprimentar a cozinheira que tinha uma aparência tão simpática quanto a de Nora, fui guiada até a sala de jantar, com louça e talheres para apenas uma pessoa. Me sentindo desconfortável em ocupar a cabeceira da mesa de oito lugares, dei um sorriso tímido para Nora enquanto mudava os itens para o lugar à esquerda.

— Algumas coisas ainda são um pouco demais — comentei, embora seu olhar estivesse livre de julgamentos.

— Eu posso imaginar, será como você preferir — garantiu.

Justine entrou na sala pouco depois, trazendo o jantar que cheirava maravilhosamente bem e que fez meu estômago resmungar de fome. Após me servir de uma porção de Tortellini de Bolonha, fui deixada a sós para fazer a refeição.

Pela primeira vez desde que havia tomado a decisão de fazer essa

mudança, eu me senti estranha. Embora estivesse acostumada a fazer a maioria de minhas refeições sozinha, ainda mais agora que Dylan estava gravando, me ver ocupando uma mesa tão grande com inúmeros lugares vagos foi desconfortável.

Em uma tentativa de me livrar o quanto antes daquela sensação, comi o mais rápido possível, tentando desfrutar da comida saborosa. Assim que terminei, Nora e Justine retornaram à sala. Após agradecer a ambas pela hospitalidade, desejei a elas uma boa noite e fiz o caminho de volta para o quarto que ocuparia ao longo das próximas semanas.

Durante todo o tempo que permaneci acordada, tentei convencer a mim mesma que havia feito a escolha correta e que tudo deveria ser culpa do meu cansaço.



## Capítulo 8

Após silenciar o despertador, demorou alguns longos minutos até que meu cérebro fosse capaz de assimilar onde eu estava, mas tão logo compreendi, saltei da cama e corri para o banheiro.

Como não queria dar a James munição para usar contra mim, caso eu me atrasasse, fiz a minha higiene matinal rapidamente, apliquei alguns produtos de tratamento para a pele e finalizei os meus cuidados com uma maquiagem bem natural, só para me deixar com uma aparência saudável e menos cansada.

Sem saber quais eram os planos para aquela manhã, optei por um jeans escuro, uma regata recoberta por um suéter mesclado em preto e branco e um daqueles tênis que apesar de não serem os mais bonitos do mundo, eram confortáveis. Depois de guardar o indispensável em uma bolsinha transversal e a pendurar em mim, descii para tomar o café.

Assim como na noite anterior, o meu lugar à mesa já estava posto, mas dessa vez, no lugar que havia sido de minha escolha. Justine chegou logo depois, trazendo panquecas, waffles, bacon, ovos, leite e suco. Quando ela se retirou, Nora apareceu apenas para me dizer que estava por ali, caso eu

precisasse de algo.

Dividida entre o prato farto à minha frente e olhar a tela do celular, onde eu acompanhava os últimos acontecimentos nas redes sociais, só percebi quanto tempo havia passado sentada ali quando estava quase me atrasando. Enfiando na boca o último pedaço de panqueca com geleia de uva, um dos diversos produtos que descobri serem fabricados na propriedade, me levantei da mesa às pressas, ainda lambendo os dedos e os lábios. Para o meu azar, James escolheu aquele momento para fazer a sua entrada triunfal.

Com um coturno nos pés, um jeans que delineava muito bem o contorno e o volume de suas pernas e uma camisa escura, que se ajustava perfeitamente ao seu tronco e braços, percebi que exceto pelo dia em que Gabby me flagrou analisando sua foto, aquela era a primeira vez que de fato eu o admirava por completo estando em sua presença.

Quando meu olhar pairou sobre seu rosto, percebi que James fazia a mesma inspeção em mim, e se isso não estivesse óbvio, a maneira como ele passou a encarar os meus pés, com um vinco na testa e uma sobrancelha arqueada teria lhe denunciado.

— Bom dia, senhor Preston. Gostou dos meus sapatos? — Sorri com falsa inocência.

— Bom dia, senhorita Davis, eles são... — começou a dizer, voltando

sua atenção para o meu rosto.

— Lindos, eu sei! — O interrompi de propósito, dando uma piscadinha. — Pode me esperar por um instante? Eu só preciso lavar as mãos, me sujei com a geleia.

Como se desejasse afastar algum pensamento inoportuno ou se impedir de falar algo, ele sacudiu a cabeça e no tom sério de sempre, disse:

— Não demore, senhorita, eu a espero lá fora.

Satisfeita por não começar a manhã sendo atacada por qualquer que fosse a opinião dele a meu respeito, segui até o lavabo o mais rápido possível e depois fui ao seu encontro. Sob um céu tingido com nuances de azul e laranja que anunciava o amanhecer, James me esperava recostado contra uma caminhonete.

Depois de me surpreender abrindo a porta do passageiro e esperar até que eu estivesse acomodada antes de fechá-la, ele então deu a volta no veículo e ocupou o assento atrás do volante.

Após dar partida e fazer uma manobra que nos levava de volta à estradinha, de onde era possível ver o sol se levantando por detrás das montanhas, James deu um breve olhar em minha direção, que captei através de minha visão periférica, e então quebrou o silêncio.



— Nós vamos começar com você conhecendo alguns dos vinhedos e a colheita das uvas, depois vamos para a parte comercial, onde os clientes aprendem sobre a fabricação dos vinhos e por fim, são apresentados ao menu degustação dos títulos e de outros produtos, como a geleia que você já provou.

Assim que as primeiras palavras saíram de seus lábios, James ganhou minha total atenção, mas conforme ele explicou cada uma das coisas que faríamos, evitando olhar em minha direção e segurando o volante com mais firmeza que o necessário, até que os nós de seus dedos estivessem brancos, mais eu me senti como uma garotinha sendo colocada de castigo após fazer algo de errado.

— Não se sinta na obrigação de me acompanhar nessas atividades se puder delegá-las a outra pessoa, senhor Preston, imagino que você tenha muito a fazer.

— Mal começamos o dia e você já quer se livrar de minha companhia, senhorita Davis?

O fato de seu tom de voz grave não soar tão ríspido como em outros momentos não passou despercebido por mim.

— Ao que parece, você não pensa muito diferente — devolvi, indicando com o queixo a maneira como ele segurava o volante com firmeza.

Tão logo ele se tornou consciente do gesto, o aperto se afrouxou, devolvendo a cor aos seus dedos. Se eu não achasse impossível que alguém tão seguro de si como James pudesse corar, diria que suas bochechas haviam ganhado um discreto tom de rosa após o meu flagra.

Embora em alguns momentos eu me divertisse com sua animosidade a meu respeito, era um tanto frustrante e cansativo saber que a minha presença era um fardo para ele, mas independentemente de qualquer coisa, eu não faria as minhas malas e partiria dali como uma garotinha assustada. Por isso, apenas me virei para a janela e deixei que meus olhos se perdessem pela paisagem, enquanto ele fazia uma curva e pegava outra estrada em uma direção diferente.

No curto trajeto de menos de dez minutos a partir de onde estávamos, James se manteve calado e eu agradei por conseguir bloquear a maior parte de sua presença esmagadora dentro daquele espaço tão pequeno. Assim que a caminhonete estacionou à margem de um vinhedo, onde inúmeras pessoas trabalhavam distribuídas ao longo das parreiras, eu desci, sem esperar por sua gentileza para abrir a porta.

James se juntou a mim após contornar o veículo e indicou com um gesto simples que seguíssemos em frente. Quando alcançamos a parreira que por alguma razão ele julgou adequada, nos posicionamos sob ela e então ele

mesmo começou a contar a história da plantação.

Apesar do som de sua voz embalar os meus pensamentos, eu ainda evitava olhar para James, quando ele se interrompeu e forçou uma tosse discreta para atrair minha atenção.

— Não é porque meus olhos não estão em você, senhor Preston, que não estou ouvindo cada palavra que está dizendo — declarei, ainda sem olhá-lo.

— Senhorita Davis — chamou em um tom impaciente.

Mesmo sentindo vontade de revirar os olhos, voltei minha total atenção para ele. Parecendo satisfeito, ele então ergueu os braços acima da cabeça, fazendo com que sua camisa subisse um pouco, deixando uma faixa de pele em seu abdômen bronzeado à mostra. Quando seus braços voltaram a se abaixar e meu olhos se desviaram do ponto onde se fixaram com mais interesse do que eu gostaria de admitir, ele segurava um cacho de uva em uma das mãos e me estendia o outro.

Incerta, aceitei o que me era oferecido e sob seu olhar atento e talvez até um pouco expectante, arranquei do galho uma uva de um profundo tom de roxo com algumas partes acinzentadas, que conforme ele havia me explicado era algo natural, e a levei até meus lábios.

Assim que meus dentes se fecharam sobre a fruta e ela estourou em minha boca, foi impossível conter um gemido diante do sabor naturalmente adocicado que se espalhou por minha língua. Quando encarei James, um tanto quanto surpresa com o sabor, ele me encarava com uma sobrancelha arqueada e um sorriso presunçoso nos lábios.

— Pronta para continuar com a exploração?

Com a boca ocupada saboreando as frutas, apenas concordei com um aceno e diante de seu gesto me indicando a caminhonete, dei meia volta e comecei a caminhar ao seu lado.

Distraída demais com as uvas e a paisagem ao meu redor que implorava para ser apreciada, não percebi o desnível no terreno até ser tarde demais e eu estar a caminho do chão após tropeçar. Mais atento a mim do que eu imaginava, James rodeou meu corpo com um dos braços, me puxando para junto de seu peito, segurando-me com firmeza enquanto evitava que eu me estatelasse sobre a grama como um saco de batatas.

Exceto pelos momentos em que estivemos confinados no interior da caminhonete, essa era a primeira vez que ficávamos tão perto um do outro, mais próximos do que era aceitável, à ponto de eu poder sentir o calor da sua pele através do tecido da camisa que vestia e o cheiro amadeirado que sua pele exalava.

Com o equilíbrio já recobrado, ergui meu rosto em busca do seu para lhe oferecer um agradecimento, pronta para encontrar um sorriso de deboche, mas o que havia em seus olhos era preocupação e algo a mais que não consegui decifrar.

— Tudo bem com a senhorita? — Sua voz era baixa e grave.

— Tudo! — Sorri meio sem jeito por nossa proximidade. — O pior é que nem posso argumentar que foi culpa da bebida — Dei de ombros.

— É bom ter cuidado, senhorita Hollywood, você não está desfilando sobre a calçada da fama.

E assim, tão rápido quanto a tensão entre nós havia se desfeito, ela retornou. Usando a mão que estava apoiada sobre seu peito para afastá-lo, me liberei do braço de James que me envolvia, lhe dei as costas e saí marchando até o veículo, sem olhar para trás.

Herdeiro babaca.



## Capítulo 9

Assim como havia sido durante grande parte da manhã em que estive na companhia de James conhecendo e explorando a propriedade, a ampla sala de refeições estava mergulhada em silêncio, que era quebrado apenas pelo ruído esporádico de nossos talheres raspando sobre a louça, conforme almoçávamos.

Tão desagradável quanto jantar sozinha na noite anterior era vê-lo ocupando o assento em frente ao meu enquanto permanecia calado, me ignorando, embora vez ou outra eu sentisse o peso de seu olhar intenso e intimidador sobre mim, quase como se estivesse me desafiando a falar algo.

Cansada de encarar o prato apenas para evitar fazer contato, ergui os olhos sabendo que o encontraria me observando e sustentei seu olhar, me perdendo na escuridão dentro deles. Apesar de ter sido flagrado, James não esboçou qualquer indício de vergonha ou arrependimento pela situação e decidida a não ceder à nossa disputa silenciosa, continuei retribuindo a atenção que recebia enquanto ele deixava os talheres sobre o prato, apanhava a delicada taça com seus longos dedos e a levava até os lábios cheios e bem desenhados, bebendo um gole.

Apesar de seu jeito grosseiro e suas vestes de “homem da fazenda”, como Gabby gostava de chamar, seus movimentos não eram bruscos e tampouco desleixados, ao contrário, James parecia um predador executando movimentos calculados.

Tão determinado quanto eu em não perder aquela disputa inútil que estávamos travando, nossos olhares permaneceram fixos um no outro, mesmo quando sua respiração se tornou um pouco mais pesada e eu senti minhas bochechas se aquecerem.

No limite de meu autocontrole, eu já estava prestes a mandá-lo à merda junto com seu olhar arrogante, quando uma das funcionárias responsáveis pela limpeza entrou na sala, seguida por Nora, que colocou um fim naquilo. Agradecida pela interrupção, me permiti relaxar na cadeira.

— Como foi o passeio, Stella? Espero que tenha aproveitado, James é um excelente guia — comentou a mulher, se postando ao lado dele, que voltou a me encarar exibindo um discreto sorrisinho.

— Adorável, Nora. O lugar é muito bonito, mais do que eu poderia imaginar e quanto ao senhor Preston — lhe dediquei um sorriso debochado antes de continuar —, uma excelente companhia.

— Posso dizer o mesmo, senhorita Davis.



Se eu não conhecesse o seu tipo, o sorriso dissimulado e o arquear de sobancelhas teriam me enganado. Aproveitando a distração causada por Nora, retirei o guardanapo do colo sob o olhar muito atento de James e após pedir licença, me retirei da sala. Eu precisava tomar um pouco de ar antes de me ver trancada novamente com ele em uma sala, tendo a minha paciência colocada à prova.



James já ocupava a pomposa cadeira de encosto alto atrás da mesa de trabalho, quando entrei no escritório. Sem dizer uma única palavra direcionada a mim, só tive a certeza de que ele havia notado a minha presença quando seus olhos desviaram do monitor diante de si e me encararam.

— Quando estiver pronta... — disse, deixando a frase morrer conforme me aproximei da mesa. Ao seu lado, uma cadeira vaga esperava por mim.

Sentada a uma distância confortável, me forcei a esquecer a discussão de mais cedo e quando estava prestes a informar a James que poderíamos começar com o que ele havia planejado, minha atenção foi fisgada por um

porta-retrato disposto sobre a mesa e que por alguma razão eu não tinha visto no dia anterior.

Mesmo tomada por um ligeiro tremor, estiquei minhas mãos mais a frente e o peguei, trazendo-o para mais perto de meu rosto de forma que pudesse observar os detalhes da fotografia envelhecida na qual um homem, uma mulher e uma garotinha, que me recordava à minha própria imagem quando criança, estavam parados e sorrindo em frente ao prédio comercial da vinícola que eu visitara mais cedo.

*“Quando ela deixou esse lugar carregando uma criança na barriga, eu não fazia ideia se Alessandra seria mãe de um menino ou de uma menina e até esse momento, ainda não tive uma verdadeira confirmação, mas bastou que eu a visse na televisão para saber. Porque de maneira alguma você poderia ter esses olhos, que são tão iguais aos da sua mãe e da sua avó, se não fosse uma Giordano.”*

Em meio a uma recordação das palavras escritas na carta que motivou a minha vinda até a vinícola, tomei consciência de que segurava em minhas mãos um retrato da família, da minha família.

— Às vezes a atenção dele se dispersava enquanto encarava a foto, em especial nos últimos tempos, enquanto aguardava por notícias a seu respeito — disse baixo, me trazendo de volta ao presente. — Ele desejava ter

tempo para lhe conhecer.

Sem saber ao certo o que lhe responder enquanto sentia minhas bochechas corarem, devolvi a foto ao lugar em que estava antes e apenas dei de ombros.

— Bem, eu não posso dizer o mesmo — resmunguei.

Com a testa franzida e um tom de voz suave, até então desconhecido para mim, ele decidiu avançar algumas barreiras que eu havia levantado entre nós e perguntou:

— Você realmente não sabia sobre essa parte da sua vida?

— Não, senhor Preston, eu não sabia. E se não for um problema para o senhor, estou pronta para começar.

Me encarando com olhos semicerrados, James concordou em silêncio e então se voltou para a pilha de papéis disposta sobre a mesa no espaço vago entre nós. Assim como havia sido a respeito das plantações e da parte comercial, ele me explicou a dinâmica de seu trabalho antes de começar a falar sobre valores, capital de giro e me apresentar balanços e gráficos, que eu não entendia muito bem.

Com a cabeça fervilhando diante das informações fornecidas por ele, não pude conter o suspiro de alívio ao ver o nome de Dylan surgir na tela de

meu celular.

— Com licença, preciso atender — declarei, apanhando o aparelho de cima da mesa e caminhando em direção à porta sem esperar por sua resposta.

Depois de avançar alguns passos no corredor apenas para garantir que James não ouviria a minha conversa, levei o telefone ao ouvido.

— Diz para mim que as gravações já terminaram e você está voltando para casa?

O som de sua risada me atingiu assim que as palavras deixaram minha boca.

— *Isso tudo é saudades ou o tal senhor Preston está pegando pesado com você?*

— Os dois — admiti, com um sorriso triste nos lábios enquanto me recostava contra a parede. — Como você está?

Por realizar a chamada durante uma breve pausa nas gravações, Dylan e eu não pudemos conversar tanto quanto eu gostaria, mas ouvir sua voz naquele momento foi o suficiente para me acalmar e recordar o meu propósito em estar ali.

Quando retornei para a sala minutos mais tarde, James continuava com cara de poucos amigos enquanto encarava o computador.

— Algum problema?

— Nós passamos a manhã toda fora, senhorita Davis, as coisas se acumularam, não posso esperar de braços cruzados enquanto você interrompe o nosso trabalho para atender ao telefone.

— Fique à vontade para realizar seus afazeres, senhor Preston e caso tenha se esquecido, eu não sou uma funcionária sua, eu sou *a herdeira* — declarei, no mesmo tom hostil que certa vez ele havia usado ao proferir essas mesmas palavras.



Depois de mais aquele desentendimento a nossa interação não melhorou em nada no restante da tarde e quando James deu o dia por encerrado, desligou o computador e se despediu, eu quase me ajoelhei e fiz uma prece de agradecimento aos céus.

Embora eu estivesse habituada a passar longos meses vivendo de aparências conforme dava vida a um novo personagem, manter a pose de durona em sua presença não era uma tarefa tão fácil. Diferente dos filmes, para essa atuação não tinha um roteiro decorado, nada estava no meu controle

e isso só tornava essa situação mais cansativa.

Após um dia tão desgastante quanto aquele havia sido, me afundei na banheira de água morna desejando sair de lá livre das tensões que haviam se formado em meus ombros.

Conforme meu corpo foi relaxando pouco a pouco, senti que outras partes de mim precisavam de atenção e com os pensamentos vagando até Dylan, deixei que uma de minhas mãos percorresse meu pescoço, passasse por meus seios, abdômen e então encontrassem o meio de minhas pernas.

De olhos fechados, a imagem de meu namorado se fez presente conforme meus dedos me acariciavam no ritmo certo, mas quando o prazer aumentou e minha respiração se tornou descompassada, a imagem estampada em minha mente se modificou, os olhos azuis se tornaram de um profundo tom de castanho, os lábios se tornaram mais cheios e quem habitava a minha fantasia já não era Dylan.

— Maldito seja, James Preston!

Retirei os dedos que acariciavam o ponto sensível que eu vinha estimulando e deixei que a respiração escapasse de meus lábios entre lufadas, frustrada por ter sido atrapalhada por ele.

Em meio a um orgasmo reprimido dei o banho por encerrado, me

enrolei na toalha e retornei ao quarto. Quando enfim desci para o jantar, a mesa já estava posta à minha espera.

Assim como na noite anterior, mais uma vez jantei sozinha, como essa situação não era lá a mais agradável, me serviu de incentivo para que eu terminasse a refeição mais rápido e atendesse ao pedido de meu corpo para se deitar, uma vez que havia me levantado antes mesmo do nascer do sol.

Eu já estava acomodada sob as cobertas macias e prestes a fechar os olhos, quando o toque de meu celular soou no quarto silencioso e a identificação de minha mãe apareceu na tela do aparelho.

Na foto em questão, aparecíamos sorridentes, com os rostos colados lado a lado. De repente, senti meu coração apertar dentro do peito. Nós nunca havíamos passado tanto tempo sem conversar, completamente afastadas uma da outra e por esse motivo, pela necessidade de ouvir a voz amorosa que havia embalado o meu sono e me dado tantos conselhos, levei o aparelho ao ouvido e a saudei com a voz baixa e vacilante:

— Oi, mãe.

— *Ah, minha filha, eu senti tanto a sua falta* — murmurou, conforme um soluço escapava por sua garganta, fazendo meus olhos marejarem diante da tristeza contida em suas palavras, o que nos levou a passar um bom par de horas conversando noite adentro.





## Capítulo 10

James já estava no escritório quando entrei. Sentado na cadeira de encosto alto em uma pose confortável, ele assistiu em silêncio eu caminhar até a cadeira ao lado da sua, com o usual olhar misterioso.

Ao me sentar, o tecido do vestido de verão subiu um pouco, deixando uma faixa de pele acima do joelho exposta. James sequer tentou disfarçar quando seus olhos desviaram do meu rosto para aquele ponto em específico.

— Bom dia, você está sete minutos atrasada — provocou, exibindo um sorriso debochado, que a contragosto eu precisava admitir, ficava muito bonito em seus lábios.

— Sabe, você não deveria me irritar assim — alertei, tentando manter a compostura.

O som de sua gargalhada rouca diante de meu aviso que não surtiu efeito algum, fez meu corpo vibrar em alguns pontos. Ignorando tais reações, voltei minha atenção para a tela do computador e esperei até que ele se cansasse de me olhar e fizesse o mesmo.

Sentados tão próximos, eu podia ouvir o som de sua voz grave com clareza, embora não conseguisse distinguir o que dizia. Me inclinando para mais perto de James a fim de compreender o que falava, acabei me aproximando mais do que deveria e só percebi isso quando o tecido de seu jeans roçou contra a minha perna, causando um arrepio. Imediatamente me remexi na cadeira, tentando disfarçar o que o contato havia causado em mim.

Com os olhos fixos no computador, que parecia mais um borrão, tentei compreender as palavras de James, mas qualquer pingô de racionalidade que eu poderia ter se esvaiu assim que senti de maneira leve e sutil o toque de seus dedos logo acima de meu joelho esquerdo.

Pega de surpresa por seu gesto, permaneci parada, com a boca escancarada conforme seu olhar intenso e sedutor se voltou em minha direção.

— Não era isso que você estava buscando, senhorita Davis? — desafiou, fazendo minha atenção se fixar em seus lábios.

— Você enlouqueceu, James? — esbravejei enquanto arrastava a cadeira para trás e me levantava, tentando impor uma certa distância entre nós — Me respeite!

— Você sabe tão bem quanto eu, que deseja isso — provocou, se colocando de pé diante de mim, com meus seios quase tocando seu peito. —

Ou entendi errado os seus olhares?

— Você, é um... um...

— Herdeiro babaca? Eu sei, mas mesmo assim você quer me beijar e não suporta essa ideia, não é?

Apesar do deboche contido em suas palavras, seu tom de voz era baixo, grave e sedutor. James estava agindo como um predador, me enfeitiçando e distraíndo. Com a respiração descompassada e incapaz de formular com clareza qualquer resposta que estivesse à altura, permaneci encarando-o com o queixo erguido e talvez esse tenha sido o meu erro, pois em um piscar de olhos uma de suas mãos estava em minha nuca, a outra segurando com firmeza em minha cintura e seu nariz tocando o meu, fazendo nossas respirações se misturarem.

— Você só precisa me mandar parar, senhorita Davis — sussurrou, com a boca encostando de leve contra a minha.

Mandando a prudência ao inferno, avancei a curta distância que nos separava e tomei seus lábios nos meus. Sem precisar de tempo para assimilar minhas atitudes, James deu passagem para minha língua e me pressionou contra seu corpo, fazendo com que eu o sentisse por completo, apesar de nossas roupas. Assim que as línguas se encontraram, um gemido profundo escapou de dentro de nós.

Rapidamente meu corpo estava em chamas, clamando por seu toque, em especial entre minhas pernas, onde a umidade aumentava com a intensidade de seu beijo e em meus seios, que estavam com os mamilos entumecidos, espetando-o através de meu vestido. Como se lesse meus pensamentos, a mão que estava em minha cintura deslizou por toda a lateral, até alcançar minha coxa. Quando seu toque voltou a subir, o tecido foi trazido junto.

Com nossas respirações se tornando ofegantes demais, seus lábios se desviaram do meu e alcançaram minha orelha, onde James mordiscou o lóbulo e distribuiu mais alguns beijos. Me excitando ainda mais com o som de seus grunhidos ao saborear a minha pele, deslizei minhas mãos por seu peitoral, sentindo os músculos se contraindo sob meu toque. Sem qualquer delicadeza, puxei a camisa cinza escuro para fora da calça e passei a abrir os botões, conforme sua boca ia de meu pescoço para o colo exposto, valorizado pelo decote do vestido.

— Você é uma maldita provocadora, Davis. — Grunhiu, me fazendo recuar um passo, deixando-me encurralada entre ele e a mesa.

— E você não, Preston?

— Me diga você.

Sem me dar tempo de responder sua pergunta, James me virou de frente

para a mesa, apoiou uma mão no meio de minhas costas, enquanto a outra permanecia segurando em meu quadril e empurrou meu tronco para baixo, fazendo com que uma nova onda de arrepios percorresse meu corpo ao encostar contra o tampo rígido e frio.

— James... — Grunhi extasiada, tentando olhar por cima de meu ombro.

— Estou só começando, baby — sussurrou em meu ouvido, antes de depositar um beijo em meu pescoço e se afastar.

Debruçada sobre a mesa em uma torturante espera, ouvi em meio às nossas respirações ofegantes o zíper de sua calça ser aberto, senti a parte de trás de meu vestido ser levantada e a calcinha afastada para o lado.

— Por favor.

Eu mal havia me calado quando ele deslizou para dentro, fazendo-me agarrar a beirada do móvel e gemer alto o seu nome.

— Puta que pariu! — arfou.

Rendidos ao prazer, os movimentos foram se tornando mais vigorosos, a pressão de seus dedos em meus quadris aumentou, conforme ele tentava me manter parada e os gemidos, ah! Os nossos gemidos sem dúvidas podiam ser ouvidos de longe, ainda mais quando alcancei o clímax.

Atordoadada e com os batimentos cardíacos acelerados, afundei o rosto em meus braços enquanto aproveitava os efeitos do orgasmo e tentava me acalmar.

Assim que minha respiração se normalizou, ergui a cabeça dos braços e olhando a minha volta, em meio a penumbra, constatei que eu não estava no escritório de instantes atrás, notei também que não estava debruçada sobre a mesa, mas sim deitada em minha cama, usando o pijama da noite anterior e completamente sozinha.

— PUTA QUE PARIU, PRESTON! — gritei, com o rosto afundado no travesseiro para abafar os meus sons, me recusando a acreditar que eu havia gozado em meio a um sonho erótico com ele.

Durante toda a rotina matinal, que começou no instante em que saí da cama e perdurou até o momento em que eu havia terminado o desjejum, eu ainda me sentia indignada e furiosa por meu subconsciente ter aprontado essa comigo, afinal de contas, dentre toda a população masculina da terra, James Preston seria o último com quem eu cogitaria ir para a cama nessa existência.

Depois de checar as horas na tela do celular, recolhi o aparelho de cima da mesa assim que me levantei e o guardei no bolso do jeans. No breve trajeto entre a sala de jantar e o escritório acabei parando para conversar com Nora, por isso, precisei repetir para mim mesma algumas vezes conforme

atravessava o escritório, que não havia nada de errado em encontrar James ocupando o seu lugar habitual.

Com gestos comedidos, em uma tentativa de agir o mais natural possível, puxei a cadeira vaga para longe de James, me sentei e assim que voltei minhas atenções para ele, encontrei seu olhar intenso e misterioso.

— Bom dia, senhorita Davis, você está sete minutos atrasada.

— Você não deveria me irritar assim, senhor Preston — alertei, mordendo a língua a seguir, me impedindo de dizer qualquer outra coisa conforme recordava que o início de meu sonho havia sido muito parecido com o que estava acontecendo.

— Noite ruim?

Apesar de não esperar algo assim, seu tom foi quase amistoso ao questionar.

— Pesadelo.

Incerta se isso colocaria ou não um fim ao assunto, acabei sendo surpreendida quando ele perguntou:

— Aranhas? Cobras?

— O quê?

— Seu pesadelo... Normalmente esse tipo de sonho está relacionado a algum medo, quer me dizer qual era o seu?

Presa ao seu olhar que demonstrava verdadeiro interesse no assunto, me demorei alguns segundos a mais do que seria considerado normal encarando-o, antes de conseguir me esquivar e dizer:

— Ah, era algo muito pior do que isso, senhor Preston, era com um babaca!

Dentre todas as reações que eu supus que ele teria, como debochar ou fazer alguma gracinha em defesa dos seus iguais, riu abertamente, aquele mesmo som grave que ouvi em meus sonhos e que reverberou em mim, não era o que eu esperava.

— Andou sonhando comigo, senhorita Davis? — questionou em um tom de voz baixo e provocador.

— Acredite o senhor ou não, mas você não é o único babaca em minha vida — disse com firmeza, dando de ombros em uma tentativa de deixar o assunto de lado.

James concordou com um meneio enquanto ainda sustentava um sorrisinho, então, se virou para o computador e assim como no dia anterior, tratou de apresentar novas informações sobre a parte financeira da vinícola.



Se eu dissesse que havia conseguido me concentrar em suas palavras a partir daquele momento, estaria contando a maior mentira.

Embora eu houvesse passado boa parte da manhã tensa, tentando bloquear o cheiro de seu perfume que me atingia a cada mísero movimento, evitando admirar o contorno de sua mandíbula ou o volume de seus lábios bem desenhados, as horas que permaneci em sua companhia transcorreram com normalidade, facilitando para que a minha paranoia desaparecesse.

O almoço permaneceu silencioso e agradável, sem trocas de olhares desafiadoras ou provocações e essa mesma leveza nos acompanhou por toda a tarde de trabalho, na qual passamos com os narizes enterrados em alguns demonstrativos da empresa. Quando James esticou os braços acima da cabeça e se alongou, dando o dia por encerrado, fiquei surpresa por isso acontecer de forma tão pacífica.

— Até amanhã e... Tente não se atrasar, senhorita Hollywood.

Apesar da provocação, não havia qualquer traço depreciativo em sua voz, por isso apenas o dispensei com um gesto e segui em direção às escadas enquanto observava James caminhar até a saída do casarão. Se detendo por um instante junto à soleira, seus olhos se voltaram em minha direção e com um sorriso perverso nos lábios, disse:

— Tenha bons sonhos — piscou.

Satisfeita por encerrar o dia sem que James e eu estivéssemos nos atacando, seja com ofensas ou da maneira absurda como aconteceu em meu sonho, aproveitei o breve tempo livre até a hora do jantar para tomar um banho e ir ao mercado.

Consciente de tudo que precisava e desejava comprar, a tarefa de olhar prateleiras e encher a cesta pendurada em meu braço não me tomou muito tempo. Ao colocar os pés para fora do comércio, me lembrei do simpático cachorro peludo que eu havia encontrado ali há algum tempo, mas dessa vez, para a minha infelicidade ele não estava do lado de fora aguardando por seu dono.

Embora a vinícola estivesse localizada em uma das extremidades da cidade, o trajeto de volta não levou mais do que dez minutos para ser feito e tão logo atravessei a soleira da porta, Nora me acompanhou até a sala de jantar, informando que a comida estava pronta para ser servida.

Sentada em meu lugar habitual, aguardei enquanto a comida era disposta sobre a mesa e instantes depois, Nora, que estava sempre por perto para supervisionar, e a ajudante de Justine me deixaram “à vontade” para saborear o jantar.

Conforme empurrava a comida de um lado para o outro do prato, ponderei sobre o quanto o café da manhã, que eu passava parte do tempo no

celular e o almoço, que agora tinha a silenciosa companhia de James, eram mais agradáveis do que essa refeição em que eu me via sozinha.

Incomodada com a situação, apanhei o prato quase intocado, os talheres e a taça de vinho e percorri o mesmo caminho que Nora e a outra haviam feito ainda a pouco. Ao me aproximar da cozinha pude ouvir o som de suas vozes e risadas baixas. Sem saber ao certo o que fazer agora que havia chegado até ali movida pela impulsividade, forcei uma tosse discreta para informar a minha presença e quando três pares de olho me encontraram parada junto a porta, perguntei:

— Posso me juntar a vocês durante o jantar? Eu não gosto de comer sozinha — admiti, me sentindo como uma criança assustada conforme Nora se levantou e veio até mim.

— Será um prazer ter a sua companhia, Stella — garantiu com um sorriso bondoso, o mesmo que estampava o rosto das outras duas mulheres.



## Capítulo 11

— Nenhuma resposta positiva até o momento, Gabby?

— *Você sabe que estou tentando o meu melhor, certo?*

Incapaz de esconder a frustração, exalei de maneira audível e deixei a cabeça pender para frente, até se apoiar sobre a minha mão. Embora soubesse que sim, Gabby vinha tentando conseguir algum papel para mim, não deixava de ser frustrante tantas recusas. E o pior de tudo isso era saber que a culpa por toda essa situação não era minha, mas sim das circunstâncias.

— *As coisas vão se ajeitar, Stella, aproveite a sua estadia...*

— Dylan chegará em poucos dias, Gabby, logo eu volto para o mundo real, mas sem trabalho algum é complicado, eu estou enlouquecendo.

— *Os documentos da propriedade já saíram?*

— Não, ainda deve demorar algumas semanas...

— *Então por que a pressa em voltar? Dylan continuará gravando o filme até o próximo mês, você vai ficar aqui fazendo o que?*

— Eu sinto falta de como as coisas eram — admiti.

Estar ali, naquele pequeno paraíso, quase fazia com que eu me esquecesse que o tempo estava passando rápido demais fora dessa bolha, mas eu sabia que era tudo temporário, que cedo ou tarde teria que voltar à minha vida, assim como teria que encarar minha mãe de frente e revirar o meu passado, algo que vínhamos evitando em nossas conversas.

— *Sério que aturar o “senhor Preston” é tão ruim, a ponto de você sentir falta de ficar trancada dentro de casa esperando Dylan chegar das gravações?*

Gabby sabia que minha vida não se resumia apenas a Dylan, que havia outras camadas nessa história da qual não estávamos discutindo no momento, mas por me conhecer tão bem é que ela havia direcionado a discussão para o meu ponto fraco.

— Não, é menos ruim do que no início, mas isso não quer dizer...

— Sério, Davis? Você não consegue ser pontual por dois dias seguidos? — James questionou parado junto à porta, me direcionando um olhar impaciente.

Sem me dar a chance de responder após ter interrompido minha conversa, ele apenas se virou e, de maneira tão inesperada como havia chegado até ali, se foi.

Se por um instante eu acreditei que a nossa interação iria melhorar após ele demonstrar o mínimo de preocupação com o meu “sonho ruim”, o seu comportamento na manhã seguinte àquela e em todas as outras desde então me provaram que havia sido apenas algo momentâneo e tão logo aquilo deixou sua cabeça, a animosidade habitual havia retornado.

— Wow — cantarolou Gabby do outro lado da linha.

— Ah, você ouviu? Me diz se não é como estar no paraíso — disse com sarcasmo, bebendo um último gole de café antes de deixar a mesa e caminhar na mesma direção que James havia tomado.

— *Já te falei, homem da fazenda, baby. Amoleça esse coração de pedra.*

— Como se eu quisesse fazer isso... — Revirei os olhos, embora ela não pudesse ver.

Por mais que Gabby fosse a minha melhor amiga, nenhuma mísera parte de meu sonho erótico com James havia sido compartilhado com ela. A verdade era que eu sabia que cedo ou tarde isso poderia ser usado contra mim, ainda que por pura provocação de sua parte.

— *Tudo bem, querida, vá lidar com a fera, nos falamos mais tarde. Beijos.*

Depois de encerrar a ligação, respirei fundo duas vezes e então abri a porta do escritório de uma vez, sem qualquer delicadeza e entrei no cômodo como uma forte ventania.

— Uma entrada triunfal, senhorita Hollywood.

— Não seja um babaca, senhor Preston, e caso tenha se esquecido, eu não sou a sua funcionária.

— Acredite, essa é a única razão por ainda estarmos fazendo isso...

— Você não sabe como me sinto lisonjeada.

Conforme ignorava seu semblante sério, ocupei a contragosto a cadeira vaga ao lado dele e assim como vinha sendo em todas as manhãs desde que eu havia me mudado para a propriedade, afundamos a cara em pilhas e pilhas de papéis que contavam a história financeira da vinícola.

Nesses momentos, James e eu deixávamos as nossas diferenças de lado, ou tanto quanto possível, e falávamos com seriedade a respeito da propriedade, por essa razão eu quase nunca percebia as horas se passarem e sempre me surpreendia ao ver o quanto os ponteiros do relógio haviam se movido.

— A fome não está me deixando pensar com clareza — resmunguei, ao notar que já passava da hora que costumávamos almoçar.



Desviando os olhos do amontoado de números que vínhamos analisando na última hora, James me encarou em silêncio por um instante antes de parecer ter uma grande ideia.

— Por favor, peça a Justine que faça alguns lanches para nós dois e me encontre na entrada em quinze minutos.

Sem qualquer explicação adicional, James se levantou e deixou o cômodo.



— Eu deveria ter perguntado antes de ter essa ideia, mas você sabe cavalgar?

Racionalmente eu sabia que sua pergunta era sobre andar a cavalos, mas por algum motivo bizarro, assim que as palavras deixaram sua boca, uma imagem nossa nada inocente se formou em minha mente.

Interpretando errado a minha sacudida de cabeça, James completou:

— Se você tiver medo de cavalos, eu posso te ajudar.

— Não, está tudo bem, eu... eu sei cavalgar, sim.

Com um simples aceno em concordância, ele trouxe a égua de pelos brancos para mais perto de mim. Sem cerimônia, estendi uma mão para acariciar seu focinho e como resposta ganhei uma fungada amistosa. Mergulhando a mão no interior da bolsa que Justine me dera, apanhei uma maçã que havia planejado comer mais tarde e ofereci a ela.

Sem dizer uma única palavra, James permaneceu alternando o olhar entre mim e a simpática égua que agora fazia um lanchinho, enquanto segurava sua própria montaria de pelagem caramelo pelas rédeas.

— Qual o nome dela? — perguntei, enquanto acariciava sua crina macia, não desejando assustá-la.

— Moon.

— É um bonito nome, garota — elogiei, assim que o miolo da maçã foi cuspidos aos meus pés. — Pronta para um passeio?

Assim que parei diante dos estribos, James entregou as rédeas de seu cavalo para o homem que estava ao seu lado e se aproximou de mim. Mantendo qualquer comentário para si, ele me ofereceu uma de suas mãos e sem ponderar o gesto por um único instante, a segurei.

Seus longos dedos se fecharam ao redor dos meus com firmeza, engolindo minha mão para dentro de seu aperto firme e acolhedor. Não dando

a chance para que novos pensamentos perversos se instalassem em minha mente, segurei no pito da sela com a outra mão, coloquei o pé esquerdo na pedaleira e com um impulso, passei a perna direita para o outro lado, soltando a mão de James no processo.

Ao espiá-lo por cima de um ombro depois de me acomodar sobre a sela, notei que um sorriso bonito enfeitava seus lábios e desviando o rosto com rapidez, também sorri, me sentindo vitoriosa por mostrar a ele que eu não era a intocável “senhorita Hollywood”, como ele gostava de dizer.

— Vamos? — perguntou, parando ao meu lado já sobre o cavalo.

— Quando quiser!

James então deu um leve toque com os calcanhares na barriga do animal, agitou as rédeas e passou a trotar em uma direção que ainda não havíamos ido.

Depois de contornar a casa e descer o terreno íngreme, cavalgamos lado a lado, falando pouco durante o trajeto que nos levou para a parte baixa mais ao fundo da propriedade. Localizado junto à base de uma das inúmeras montanhas que compunham o vale, um pequeno rio fluía sob a copa de árvores densas, que projetavam uma agradável sombra na qual nos encontrávamos agora.

Com os cavalos pastando à poucos metros de distância, James e eu nos sentamos lado a lado na margem do rio e como de costume, fizemos nossa refeição em silêncio, enquanto a tranquilidade daquele lugar me envolvia.

— Sinto que não vou conseguir conhecer todas as belezas desse lugar antes de ir embora.

Falei baixo, dando voz aos meus pensamentos.

— Ninguém está te mandando embora, senhorita Davis.

— Nem mesmo você, senhor Preston?

Sob a mira de meu olhar, James apenas deu de ombros e manteve sua atenção em qualquer outro lugar que me mantivesse fora de seu campo de visão.

— De qualquer maneira, tenho uma vida para a qual preciso voltar... Uma carreira para tentar recuperar.

— Como é? — perguntou após longos minutos de silêncio, ganhando a minha atenção — Como é ser atriz?

Apesar de já ter respondido essa pergunta um milhão de vezes, não deixava de ser curioso para mim que a resposta fosse sempre a mesma, a começar com as reações físicas, como o sorriso que se desenhava em meus

lábios e os meus olhos vagando para longe.

— Eu diria que é algo mágico — olhei brevemente em sua direção, antes de encarar as águas do rio — Eu poderia dizer que é como se eu trocasse de corpo ou o emprestasse a alguém. Quando estou na frente das câmeras interpretando, não sou eu quem está ali, mas sim a personagem.

— E como você se reencontra após passar tanto tempo sendo outra pessoa?

— Acredite, muita terapia. — sorri de leve, embora fosse algo sério.

Através de minha visão periférica, observei não apenas o vinco entre suas sobrancelhas, como também o músculo de sua mandíbula rígido sobre a fina camada de barba que recobria sua pele bronzeada, um sinal claro de que ele estava pensativo. Me sentindo bem por estar conversando de verdade com James, por ele ter se sentido à vontade para sanar suas dúvidas e curiosidades, permaneci em silêncio esperando que ele desse o próximo passo.

— E quanto as cenas de beijo ou de sexo?

Assim como a primeira pergunta, essa era outra recorrente em entrevistas ou conversas informais, com quem não pertencia ao meio artístico.

— Cenas de beijo são mais fáceis, tudo depende do que o diretor quer e

do que fica combinado entre os atores. Já as de sexo, podem ser um tanto embaraçosas se a “vibe” não for a mesma. Requer muito cuidado para que fique bonito na câmera, o que não necessariamente acontece durante as gravações, com toda a equipe de produção, diversas câmeras, luzes e microfones espalhados ao seu redor. — dei de ombros voltando a sorrir, enquanto me lembrava da primeira vez que a barreira profissional havia sido ultrapassada em um beijo, muitos anos atrás quando eu ainda era uma adolescente.

— A vida de uma atriz de Hollywood é tudo o que a mídia mostra?

Diante de sua pergunta, um misto de emoções controversas aflorou dentro de mim. Refletindo por um instante, voltei meus olhos em sua direção e o encontrei me observando.

— Em partes, mas acredito que depende mais de cada um. Veja bem, há quem more em uma mansão luxuosa, que viva participando de festas e enchendo a cara sempre que possível. Não posso negar que é tudo mais fácil, para o bem ou para o mal, mas eu sou o oposto disso, embora adoraria ter uma casa de frente para a praia, em uma área privativa.

Quando o suspiro triste escapou de meus lábios, James se colocou de pé e com seu tom autoritário de sempre, determinou que era hora de voltarmos. Embora desejasse passar mais algum tempo ali, desfrutando da paz

proporcionada por aquele pequeno paraíso escondido e de uma conversa amigável, me dei por vencida sem sequer tentar argumentar e fiz o que ele havia dito.

Sem direcionar uma única palavra para mim, aproveitei o caminho de volta para pensar, tentar encontrar uma solução para a atual situação que eu vinha enfrentando. A verdade é que eu não aguentava mais estar longe das câmeras e cada dia fora do set de filmagem uma parte de mim, de quem eu era e do que eu mais amava, estava se apagando.

Retornamos ao casarão quando o sol já se punha no horizonte e foi apenas por esse detalhe que percebi o quanto as horas na companhia de James não haviam sido uma completa tortura, mesmo com seu jeito grosseiro de se direcionar a mim, algo que eu vinha aprendendo a ignorar.

— Está dispensada por hoje, senhorita Davis, só preciso assinar alguns papéis e logo vou embora.

— Tem certeza? Posso ajudar com algo, se precisar.

— Absoluta, aproveite para descansar, amanhã não vai ter passeio no meio do dia.

— Okay, então melhor eu ir antes que você mude de ideia! Até amanhã, Preston — me despedi com certa diversão.

Sem esperar por uma resposta, segui em direção às escadas enquanto James caminhava para o escritório. Embora eu jamais fosse admitir a ele, eu estava grata por sua dispensa, uma vez que sentia minha pele pinicar sob o tecido após uma tarde de verão ao ar livre.

Depois de tomar banho e colocar um vestido leve e fresco, desci as escadas pronta para me juntar a Nora e as demais para o jantar. Assim como eu havia imaginado, todas já estavam na cozinha à minha espera.

— Espero que tenha aproveitado o passeio. As redondezas possuem mais lugares bonitos do que você possa imaginar.

— Apesar da companhia que tive, foi de fato agradável, o lugar é mesmo muito bonito — declarei, ganhando alguns sorrisinhos das demais enquanto me servia.

O prato em minhas mãos estava abastecido com o oposto da quantidade que elas supunham que eu comia, quando me sentei à mesa junto delas. De forma natural, após aquela minha primeira aparição na cozinha, nós nos tornamos ainda mais próximas e à vontade na presença uma das outras, o que nos proporcionava uma crise de risos como a que estávamos tendo naquele momento.

— Justine, você sabe o quanto eu a amo, certo? Eu poderia... — perguntou James de maneira descontraída, conforme entrava na cozinha,



interrompendo-se meio segundo depois, quando seus olhos me alcançaram.

Diante da surpresa estampada em seu rosto, me ajeitei melhor na cadeira, mas não desviei o olhar, embora um sentimento estranho, algo como culpa, como se eu estivesse fazendo algo inapropriado, cresceu dentro de mim.

— Gostaria de se juntar a nós, senhor Preston? — questionei, usando um tom de voz firme na intenção de não vacilar sob seu olhar.

Eu podia ver a incerteza brilhando em seus olhos enquanto avaliava a cena toda, por isso completei:

— Sabe, eu tenho um excelente pedaço de carne em meu prato, não há com que se preocupar, não irei mordê-lo. — provoqueei.

Com um discreto sorriso e um leve arquear de sobrancelhas, James concordou com um aceno enquanto preenchia seu prato, sendo observado por mim e as demais em silêncio. Ao terminar, ele atravessou a cozinha e sentou-se ao lado de Justine, de frente a mim.

Embora o clima leve de antes não houvesse se recuperado por completo, Nora, Justine e eu engatamos em uma nova conversa animada e apesar de James permanecer em silêncio, a tensão que costumava nos rondar, foi deixada de fora.



## Capítulo 12

— Bom dia, senhor Preston! — cumprimentei, entrando no escritório às oito da manhã em ponto.

— James.

Acomodado em seu lugar habitual, ele parecia relaxado ao me corrigir enquanto observava eu me aproximar.

— Desculpe?

Apesar de ter compreendido seu pedido, decidi ignorar de propósito e me fazer de desentendida conforme me sentava ao seu lado e me virava em sua direção.

— Me chame de James, por favor. A propósito — recomeçou após uma breve pausa — bom dia, senhorita Davis. — Meneou de leve a cabeça.

— Oh, estamos abrindo mão das formalidades?

Tive como resposta um arquear de sobrancelhas, um discreto dar de ombros e um sorrisinho. Achei por bem não forçar a situação com ele, então aceitei o que me era oferecido.

— Bom dia, James. — Sorri — E nada de senhorita Davis para mim.

— Como preferir, Stella.

Ouvir meu nome saindo de sua boca não deveria soar nada além de natural, mas não foi assim e o arrepio em minha pele era um indício. Talvez fosse o toque de rouquidão na sua voz ou o fato de não conter o sarcasmo habitual em suas palavras, a questão era que havia algo de diferente. Sem que eu percebesse, o meu sorriso se ampliou. Era estranho e meio sem sentido que eu tivesse gostado tanto.

Fingi não me importar com isso e acenei em concordância, desviando os olhos para a lista de fornecedores e seus custos, que estava diante de mim. *Tão divertido*, pensei revirando os olhos mentalmente.

Durante toda a manhã não houve qualquer vestígio de animosidade entre nós, James parecia mais relaxado e eu não sabia ao certo se isso se devia à conversa na tarde anterior ou a cena do jantar, de qualquer forma, eu estava grata por isso, tanto que só notei o quanto as horas haviam se passado quando Nora veio até nós implorando para que déssemos um tempo para o almoço.

— Obrigado, Nora, mas hoje vou ter que recusar. Aproveitarei essa pausa para resolver algumas coisas no centro da cidade, logo estarei de volta.

— Lá vou eu almoçar sozinha — resmunguei para ninguém em especial.

— Vamos lá, Stella, não é fim do mundo — desdenhou, antes de nos dar as costas e sumir de vista.

— Stella, hein?

— Acredite, também fiquei surpresa com essa novidade — confessei, acompanhando-a.

Apesar de minha reclamação sobre almoçar sozinha, isso não era de todo ruim, uma vez que eu tinha alguns e-mails para responder e aproveitaria para fazer isso durante a refeição. Depois de informar à Nora minha escolha, ocupei um lugar na sala de jantar, já com o celular em mãos.

Alternei minha atenção entre a saborosa salada com frango e o aparelho, consegui responder todos os e-mails pendentes. Eu já havia o colocado de lado quando um punhado de notificações começaram a surgir na tela. Antes que eu tivesse a chance de abrir qualquer uma delas, uma foto de Gabby surgiu acompanhada de seu toque personalizado.

— Eu sei que demorei, mas acabei de responder os e-mails, não há porque brigar comigo — disse com diversão, antes mesmo que ela pudesse me repreender.

— *Hum, não foi bem por essa razão que liguei, mas que bom que deixou tudo em ordem.*

Embora nada em sua fala denunciasse qualquer problema, a nota de tensão em sua voz, algo que eu conhecia bem mesmo quando ela tentava mascarar, não passou despercebida por mim.

— O que aconteceu? E nem venha me dizer que não foi nada, conheço esse tom.

— *Stella, precisamos conversar.*

— Ai, meu Deus, a história da adoção vazou? Antes de você me ligar comecei a receber um milhão de notificações, mas não tive tempo de ver do que se tratava.

— *Não, hum, não é sobre isso. Amiga, tem alguém por perto?*

— Foi algo com meus pais? Gabby, pelo amor de Deus, você está me deixando nervosa, só diga de uma vez.

— *Não tem um jeito fácil de fazer isso, então... Dylan te traiu e as fotos vazaram* — despejou, se calando logo a seguir.

Aceitando o silêncio para processar a informação, repeti suas palavras em minha mente enquanto afastava o celular do ouvido e o colocava no modo viva voz. Não foram precisos mais do que alguns toques na tela para que as

fotos surgissem.

— *Stella?*

— Me dê um momento, Gabby.

Eu me sentia tão anestesiada diante do que estava vendo, que a minha própria voz havia soado irreconhecível aos meus ouvidos. Dura, fria, inexpressiva.

As fotos haviam sido feitas em sequência, talvez com uma diferença de segundos entre Dylan conduzir Jen para dentro de uma van com a mão apoiada na parte baixa de suas costas, ambos se sentarem lado a lado e sorrirem um para o outro no melhor estilo apaixonados e então se beijarem.

— *Stella?* — Insistiu do outro lado da chamada, com um tom aflito.

Em meio a negação, tive como primeiro pensamento que isso poderia ser apenas uma cena qualquer do filme, mas o choque de realidade veio apenas meio segundo depois. Não faria o menor sentido que isso fosse parte das gravações, não quando estavam dentro de um carro da produção, no qual acreditavam estar invisíveis aos olhos curiosos do lado de fora.

— Nos falamos depois, Gabby.

— *Espere!* — disse mais alto, em uma falha tentativa de me deter antes que meu dedo encontrasse o ícone para encerrar a chamada.

Com a mente anuviada, as mãos trêmulas segurando o celular e os olhos desfocados, em parte pelas lágrimas como também pelo misto de sentimentos, deixei às pressas a mesa com a refeição inacabada.

— Stella? — chamou Nora, surgindo atrás de mim, provavelmente após ter escutado parte da conversa.

— Está tudo bem, Nora, eu só preciso ficar sozinha por um instante — garanti, tentando evitar que a voz falhasse.

Com um aceno, embora seus olhos expressassem claramente seu descontentamento com meu pedido, deixei a sala de jantar o mais rápido possível e comecei a vagar pela casa.

A lembrança de nossas últimas conversas me acertou em cheio, como um soco na boca do estômago. Foram conversas nas quais eu sempre dava um jeito de demonstrar o quanto sentia sua falta e ele se mostrava ausente, distante. Eu havia sido uma tola por acreditar que se tratava apenas de cansaço por todo trabalho.

Era frustrante pensar que eu não havia enxergado as evidências, nem mesmo quando elas estavam diante de meus olhos, com uma seta neon apontando para elas. Os arranhões nas costas de Dylan, as ligações da produção fora de hora, as gravações que extrapolavam o horário previsto. Tão burra, tão cega.



Perdida em meio a um espiral de pensamentos, caminhei através da casa sem ver aonde ia e quando dei por mim, estava parada diante da porta da adega. Segurando com firmeza o metal frio, abaixei a maçaneta e no mesmo instante a porta se abriu diante de mim, como um convite silencioso à perdição. Isso não podia ser uma simples coincidência.

Girei a tranca embutida na porta um segundo depois de acender a luz, que era mais fraca do que em outros cômodos e olhei a ampla sala que também poderia ser um escritório, a julgar pela mesa de trabalho e alguns sofás de couro escuro. Então, observei as paredes à minha volta, ocupadas por estantes altas preenchidas por garrafas e mais garrafas de vinho.

Embora o verdadeiro estoque particular estivesse situado no porão, que poderia ser alcançado descendo por uma escada localizada nos fundos da sala, como certa vez James me mostrara, decidi que qualquer uma dessas à vista seria mais do que o suficiente para o meu propósito.

Sem me importar com a safra, rótulo ou qualquer outro detalhe, apanhei o elegante saca-rolhas de uma das prateleiras e abri uma garrafa qualquer. Dispensando o uso de uma taça, me acomodei em uma das poltronas com a garrafa em uma das mãos, o celular em outra, com as provas da traição bem diante de meus olhos, e então bebi o primeiro gole.

Eu já estava chegando na metade da segunda garrafa quando o celular

começou a tocar, mostrando uma foto minha e de Dylan enquanto seu número aparecia na parte superior da tela, rindo com escárnio de minha inocência ao acreditar que aquele olhar apaixonado que ele direcionava para mim duraria para sempre, fiquei encarando o aparelho até ele parar de tocar.

— O q... O que você quer, filho da puta traidor? — questionei com dificuldade para o celular que mais uma vez vibrava em minha mão, sem atendê-lo — Vai dizer que foi um mal-entendido? — desdenhei, tropeçando nas palavras.

Assim que o toque cessou, encarei mais uma vez as fotos da traição e imediatamente a raiva de segundos atrás deu lugar à tristeza, conforme eu bebia um pouco mais.

— Por que, Dylan? Eu... Eu só... só queria um pouco de amor — admiti para mim mesma, sentindo as lágrimas molhando minhas bochechas. — Já não basta o caos que a minha vida se tornou?

Quanto mais os efeitos da bebida iam se instalando em meu sistema, mais eu me questionava, não apenas sobre meu relacionamento que estava condenado muito antes que eu tomasse conhecimento, como todos os outros aspectos de minha vida. Como teria sido se eu houvesse recusado aquele papel dois anos atrás? Como seria se meus pais nunca houvessem mentido para mim? E se meu avô não tivesse sido tão duro com Alessandra, minha

mãe biológica, como teria sido tudo?

Em meio a tantos devaneios, fui trazida de volta ao presente quando uma batida forte soou na porta me fazendo sobressaltar e quase derrubar o que restava na garrafa.

— Stella? Stella, você está aí?

Semicerrei os olhos, me esforçando para encarar a porta além da visão turva.

— Huuum...

— Você está machucada? Me deixe entrar — pediu em um tom de voz firme.

— Está com medo de que eu beba a adega toda e te dê prejuízo? — gargalhei, antes de beber mais um gole da garrafa e me encolher quando a porta voltou a ser esmurrada.

— Abra essa porta, Stella, agora! — ordenou.

Bufei após ser interrompida pelo herdeiro babaca, coloquei a garrafa quase vazia no chão ao lado da primeira, próximas de meus pés, apoiei as mãos nos braços da poltrona e impulsionei meu corpo para cima, mas eu mal consegui me levantar antes cair sentada e começar a rir.

— Stella! — chamou.

— Espere.

Após mais duas tentativas falhas consegui ficar em pé, embora sentisse minhas pernas moles feito gelatina e a cabeça leve, girando.

Segurei nas prateleiras em busca de estabilidade e consegui contornar a sala até alcançar a porta. Escorada contra a parede, alcancei a fechadura e por fim girei a chave. Assim que James atravessou a porta minhas pernas falharam, meu corpo tombou em sua direção e se ele não estivesse tão atento à ponto de me segurar, meu peso teria derrubado a nós dois.

— Como você está?

Seu olhar à centímetros do meu era tão firme quanto seu aperto ao redor de minha cintura.

— Bêbada — confessei, gargalhando enquanto tentava me recordar de meu último porre.

Assim que a memória me alcançou, me arrependi de ter buscado por ela, porque a minha última bebedeira havia sido na festa de encerramento do filme que Dylan e eu havíamos gravado juntos, e foi nessa ocasião que nosso relacionamento se tornou público.

— Você está machucada? — questionou com certa preocupação, me fazendo desviar os olhos do botão aberto de sua camisa e encará-lo.

Enquanto eu permanecia em silêncio, James me ajeitou junto de seu corpo e ao ficar com uma mão livre, deslizou por meu rosto, secando novas lágrimas que eu nem percebi que derramava.

— Ele... me traiu publicamente — murmurei, dando de ombros conforme sentia o choro vir. — Eu me sinto tão burra, tão envergonhada — confessei, escondendo o rosto contra seu peito para evitar que James me visse chorar.

— Ele não a merecia, Stella, agora vem, deixe-me ajudá-la.

— O que posso fazer, James? — questionou uma voz feminina.

Ao afastar o rosto de sua camisa, que por sinal tinha um cheiro muito bom, notei Nora parada do lado de fora, nos encarando com preocupação. Desviando os olhos da mulher, me fixei nos lábios de James, que se moviam de maneira hipnotizante enquanto ele dizia algo que não era captado por meus ouvidos.

— Consegue andar? — perguntou, atraindo minha atenção.

Com um breve aceno em concordância, James então me colocou junto a lateral de seu corpo, passou um de meus braços por trás de suas costas enquanto fazia o mesmo comigo, me segurando com firmeza pela cintura. Assim que o primeiro passo foi dado em direção a saída, me desequilibrei,

fazendo-o praguejar enquanto me escorava contra a parede.

Sem qualquer aviso ele se colocou ao meu lado, se abaixou o suficiente para que um de seus braços se encaixasse na parte de trás de meus joelhos enquanto o outro amparava a base das minhas costas e então me levantou.

— Woowow, você é forte! — Deixei escapar, enquanto rodeava seu pescoço. — Me sinto como uma donzela em perigo — comentei, antes de tombar a cabeça para trás e rir acompanhada de James.

— Controle-se, senhorita Hollywood.

— Não seja um... um babaca, senhor James Preston — falei, me enrolando em seu sobrenome. — Você é bonito demais para andar de cara fechada todo o tempo.

Sem interromper a cruel subida da escada, James apenas deu um sorrisinho de canto enquanto negava com um aceno, sem desviar os olhos do caminho à sua frente. Mais rápido do que eu havia percebido, James alcançou o meu quarto e em um piscar de olhos me vi sendo colocada sobre a cama. Tomada por um súbito medo de ficar sozinha, me agarrei à sua camisa antes que ele tivesse a chance de se afastar.

— Fique.

— Você precisa de alguma coisa? — perguntou, apoiando uma mão sobre a cama, enquanto mantinha os olhos fixos nos meus.

Distraída com a proximidade de seus lábios, só percebi o que estava prestes a fazer quando minhas costas se inclinaram para cima e meus cotovelos se afundaram no colchão. Trazendo-o para mais perto com um puxão em sua camisa, não hesitei por um segundo antes de pressionar minha boca na dele.

Embora o calor e a maciez de seu toque tenham trazido um pouco de lucidez aos meus pensamentos, eles tornaram-se confusos novamente quando mordisquei seu lábio inferior, fazendo-o grunhir como em meu sonho. Com a testa encostada na minha e o nariz roçando contra o meu, James permaneceu imóvel pelo que pareceu uma eternidade, antes de apoiar ambas as mãos em meus ombros e me afastar com cuidado.

— Você vai se arrepender disso mais tarde — alertou, me direcionando um olhar sério, nublado pelo que poderia ser desejo, enquanto seu corpo ainda pairava sobre mim.

— Não quer me beijar? Duvido que me odeie tanto quanto demonstra — desafiei.

— Quero, Stella, mas quando isso voltar a acontecer, você estará lúcida para se lembrar de tudo.

Se minhas bochechas já não estivessem aquecidas pelos efeitos do vinho, elas com certeza teriam ficado em chamas depois disso, assim como outras partes de meu corpo se encontravam.

— É uma promessa?

— Quem sabe? — Deu de ombros, se levantando.

Prestes a lhe provocar um pouco mais, fui impedida quando um forte ataque de náusea me atingiu. Incapaz de me levantar e correr, apenas virei a cabeça para o lado e coloquei todo o vinho ingerido para fora, sobre as botas de James, que agora segurava meus cabelos e espalmava minhas costas, me mantendo inclinada para não engasgar.

Tomada mais uma vez pela vergonha, deixei que o choro fluísse. Eu estava cansada demais para lutar contra ele.





## Capítulo 13

Em minha boca, a sensação era de que eu havia atravessado o deserto sem beber uma única gota de água e ainda havia comido areia. Em minha cabeça, duas marretas acertavam minhas têmporas e quanto ao meu ego, uma bigorna gigante estava atada a ele, puxando-o com rapidez para o fundo do poço.

Após respirar fundo algumas vezes, lutei contra a exaustão, contra todos os outros sintomas de uma ressaca épica e abri um de meus olhos. Espiando o quarto imerso na penumbra, com as cortinas blackout fechadas, consegui abrir o outro e encarar o teto.

— Que diabos aconteceu comigo? — murmurei, sentindo a garganta raspar diante da secura em minha boca.

Com certo esforço, rolei de lado na cama, sentei com certa dificuldade e assim permaneci por longos minutos. Quando senti que tinha forças o suficiente para sustentar meu corpo sobre as pernas, fiquei em pé e rastejei até o banheiro como um zumbi. Eu deveria ter me lembrado que isso aconteceria após beber duas garrafas de vinho.

Depois de esvaziar a bexiga parei diante do espelho e o que vi refletido ali, com a pouca luz natural que entrava através da janela, não me ajudou em nada a ter uma visão otimista a meu respeito. Meus cabelos apontavam para todas as direções, as olheiras escuras estavam presentes e faziam par com a pele pálida, que me davam o aspecto de urso panda, porém, sem a graciosidade dos bichinhos.

Parte de minha dignidade perdida foi recuperada após eu pentear os cabelos, lavar o rosto e escovar os dentes. Precisando com urgência de um analgésico, retornei ao quarto a passos lentos, sentindo meu corpo doer em algumas partes sem que eu soubesse a razão.

Deixados sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama, havia um copo de água e dois comprimidos brancos. Agradecendo aos deuses e a Nora em pensamentos, porque algo assim só poderia ser obra dela, ingeri a medicação e bebi todo o conteúdo do copo em um piscar de olhos.

Perdida no tempo e espaço, apanhei o celular que também estava sobre a mesa de cabeceira e quase caí sentada ao notar que quase vinte e quatro horas haviam se passado desde que mais uma bomba tinha explodido em minha vida e eu comecei a beber de maneira inconsequente para tentar esquecer tal acontecimento.

Com pensamentos confusos e um tanto quanto tumultuados, me senti

aliviada por ser sábado à tarde e eu não precisar ouvir um sermão ou encarar James, que até onde eu conseguia me lembrar, foi quem me encontrou bêbada na adega.

Mais uma vergonha para a minha lista.

Como se pudesse me rastrear a metros de distância, Nora surgiu no hall de entrada com um olhar preocupado assim que meus pés alcançaram o último degrau da escada.

— Que bom vê-la desperta, já estava preocupada. Como se sente, Stella? — perguntou baixinho, respeitando minha ressaca.

— Eu diria que imagino como pessoas atropeladas por trens se sentem. — Tentei sorrir, me arrependendo logo depois, quando uma pontada mais forte se fez presente em minhas têmporas.

— O que acha de comer um lanche leve à beira da piscina? Está um bonito dia lá fora, acredito que isso lhe fará bem.

Embora o meu desejo fosse de retornar ao quarto escuro e permanecer me fingindo de morta para o mundo, acabei por aceitar a sua sugestão. Ajeitando melhor os óculos escuros que eu vinha usando antes mesmo de deixar o quarto, caminhei através do extenso corredor, me encolhendo de maneira inconsciente ao passar diante da adega, e por fim cheguei aos fundos

do casarão.

Apesar de já estar ocupando um lugar naquela casa há semanas, eu só havia ido até ali uma única vez e encarando o belo jardim, composto também por árvores tão densas quanto as que havia na parte baixa da propriedade, me senti estúpida por não estar aproveitando o lugar da maneira que deveria.

Depois de ocupar uma das mesas de jardim com guarda sol à beira da piscina, não precisei esperar mais do que um minuto antes de Justine aparecer, seguida por Nora, me trazendo uma enorme porção de comida que eu não seria capaz de comer.

— Muito obrigada por isso e... bem, por cuidarem de mim ontem — dei de ombros, tentando mascarar tanto quanto possível a vergonha que sentia.

— Não há nada para se desculpar, é compreensível que precisasse extravasar de alguma maneira.

Apesar de se manter calada alguns passos atrás da governanta, Justine sorriu em concordância com a amiga.

— Sabem que não precisam passar a mão em minha cabeça, certo? — Diante da concordância de ambas, continuei. — Vocês não deveriam estar descansando?

— Sim, mas sabíamos que poderia precisar de nós então decidimos

estar aqui ao menos até que estivesse desperta.

Confessou, parecendo um tanto desconfortável.

— Eu sou muito grata a tudo que fizeram por mim, incluindo as partes que não me recordo, mas agora quero que vocês descansem. Posso me manter viva até segunda-feira e prometo que a cena de ontem não irá se repetir.

— Stella... — começou Nora, um tanto relutante.

— É um pedido sincero, quero que descansem e aproveitem o final de semana. Não ficarei em paz comigo se souber que tirei isso de vocês.

Mesmo não se mostrando de acordo com meu pedido, ambas se viram sem alternativa que não fossem aceitar meu pedido. Depois de Nora me fazer prometer ingerir bastante água e Justine me informar que havia deixado algumas comidas já prontas na geladeira, ambas se foram, me deixando sozinha.

Sem pressa alguma, comi algumas das coisas que haviam sido colocadas sobre a mesa diante de mim e quando me dei por satisfeita, voltei minha atenção para o ambiente à minha volta. Contagiada pelo bonito dia de verão, levei as sobras de comida de volta para cozinha e guardei o que ainda poderia ser aproveitado. A seguir, subi as escadas e fui até o meu quarto. Franzindo o nariz, constatei que o cheiro de álcool ali dentro não era nada

agradável, então atravessei o cômodo e abri as janelas para que o ar se renovasse.

Um pouco mais satisfeita, apanhei um biquíni preto em uma das gavetas que eu havia ocupado na cômoda, me despi do pijama que usava, embora não tivesse qualquer recordação de tê-lo vestido no dia anterior e coloquei a roupa de banho. Munida de toalha, protetor solar, um chapéu de aba larga, um livro e meu inseparável celular, retornei aos fundos do casarão decidida a colocar uma pedra nos últimos acontecimentos, ao menos por ora, e aproveitar o restante do dia para me cuidar.

Depois de ocupar uma espreguiçadeira posicionada sob a sombra, tomei coragem e chequei meu celular. Ignorando toda e qualquer notificação que não pertencia a pessoas de minha confiança, abri o histórico de mensagens de Gabby, que no início havia surtado diante de meu sumiço repentino e posteriormente dizia ter falado com Nora, que a havia tranquilizado. Minha amiga ainda me informava que havia falado com mamãe e a tranquilizara também.

Tomada pela culpa, respondi as mensagens de ambas, informando-as que estava bem, mas que me manteria “off” durante todo o final de semana. Colocando o celular de lado, apanhei o protetor solar e passei a aplicá-lo em minha pele.

Distraída demais com tantos pensamentos que eu lutava para afastar desde que havia saído da cama, só percebi que tinha um invasor no jardim quando já não havia muito o que fazer para me proteger do ataque.

Como uma fera selvagem, o cão de porte médio e pelagem cinza e branca sequer deu tempo de eu assimilar sua presença antes de me atacar com seus beijos caninos extremamente babados. Transformando o riso de nervoso pelo susto em felicidade genuína, levei a mão limpa ao seu pelo macio e cocei sua cabeça.

Com os profundos olhos azuis que se assemelhavam a geleiras, porém livre de qualquer frieza, o cachorro parecia feliz em me encontrar, tanto quanto eu me sentia naquele momento. De repente, tudo à minha volta desapareceu, bem, ao menos até sermos atrapalhados.

— Snow! — James chamou, fazendo com que nós dois parássemos com a nossa pequena festa e o encarássemos. — Eu disse que era para ficar no carro — falou em um tom firme, que passou despercebido pelo cão feliz, que voltou a lambear meu rosto.

— Me parece que você está sem moral com ele — graciei, deslizando a mão por toda a coluna do cachorro, que seguia abanando sua cauda.

— Quanto a você, vejo que já está recuperada... — comentou,



atravessando o espaço que havia entre nós.

No instante em que senti minhas bochechas se aquecerem de vergonha, James deve ter notado o tom de vermelho que as tingiu, porque assim que parou diante de mim, tratou de se corrigir:

— Desculpe, a intenção não era ser crítico — esclareceu, parecendo arrependido. — E me desculpe pelo mau comportamento dessa criatura — completou, encarando Snow, que se acomodou no pouco espaço que restava na espreguiçadeira e colocou a cabeça sobre minhas pernas.

— Não se desculpe por Snow, essa surpresa será a melhor parte do meu final de semana.

Como se compreendesse minhas palavras, o cão cutucou minha perna com seu focinho, exigindo a atenção que seu dono havia roubado ao se aproximar.

— Apesar de ser muito oferecido, ele parece bem à vontade com você.

— Snow e eu somos amigos há bastante tempo, bem, desde que estive na cidade para a leitura do testamento e o encontrei do lado de fora do mercado.

— Com essa carinha de feliz, ele é um tremendo conquistador.

— Talvez você deva aprender algo com ele e parar de andar por aí de cara fechada — alfinetei, com um sorriso nos lábios.

Esperando por uma de suas usuais respostas duras, acabei pega de surpresa quando me vi diante de um James relaxado, que estava rindo de meu pequeno ataque.

— O que foi? — exigi, sabendo que não havia sido para tanto.

— Você me disse algo parecido ontem... — deu de ombros, enquanto sua expressão leve se transformava, tornando-se entristecida — Mas ainda é difícil lidar com o luto, sabe? Algumas manhãs me esqueço que ao abrir a porta do escritório não o encontrarei sentado à minha espera... Bem, ao menos ele deixou alguém tão geniosa quanto para me manter entretido com as discussões matinais.

Que James era alguém discreto e um tanto recluso não era nenhuma novidade para mim, mas vê-lo baixar a guarda e falar de seus sentimentos por meu avô, admitir que parte de seu jeito rude e impaciente se devia ao luto e ao fato indireto de eu estar fazendo um pequeno caos em sua vida, fez com que meu coração se amolecasse e eu me colocasse em seu lugar, tentando estimar uma mínima fração da dor que seria perder alguém que havia sido tão importante.

— Me desculpe, eu não sabia... — comecei, antes de ser interrompida

por um discreto aceno negativo — E sobre ontem minhas lembranças vão apenas até o momento em que abri a porta da adega para você, depois disso, é tudo uma grande confusão.

— Eu imaginei que seria assim — declarou ao voltar a sorrir, sustentando meu olhar por meio segundo antes de desviar.

— Obrigada por me encontrar, quem sabe o que Nora teria passado comigo estando lá dentro, se você não tivesse aparecido logo. — Dei de ombros. Tomada por uma nova onda de timidez, completei. — Espero não ter feito nada do que deva me envergonhar.

— Você até que é uma bêbada divertida, ao menos até vomitar em meus sapatos.

Mortificada com a sua revelação enquanto ele parecia se divertir com isso, notei pela primeira vez desde que havia se juntado a mim instantes atrás, que seus trajes habituais de camisa, calça e botas haviam sido deixados de lado e substituídos por uma bermuda, camiseta e tênis.

— Parabéns, senhor Preston, se eu acabei com seu ego, você acaba de enterrar a minha dignidade.

— Devemos voltar à formalidade, senhorita Davis?

— Me diga você... — desafiei, encarando-o por detrás das lentes

escuras sem deixar de acariciar Snow.

— Depois de ontem? Não mesmo, Stella. — Sorriu enigmático, como se soubesse de mais coisas do que estava disposto a compartilhar comigo.



## Capítulo 14

Depois de informar que a sua ida até ali tratava-se apenas de questões profissionais, pois precisava de alguns papéis nos quais gostaria de trabalhar durante o final de semana, justificativa da qual eu não acreditei nem por um segundo, James anunciou sua partida, que se mostrou frustrada após ser ignorado por um cachorro esmagado entre a espreguiçadeira e meu corpo, com a cabeça apoiada sobre minhas coxas, ganhando carinho.

— Você não colabora em nada para que ele me obedeça.

Ao perceber que não conseguiria ir embora naquele momento, ele se deu por vencido e então ocupou a espreguiçadeira ao lado da minha, onde se recostou confortavelmente.

— Não me culpe por isso, eu acabo de ser traída, James, tenha um pouco de compaixão — choraminguei, ganhando uma risadinha como resposta.

— Você é boa.

— Como?

Um tanto confusa por sua afirmação, desviei os olhos da convidativa

piscina diante de mim e voltei minha atenção para ele, que parecia observar o mesmo que eu, instantes atrás.

— Você é uma boa atriz. Eu sei que você foi verdadeira em suas palavras, mas é difícil saber o quanto delas é a Stella falando ou uma possível personagem que você criou para não precisar lidar com o peso da realidade.

Em um primeiro momento a minha vontade foi de sorrir e desconversar, mas ao pensar em agir assim, eu estaria fazendo o que ele havia pontuado. Desejando não ter que me diminuir ou reprimir meus reais sentimentos, apenas o encarei e disse:

— Puta que pariu, James, você tem um diploma de psicologia que por acaso eu desconheço?

Ele era um maldito observador, e se eu já não soubesse disso antes, teria me surpreendido. A verdade é que não era muito comum que as pessoas conseguissem me ler dessa maneira. Ou elas julgavam que eu estava atuando, mesmo quando eu não estava, ou que eu estava sendo honesta cem por cento do tempo, o que também não era uma verdade absoluta.

— Stella Davis colocando as garras de fora, isso só está ficando mais interessante.

— Isso tudo é por que eu soltei um palavrão? Acredite, você ainda

não viu nada — provoqueei, lhe arrancando uma gargalhada, que fez com que eu me sentisse bem.

Algum tempo depois, quando Snow incomodado com o calor deixou a cadeira que dividíamos e foi ocupar um lugar no gramado, aproveitei para me levantar, alongar as pernas que haviam sustentado o peso por tanto tempo e buscar algumas bebidas para nós. Ao retornar à parte externa da casa com uma pequena bandeja contendo uma jarra de suco de laranja que eu havia pego na geladeira, dois copos e alguns petiscos, encontrei James sentado à beira da piscina com os pés submersos na água. Sem pensar duas vezes, me juntei a ele.

Em meio a uma conversa leve e divertida, livre de nossa habitual troca de farpas, James aproveitou para me contar um pouco sobre meu avô. Entretida com suas histórias e companhia, só percebi o quanto as horas haviam se passado quando a brisa fria do final da tarde começou a soprar.

— É melhor você entrar ou vai acabar adoecendo. Eu também já vou indo...

Comentou, me olhando dos pés à cabeça, conforme eu me coloquei de pé ao seu lado. Fingindo não notar, embora o gesto tenha causado um efeito positivo em meu ego ferido, me aproximei da espreguiçadeira onde a toalha de banho havia sido deixada e me enrolei nela.



— Está com fome? Já faz tempo desde que comemos... — comentei, olhando a bandeja vazia.

Ele ponderou por um instante sobre minha pergunta, que na verdade era bem simples, mas acabou admitindo que sim, então tratei logo de convidá-lo a ficar e dividir o jantar comigo.

Sem saber se estava fazendo aquilo por mim, em uma tentativa de evitar ficar sozinha, ou por ele, que precisaria providenciar o jantar quando chegasse a sua casa, acabei ficando satisfeita quando meu convite foi aceito. Acompanhados por Snow, que caminhava ao meu lado, fazendo seu pelo macio roçar contra minhas pernas, entramos no casarão.

Quando chegamos à porta da cozinha, James ordenou que o cachorro se deitasse junto à porta, seus olhos esperançosos então se voltaram para mim, mas eu achei por bem concordar. Sem dúvidas, Justine nos mataria se encontrasse algum vestígio dele ali.

Fungando desapontado, ele acabou obedecendo, deitando-se com a cabeça apoiada sobre as patas dianteiras.

— Não sei por que imaginei que você prepararia algo para o jantar — provocou, quando me viu abrir a geladeira e inspecionar o conteúdo.

— Fique você sabendo que eu tenho algumas habilidades. O que acha

de macarrão com queijo? — ofereci, fechando a geladeira às minhas costas.

— Duvido que consiga fazer um melhor do que o meu. — Sorriu, recostando-se contra a ilha da cozinha.

Aceitei o desafio e fui até a dispensa, apanhando um pacote de macarrão. De volta a cozinha, retirei uma panela média de dentro de um dos armários, aos quais eu estava um pouco familiarizada, a enchi com água e a posicionei sobre o fogão.

A caminho da geladeira, disparei um olhar rápido na direção de Snow e de James e constatei que eu estava no centro da atenção de ambos. Lhe questionando em silêncio com um arquear de sobrancelhas, obtive como resposta um dar de ombros e um discreto sorriso.

— Atento como está a cada um dos processos, parece mais que você quer aprender como se faz.

— Aí é que você se engana, só estou curioso, afinal de contas, não é sempre que uma atriz de Hollywood cozinha para mim.

Dispensei seu comentário com um aceno e passei a cortar o queijo enquanto aguardava a água levantar fervura, o que não demorou a acontecer. Assim que uma porção generosa de sal foi misturada a ela, acrescentei a massa. Usando uma outra panela limpa, iniciei o preparo do molho colocando

uma porção de manteiga para derreter.

— As comidas usadas em cena são reais?

Me diverti em poder revelar para ele enquanto cozinhava, parte do mundo das gravações, e assim como vinha fazendo com Nora e Justine, passei a lhe contar alguns dos segredos enquanto dava andamento à receita, que na verdade nem possuía tantos processos assim.

Com tudo pronto e o fogo desligado, apanhei um refratário de vidro no armário, coloquei o macarrão dentro dele e então despejei o molho, que conforme observei, fez os olhos de James brilharem.

— Vinho para acompanhar?

— Deus, não, tudo menos isso! — resmunguei.

Ele se divertiu com minha recusa e também optou por suco de laranja. Dispensando as formalidades, James e eu nos servimos e ficamos acomodados ali mesmo ao redor da ilha. Com as expectativas elevadas, aguardei ansiosamente até que ele saboreasse a primeira porção.

— Hum, isso está muito bom — considerou —, mas não melhor do que o meu.

— Até que eu prove o seu macarrão, o meu continua sendo superior.

— Isso é algum tipo de competição?

Apesar de seu olhar sério, eu sabia que James estava se divertindo com isso tanto quanto eu, por isso não hesitei em dizer:

— Não era, mas acaba de se tornar!



Quando James e seu companheiro foram embora já passava das oito da noite, então tomei um longo e relaxante banho, coloquei roupas confortáveis e me vi sem nada para fazer.

Caminhei sem rumo pelo lugar em busca de qualquer mínima distração, até me ver parada diante de uma das portas que eu havia classificado como zona proibida logo após a minha chegada. Depois de ponderar por um instante com a mão na maçaneta, abri a porta e entrei no quarto.

Era a primeira vez que eu entrava ali. Ligando as luzes, olhei o espaço todo a minha volta, absorvendo cada um dos detalhes que saltavam aos meus olhos, desde as paredes claras em um tom de pêssego, à mobília branca, até a cama que com um belo dossel parecia ter pertencido à uma princesa.

Avancei alguns passos para dentro e notei de imediato que o quarto

estava limpo, bem arejado e com as roupas de cama novas, o que só provava que apesar de todos esses anos, mesmo agora que minha mãe estava morta e meu avô também, ela era esperada em seu antigo lar, assim como eu havia sido, após ele ter conhecimento de minha existência.

Sentei-me na beirada da cama, peguei o porta-retratos disposto sobre a mesinha de cabeceira e olhei com atenção para a jovem estampada ali, sorridente, parecendo cheia de sonhos. Era possível a foto houvesse sido tirada pouco tempo antes de sua partida, já que suas feições se pareciam bastante com a foto do anuário.

— Como teria sido a nossa vida? — murmurei, deslizando o polegar sobre o vidro frio, antes de devolver o objeto ao seu lugar.

Ao abrir as gavetas do móvel, encontrei apenas alguns papéis que pareciam não ter muita importância. Então a minha inspeção foi direcionada às gavetas da cômoda, que como imaginei, estavam vazias, afinal de contas, a essa altura as peças já estariam desgastadas pelo tempo.

Com apenas um móvel restando em minha inspeção, me aproximei da penteadeira e me sentei no banco diante dela. Cuidadosamente organizados, alguns de seus objetos pessoais permaneciam ali, como perfumes e alguns cremes. Sem saber se tinha o direito de fazer aquilo, abri o pequeno porta joias e dos poucos itens em seu interior, apenas um deles me chamou atenção.

Sem nem mesmo pensar, afundei meus dedos dentro do objeto e pesquei o relicário oval. Apesar da prata estar opaca pelo tempo sem polimento, a peça adornada por desenhos de videiras era muito bonita. Depois de destravar o fecho e abrir a peça, encontrei a foto daqueles que eu já sabia serem meus avós.

Prestes a fechar a caixinha com o colar em mãos, um recorte de papel escondido no fundo chamou minha atenção. Afastando brincos e anéis, raspei as unhas no fundo até conseguir erguer uma beiradinha e segurá-lo com as pontas dos dedos. Assim que compreendi que era aquilo, meu coração falhou uma batida.

A julgar pela maçã caramelada em uma das mãos de minha mãe e o garoto sorridente sentado ao seu lado, que mal conseguia desviar sua atenção da bela garota junto de si, percebi que o que tinha em minhas mãos era uma foto de meus pais, tirada em uma antiga cabine fotográfica de algum parque.

*“Eles eram jovens e apaixonados e eu não queria que ela se privasse de certas experiências, de seus estudos, por um namoradinho. Quando Alessandra fugiu no meio da noite, eu soube que havia cometido um erro ao tentar impedi-la de viver seu primeiro amor. Eu esperei por seu retorno na noite seguinte e em todas as outras que sucederam àquela, carregando comigo um arrependimento que perdurou pelos últimos trinta anos.”*

Incapaz de devolver ao esquecimento aquela parte de meu passado, especialmente após me recordar das palavras de meu avô escritas na carta que me havia sido deixada, e que tornaram o amor de meus pais nítido naquela fotografia, fechei a caixa, saltei da banquetta e saí às pressas do quarto, levando comigo uma pequena lembrança da família que não pude ter.





## Capítulo 15

— Vire a página, Davis.

— O que? Ah, sim... — Sorri sem graça ao ser flagrada por ele encarando a mesma folha por tanto tempo.

— Não essa, a de sua vida.

Deixando um suspiro audível escapar, me acomodei melhor na cadeira antes de responder.

— Não dá para esquecer dois anos em dez dias, James.

— Talvez daqui há dez anos você não tenha esquecido tudo o que viveu com ele, a questão não é essa, mas sim o sofrimento que você tem se auto infligido. Você pretende perdoá-lo e tentar reatar o relacionamento? — Diante de minha negativa muito sincera, ele continuou: — Então vire a página, aposto que para a mídia isso já é notícia velha, ninguém mais lembra, você também não deveria.

— Não é assim tão simples.

— Você tentou superar tudo isso? Tentou de verdade?

Com a ferida em meu peito reclamando, porque ele a acertara em cheio com seus questionamentos, coloquei o livro fechado sobre a mesa e me virei em sua direção. Sem saber o que responder, uma vez que meu único pensamento no momento envolvia correr para os braços acalentadores de minha mãe, permaneci lhe encarando.

— O expediente está encerrado por hoje — disse categórico, após me ver abrir e fechar a boca algumas vezes sem pronunciar nada.

— Mas ainda são... — falei, verificando as horas em meu relógio e constatando que ainda faltava algum tempo até o almoço.

— Não tem problema quanto a que horas são, Davis, eu estou dizendo que o trabalho no escritório acabou por hoje.

Consciente de que tentar argumentar com ele seria um completo desperdício de tempo, apenas dei de ombros e me levantei, enquanto um murmúrio de *“é pior do que eu pensava”* escapou de seus lábios.

Não sentindo a mínima vontade de lhe responder, saí de trás da mesa que compartilhávamos e comecei a caminhar em direção à porta, quando sua voz me deteve.

— Coloque roupas confortáveis e tênis.

— Você está muito mandão para o meu gosto, senhor Preston.

Por mais que houvésssemos concordado em deixar o tratamento formal de lado, vez ou outra eu ainda o chamava daquela maneira apenas para lhe provocar. Eu me divertia fazendo isso.

— Por favor? — Pediu, fazendo uma daquelas expressões as quais não se conseguia negar nada ao outro.

Incapaz de recusar um pedido feito daquela maneira, deixei o escritório tentando imaginar o que James estaria tramando e segui em direção ao meu quarto. Não querendo deixá-lo esperando por mim, o que só lhe daria mais motivos para me chamar pelo irritante apelido “senhorita Hollywood”, rapidamente troquei a calça jeans por uma de yoga. A blusa de tecido fino foi substituída por um top preto e camiseta branca e nos pés, um tênis confortável.

Já com o cabelo amarrado e o celular guardado na braçadeira, deixei o quarto pronta para descer as escadas o mais rápido possível, mas assim que vi a porta em frente à minha se abrir e James sair do quarto usando camiseta, bermuda e tênis, algo muito diferente do que ele usava instantes atrás, me detive.

— Encontrou essas roupas perdidas aí?

— Hum, na verdade não, eu as deixei guardadas aqui há algum tempo. — Deu de ombros, parecendo um tanto sem graça enquanto

caminhávamos em direção a escada. — Eu costumava usar esse quarto quando seu avô estava doente, acabei dormindo aqui algumas vezes para fazer companhia a ele e bem, deixei uma coisa ou outra aqui.

— Hum... certo.

Eu não sabia ao certo o que pensar sobre isso. Apesar de jovem e sem qualquer ligação sanguínea com meu avô, James havia sido muito presente na vida dele, havia se doado e lhe acompanhado até o último suspiro. Embora não conhecesse nada de meu avô além do que constava na carta e do que James e Nora me deixavam saber, eu me sentia grata por Vincenzo não ter ficado sozinho quando a hora dele chegou, mesmo tendo sido o responsável por se colocar em tal situação, quando decidiu não buscar por sua filha.

— Até agora, eu não tinha usado o quarto nenhuma vez desde que você chegou — declarou, interpretando errado meu silêncio. — Se quiser, posso desocupá-lo hoje mesmo — completou.

— Ah, não precisa se preocupar com isso, bem a menos que queira. Na verdade, estava pensando no que fez por meu avô... Obrigada por não o deixar sozinho, não havia nada que eu pudesse fazer na época, já que não sabia dessa minha origem, mas fico feliz e agradecida por você estar aqui para ele.

Sem saber como responder ao meu agradecimento, ele apenas meneou

a cabeça e permaneceu calado até chegarmos ao lado de fora do casarão. Se aproximando da caminhonete, James abriu a porta do passageiro para mim e enquanto eu sorria em apreciação ao seu gesto cortês, ele a fechou e deu a volta no veículo, ocupando o assento do motorista.

— Não deveríamos pegar água e algum lanche?

— Nora e Justine já providenciaram tudo — explicou, apontando para a mochila no banco traseiro.

— Eu deveria me preocupar com o que você está planejando?

— Já dei motivos para isso? — provocou, exibindo um discreto sorriso torto.

— Sempre tem uma primeira vez — ponderei, tentando me agarrar à esperança de que se ele fosse aprontar alguma, não seria naquela oportunidade.



James estava fazendo um excelente trabalho em me distrair falando sobre amenidades, quando uma notificação do meu celular nos interrompeu. Sabendo que as únicas pessoas a mandarem mensagens seria Gabby ou minha

mãe, uma vez que eu havia deixado de usar o número antigo e adquirido um novo, por estar sendo perturbada com mensagens e ligações indesejadas, achei por bem verificar.

*“Como está se sentindo hoje?”*

*“Melhor, eu acho...”*

Desde que James havia me tirado de dentro do casarão e começado a dirigir através de uma das belas paisagens que nos rodeava, parte daquele sentimento esquisito que vinha crescendo em meu peito se dissipou.

*“Stella, me desculpe por ser invasiva, eu entendo que você precisa digerir a coisa toda e como já conversamos, Dra Sarah se mostrou disposta a ir até você ou fazer uma vídeo chamada para conversarem, mas neste momento, eu preciso que você dê sinal de vida nas redes”.*

*“Eu não sei se estou pronta, Gabby :(“*

*“Não precisa ser nada muito elaborado, você sequer precisa mostrar seu rosto, só deixe as pessoas saberem que você está se recuperando, há quem se importe com você...”*

*“Prometo tentar”*

*“Obrigada, me deixe saber se precisar de algo, qualquer coisa mesmo”*

“ .: \* “

— Está tudo bem?

— Vai ficar — falei em um tom otimista, tentando acreditar em minhas palavras.



Eu soube que a curta viagem de carro havia chegado ao fim quando James estacionou a caminhonete em uma área próxima à que havíamos visitado algum tempo atrás, durante um passeio a cavalo, e desligou o veículo.

Depois de abrir a minha porta e apanhar a mochila no banco de trás, nós nos embrenhamos em uma trilha estreita por entre as árvores e seguimos caminhando em silêncio, que era quebrado apenas pelos sons da natureza que nos rodeava.

— Nós vamos até o riacho? — questionei após algum tempo de caminhada.

— Um pouco mais além, eu diria... Hey, cuidado — alertou, segurando-me pelo braço quando pisei sobre uma pedra solta e quase

escorreguei.

— Obrigada — sorri após me firmar, voltando a acompanhá-lo —, Gabby me pediu ainda a pouco que eu postasse uma foto para mostrar que estou bem, se eu caísse e me arrebentasse seria no mínimo interessante tentar dizer que estou bem...

— Veja só, humor mórbido... Você me diverte, Stella.

Sem dar ouvidos a outras de suas provocações, seguimos explorando a trilha íngreme até chegarmos a uma pequena planície cercada por grandes árvores e uma vegetação rasteira, onde James decidiu parar e descansar, mas antes que pudéssemos nos acomodar, minha atenção foi atraída pelo som não muito distante de uma queda d'água.

— Isso é o som de uma cachoeira?

— Algo perto disso... Você quer ir até lá?

— Eu gostaria.

Animada com a descoberta, sequer reclamei de ter que andar um pouco mais, apesar do calor que fazia. Quando chegamos, a visão do lugar encheu meus olhos. Como ele havia dito, não era uma grande cachoeira, mas uma modesta queda d'água, com algumas pedras ao redor e um lago com águas claras, que escoava formando o rio que eu já conhecia.



— Eu jamais imaginei que encontraria algo assim aqui.

— A região toda tem algumas belezas escondidas, a maioria delas só sabe quem é daqui ou mora a bastante tempo.

— Sorte a minha ter um bom guia.

— Sinta-se privilegiada. — Piscou, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

Enquanto eu apreciava o espaço a nossa volta e desejava me lançar sobre a cachoeira para aplacar o calor, James colocou a mochila que vinha carregando sobre uma pedra próxima de si e em seguida removeu a camiseta. Instintivamente desviei o olhar para outra direção.

— Está com fome? Justine preparou alguns lanches.

Certa de que não conseguiria evitá-lo, uma vez que estávamos apenas nós dois ali, acabei me aproximando e pegando o sanduíche oferecido por ele. Escolhendo um lugar à margem do lago, retirei os tênis que calçava e me sentei em uma pedra, James se juntou a mim pouco depois.

Como de costume, comemos em silêncio, apenas apreciando a vista enquanto eu sentia minhas energias se renovarem por estar em meio a natureza. Observando tudo ao redor com uma nova perspectiva, ponderei atender ao pedido de Gabby fazendo uma fotografia ali.

— Preciso de um favor!

— Agora sou eu que te pergunto, devo me preocupar?

— Só preciso que tire uma foto minha, quero aproveitar a direção da luz. — Me encarando com uma expressão de quem não entendia nada do que eu estava dizendo, resolvi simplificar. — Vou me sentar de frente para o lago lhe dando as costas, você se afasta um pouco e me fotografa, certo?

Pouco à vontade com a situação, ele retirou o celular de minha mão e conforme eu havia orientado, caminhou alguns passos para longe. Sentada sobre a pedra achatada com as pernas cruzadas e a coluna ereta, fechei os olhos apreciando o momento e esperei até que ele retornasse.

— Veja se ficou boa — disse baixo, próximo de meu ouvido, me fazendo sobressaltar ao não notar sua aproximação.

Peguei o celular de sua mão, olhei na galeria de imagens a foto tirada por ele e precisei de muito autocontrole para não sacaneá-lo, uma vez que estava me fazendo um favor. Mesmo estando em uma posição favorável a luz, James não apenas havia conseguido fazer com que a foto saísse escura, como também em um ângulo ruim.

— Por Deus, James, você morreria de fome se precisasse ser fotógrafo para viver — provoquei, incapaz de deixar passar. — Sente-se aqui,

vou tirar uma foto sua e você reproduz.

— Se você soubesse o quanto detesto esse tipo de coisas, não me pediria isso.

— Deixe de ser reclamão e me ajude, por favor.

Apesar de não parecer muito convencido, ele atendeu ao meu pedido. Com o celular em posição, eu o assisti se sentar em uma pose parecida com a minha, porém, de frente para mim, tendo a cachoeira ao fundo. Tentando não observá-lo através da tela além do necessário, ergui o aparelho na altura de meu rosto, girei um pouco para a direita e pressionei o botão, assim que a imagem capturada apareceu na tela, um James sem graça e um tanto tenso me encarava.

— Vamos lá, só mais uma por garantia, quero testar outro ângulo. Fique em pé — pedi, vendo-o revirar os olhos enquanto me obedecia — deixe os braços relaxados ao lado do corpo, incline a cabeça um pouco para a esquerda com o queixo erguido e olhe para mim.

— É sério, isso?

— Preston! — o repreendi.

Sem precisar de novas instruções, James parou na pose que eu havia lhe instruído. Presa na intensidade do olhar que ele direcionava para a

câmera, levei um segundo ou dois para me lembrar de que precisava pressionar o botão para fotografá-lo. Assim que o fiz e sua imagem congelada apareceu na tela, elogiei:

— Ok, o talento que te falta como fotógrafo te sobra como modelo.

— Deixe de besteira — exclamou.

Depois de orientá-lo sobre como gostaria que a foto fosse feita, ocupei o lugar na pedra com as costas voltadas para ele e torci para que dessa vez o resultado fosse melhor. Quando ele informou que o primeiro registro havia sido feito, mudei de posição.

Ao me acomodar de frente para ele, deixei uma perna esticada à minha frente e dobrei a outra. Coloquei as mãos para trás espalmadas sobre a pedra, sustentando o peso de meu tronco, girei o rosto para o lado e passei a admirar uma árvore mais adiante, enquanto sentia meu corpo reagir de maneira curiosa pelo simples fato de estar sob o olhar atento de James.

— Ficou boa? — perguntei, alguns segundos mais tarde quando ele nada disse.

— Ah, sim... Hum, me deixe tentar mais uma vez.

Apesar de me sentir inquieta, mantive a postura até ele se reaproximar instantes depois. Sorrindo agradecida, peguei o celular e verifiquei as fotos

feitas por ele.

— Muito bem, ainda há salvação para você.

— Deixe de ser abusada, Davis — alertou, afastando-se alguns passos.

Dentre as opções, escolhi a segunda foto, na qual eu aparecia um pouco mais, porém mantinha uma expressão tranquila, fiz uma mínima correção de cores na imagem com um aplicativo, abri minhas redes sociais, carreguei a foto e comecei a escrever um pequeno texto. Antes que eu chegasse ao fim, o som de algo se chocando contra a água me assustou. Olhando naquela direção, assisti James submergir de dentro do lago com o sorriso de um garoto.

— Você deveria tentar.

— Eu não trouxe biquíni — lamentei, encarando a convidativa queda d'água.

— Que pena, vai perder toda a diversão.

Frustrada, terminei de redigir o texto mais honesto que eu conseguia escrever nesse momento e o publiquei, antes de devolver o aparelho à bolsa e olhar ao meu redor. Como se fosse o dono do lugar, James boiava tranquilamente de barriga para cima no centro do lago.

Tomada por uma inquietação de querer aproveitar o momento, deixei de lado a timidez que não sentia há muito tempo e que acreditei ter desaparecido por completo após todos esses anos atuando, agarrei a barra da camiseta e a retirei, ficando apenas de top de ginástica.

Agradecida por estar usando uma calcinha preta simples, de tamanho razoável e sem grandes frescuras, deslizei a calça por minhas pernas tentando não pensar muito a respeito do que estava fazendo. Assim que a recolhi do chão, encontrei o olhar de James, que mais do que depressa virou o rosto após ser descoberto.

Apesar de estar afundada em minha bolha de sofrimento nos últimos dias, não pude deixar de notar a mudança em nossa dinâmica no decorrer das últimas semanas. Aos poucos, as conversas amistosas se sobrepuseram às trocas de farpas e os olhares que antes não demonstravam nada além de irritação, agora carregavam uma pitada de curiosidade e algo que eu não sabia nomear.

Tão rápido quanto esses pensamentos surgiram enquanto eu me aproximava da margem, fiz com que eles desaparecessem, já que não tinham qualquer sentido.

— É melhor entrar de uma vez.

— Está gelada?

— Ouça o meu conselho — insistiu.

Um tanto temerosa, recuei alguns passos antes de avançar com um pouco mais de rapidez. Quando cheguei à beira do lago, saltei para dentro e a sensação foi de ter algumas facas sendo cravadas em meu corpo.

— Porra, James!

— Finalmente você está de volta, senhorita Hollywood — provocou, erguendo os braços acima da cabeça como se estivesse agradecendo aos céus. — Só para você saber, prefiro essa versão.

— A que te xinga?

— A que não parece um zumbi.

Apesar de saber que estava letárgica ao longo de todos esses dias, até aquele momento não havia parado para pensar no quanto isso afetava as pessoas a minha volta. Prometendo a mim mesma que não retornaria àquele estado, aproveitei o restante da tarde sem pensar no amanhã, eu estava cansada de sofrer por todas mentiras que me foram contadas.





## Capítulo 16

— *Já olhou os comentários na publicação que fez ontem?* — perguntou Gabby, antes mesmo de saudar.

— Eu mal abri os olhos, Gabby. Bom dia.

Depois de ter um dia divertido e cansativo em iguais proporções na companhia de James, tudo que eu havia conseguido fazer depois de retornar ao casarão foi jantar com Justine e Nora, tomar um banho e então cair no sono.

— *Hum, mas de qualquer forma, seu alarme já estava prestes a tocar.*

Certa de que ela não me deixaria voltar a dormir por mais cinco minutos que fosse, contive o resmungo de frustração, abri os olhos e deixei a confortável cama para trás.

— Devo me preocupar com o que vou encontrar na publicação?

— *De maneira alguma, a resposta foi bem positiva, sugiro até que você aproveite isso em seu favor e interaja mais com seus seguidores.*

— Certo, nos falamos mais tarde.

Após encerrar a chamada e cuidar de minha higiene matinal, fiz o que foi sugerido por Gabby e fui verificar as respostas à minha postagem. Eu sequer havia passado do segundo comentário quando as lágrimas começaram a deslizar por meu rosto. Independente do que Dylan havia feito, do hiato forçado no qual minha carreira estava e o meu sumiço das redes sociais potencializado por minha mudança de L.A para Napa, meus fãs e seguidores estavam me oferecendo não apenas apoio, mas amor gratuito.

Havia algumas mensagens curtas, outras mais longas, mas o ponto em comum entre todas era a energia que emanavam, era o carinho transmitido naquelas palavras, até mesmo no simples emoji de coração. Pensando na única maneira possível de retribuir, abri as janelas deixando a luz da manhã entrar, me sentei em frente a penteadeira, posicionei o celular em um canto e iniciei uma transmissão ao vivo.

— É cedo demais para estar por aqui? — Sorri, me sentindo um pouquinho intimidada pela câmera. — Faz tempo que não apareço, eu sei, a minha vida deu um giro de cento e oitenta graus e parte disso vocês acompanharam, é por isso que estou fazendo essa transmissão. Preciso me arrumar para alguns compromissos do dia e decidi fazer isso junto com vocês, isso se houver alguém que caiu da cama tão cedo quanto eu.

Incerta se teria ou não uma resposta, peguei o frasco de creme facial,

coloquei uma porção na ponta dos meus dedos, apliquei em pontos do meu rosto e o espalhei. Nesses poucos segundos que deixei de falar, uma grande quantidade de seguidores foi se conectando e me enviando mensagens, participando do meu momento.

— Primeiramente, gostaria de agradecer a todos que se preocuparam com meu sumiço, mas eu precisava desse tempo. Agora que consegui colocar as ideias no lugar e digerir os últimos acontecimentos, estou de volta e muito grata por todo apoio e mensagens que vocês me enviaram. Acreditem, eu senti o amor e toda preocupação de vocês por mim.

Conforme fui aplicando meus produtos de cuidados e iniciando a maquiagem básica, aproveitei para ir respondendo as mensagens dos seguidores que estavam interagindo comigo e tentando ser o mais honesta possível sem revelar demais.

O nome de Dylan quase não foi citado e nas poucas vezes que isso aconteceu, fiz questão de ignorar. Depois da conversa com James, certas coisas se tornaram mais claras para mim e uma delas foi o fato de que meu namoro com o queridinho de Hollywood já não era mais a mesma coisa há algum tempo. Eu era a única negando o que estava bem diante de meus olhos. Mas agora que isso era uma página virada, eu estava conseguindo seguir em frente, um passo de cada vez.

Pouco mais de trinta minutos após o início da transmissão, ela terminou e eu prometi a mim mesma que faria isso mais vezes. Eu sentia falta das câmeras, de ter contato com o público e se essa era a única maneira que eu teria para suprir isso no momento, assim seria.

Gabby sem dúvidas ficaria feliz com a minha decisão.

O desejo de me cuidar e valorizar mais do que vinha fazendo nos últimos tempos, veio assim que me admirei no espelho ao final da maquiagem e, determinada a continuar me sentindo dessa maneira, revirei minhas roupas até encontrar algo que me agradasse.

Depois de quase dez minutos parada em frente ao armário sem saber o que vestir, optei por uma calça preta flare e uma blusa de alças finas em tom terroso, que valorizou o tom corado de minhas bochechas, adquirido por toda exposição ao sol no dia anterior. Satisfeita com a composição, calcei um par de sapatilhas pretas e saí às pressas do quarto.

A mesa já estava posta quando desci, um sinal de que estava atrasada. Tentando não tornar isso ainda pior, enchi a xícara com café, peguei algumas panquecas e fiz o possível para comer o mais rápido possível. Como eu não era assim tão sortuda, vi meus esforços perderem o sentido com a chegada de James minutos mais tarde.

— Já conheço o sermão, mas agora que estou atrasada de nada vai

adiantar reclamar, então sente-se e me faça companhia.

— Bom dia, Stella, acordou mandona.

— Tenho um bom professor, se chama James Preston, conhece o tal?

Sua resposta não tardou a chegar, sendo ela um revirar de olhos e um sorrisinho, antes de pegar uma xícara de café para si e se juntar a mim. Sabendo que a nossa escapada no dia anterior havia colocado parte de seu serviço em atraso, tentei não me demorar muito com as panquecas para não lhe prejudicar. Quando nos levantamos e seguimos para o escritório, levei uma dose extra de cafeína comigo.

Após uma manhã atarefada para James e tediosa demais para mim, que seguia analisando a burocracia da vinícola, me vi mais do que animada ao receber a notícia que acompanhariamos o recebimento de uma carga de novos barris. A essas alturas, após passar tantos dias lendo papéis antigos, eu me agarrava a qualquer pequena oportunidade de me ver longe de tais afazeres, o que só reforçava a minha falta de aptidão para lidar com a parte burocrática de qualquer negócio.

Por realizar um bom trabalho na vinícola ao longo dos últimos anos, concluí que seria uma completa estupidez de minha parte dispensar James da administração da vinícola. Surpresa por estar considerando isso como se fosse permanecer em posse da propriedade, deixei tais pensamentos para

outro momento e apressei o passo pelo longo corredor em direção à saída.

Assim que me juntei a James no interior da caminhonete, seguimos até a parte baixa da propriedade, porém, ao invés de se dirigir a área comercial onde uma pequena parte da produção e da adega encontravam-se abertas à visitação, ele tomou um rumo diferente, até uma construção anexa onde todo o restante encontrava-se armazenado.

Ao assumir a postura de homem de negócios que eu já havia conhecido em outros momentos, bem como a de guia particular, James me explicou toda a parte técnica dos barris enquanto assistíamos eles serem retirados do container e acomodados sobre os suportes em uma área mais ao fundo do galpão. Não sendo de extrema necessidade que supervisionássemos toda a entrega, uma vez que havia funcionários responsáveis por isso, retornamos ao casarão pouco tempo depois.

— De volta à rotina — provocou James, assim que descemos da caminhonete.

— Eu trocaria todos aqueles números à nossa espera por uma tarde na piscina. O que me diz, Preston? — ofereci, tentando soar o mais convincente possível.

— Ah, eu sei muito bem disso, Stella, pensa que não percebi a sua alegria ao se livrar da papelada?

Incapaz de negar sua observação, apenas dei de ombros e sorri conforme entrávamos na casa. Antes que pudéssemos ir mais adiante, o semblante preocupado de Nora, que agora caminhava em nossa direção, fez com que eu me detivesse e antes mesmo que ela dissesse uma única palavra, eu soube que havia algo muito errado.

— Stella, o senhor Maxwell está à sua espera — disse em um tom formal, enquanto me pedia desculpas com o olhar.

Diante de suas palavras, um calafrio que percorreu meu corpo, fazendo com que eu me encolhesse. Olhando para a sala logo adiante, na qual eu sabia que ele estava à minha espera, respirei fundo em uma tentativa de me preparar para o confronto, mas antes que eu pudesse ir até ele, Dylan atravessou a soleira da porta, me encontrando no hall.

Através de minha visão periférica vi quando Nora saiu de maneira discreta, por sua vez, James se manteve no mesmo lugar onde estava, a alguns passos atrás de mim.

— Dylan... O que faz aqui?

— Você não tem atendido às minhas ligações, então não me deixou uma alternativa que não fosse vir até aqui.

— Não temos mais nada para tratar, você poderia ter se poupado de vir

até aqui conversado diretamente com Gabby.

Embora James se mantivesse calado e imóvel com uma estátua, o desconforto que sua presença estava causando em Dylan não passou despercebida por mim.

— Eu queria pedir desculpas... Será que podemos conversar em particular? — questionou, encarando James pela primeira vez.

— Sério? Se desculpar? — Cruzei os braços sobre o peito, ignorando seu pedido. — Ou você é corajoso, Dylan, ou muito sem noção. Vamos lá, quer se desculpar pelos meses que passou me enganando? Por todas as mentiras que me contou, como a dos arranhões em suas costas ou apenas por ter sido flagrado beijando aquela que deveria não ser nada além de sua colega de trabalho?

— Stella, querida... — Avançou alguns passos em minha direção, fazendo-me recuar instintivamente e ficar mais próxima de James.

— Talvez algum dia eu até tenha sido a sua querida, Dylan, mas não mais — aproveitando sua falta de argumentos para analisá-lo, continuei: — Sabe o que eu acho, *querido*? — desdenhei. — Que seu pequeno deslize te deixou em maus lençóis com a produção e que ao invés de criar um hype para o lançamento do filme, vocês arruinaram tudo e estão prestes a serem boicotados pelos fãs.



— Stella... Não, não é nada disso, estou aqui porque me arrependi, não teve importância alguma para mim — declarou com a voz embargada, conforme tentava se aproximar.

— Você quer mesmo que eu acredite nisso, Dylan? — Gargalhei, admirada de sua ousadia. — É tudo tão previsível... Você vai me pedir para voltar esperando que eu diga publicamente que lhe perdoo. Então, dentro de alguns poucos meses você vai chutar a minha bunda e continuar com ela, não é? Pois bem, perdeu seu tempo. Dê o fora daqui, agora! — disse categórica, olhando-o com todo desprezo enquanto indicava a saída.

Munido de desculpas falsas e uma atuação que já não me convencia, percebi que o homem parado diante de mim não lembrava em nada, aquele que um dia havia sido doce e atencioso comigo

— Você não pode fazer isso comigo, Stella, não pode! — esbravejou, avançando de uma vez em minha direção.

Antes que Dylan pudesse se aproximar mais do que eu gostaria, James rodeou a frente de meu corpo com um de seus braços e me puxou para trás de si, colocando-se entre nós. Bombardeada pela onda de adrenalina, meu coração agora pulsava em um ritmo acelerado.

— Saia — James disse, usando um tom firme, frio como gelo, que eu nunca o vira usar antes.

— Saia você da minha frente, *cowboy*, meu assunto com ela ainda não terminou.

— Ela mandou você sair, é melhor obedecer.

— Dylan, não temos mais nada para conversar, vá embora — insisti, dando um passo para o lado, de maneira que conseguisse enxergá-lo.

Com uma frieza no olhar, Dylan alternou sua atenção entre James e eu, então sorriu como um tirano enquanto negava com um aceno, parecendo se divertir com algo que só fazia sentido em sua mente.

— É por causa dele, não é? Você é uma vadiazinha esperta, Stella, se referia a ele como “senhor Preston” apenas para me fazer acreditar que ele era um velho amargurado. Vejo que não perdeu tempo em pular na cama dele. — Cuspiu.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, fosse ignorá-lo ou lhe dar uma resposta à altura, James já lhe segurava pelo colarinho da camisa, imprensando-o contra a parede.

— Peça desculpas a ela — disse baixo, em um tom controlado.

Se eu fosse Dylan, sem dúvidas sentiria medo.

— Foda-se você dois!

Sem lhe dar uma segunda chance para reconsiderar suas palavras,

assisti em câmera lenta o momento em que a mão direita de James se soltou da camisa de Dylan apenas para recuar alguns centímetros, se fechar e avançar com rapidez em direção ao seu rosto, acertando em cheio sua bochecha esquerda. Apesar da dor e surpresa que haviam lhe atingido, ele não perdeu tempo antes de revidar o gesto contra James.

Assustada com a situação que de repente havia saído de controle bem diante de meus olhos, apanhei o vaso de plantas que estava sobre o aparador ao lado da porta e me aproximei sem pensar duas vezes. Reunindo toda a minha força, o impulsionei para baixo, contra as costas de Dylan que agora pairava sobre James. Assim que a cerâmica o atingiu, o golpe que estava prestes a ser desferido deu lugar a um urro de dor. Se aproveitando dessa distração, James conseguiu jogá-lo para longe.

— Saia da minha casa agora, Dylan — gritei, descontrolada. — Pegue as suas falsas desculpas e vá para o inferno!

Apesar do ódio latente em seu olhar, além da dor que eu sabia ter causado, ele se levantou, ajeitou as roupas em uma tentativa de recuperar o mínimo de sua dignidade, se é que ainda restava alguma, se aproximou da porta, porém, antes de atravessá-la ele se deteve, e virando-se para mim, ameaçou:

— Acredite, Stella, você vai se arrepender.



## Capítulo 17

— Meu Deus, James, como você está? — questionei, assim que Dylan desapareceu porta afora.

Sem esperar por uma resposta, corri até ele, que já havia se colocado de pé e segurei seu rosto entre minhas mãos enquanto o inspecionava.

— Estou bem, não foi nada. Você se machucou?

Antes que eu conseguisse lhe responder, James me segurou pelos ombros a uma curta distância de si e me analisou de cima a baixo, à procura de qualquer mínimo arranhão.

Apesar de suas palavras, o leve inchaço e a vermelhidão na maçã esquerda de seu rosto provavam que ele não estava tão bem assim. Com delicadeza, deslizei meu polegar sobre a região e seus olhos se fecharam, mas não havia qualquer sinal de dor em sua expressão.

Quando o som de passos vindos da cozinha se tornou mais próximo, a bolha na qual estávamos imersos se desfez e um segundo depois Nora e Justine apareceram.

— Eu devia saber que as coisas não acabariam bem. Não deveria tê-lo

deixado entrar. Me desculpe, Stella — lamentou Nora.

— Não há motivo para se desculpar, não tinha como sabermos. Me dê aqui, Justine — pedi, quando a mulher se aproximou trazendo consigo um pacote de ervilhas congeladas. — Sente-se na escada — falei para James, que permanecia ao meu lado, como se ainda houvesse qualquer ameaça.

— Já disse que estou bem, não precisa bancar a babá comigo, Stella — protestou, embora tenha acatado ao meu pedido.

— Não estou bancando a babá. Você acaba de tomar um soco por mim, Preston, isso é o mínimo que posso fazer como agradecimento e pedido de desculpas.

Depois de ocupar o lugar vago ao seu lado, segurei seu rosto com uma das mãos mantendo-o na posição que eu precisava, enquanto usava a outra para pressionar o pacote contra a sua bochecha inchada, onde a vermelhidão começava a adquirir um tom arroxeadado.

Embora nós já houvéssemos nos sentado perto antes, fosse no escritório ou confinados no interior da caminhonete, essa era a primeira vez em que ficávamos realmente próximos. Dessa curta distância de não mais do que alguns centímetros, na qual uma de minhas mãos descansava contra a sua bochecha, pude sentir o calor de sua pele na minha, bem como a maciez de sua barba. Também percebi o quanto seus cílios eram longos, seus lábios

vermelhos e seu perfume masculino delicioso.

Distraída com minha inspeção minuciosa, só notei que havia ultrapassado os limites quando o vi me encarando através de sua visão periférica. Desconcertada por ter sido flagrada, acabei deixando o pacote congelado escorregar de minha mão e cair entre nós. Me levantando em um salto, entreguei a ele a embalagem e, sem dizer nada saí às pressas em direção a cozinha, ignorando no caminho Nora e Justine que recolhiam os cacos do vaso que eu havia quebrado.

Onde diabos eu estava com a cabeça ao fazer aquilo? Olhá-lo daquela maneira?

Recostada contra a pia encarando o nada, tentei organizar os meus pensamentos conturbados enquanto bebia um generoso copo d'água. Quando o discreto tremor de minhas mãos passou e minha respiração se normalizou, enchi um outro copo com água, peguei um analgésico no armário e retornei ao hall.

Nora e Justine estavam fora de vista, a sujeira havia sido recolhida e James permanecia sentado no mesmo lugar, com o olhar fixo na grande janela posicionada diante de si, com vista para a frente da casa.

Em uma tentativa de assustá-lo com a minha presença, tossi baixinho apenas para avisá-lo que não estava mais sozinho e me aproximei.

— Você deveria tomar, logo isso vai começar a doer — declarei, lhe oferecendo a medicação e a bebida. — Me desculpe.

Por um instante, senti como se James pudesse enxergar até mesmo a minha alma, tamanha a intensidade de seu olhar. Trocando o peso do corpo de um pé para o outro, quase soltei um suspiro de alívio quando ele abaixou o pacote congelado, o colocou ao seu lado e pegou de minhas mãos o que eu lhe oferecia.

— Por que está se desculpando outra vez, Stella? — questionou, antes de colocar o comprimido na boca e beber um gole.

— Já disse, eu causei toda essa confusão e você se machucou, deixe que eu lhe peça desculpas quantas vezes eu precisar para que me sinta um pouco melhor.

— Você chegou de surpresa em um lugar onde não era esperada? — neguei. — Você se exaltou e ameaçou a segurança de outra pessoa? — neguei novamente. — Você me bateu? — mais uma negação. — Então você não fez nada e não tem motivos para se desculpar.

— Mas se eu não... Dylan...

James se levantou, desceu os dois degraus que nos mantinha afastados e se colocou diante de mim. Se antes eu conseguia olhá-lo de igual para igual



por ele estar sentado, isso já não era mais possível, então inclinei a cabeça para trás e o encarei.

— Primeiro, ele não saiu daqui ileso, então me dê algum crédito. — Sorriu. — Segundo, Dylan foi um completo babaca, Stella, ao vir até aqui dessa maneira ele queria acuá-la. Por tudo que vi, duvido que conseguiria, mas fico aliviado por saber que não precisou encará-lo sozinha.

— Obrigada, James, de verdade, muito obrigada! — agradei, presa ao seu olhar enquanto um sorriso bonito se desenhava em seus lábios.

Nós ainda nos encarávamos quando o som de passos se aproximando fez com que eu recuasse, pouco antes de Nora surgir junto à porta que levava a cozinha logo depois.

— Justine gostaria de saber se estão com fome e se ela pode servir o jantar.

Incapazes de voltarmos a trabalhar depois de toda confusão, me virei para James com olhos esperançosos.

— Imagino que esteja cansado e dolorido, mas você gostaria de se juntar a nós?

— Eu aceito o convite, porém, fique você sabendo, Stella, que antes de sua chegada eu era um bom funcionário e costumava cumprir os meus

horários.

— E quem disse que não continua sendo? — provoqueei, ajudando-o a recolher as ervilhas e o copo antes de seguirmos juntos até a cozinha.



A primeira coisa que fiz ao me ver sozinha no quarto foi ligar para Gabby e contar tudo a ela. Como minha empresária e amiga, era sua obrigação estar a par das coisas mais relevantes que me aconteciam e sem dúvidas, a visita de mais cedo poderia ser considerada isso. Depois de lhe dizer o quanto Dylan estava transtornado e fora de controle, fechei a narrativa repetindo sua ameaça.

Segura de si e de seu trabalho, primeiro ela me tranquilizou, afirmando que faria contato com o agente dele para garantir que nenhuma bobagem fosse cometida no calor do momento e a seguir, me tranquilizou como amiga.

Mesmo tendo apreciado a nossa conversa, eu ainda me sentia inquieta, agitada, caminhando de um lado para o outro do quarto. Tal sentimento só se desfez por completo quando o nome de minha mãe surgiu na

tela do celular.

— Mãe?

— Oi, querida, desculpe se eu estiver atrapalhando não quero tomar muito do seu tempo, mas estou há horas com uma sensação ruim, um aperto no peito, estou ligando apenas para saber se tudo vai bem.

Em momentos assim eu me sentia culpada pela maneira como vinha agindo com ela, mantendo-a distante. Porque embora não houvesse um laço sanguíneo que fizesse de nós mãe e filha biologicamente falando, seu coração sempre esteve ligado ao meu, seus instintos maternos sempre foram muito fortes.

Certa vez ela havia me dito que quando eu tinha pouco mais do que alguns meses de vida precisei passar um longo período internada, entrando e saindo de hospital, minha saúde estava muito debilitada e ela sentiu medo de me perder. Agora, com um pouco mais de informações sobre meu passado, me perguntei se isso de alguma forma tinha correlação com a minha adoção. Eu precisaria voltar nesse assunto em outro momento.

— Estou bem, mãe, nada com que se preocupar. Fora isso, como a senhora se sente? E papai, como está?

— Estamos bem, querida, ele está aqui do lado, mandando um beijo.

Estamos com saudades — disse mais baixo a última frase.

— Também sinto saudades, vocês deveriam vir me visitar antes que a vinícola seja vendida e eu volte para Los Angeles. É tudo muito bonito por aqui.

— Nós adoráramos, querida! — disse animada, fazendo-me supor que parte de seu desconforto havia se dissipado.

— Dylan esteve aqui mais cedo...

Mamãe foi a minha primeira e verdadeira amiga. Entre nós nunca houve segredos, por isso, eu corri para os seus braços quando algumas garotas me trataram mal na escola. Contei a ela anos mais tarde sobre o primeiro beijo que dei em um garoto fora das telas e quando chegou o momento de me precaver sexualmente, ela sentou e conversou comigo. A meu ver, nossa relação sempre fora honesta e transparente. Bem, ao menos até eu descobrir o contrário.

Apesar das razões que nos colocavam na atual posição, com um longo a ser percorrido até a confiança ser recuperada, se é que algum dia voltaria a ser como antes, aproveitei a ligação para desabafar e contar a ela sobre mais uma de minhas decepções.



Por mais cansada que eu estivesse, meus olhos permaneciam muito abertos encarando o teto acima de mim, através da escuridão do quarto.

A adrenalina havia baixado há algumas horas, a tensão dos músculos foi desfeita durante um longo banho de banheira, mas os pensamentos errantes, esses eu ainda não tinha conseguido silenciar.

Por que Dylan havia esperado tanto tempo antes de aparecer? Se ele tivesse me procurado alguns dias atrás, eu teria tomado a mesma decisão? Teria a mesma firmeza para colocá-lo para fora? Ele teria se tornado tão agressivo como o fez, se James não estivesse por perto?

James.

Embora o jantar tivesse transcorrido como em outras noites em que ele nos fazia companhia e, ninguém tenha mencionado toda confusão de mais cedo, me peguei observando seu rosto machucado algumas vezes e sentindo necessidade de me afastar. Era aquele mesmo impulso que me fez correr para longe e me esconder na cozinha, por isso, me vi aliviada após a sua partida.

Naquele momento eu precisava da quietude que a sua presença me

tirava.

Em busca de uma posição confortável que favorecesse a vinda do sono, afofei os travesseiros e me virei de lado na cama. De olhos fechados, pensei na quantidade de vezes que havia refletido sobre isso nos últimos dias, sobre o quanto parecia mais fácil implicar e discutir com James, do que manter a proximidade. Era como estar em uma corda bamba e, embora eu já conseguisse me controlar e manter o equilíbrio durante a maior parte do tempo, às vezes eu vacilava e assim como mais cedo, acabava pendendo demais para um lado, me arriscando a cair de cara no chão.

Por melhor que ele tivesse se mostrado e por mais bonito que James fosse, nós éramos opostos, vivíamos em mundos diferentes e era exatamente assim que deveria continuar sendo.



## Capítulo 18

Após uma noite mal dormida, na qual eu havia acordado inúmeras vezes de sonhos tumultuados, que se misturaram com a realidade do dia anterior com Dylan e James brigando. Desisti de tentar dormir e me levantei assim que os primeiros raios de sol ultrapassaram a fresta aberta na cortina e clarearam o quarto.

Apreensiva pela ameaça de Dylan e um tanto inquieta para encontrar James, enquanto tentava me convencer que isso era apenas preocupação com seu estado após a briga, cuidei de minha higiene e desci, torcendo para que o dia fosse mais normal do que o anterior havia sido. Seguindo com a nossa rotina um tanto disfuncional, James chegou quando eu finalizava o café.

— Bom dia, Stella... Sem comentários sobre seu atraso — provocou, parando junto à porta, de braços cruzados.

— Bom dia, como você está? Deixe-me ver onde está machucado — falei, ao me levantar e caminhar em sua direção.

James revirou os olhos como resposta, mas fez o que pedi, virando apenas suficiente para que eu observasse o hematoma logo abaixo de seu



olho esquerdo, enquanto me assegurou pela milésima vez, como ele mesmo fez questão de enfatizar, que estava bem.

— Se você se desculpar de novo, vai ouvir uma resposta mal-educada — alertou, embora o discreto sorriso que enfeitou seus lábios dissesse o contrário.

— Ok, nada de desculpas — devolvi, erguendo os braços em rendição, enquanto o acompanhava ao escritório.

— Que tal um dia normal de trabalho por aqui?

Apesar do tom divertido em sua voz, eu sabia que ele estava falando sério ao indicar com o queixo a pilha de papéis diante de si que havia se acumulado nos últimos dias.

— Talvez você não acredite em mim, Preston, mas é tudo que eu mais desejo.

Depois de rir de minha confissão e me provocar enquanto o computador ligava, nós começamos a trabalhar. Tendo como interrupção apenas a pausa para o almoço e um café no meio da tarde, o dia passou rápido, sem que eu sequer notasse.

Quando James desligou a tela diante de si algum tempo depois e se virou em minha direção, um indicativo de que havíamos terminado o “expediente”, não

consegui esconder minha surpresa. Deixando o lugar que ocupava, o segui em direção à saída.

— Como nos velhos tempos, senhorita Davis.

Brincou James, mantendo a porta do escritório aberta, me dando passagem.

— Acho que eu não estava sentindo tanta falta assim da papelada.

Admiti ao passar por ele, lhe arrancando uma gargalhada. Por ainda não estar habituada a esse clima amistoso, me peguei encarando-o, admirada por seu sorriso bonito. Mas tão logo percebi, desviei o olhar.

— Não tenho dúvidas disso — concluiu quando chegamos ao hall — Até amanhã, Stella — despediu-se, já a caminho da porta.

— Até, James — falei, subindo a escada.



Com Nora e Justine sendo dispensadas do serviço algumas horas mais cedo do que o normal, decidi que uma ida ao mercado para repor o meu estoque de guloseimas e jantar em algum restaurante da cidade seriam uma boa maneira de fechar aquele dia, que pela primeira vez em um par de

semanas, havia tido um “quê” de normalidade.

Depois de um banho rápido, retirei do armário um vestido de verão que combinaria muito bem com a noite agradável do lado de fora. Feito de um tecido leve de cor azul clara, o modelo frente única tinha algumas flores brancas desenhadas e duas fendas laterais que vinham até o meio de minhas coxas, mas tal detalhe só se tornava evidente com movimentos exagerados, o que não seria o caso.

De maquiagem leve, com apenas um lip tint nos lábios e sandália rasteira nos pés, eu estava pronta para sair de casa quando o toque de meu celular me deteve. Como apenas uma quantidade restrita de pessoas possuía meu novo contato, o peguei dentro da bolsa.

Em um primeiro momento, relutei em atender ao observar que se tratava de um número desconhecido e que talvez isso tivesse algo a ver com Dylan e sua ameaça. Mas quando o aparelho voltou a tocar e percebi que se tratava de um número local, decidi arriscar.

— Alô?

— Stella Davis? É Eric Hall, o advogado de seu avô!

— Ah, olá, senhor Hall, como vai? Me desculpe, esqueci de avisar que havia mudado de número.

— Eu vou bem, obrigado e quanto a você? Não se preocupe, James esteve aqui mais cedo e me passou seu novo contato. Estou ligando apenas para informar que a documentação está pronta, só preciso de sua assinatura para que a vinícola seja legalmente sua. Se estiver tudo bem, posso ir até aí amanhã.

— Ah, muito obrigada, senhor Hall, uma visita seria bem-vinda, mas de qualquer maneira, eu estava a caminho da cidade, se não for um problema, posso ir até o escritório agora mesmo e já resolvemos isso.

— Claro, como preferir. Estarei à sua espera, senhorita Stella, até logo.

Finalizei a chamada com a sensação de borboletas no estômago, guardei o aparelho na bolsa e me apressei em direção à saída. Tratando-se de uma cidade pequena, o trajeto de carro até o escritório não me tomou mais do que cinco minutos. O advogado encontrava-se sozinho à minha espera e assim como em todas as outras vezes, me recebeu com simpatia e gentileza.

Após me conduzir à sua sala e me indicar uma cadeira vazia do outro lado de sua mesa de trabalho, ele realizou junto comigo a leitura dos papéis e quando não restava qualquer dúvida a respeito das informações contidas ali, me indicou onde assinar.

Para tentar reprimir o leve tremor de minhas mãos, segurei a caneta com mais firmeza, até que os nós dos dedos ficassem brancos e a caneta se

tornasse um objeto incômodo entre eles e então assinei o meu nome sobre a linha indicada.

— Meus parabéns, senhorita Stella. Lamento apenas por seu avô não poder estar presente nesse momento, mas sem dúvidas ele estaria emocionado, assim como ficou quando lhe escreveu aquela carta.

— O senhor estava presente naquele momento? — questionei, tomada pela lembrança de algumas de suas palavras.

*“Sei que não é justo lhe atribuir essa carga e responsabilidade, talvez você veja isso como um fardo, mas desejo que aceite como um pedido de desculpas, uma última tentativa de corrigir os erros irreparáveis que cometi.”*

— Não, ele pediu que eu o deixasse sozinho por um instante, mas quando retornei ao quarto de hospital que ele ocupava, Vincenzo ainda tinha os olhos úmidos. — Após um breve momento de silêncio no qual manteve o olhar distante, o senhor pigarreou chamando minha atenção, enquanto se ajeitava na cadeira. — Quanto à venda da vinícola não há com que se preocupar, Stella, tomarei as providências.

Perdida na expressão de tristeza de Erick Hall e ainda me sentindo tocada pela memória recém compartilhada, apenas concordei com um aceno enquanto nos levantávamos.

— Ah, e só para que fique claro, sua visita ao casarão será bem-vinda a qualquer momento. James sem dúvidas apreciará um almoço em sua companhia, assim como eu, é claro. — Sorri, feliz em poder fazer tal convite.

— James... — disse pensativo, caminhando a passos lentos em direção à porta. — Quer dizer então que agora se tornaram amigos?

— Não sei se chamaria de amizade, mas acredito que deixamos as nossas diferenças para trás.

— Ah, senhorita, não se engane, o jovem tomou um soco para defender a sua honra, se isso não for amizade talvez seja...

— Muito obrigada por tudo, senhor Hall... — O interrompi, antes que continuasse com seu raciocínio equivocados. — Espere, ele lhe contou o que aconteceu? — questionei, surpresa por James, uma pessoa mais reservada, revelar algo a meu respeito para alguém que não era assim tão íntimo.

— Eu o persuadi a isso, James não é de se meter em confusão então o contornei até me dizer o que houve. Mas fique tranquila, isso será um completo sigilo. — garantiu, me deixando um pouco mais tranquila.

— Certo, agradeço mais uma vez. Foi um prazer revê-lo, irei lhe esperar para um almoço!

— Até mais, senhorita Stella, nos falamos em breve.

Extasiada pelo que acabara de acontecer, por me tornar oficialmente a proprietária da vinícola Giordano, deixei o escritório do senhor Hall e me dirigi ao pequeno mercado, aquele mesmo de minha primeira passagem pela cidade, em que vez ou outra eu visitava para comprar minhas guloseimas favoritas.

Sem planos de me demorar além do necessário, até mesmo por estar faminta e ainda precisar buscar por um restaurante nas redondezas, me direcionei às prateleiras onde eu sabia estar o que buscava e passei a colocar tudo na cesta pendurada em meu braço. Quando eu havia pego todos os diferentes tipos de doces e petiscos salgados que eu não deveria comer, me direcionei ao caixa.

Com o tratamento gentil e discreto de sempre, a jovem de cabelos azuis computou as minhas compras, recebeu o dinheiro que lhe entreguei e por último ainda me ajudou a colocar tudo dentro da embalagem. Sem tempo a perder, visto que o próximo da fila já se mostrava impaciente, me despedi dela com um sorriso e caminhei rumo a saída. Assim que cheguei à área externa, fui atingida por uma onda de alegria.

Preso ao hidrante como certa vez eu o havia encontrado, Snow permanecia sentado, com seus simpáticos olhos cravados na porta e sua enorme boca aberta, com a língua caindo para fora e os dentes brancos à

mostra.

— Olá, menino bonito, já estava sentindo sua falta!

O cumprimentei ao me abaixar diante dele e lhe acariciar o topo da cabeça e as orelhas com a mão desocupada. A lambida e o latido em resposta foi tudo que eu precisei para permanecer ali mais alguns instantes, acariciando seu pelo macio.

— Sério, cara? Não posso te deixar sozinho um instante para comprar comida que você já encontra uma garota bonita para te dar carinho? — disse a voz familiar, soando às minhas costas com um toque de diversão.

Olhei por cima de meu ombro esquerdo enquanto me levantava e me deparei com James vestido de maneira casual, segurando uma embalagem nos braços, enquanto se aproximava de nós.

— E eu pensando que era a única, você não deveria me iludir assim — falei para Snow, que agora me encarava com seus grandes olhos, como se pedisse desculpas.

— Se vale de algo, você é a preferida dele. Sinta-se lisonjeada por ele se comportar bem e nunca ter lhe derrubado no meio da rua.

— Você é terrível! — brinquei, batendo de leve a ponta de meu indicador em seu focinho molhado — Foi bom encontrar vocês.



— Veio comprar comida? — questionou, espiando por alto o interior de meu pacote.

— Não, guloseimas — sorri em resposta ao seu arquear de sobrancelhas —, mas em minha defesa, vou encontrar algum restaurante aqui por perto para jantar antes de voltar para casa.

— Nós ainda não comemos, né, amigo? — questionou Snow, que latiu em resposta. — Venha, nos faça companhia.

Apesar de me ver tentada a aceitar seu convite, uma vez que fazer refeições sozinha não era algo que me deixava confortável, ainda mais em público, o que acabou saindo de meus lábios foi uma educada recusa.

— Ah, não precisa se dar ao trabalho, James, não quero incomodar.

— Além de saber o quanto você não gosta de jantar sozinha — falou, como se houvesse lido meus pensamentos —, eu lhe devo um macarrão com queijo, Stella, o melhor que você vai comer na sua vida. O que me diz? — insistiu.

Sem argumentos ou vontade o suficiente para recusar mais uma vez o convite, me vi sorrindo enquanto aceitava.



## Capítulo 19

Assim que Snow estava acomodado no banco traseiro do carro, James ocupou o lugar do passageiro e no breve caminho entre o mercado e sua casa, ele foi me dando as coordenadas. Quando chegamos ao endereço, uma casa de aparência mais antiga, porém bem cuidada, com algumas árvores no jardim da frente há apenas duas ruas acima de onde estávamos, eu estacionei diante do portão de sua garagem e só então percebi que não sabia muito a respeito de sua vida particular.

A primeira coisa que notei depois de subir os três degraus da entrada e cruzar a soleira da porta, era que a parte externa da casa era o completo oposto de seu interior moderno.

Com cuidado para não tropeçar no cachorro que rodeava minhas pernas como se fosse um gato, avancei mais alguns passos, acompanhando James para dentro enquanto observava os detalhes. Seguindo o conceito muito utilizado por dois irmãos em um reality de construção no *Discovery Home & Health*, sala e cozinha eram um único cômodo em plano aberto, delimitados apenas por móveis.

Do outro lado da sala, era possível ver através das portas duplas de

vidro um deck de madeira com sofás e a cobertura de um pergolado. Mais adiante, ao redor de todo o quintal as cercas vivas lhe traziam certa privacidade.

Apesar de conhecer pouco desse outro lado de James, tudo ali, desde o chão de madeira brilhante até a impecável organização dos ambientes, transpareciam a personalidade que me era familiar.

— É uma bela casa — comentei, afastando uma cadeira da mesa quadrada e me acomodando ali. Snow se deitou aos meus pés logo depois.

— Obrigado, ela nem sempre foi assim. Aceita alguma bebida?

Parado de costas junto a bancada, enquanto retirava as compras da embalagem, James me olhou por cima do ombro ao questionar.

— Água, por favor.

Se ele já não fosse seguro por si só durante todo o tempo, o fato de estar em seu habitat natural deixava isso bem evidente. Afastando-se alguns passos, James abriu a geladeira, retirou o frasco com água gelada, como ele já sabia que eu preferia e a serviu em um copo, que colocou diante de mim um instante depois.

Prestes a se afastar, seu olhar acabou me encontrando, ou melhor, minhas pernas expostas através das fendas do vestido. Com um discreto

arquear de sobrancelhas e seus olhos encontrando os meus, ele atravessou o cômodo.

— Macarrão com queijo?

— Foi por isso que eu vim. — Dei de ombros, sem esconder o sorriso divertido.

— Então, esteja preparada para o melhor. — Piscou, antes de se voltar para os armários.

Assim como eu havia feito algumas noites atrás quando cozinhei para ele, James abriu um dos armários e retirou uma panela de dentro, levando-a até a torneira para enchê-la de água.

— Maxwell não deu qualquer sinal?

Apesar do cenho franzido em desagrado, algo que eu havia aprendido a ler em sua expressão devido a convivência, seu tom de voz era neutro.

— Não, Dylan está quieto até o momento e isso me preocupa um pouco. Me sinto impotente.

— Alguma vez ele foi agressivo...?

— Não, ele sempre me respeitou, aquele comportamento também foi uma surpresa para mim.

Diante de minha afirmação, sua expressão se transformou, tornando-se mais relaxada enquanto deixava a panela sobre o fogão ligado e dava início ao preparo do molho de queijo. Atenta o suficiente para descobrir seu segredo, se é que havia algum, para fazer daquele “o melhor macarrão com queijo”, só percebi que ele havia me questionado de algo quando seus olhos encontraram os meus.

— Desculpe, estava distraída.

— Tudo bem, depois que você comer e admitir que o meu é melhor que o seu, posso te ensinar o segredo.

— Deixe de ser prepotente, Preston. Agora repita, o que disse antes?

Ao ver Snow se virar de barriga para cima, como se pedisse que eu lhe acariciasse naquela região, retirei as sandálias que usava e deslizei o pé descalço na pele rosada, ganhando uma fungada em aprovação.

— Assinei os papéis de transferência da propriedade para o meu nome, Eric me ligou assim que deixei a vinícola.

— Estive com ele mais cedo, pouco antes de nos encontrarmos no mercado, também assinei meus papéis.

— Então temos algo a comemorar?

Apesar de sustentar o meu olhar no seu, era impossível ler o que se

passava em sua mente.

— Eu diria que sim.

Satisfeito com minha resposta, James voltou a se concentrar nos processos que fazia.



— Posso colocar a mesa? — ofereci, ao perceber que a refeição estava quase pronta.

— Por favor, os pratos e o *sousplat* estão naquele armário à direita, as taças na porta menor e os talheres estão na primeira gaveta — explicou, apontando cada um dos lugares com o queixo.

Após ter seu carinho interrompido, Snow emitiu alguns resmungos em protesto ao me ver atravessar o cômodo. Seguindo as instruções de James, apanhei os itens em cada um dos lugares indicados, antes de ser surpreendida com o som de sua risada preenchendo o ambiente. Sem compreender o que havia acontecido de tão engraçado, coloquei os objetos amontoados em um canto da mesa e o encarei, questionando em silêncio.

— É engraçado como você sempre encontra uma maneira de me dar

uma surra moral por suposições que já fiz a seu respeito.

— Wow, ok, por essa eu não esperava. De onde veio isso?

Com a atenção dividida entre arrumar a mesa para nós dois e encará-lo, aguardei pacientemente por sua resposta.

— Você está andando descalça na minha cozinha. — Deu de ombros.  
— Isso não deveria me surpreender tanto, especialmente agora que nos conhecemos melhor, mas ainda é estranho, vai contra os pré-julgamentos que fiz de você.

Pega de surpresa por suas palavras, virei-me para ele com a minha melhor cara de espanto, após ter concluído a tarefa de dispor os utensílios sobre a mesa e questionei:

— Quem é você e o que fez com o James Preston que eu conheço?

Sem interromper o que fazia, James atravessou a cozinha carregando a panela por suas alças laterais e a colocou sobre um suporte, para evitar que a mesa fosse danificada. Então, parado a não mais do que dois passos de distância ele se virou de frente para mim, com um sorriso arrogante em seus lábios e a sobrancelha arqueada.

— Você quer a versão babaca de volta?

— Apesar de me divertir com as nossas discussões descabidas, eu



gosto da nova versão.

Logo depois de aceitar minha resposta com um aceno, James gentilmente puxou a cadeira para que eu me sentasse. Assim que ele se afastou para buscar nossas bebidas, olhei ao redor em busca de Snow.

— Ele foi comer a própria comida, talvez volte para se despedir antes de ir dormir. Essa é a rotina noturna dele — informou. — Me acompanha no vinho?

— Não sei se é uma boa ideia...

— Apenas uma taça, tenho certeza de que você é mais forte que isso, afinal de contas foram necessárias quase duas garrafas para te derrubar.

— Nunca vai esquecer, não é?

— Eu espero que não — admitiu, sorrindo para a garrafa enquanto abastecia nossas taças.

Ao retornar para junto de mim, James colocou nossas taças na mesa, se serviu de uma quantidade generosa e então me encarou com expectativa. Sabendo que ele esperava por minha opinião, peguei um punhado na ponta do garfo e levei até os lábios.

Exceto por breves instantes em que eu havia dedicado à minha atenção a Snow, todo o processo de preparo do macarrão tinha sido

supervisionado, mas ainda assim, James havia conseguido deixá-lo com um toque diferente do meu.

— Você é um bom cozinheiro, James.

— Isso quer dizer que admite que o meu macarrão é melhor que o seu? — questionou, começando a comer.

— Não, isso quer dizer que ambos são bons. Eu declaro um empate.

— Tão tendenciosa — desdenhou, sem esconder a diversão.

Durante a refeição, tivemos uma conversa leve e divertida falando dos mais diversos assuntos. Quando o jantar terminou, nós deixamos a mesa diante de sua insistência de que eu não deveria me preocupar com a louça suja e nos acomodamos no deck, para apreciar a noite e continuar a conversa.

Atendendo ao meu pedido, James contou algumas das trapalhadas que Snow já havia aprontado e quando o assunto acabou, apenas a música soando baixo no alto falante nos impediu de ficar no mais absoluto silêncio.

Com as pernas encolhidas sobre o sofá e as coxas aparentes através das fendas do vestido, eu estava sentada de frente para James que espelhava minha posição e mantinha um braço relaxado sobre o encosto do pequeno sofá de dois lugares.

— Você não se lembra mesmo do que houve depois que te encontrei na

adeaga? — questionou, ao me ver encarando o que restava de vinho em minha taça.

— É vergonhoso dizer que não, mas sinto como se um buraco negro tivesse engolido minhas memórias — admiti, voltando a encará-lo.

James me olhava com tamanha intensidade enquanto parecia travar uma batalha interna, que me vi paralisada.

— Se desejar, posso ajudá-la a se lembrar de uma pequena parte.

Assim que seus lábios proferiram tais palavras em um tom baixo e grave, meu corpo reagiu a ele, se arrepiando por completo.

— Como? — murmurei, sentindo uma inquietação acompanhada de calor crescer em meu baixo ventre.

Sem desviar o olhar do meu, James inclinou-se para frente, fazendo com que a mão apoiada no encosto do sofá tocasse meu ombro. Com esse simples gesto, desenhando espirais com a ponta do indicador, ele conseguiu que o calor se espalhasse por todo meu corpo, tornando minha respiração mais curta e acelerada. Era a primeira vez que James me tocava assim, com mais intimidade.

Ao deixar meu ombro, seu toque seguiu para o pescoço, acariciando com o polegar o ponto sensível abaixo de minha orelha, onde a pulsação

acelerada era evidente.

James ainda sustentava meu olhar quando pegou a taça quase vazia que eu segurava e a colocou junto da sua, sobre a mesa de centro que havia ali. Então, ele diminuiu a distância que havia entre nós, ao mesmo tempo em que seus dedos brincavam com a minha pele, fazendo com que ondas de arrepio se espalhassem por todo meu corpo.

— Você me beijou, Stella — sussurrou, com o rosto um pouco mais próximo do meu.

— Eu te beijei... — repeti, encarando seus lábios enquanto tentava buscar tal memória.

— Sim, mas eu te interrompi e fiz uma promessa.

— Uma promessa...

Com o calor tornando-se ainda mais ardente a ponto de me deixar com a boca seca, deslizei a ponta da língua por meus lábios, umedecendo-os.

— De que só te beijaria de novo quando você pudesse se lembrar de tudo.

Envolta no desejo que queimava em seu olhar, só percebi o quanto havia me inclinado para frente quando sua respiração se chocou contra o meu rosto, sua mão segurou meu queixo e o seu polegar traçou o contorno de

meus lábios.

— Você quer que eu te beije?

Junto com o questionamento, sua mão deslizou para a parte de trás de minha cabeça e seus dedos se perderam entre os fios dos meus cabelos. Incapaz de formular uma resposta, por mais simples que fosse, estiquei a mão à frente até o seu tronco, agarrei sua camisa com ambas as mãos e o trouxe para junto de mim, fazendo nossas bocas se encontrarem.

Em meio ao beijo, James mordiscou meu lábio inferior, sugou o superior e então com a ponta de sua língua abriu passagem entre eles. Lhe dando livre acesso, deixei que minha língua fosse de encontro à dele, se perdendo em seu calor e maciez, que me fez arfar.

Sem perder tempo, ele rodeou a minha cintura com a mão livre e me puxou para mais perto de si, até me colocar sentada de lado sobre suas pernas. Entregue ao momento, deixei que minhas mãos acariciassem seu rosto, sentissem a maciez de sua barba, como eu havia feito no dia anterior e, explorassem seu corpo, passeando por seu tronco musculoso, como eu bem já havia observado em outras oportunidades que lhe vi sem camisa.

Conforme o beijo foi se tornando mais intenso, nossas respirações também foram ficando ofegantes e embora eu estivesse relutante em colocar um fim ao momento, não foi possível adiar, então fomos diminuindo a

intensidade até estarmos apenas roçando nossos lábios.

— Conseguiu se lembrar, Davis?

Com a testa colada à minha e nossas respirações se misturando, ele exibiu um sorriso torto ao colocar uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

— Não consegui, mas duvido que tenha sido melhor do que esse.

Satisfeito com minha confissão, James me roubou um beijo rápido que foi o suficiente para me fazer sorrir e disse:

— Definitivamente, não!



## Capítulo 20

Depois daquele beijo outros vieram e quanto mais eu tentava saciar o fogo que me consumia, queimando cada parte de meu corpo, me fazendo perder o controle, mais eu queria ser beijada, tocada e desejada por ele.

— James... — ofeguei com a voz falha, deixando a cabeça pender para trás.

A partir da posição que nos encontrávamos, comigo o montando de frente, senti sua ereção pressionar meu centro, e também suas mãos, que se infiltraram através das fendas do vestido e subiram por minhas pernas, os polegares acariciando a parte interna de minhas coxas.

Depois de seus lábios se desviarem dos meus e explorarem outras áreas, James capturou o lóbulo de minha orelha entre os dentes e traçou o contorno com a ponta da língua, fazendo com que eu me remexesse em seu colo e conseguisse ainda mais atrito no ponto que implorava por ele.

— Preston...

Ele riu contra a minha pele em meio a carícia que fazia em meu pescoço quando seu nome saiu em um tom de urgência. Em resposta ao meu



desespero, James passou a distribuir beijos molhados e leves mordidas na região, enquanto suas mãos deslizavam pela lateral de meu corpo, indo do quadril aos seios, que só recebiam um leve e provocador toque de seus polegares.

Extasiada. Era assim que eu me sentia enquanto me agarrava aos seus cabelos, conforme seus lábios baixavam mais e mais, até alcançarem o vale entre meus seios, que agora subiam e desciam em um ritmo rápido, forçando o decote do vestido em busca de liberdade o suficiente para receberem sua atenção.

Com um simples puxão James desfez o laço que mantinha o vestido no lugar. Após um breve instante de contemplação aos meus seios expostos, ele tomou um entre suas mãos e abocanhou o outro, arrancando um gemido de minha garganta.

— Tão macia e saborosa, Stella... — murmurou, enquanto trilhava um caminho de beijos até o outro seio, que recebeu a mesma atenção do anterior.

Ao recobrar parte da consciência que havia se perdido instantes atrás, soltei seus cabelos e alcancei a barra de sua camiseta. Apesar da cabeça nublada com sensações que ele estava despertando em mim, me afastei o suficiente para me livrar da peça.

Naquele instante, nenhuma palavra seria capaz de descrever a

sensação deliciosa que era ter sua pele pressionada na minha.

Com suas mãos grandes, James segurou minha bunda e nos levantou, de forma que conseguisse mudar nossa posição. Ao me colocar deitada no sofá, ele posicionou seu corpo sobre o meu.

Se eu já não estivesse excitada antes, essa simples visão teria sido mais do que suficiente para me deixar molhada.

Com os lábios vermelhos por todos os beijos que havíamos trocado e os olhos nublados de desejo, cada centímetro de pele exposta de James era um convite à perdição.

Após mais um beijo ardente que bagunçou os meus sentidos, seus lábios voltaram a sugar os meus seios e depois passaram para o meu abdômen. Abrindo o pequeno zíper lateral do vestido, ele se livrou da peça em um piscar de olhos, me deixando vestida apenas com uma calcinha branca com detalhes em renda, bem menor do que a usada em nossa aventura na cachoeira.

— Você não cansa de me surpreender, não é? — grunhiu, beijando-me por cima do tecido fino, já ensopado de minha umidade — Olha o que você fez comigo.

James se afastou de mim apenas o suficiente para abrir o botão e o

zíper de sua calça e conduzir minha mão para dentro, de encontro ao seu membro, que respondeu de imediato ao meu toque assim que o rodeei com meus dedos.

O gemido rouco saído do fundo de seu peito acompanhado de um ofego, foi incentivo suficiente para que eu continuasse movendo minha mão para cima e para baixo sobre seu comprimento. Com a cabeça tombada para trás e uma mão segurando com firmeza um de meus seios, James desfrutou de minha carícia por alguns instantes antes de se afastar.

— Eu ainda não terminei com você... — advertiu, antes de puxar a calcinha para baixo, deslizá-la por minhas pernas e então me dar um beijo íntimo que fez minhas costas arquearem do sofá.

Com lábios, língua, dedos e nenhum pinga de pressa, James manipulou meu corpo com maestria, me levando ao orgasmo mais rápido do que eu sequer podia imaginar. Assim que meu corpo relaxou em sua boca, não fui capaz de controlar o sorriso de deleite que dei a ele quando fui capaz de abrir os olhos.

Ao trilhar o caminho até minha boca, ele reivindicou meus lábios em um beijo sensual, poderoso, que me fez arfar e gemer.

— Por favor, James.

— Por favor, o quê? — provocou, se livrando das poucas peças de roupa que ainda vestia.

— Quero você... Dentro de mim.

Naquele momento, vendo seu olhar me admirar de cima a baixo e me satisfazendo com a visão de seu corpo, de sua ereção diante de mim, sequer me importei de estar implorando.

Satisfeito com meu descontrole, James deu um sorriso devasso de aprovação enquanto deslizava o preservativo por seu comprimento. Incapaz de me fixar em qualquer outra coisa, o assisti com expectativa.

Ele nos acomodou o melhor possível no pequeno sofá e se curvou sobre mim, alinhando nossos corpos e tomando o cuidado de não soltar seu peso, deslizou para dentro. Meu gemido foi silenciado por seus lábios que tomaram os meus em um beijo.

Após um longo minuto apreciando a maneira deliciosa como ele me preenchia, ele passou a se mover em meu interior. Primeiro lento, depois, conforme o desejo foi nos tornando ainda mais sedentos, seus movimentos se tornaram mais vigorosos.

Pouco depois ele se retirou por completo, se sentou no sofá e me puxou para cima de si, nos deixando mais próximos. Me ajudando a deslizar

para cima e para baixo sobre seu membro, com beijos, gemidos e apertões, ele me levou ao segundo orgasmo.

— Porra, Preston! — gemi alto, palavras semelhantes às que certa vez havia dito em meio a um sonho erótico com ele.

Tomado por uma onda de prazer como a que havia me proporcionado, ele só precisou de mais alguns movimentos antes de alcançar sua libertação.

Quando escondi meu rosto na curva de seu pescoço nossas respirações estavam aceleradas, o coração pulsava descompassado no peito e nossas peles estavam cobertas por uma fina camada de suor, porém, mais do que isso, eu estava saciada.

— Eu venho desejando isso desde aquele beijo...

A confissão acompanhada de uma carícia suave em minhas costas me surpreendeu e talvez por isso me senti confortável em dizer:

— Acho que vinha desejando isso de maneira inconsciente, desde que sonhei com você.

Depois de rir contra os meus cabelos, James depositou um beijo na curva de meu pescoço ao mesmo tempo em que deslizava para fora de mim. Desmontando de seu colo, recolhi nossas roupas ali espalhadas enquanto ele removia o preservativo. Já em pé, um de seus braços rodeou minha cintura,

nos aproximando.

— Espero que se recupere rápido, você vai ter que me mostrar como foi esse sonho!

Ainda abraçado a mim, James me virou de costas para ele e então nos guiou para dentro da casa.



Se me perguntassem em que momento da noite havíamos subido as escadas e ido parar em seu quarto eu não saberia responder, mas de qualquer maneira eu estava grata por isso, em especial por ter seu corpo colado ao meu, sua respiração em minha nuca e o braço forte me rodeando de maneira protetora.

Olhei em direção a janela e por uma fresta da cortina percebi que o dia apenas começava a amanhecer, então voltei a fechar os olhos e me aninhei contra ele, que me apertou de encontro ao seu corpo antes de depositar um beijo em meu ombro. Em algum momento depois disso, eu voltei a pegar no sono, porque quando voltei a abrir os olhos, foi graças ao toque de meu celular.

Livre do aperto de James, tateei o chão ao lado da cama de onde a luz brilhante vinha e alcancei o aparelho. Vendo o nome de Gabby preenchendo a tela, não pensei duas vezes antes de atender.

— Alô? — falei baixo, espiando por cima do ombro direito enquanto rolava para fora da cama.

— *Bom dia, preciso... Espere, por que está sussurrando?*

Antes de lhe responder, encarei o amontado de cobertas que me impedia de vê-lo do outro lado da cama, apanhei o roupão caído aos meus pés e caminhei em direção à saída.

— *Oh, não me diga que vocês dormiram juntos...* — disse com uma nota de preocupação na voz.

— Do que você está falando, maluca? — resmunguei, fechando a porta atrás de mim. — Não, apenas não dormi bem depois de assinar os papéis da vinícola na noite passada...

— *Hum, certo, o fato é que eu precisava falar com você o quanto antes.*

No mesmo instante meus pelos se arrepiaram, e não da maneira agradável como James havia conseguido na noite passada. Com o telefone prensado entre meu ombro e a orelha, vesti o roupão.

— Ok, o que houve para você me ligar tão cedo?

— *Dylan colocou as garras de fora na noite passada.*

Eu estava prestes a exigir mais explicações quando cheguei ao final da escada e me deparei com a melhor visão que eu poderia ter naquela manhã. De pés descalços, vestindo apenas uma boxer preta, James era uma visão e tanto. Notando a minha presença ele se virou lentamente para me olhar e incapaz de raciocinar, apenas afastei o telefone da orelha e encerrei a chamada.

— Bom dia, Davis — saudou, exibindo seu encantador sorriso torto e um arquear de sobrancelhas.





## Capítulo 21

Fazia tanto tempo desde a última vez que eu havia compartilhado a cama com alguém sem ter qualquer envolvimento, que eu me vi congelada ao pé da escada encarando um James muito à vontade, que servia o café da manhã em dois pratos enquanto a cafeteira despejava o líquido da alegria em uma caneca.

— Você deveria comer, eu sei bem como você pode ser mal-humorada sem café.

Fingi costume ao vê-lo agindo de maneira tão natural, amarrei o cinto do roupão que permanecia aberto até aquele momento e já prestes a me aproximar, parei.

— Hum, só preciso de um momento no banheiro.

— Claro, fique à vontade. — Sinalizou o alto da escada, enquanto um Snow sonolento caminhava para dentro da cozinha.

Sem saber ao certo o que fazer agora que a névoa do tesão havia se dissipado e nós dois havíamos voltado ao mundo real, retornei ao quarto e segui até o banheiro. Depois de esvaziar a bexiga, usei seu enxaguante bucal,

joguei um pouco de água no rosto e então fui ao seu encontro.

Ao entrar na cozinha, avistei James servindo um punhado de ração na vasilha de Snow, que ignorou por completo o gesto de seu tutor e veio até mim agitando sua cauda.

— Olá, menino bonito! — Cumprimentei, me abaixando para lhe coçar as orelhas.

— Mas é mesmo um conquistador, hein! — Repreendeu James em tom de brincadeira.

Depois de lambe-la a minha mão em uma saudação amistosa, ele se afastou. Assim que James desocupou o lavabo, aproveitei para lavar as mãos antes de me juntar a ele para o café.

Apesar de ser uma mulher adulta, dona de mim e não ter nada do que me envergonhar, em especial por estar claro que ambos queríamos tudo o que aconteceu na noite anterior, eu não sabia como me portar diante dessa situação. Talvez fosse apenas por orgulho, considerando como as coisas haviam começado de maneira pouco amistosa entre nós.

— Tem algo a mais que você gostaria de comer?

Correndo os olhos pela mesa, encontrei a caneca de café diante de mim, assim como o prato de waffles.

— Não, está ótimo, obrigada. — Sorri de leve antes de desviar o olhar e deixar a mente vagar.

Um mísero segundo foi o tempo que eu consegui segurar antes que as lembranças da noite passada se tornassem muito presentes, a ponto de me fazerem reviver algumas das sensações que James havia provocado ao me beijar e me tocar.

O fluxo de pensamentos foi interrompido quando uma cabeça peluda se apoiou contra minha coxa por debaixo da mesa e um focinho molhado me cutucou.

— Deixe-a comer, Snow, acredite, você não vai querer ser alvo da ira dela.

— Snow jamais seria alvo da minha ira matinal causada pela fome, é fofo demais. Posso oferecer a ele? — questionei com expectativa, segurando um pedaço de bacon.

Diante de sua aprovação, levei a fatia fina para debaixo da mesa e o cão a abocanhou em uma única mordida.

— Quer dizer que você briga comigo porque eu não sou fofo... — Divagou enquanto despejava um pouco de mel sobre os waffles em seu prato.

— Fofo seria o último adjetivo que eu daria a você.

— Mas o meu jeito não fofo de ser a agradou... — provocou, exibindo um sorrisinho sacana antes de beber um gole de seu café.

Estar na mira de seu olhar penetrante, fez meu corpo aquecer em resposta.

— Não me provoque, James — adverti com diversão.

Satisfeito por ganhar a batalha, ele voltou a desfrutar tranquilamente de seu desjejum, nos deixando imersos em um silêncio confortável que não durou mais do que alguns minutos.

— Era sua empresária no telefone?

— Oh, meu Deus, sim, desliguei na cara dela. Desculpe, eu sei que é rude falar ao telefone na mesa, mas deve ser algo importante.

Concordando com um discreto aceno, James indicou o telefone como se me desse passe livre. Destravando a tela, disquei o número há muito conhecido e levei o aparelho ao ouvido enquanto aguardava.

Gabby atendeu no segundo toque.

— Desculpe...

— *Eu sei, você precisava do seu café.*

— Isso, agora me diga, por que me ligou?

— *Ao que parece, Dylan estava inspirado na noite passada e decidi fazer uma sequência de publicações no Twitter falando sobre absolutamente tudo.*

— O que você quer dizer com tudo, Gabby? — perguntei de repente evitando olhar na direção de James, tomada por uma onda de medo.

— *Dylan falou sobre você ser adotada e a sua mudança para a vinícola. Ele se colocou como vítima dizendo que foi traído primeiro e o beijo em Jen foi em um momento de raiva e confusão. Ele ainda publicou uma foto do hematoma no rosto dizendo que seu amante era um brutamontes...*

Enquanto Gabby ia dizendo, mais e mais distante sua voz ia ficando.

— Isso ainda está lá para ser visto?

Eu sentia meu corpo todo tremer devido ao misto de raiva e vergonha. Ele estava jogando meu nome na sarjeta.

— *Não, acho que aquele empresário imbecil dele entrevistou e o fez apagar logo depois, mas você sabe, é a internet, os prints estão correndo por aí...*

Em meio a um suspiro carregado de frustração, deixei que a cabeça tombasse para trás em busca de qualquer pensamento coerente e racional que

me impedisse de pegar o carro naquele momento e fosse até L.A. para que eu mesma lhe deixasse com hematomas.

— Quão ruim é a situação?

— *Mesmo ele sendo o novo queridinho de Hollywood, as pessoas já estavam saindo em sua defesa antes que eu fizesse o controle de danos...*

— Ok, vou continuar me mantendo fora de vista.

— *Stella, Dylan disse alguma verdade? Você e James...?*

Eu detestava mentir para ela, sabia que isso podia ser o tipo de coisa que prejudicaria todo o trabalho que ela tinha para colocar as coisas no lugar, mas diante de seu tom sério, não havia como dizer a verdade, não quando havia sido apenas uma aventura.

— Não, não, Gabby, Dylan é um mentiroso.

— *Tudo bem, cuide-se, nos falamos mais tarde.*

Após a ligação ser finalizada, permaneci mais alguns instantes de olhos fechados, apenas assimilando tudo que ela havia me dito e lidando com a mentira que eu havia acabado de contar. Quando enfim abri os olhos, James havia interrompido sua refeição e me encarava com preocupação.

Sem que ele precisasse pedir, comecei a repetir tudo que Gabby havia dito, exceto por seu questionamento sobre termos nos envolvido. Por se tratar

da primeira vez que ficávamos juntos, dizer algo desse tipo a ele criaria alguma tensão desnecessária, o assustaria, que era a última coisa que eu precisava naquele momento, então acabei por poupá-lo de tal informação. Depois disso as coisas ficaram um pouco estranhas e tão logo terminamos o café, deixamos a mesa.

Como ambos já havíamos nos banhado antes de cairmos no sono na noite anterior, ele apenas vestiu uma roupa limpa enquanto eu recolhia as minhas peças de cima da poltrona e as vestia.

— Não pense que estou dizendo isso por mim, porque não devo nada a ninguém, mas acho que deveríamos ser cautelosos ao retornar à vinícola. — James disse com certa preocupação.

— O que você quer dizer?

O espiei por cima do ombro enquanto amarrava a parte superior do vestido e o encontrei me olhando.

— Quais as chances de haver paparazzis esperando do lado de fora? Eles não sabem que você está fora da propriedade no momento, se a virem chegar agora, é possível tirem conclusões que não lhe beneficiariam.

Com mais um peso adicionado sobre meus ombros, deixei que o corpo caísse sobre a beirada da cama, apoiei os cotovelos sobre as coxas e



escondi o rosto entre minhas mãos. Eu só queria entender as razões para eu ter que lidar com tanta coisa.

— Stella, eu não fico feliz em sugerir isso, pelo contrário, eu diria a você que chegasse de cabeça erguida, mas suponho que você vá ser julgada... Talvez se você se esconder no banco traseiro da minha caminhonete...

— Meu Deus, nesse momento eu só desejo matar Dylan, muito lentamente.

Quando suas mãos grandes pousaram sobre meus ombros, eu ergui o olhar para encará-lo, James também não parecia nada feliz com esse possível arranjo.

— Você sabe que não tem culpa alguma, certo? Que ele invadiu sua privacidade e a usou contra você apenas por ser um imbecil, certo? — Diante de minha concordância silenciosa, ele continuou: — Me deixe te ajudar.

Rendida ao seu pedido e do fato de seu rosto estar alinhado na altura do meu, uma vez que ele havia se agachado diante de mim, aproximei minha boca da dele, que acabou de vez com a distância, unindo seus lábios aos meus em um beijo lento, sensual e confiante.

— Vai ficar tudo bem — garantiu, assim que o beijo terminou.

Perdida na profundidade de seu olhar, eu acreditei.



## Capítulo 22

— Isso não vai resolver — disse James, se colocando diante de mim após deixar seu lugar junto à mesa e apoiar as mãos em meus ombros, me impedindo de dar mais um passo que fosse.

Desde que havíamos retornado à vinícola há pouco mais de quinze minutos eu não tinha feito outra coisa que não fosse andar de um lado a outro do escritório. Eram pensamentos demais, raiva demais e uma grande vontade de ligar para Dylan e falar tudo que estava engasgado.

Como James bem havia previsto, os paparazzis estavam na entrada comercial da propriedade e na mesma proporção em que eu me sentia agradecida por ele insistir que eu fosse até ali deitada no banco traseiro de sua caminhonete, sentia-me enfurecida.

Para mim era inaceitável ter que me sujeitar a tal comportamento por algo que Dylan havia feito. Embora eu fosse inocente em toda essa história, ele tinha encontrado uma maneira de me colocar como culpada.

— Você deveria tentar ir lá para cima — falou, deslizando uma das mãos para o meu pescoço e a seguir para o meu rosto — tomar um banho e

trocar as roupas — acariciou meu lábio inferior com o polegar —, tenho certeza de que depois disso vai conseguir pensar com um pouco mais clareza.

— Precisamos ser discretos e cautelosos — murmurei, me inclinando para mais perto, atraída por seus olhos e boca.

— Não estamos sendo? — questionou em um tom baixo.

— Vamos fingir que sim.

Sem esperar por um argumento, cobri a distância que nos separava e uni meus lábios ao dele. James rodeou minha cintura com um dos braços e me pressionou de encontro ao seu corpo, enquanto sua língua deslizava e se enrolava junto à minha.

Sentindo as pernas moles e o corpo quente por seu toque, me forcei a esquecer por um breve instante a confusão que existia à minha volta e o beijei com todo desejo que eu vinha reprimindo desde que tinha lhe visto essa manhã, preparando o café apenas de boxer.

Quando o beijo se tornou um pouco mais intenso e o ar escasso, nós o encerramos.

— Não demoro a descer...

— Você sabe que não precisa se apressar, certo? Além do quê, acredito que você tem coisas mais urgentes para tratar agora.

Já prestes a me afastar depois de um simples aceno em concordância, lhe roubei um beijo rápido que colocou um sorriso sedutor em seus lábios e saí do escritório.

Alerta ao problema que minha vida havia se tornado, cruzei o longo corredor às pressas e subi as escadas o mais rápido que consegui. Ao avistar a porta do meu quarto logo adiante, um suspiro aliviado escapou de meu peito. Dentro da segurança proporcionada por aquelas paredes, eu me permiti fraquejar e colocar para fora em forma de lágrimas a angústia que apertava meu peito.

Pela primeira vez em muito tempo fui capaz de perceber que Dylan vinha sendo a nuvem escura que encobria meus dias mais ensolarados.

Quando as lágrimas enfim cessaram, fiz o que James havia me aconselhado. O banho acabou sendo eficiente não apenas para limpar o meu corpo como também meus pensamentos conturbados, permitindo então encontrar um caminho em direção a solução para os meus mais recentes problemas.



Gabby e eu estávamos há pelo menos duas horas discutindo ao telefone o nosso plano de ação para os próximos dias quando uma batida sutil soou em minha porta. Imersa nas questões sobre como evitar que o estrago causado por Dylan me atingisse ainda mais, só lembrei que precisava comer quando me deparei com Nora esperando por mim no corredor, segurando uma bandeja contendo chá e biscoitos amanteigados feitos por Justine.

De forma discreta e profissional, ela apenas deixou as coisas ali e se foi, não sem antes eu lhe agradecer um punhado de vezes. Com o estômago reagindo com desespero ao que havia diante de mim, me sentei na cama e passei a desfrutar da refeição enquanto ouvia Gabby falar sem parar.

Pouco a pouco, todas as questões que eu precisava participar de maneira ativa foram sendo resolvidas até o horário do almoço. Embora minha agente e eu já houvéssemos encerrado a chamada há algum tempo, eu me sentia cansada demais até mesmo para ver o rosto bonito de James do outro lado da mesa, então permaneci no quarto. Quando novas batidas soaram à porta, não fiquei nada surpresa ao encontrar Nora me trazendo um saboroso lanche e suco de maçã para o almoço.

Aproveitando aquele pequeno instante em minha própria companhia, ocupei a mesa disposta na varanda de meu quarto e ali, rodeada pela natureza e com uma vista de tirar o fôlego, fiz a minha refeição enquanto a mente

vagava para longe, sem nenhum lugar específico. Mesmo após terminar o lanche, permaneci ali por algum tempo e quando pensei em retornar à rotina indo ao encontro de James no escritório, o celular esquecido sobre a mesa tocou, atraindo minha atenção.

— Filha? Como você está? — mamãe questionou assim que atendi a chamada.

Após breves segundos de silêncio encarando o nada e pensando sobre tudo, respondi:

— Eu não sei...

Do outro lado da chamada eu a ouvi suspirar, sem dúvidas, aproveitando esse tempo para tentar reorganizar suas próprias ideias.

— Ele não tinha nenhum direito de expor a situação dessa maneira.

— Eu sei — murmurei, porque tinha consciência a respeito disso.

— Eu queria poder ajudá-la, querida. Gostaria de...

— Venha me visitar — disse de repente, surpreendendo a mim mesma com o pedido que era cem por cento genuíno — O que mais preciso nesse momento é de seu carinho e cuidado, mãe, além de algumas respostas... — completei.

Quando seu silêncio começou a se estender além do que o esperado,

pensei em me desculpar e voltar atrás no convite, mesmo que essa não fosse minha real vontade, mas antes que eu pudesse reconsiderar, ela disse as palavras que fizeram meu coração se aquecer:

— Nos espere para o jantar, meu amor.



Quando a porta se abriu me dando passagem para o interior do escritório, James estava com o nariz enterrado em uma pilha de documentos. Seus olhos muito atentos se desviaram das linhas diante de si por um breve instante e embora parte de seu rosto estivesse oculto atrás da folha branca, pude ver quando os cantos de seus olhos se franziram, denunciando o seu sorriso antes que eu pudesse de fato admirá-lo.

— Está se sentindo melhor? — questionou, deixando os papéis diante de si sobre a mesa e cruzando as mãos.

— Sim, apenas um pouco cansada, mas acredito que o pior já passou.

Em uma tentativa de ser otimista, porque queria mesmo acreditar em minhas palavras, lhe dei um sorriso discreto enquanto me aproximava. Ignorando a cadeira vaga ao lado dele que eu costumava me sentar enquanto



trabalhávamos, recostei o quadril contra a lateral da mesa a uma curta distância de onde ele estava.

Com toda calma e despreocupação, seu olhar acompanhou meu movimento e logo depois subiu por meu corpo, fazendo com que minha pele se tornasse febril debaixo de toda a roupa, sem nem mesmo receber o toque de suas mãos.

Ainda sentado, ele seguiu sustentando a pose arrogante e sedutora por um longo instante, até decidir estender as mãos em minha direção, segurar em minha cintura e me trazer para mais perto, deixando-me em pé diante de si. Tendo-me onde queria, James então se levantou, deixando um espaço tão mínimo entre nós, que fazia meus seios serem pressionados contra seu peito firme a cada inspiração.

O encarando com arrogância e desafio, porque sim, eu queria que ele me beijasse, assisti seus lábios se aproximarem lentamente, até tocarem os meus, fazendo-me fechar os olhos e abrir a boca.

A sensação de ter a sua língua macia deslizando por meu lábio inferior era algo que eu jamais saberia lidar, pois fazia uma cruel onda de calor se espalhar por meu corpo e ansiar por mais, levando-me a sugá-la entre meus lábios.

Em meio ao seu grunhido rouco no qual eu estava mais do que pronta

para ceder e entregar todo o controle a ele, porque eu precisava de muito mais do que apenas os seus lábios ou aquela proximidade, fomos interrompidos por batidas na porta que nos fizeram saltar para longe um do outro ao mesmo tempo em que uma Nora desconcertada enfiava a cabeça para dentro do escritório e anunciava:

— Com licença, Stella, seus pais estão na sala de visitas à sua espera.

Como se uma injeção de ânimo tivesse sido aplicada em mim, todas as células de meu corpo despertaram com aquela notícia, me deixando animada no mesmo instante.

— Por favor, deixe-os a vontade que eu já estou indo. Obrigada, Nora.

Com um sorriso discreto ela se foi, me deixando a sós com James, que durante a minha breve distração já havia desligado o computador e organizado sobre a mesa os papéis que analisava até instantes atrás.

— Já está indo?

— Não sem antes terminar o que nós começamos.

Antes que eu pudesse fazer alguma piada ou soltar uma provocação, uma mão de James já rodeava a minha cintura enquanto a outra segurava a minha nuca. Vulnerável ao seu toque, apenas me entreguei ao beijo quando

seus lábios se juntaram ao meu com certa ansiedade e desejo.

De repente era como se fôssemos dois adolescentes prestes a serem descobertos, caso Nora ou qualquer outra pessoa abrisse a porta.

Ao segurar com firmeza em sua camisa, consegui sustentar o beijo por mais um tempo, até que nossas respirações estivessem ofegantes demais para continuar. Mantendo a testa junto à minha enquanto eu me perdia no tom castanho de seus olhos, James ajeitou atrás de minha orelha uma mecha de cabelo que havia caído sobre o meu rosto.

— Acho melhor você não deixar seus pais esperando por muito tempo — disse baixo, com uma nota de diversão na voz ao perceber que eu já havia me esquecido de tal detalhe.

— Claro, é melhor eu ir encontrá-los.

Atordoada com o poder que seu beijo exercia sobre mim, selei meus lábios aos dele e então me afastei, impondo uma distância segura entre nós que me impediria, ou assim eu esperava, de pressioná-lo contra a parede e exigir mais.

Após deixarmos o escritório, caminhamos lado a lado pelo longo corredor com sorrisos cúmplices estampados em nossos lábios. Prestes a pegar o caminho em direção à saída, James e eu fomos surpreendidos com a

presença de duas figura no hall.

— Mãe, pai! — Cantarolei, avançando instintivamente mais rápido em direção a eles, que já me esperavam de braços abertos e me observavam com um olhar amoroso.

Sem pensar, me lancei entre os dois que me ampararam com seus braços e me esmagaram entre seus corpos. Naquele instante, recebendo todo amor do mundo que só meus pais poderiam me dar, foi que percebi o quanto havia sentido falta desse carinho.

Depois de secar os cantos dos olhos e fungar algumas vezes, sorri para eles e voltei minha atenção para o lugar às minhas costas que mamãe encarava com curiosidade. Não sendo surpresa alguma para mim, encontrei James parado com um semblante quase neutro, exceto por seus lábios repuxados em um sorriso.

— Mãe, pai, esse é James Preston, ele é o administrador da vinícola e assim como eu, também é herdeiro do senhor Vincenzo. James, esses são meus pais, Lauren e Charles Davis — apresentei, me afastando um passo para o lado quando James se adiantou em nossa direção para cumprimentá-los.

— É um prazer conhecê-los — disse com simpatia, ganhando um sorriso amplo de minha mãe. — Espero que aproveitem a estadia e caso

precisem de algo ou tenham qualquer curiosidade sobre a propriedade, saibam que estarei à disposição. Tenham uma ótima noite.

— Obrigada, James, boa noite.

— Oh, você já vai, querido? Não gostaria de jantar conosco? — convidou mamãe — Não foram esses os modos que lhe dei, Stella — repreendeu-me como se papai e James não pudessem lhe ouvir.

— Sim, eu já estava de saída e bem, acho que precisam de um pouco de privacidade...

Apesar de parecer no controle da situação, o simples fato de James coçar a nuca me mostrou seu nervosismo.

— Deixe disso, é apenas um jantar, você é bem-vindo, não é, querida?

— C-claro, está tudo bem, James — disse com mais convicção. — Fique conosco para o jantar, isso é claro se não for estragar nenhum de seus planos.

Alternando o olhar entre nós três que agora o encarávamos com expectativa, James voltou a coçar a nuca antes de sorrir e dizer:

— Obrigado, será um prazer, senhor e senhora Davis — agradeceu, evitando me encarar, talvez, temendo nos denunciar de alguma maneira.



## Capítulo 23

Se na primeira vez que James e eu trocamos meia dúzia de palavras uma grande antipatia se formou entre nós, o oposto aconteceu durante o jantar na companhia de meus pais. Sendo simpático sem perder sua usual discrição, ele saciou a curiosidade de ambos, que lhe encheram de perguntas sobre a vinícola e até mesmo sobre o meu comportamento, pois segundo mamãe, ela sabia que eu podia ter um gênio difícil.

Apesar de James sorrir e negar a acusação feita por minha mãe, e ainda completar o assunto dizendo que trabalhar comigo tinha sido muito fácil, nossos olhares acabaram se cruzando por uma fração de segundos e o que eu vi ali foi cumplicidade e um algo a mais, que me deixou curiosa para saber do que se tratava.

Ao final daquela hora, quando já havíamos degustado até mesmo uma deliciosa sobremesa, James anunciou sua partida. Mesmo diante da insistência de meus pais para que ele permanecesse junto a nós e conversasse um pouco mais, ele acabou declinando o convite com a justificativa de precisar resolver algumas coisas em casa.

— Ah, não acredito que fizemos sua esposa ficar esperando por você

até essas horas, querido, nos desculpe — disse mamãe, se aproximando de James para se despedir.

— Oh, não se trata disso. O único à minha espera ao voltar para casa é Snow, um grande cão peludo muito atrevido, que é amigo de Stella.

— Deixe de falar assim dele, Snow é lindo e adorável!

Embora parecesse que muito tempo havia se passado desde que o cão esteve deitado aos meus pés, me encarando com um olhar pidão enquanto James e eu tomávamos café da manhã em sua casa de maneira íntima, apenas um punhado de horas nos separava de tal acontecimento.

— De qualquer maneira, obrigada por nos fazer companhia, senhor Preston, foi um prazer conhecê-lo — disse mamãe.

— Me chame apenas de James. — Sorriu com simpatia, algo que demorei a conhecer em sua personalidade. — Foi um prazer conhecê-los também, nos vemos em breve, agora sim, tenham uma boa noite — despediu-se.

— Vou acompanhá-lo até a porta, com licença — anunciei, antes de segui-lo.

Depois de caminharmos em silêncio por uma curta distância, que servia até mesmo para nos assegurar que ouvidos curiosos não poderiam



captar nossa conversa, aponte o óbvio.

— Como você teve coragem de mentir para a minha mãe e dizer que nos demos bem logo de cara?

— Não pense que isso não vai ter um preço.

Através de minha visão periférica, pude ver um sorriso torto e até mesmo sedutor se formar em seus lábios, então me virei em sua direção.

— Então era isso! Você fez de propósito, não foi? — exclamei com diversão, enquanto abria a porta para ele e o acompanhava até o lado de fora da casa. — Eu devia saber... Como posso pagar a minha dívida com você?

Diante de minha provocação, James permaneceu parado a minha frente, me encarando através da luz fraca com curiosidade e aquele mesmo algo a mais no olhar.

— Eu consigo pensar em um milhão de maneiras diferentes para isso...

Motivada por seu tom de voz mais rouco e o olhar pesado que não desgrudava de meus lábios, avancei mais alguns passos em sua direção até estarmos muito próximos e o beijei.

Embora tenha demorado um segundo ou dois para corresponder, James não decepcionou em nada quando sua língua pediu espaço entre os

meus lábios e invadiu a minha boca.

Se eu houvesse descoberto há mais tempo o quanto era bom beijá-lo, como fazíamos naquele instante, em que suas mãos seguravam meu rosto em concha e sua língua se enroscava junto à minha de maneira provocadora, sem dúvidas eu teria deixado as nossas diferenças de lado muito antes.

Antes que o beijo saísse de controle e nos fizesse ser ainda mais imprudentes do que já estávamos sendo, agindo como dois adolescentes escondidos bem debaixo dos narizes dos pais, colocamos um fim ao momento, mesmo que contra a nossa vontade, como eu bem podia sentir ao ter seu corpo pressionado ao meu.

— Boa noite, Stella — Ele sussurrou, antes de beijar o ponto sensível em meu pescoço e se afastar.

— Boa noite, James.

Enquanto o assistia andar em direção à caminhonete, aproveitei para me recuperar do beijo e aplacar o calor de minha pele, em especial o de minhas bochechas, que sem dúvidas deveriam estar muito vermelhas.

Eu permaneci ali até ver as lanternas traseiras desaparecerem no final da estradinha e quando não havia mais vestígio algum de James, retornei para dentro do casarão. Refazendo o caminho de antes, cheguei à sala de jantar

que para a minha surpresa encontrava-se vazia.

Enquanto ponderava sobre qual seria o meu ponto de partida na busca por eles dentro da imensa casa, acabei me deparando com a chegada de Nora.

— Os levei até o quarto que ocuparão.

— Muito obrigada, Nora. James e eu mal conseguimos conversar hoje e er... nós tínhamos alguns assuntos pendentes e... hum...

Por mais que eu não devesse justificativa alguma a ninguém, eu me via impelida a fazer isso naquele momento, porém, quanto mais eu tentava me explicar para Nora, que me direcionava um sorrisinho descrente somado à sobrancelha arqueada, mais evidente a minha falha se tornava.

— Ah, fique tranquila querida, eu imagino que vocês tinham muito a conversar — piscou —, mas não se preocupe, seus pais estão se acomodando. Com licença.

Sem me dar a chance de tentar consertar a situação embaraçosa na qual eu mesma havia me colocado, ela se foi. Não tendo muito o que fazer, peguei a sua deixa e segui em direção ao andar superior.

Embora eles fossem a minha família, a única que eu havia conhecido até então, Nora havia se encarregado de acomodá-los em um quarto no corredor adjacente ao que os cômodos principais se encontravam. Seja para

dar privacidade a eles ou a mim, eu estava bem e até mesmo agradecida por isso.

Assim que bati de leve na porta, pude ouvir o som dos passos apressados de mamãe atravessando o cômodo, então esperei. Assim como havia acontecido há pouco mais de uma hora atrás, seu rosto se iluminou ao me encontrar ali.

— Entre, querida, seu pai está no banho. Nora o viu bocejar e decidiu que o melhor seria nos acomodar.

— Ela fez muito bem, irei agradecê-la por isso, sei o quanto vocês costumam dormir cedo desde que papai deixou de atender em plantões noturnos.

— Nora me pareceu uma boa pessoa, ela tem cuidado bem de você?

— Sim, ela tem feito isso, além de ser uma boa ouvinte e amiga, eu diria.

— Fico feliz de saber que mesmo na minha ausência você não estava sozinha.

Paradas no meio do quarto, nós permanecemos nos encarando em silêncio enquanto um turbilhão de emoções despertava em meu peito.

— Eu senti muito a sua falta, mãe — declarei baixo, tentando manter

a voz firme.

— Ah, Stella...

Ao dizer meu nome em meio a um choramingo, ela tornou a rodear meu corpo em um abraço apertado que retribuí. Naquele instante senti como se o nosso laço estivesse sendo refeito, dessa vez mais forte e independente do que fosse conversado no dia seguinte, não me restava dúvidas de que ele se manteria assim para sempre.

Nós permanecemos entregues àquele abraço pelo que pareceu uma eternidade e o momento só terminou quando a porta da suíte se abriu, acompanhada da voz de papai preenchendo o quarto.

— Ah, aí estão as mulheres da minha vida.

Com os olhos marejados, ambas sorrimos e demos espaço para que ele se encaixasse entre nós e participasse do abraço desajustado.

— Nós te amamos tanto, querida.

— Eu sei, pai, nunca duvidei disso e sabe, eu também amo muito vocês.

— Precisamos conversar, Stella — mamãe disse um tanto aflita.

— Tudo bem, nós podemos fazer isso amanhã. Durmam bem.

Depois de deixar o quarto de meus pais, segui para o meu com o coração um pouco mais leve e a sensação de estar fazendo a coisa certa, depois de tantos erros cometidos.



## Capítulo 24

Embora eu estivesse me sentindo um pouco mais leve após aquele primeiro contato, a ansiedade de saber que meus pais estavam ali e que logo tudo seria esclarecido não me deixou dormir muito bem, por isso, assim que os primeiros sinais do sol surgiram no horizonte marcando a chegada do novo dia, eu saltei da cama e fui cuidar de minha higiene e a seguir de minha aparência, que estava ruim por conta das olheiras bem marcadas, um sinal da noite insone.

Prestes a guardar as maquiagens de volta na gaveta da penteadeira, me deparei com aquilo que havia se tornado meu bem mais precioso, a foto de dois jovens que se encaravam perdidamente apaixonados, a foto dos meus pais.

Com os dedos trêmulos como se fosse a primeira vez que eu tinha aquela lembrança em minhas mãos, pressionei o pedaço de papel contra o meu coração, que batia em um ritmo diferente, descompassado, enquanto em pensamentos eu só desejava uma boa justificativa para a vida que tive.

Quando o som de tímidas batidas soaram na porta trazendo-me de volta ao presente, sequei a lágrima solitária que havia escorrido do canto de



um de meus olhos e atravesssei o quarto. Girando a maçaneta e abrindo uma fresta, encontrei dois pares de olhos me encarando de volta em expectativa, então abri um pouco mais, nos proporcionando uma visão completa uns dos outros.

— Bom dia, querida, Nora disse que você ainda não havia descido para o café, então viemos chamá-la.

Como um lembrete do que eu ainda carregava comigo, senti a mão que permanecia sobre meu coração se aquecer. Tomada por uma coragem e força que eu não sabia ao certo de onde vinha e que se misturava com o nervosismo, avancei em direção ao corredor e após passar por eles, pedi que me seguissem.

Nenhuma pergunta foi feita enquanto passávamos por uma porção de portas fechadas e quando alcancei uma em questão, me questionei se estava fazendo o certo em revirar o passado em busca de respostas que eu poderia até mesmo não encontrar.

Temendo que tais questionamentos me impedissem de avançar, abri a porta do quarto que um dia fora de Alessandra, minha mãe biológica, e os convidei a entrar. A essas alturas, mamãe já tinha os olhos marejados e os vincos de preocupação na testa de papai se mostravam mais pronunciados.

— Um dia, esse foi o quarto dela — murmurei, percorrendo o espaço

a minha volta com o olhar. — Vincenzo manteve tudo quase que intocado, acredito que ele passou todo esse tempo esperando que ela ignorasse sua ordem e voltasse para casa... Mas ela nunca voltou.

— Stella, querida...

— Me desculpem por estragar os planos de vocês para o café da manhã — funguei —, mas eu não consigo mais adiar.

Com um aceno discreto, porém cheio de convicção, mamãe inspirou algumas vezes antes de se aproximar.

— Antes de mais nada, você precisa saber que foi muito amada, Stella, mesmo que seu avô tenha lhe virado as costas de maneira indireta, Alessandra e Michael a amaram no breve tempo em que você esteve com eles e desde então, desde que colocamos os nossos olhos sobre o pequeno embrulho cor de rosa que você foi um dia, nós a amamos.

— Por favor — pedi com o coração em frangalhos.

Depois de me tomar pela mão que pendia livre ao lado de meu corpo, mamãe me guiou até a cama e se acomodou ao meu lado. Por sua vez, papai me olhou com certa cautela, como se pedisse permissão para retirar do lugar o banco que estava junto à penteadeira. Diante de meu aceno, ele o moveu até perto de onde estávamos e se sentou em frente a nós duas.

— Seu pai e eu sempre desejamos ter filhos e isso ficou ainda maior depois que nos casamos. — Desviando a atenção de mim por um instante, mamãe olhou para meu pai com amor e cumplicidade, que retribuiu o gesto com um sorriso. — Nós queríamos ver a casa repleta da alegria que apenas crianças são capazes de trazer, mas com o passar dos anos, algumas tentativas frustradas e dois abortos espontâneos, chegamos à conclusão de que talvez isso não estava em nosso destino — disse a última com pesar, encarando nossas mãos entrelaçadas.

— Como pediatra eu me sentia realizado em poder cuidar de tantas crianças, poder fazer o bem e me doar a elas, mas havia uma parte de mim, de nós — olhou para mamãe — que desejava poder oferecer nosso amor a mais alguém.

— Eu nunca vou me esquecer daquele dia, Stella — ela negou com um aceno. — Dezesete de novembro de mil novecentos e oitenta e nove foi quando tudo mudou em nossas vidas. Naquela tarde de terça-feira seu pai e eu voltávamos para casa depois de termos visitado um abrigo infantil, quando San Francisco foi vítima de um forte tremor que causou destruição e morte.

— Foram os quinze segundos mais aterrorizantes. Nós vimos carros caindo de pontes, outros sendo esmagados e nós nada podíamos fazer além de tentar nos mantermos a salvo. Quando o tremor chegou ao fim, o caos havia

se instalado e nós estávamos presos em um trecho da estrada. Quando notamos que o pior já havia passado, saímos em busca de feridos que precisassem de ajuda.

— Um grande bloco de concreto havia caído sobre um carro que estava mais adiante do nosso e corremos para lá, mas não havia muito o que fazer, eles haviam sofrido grandes danos, então com o coração partido nos demos por vencidos e decidimos seguir adiante a procura de alguém que pudéssemos ajudar... — Com a voz trêmula, o rosto banhado em lágrimas, que como bem percebi deslizavam por minhas bochechas também, mamãe continuou: — Seu choro forte e vigoroso nos fez parar e olhar uma vez mais no interior do carro.

Comovida por tudo que havia escutado até o momento, pressionei com mais força contra o meu peito a foto de meus pais biológicos que eu ainda mantinha entre meus dedos e me curvei em uma bola, tentando não visualizar a cena trágica vivida por eles.

— Ao se abaixar no vão entre o banco do motorista e o banco traseiro com você no colo, ela poupou a sua vida, querida — mamãe continuou a narrar os fatos enquanto sua mão deslizava por minhas costas em círculos, tentando acalmar meu choro que eu já não fazia questão de esconder. — Não foi por falta de amor da parte deles que você chegou até nós, pelo contrário.

Conforme mamãe ia narrando os fatos, um filme ia passando em minha mente e mais a angústia crescia em meu peito. Era surreal demais acreditar que minha vida já havia estado por um fio.

Imersa na bolha de tristeza em que eu me encontrava, sequer percebi que papai havia deixado o quarto até ver ele me oferecendo um copo de água, que tinha conseguido sabe-se lá aonde.

Me esforçando para acalmar o choro e a respiração errática, peguei o copo de suas mãos e bebi parte do conteúdo em curtos goles antes de devolver a ele.

— Apesar dos esforços de Alessandra para salvá-la, você estava ferida e corria sérios riscos. Não foi fácil retirá-la daquela situação, mas assim que o fizemos com a ajuda dos bombeiros, passei a acompanhá-la de perto, filha. Você tinha apenas um mês de vida quando tudo aconteceu e isso afetou a sua saúde. A partir daquele momento eu passei a monitorá-la, não sem os olhos dessa mamãe coruja, claro. Você se tornou nosso milagre, Stella.

— Nós te amamos antes mesmo de entender como esse sentimento havia aflorado em nós e lutamos por você, querida, assim você lutou por si mesma e por nós a cada dia que estive no hospital, minha estrelinha.

Ao usar o meu apelido de infância, um sorriso bonito enfeitou os

lábios de minha mãe. Dessa vez não havia tristeza, era repleto de amor e orgulho.

— Nada justifica termos ocultado de seu conhecimento essa importante parte de sua história, mas filha, entenda, falhamos tentando acertar, queríamos lhe poupar da dor e por imaturidade vimos o tempo passar sem pensar que algum dia ele cobraria o preço por essa mentira.

Eu não sabia como me sentir diante disso. Uma grande parte de mim era grata por ter sido encontrada por pessoas tão bondosas como as que cresci chamando de pais, mas ainda havia uma pequena parte em mim que os culpava por terem me tirado o direito de viver o luto por aqueles que me geraram com amor, que abriram mão de tudo, do conforto de suas casas, que enfrentaram as suas famílias, para viverem o amor que sentiam e me darem a vida quando tudo estava contra eles.

Em uma de minhas sessões com Dra. Sarah após todo esse colapso ter atingido minha vida, ela havia dito que o tempo me ensinaria a perdoar e que cicatrizaria as feridas. Ouvindo-os narrar a minha história, eu acreditava nisso, que cedo ou tarde eu seria capaz de perdoá-los, embora nunca fosse me esquecer. E o fato de poder captar a sinceridade em cada uma das palavras ditas por Lauren e Charles, minha mãe e meu pai, ajudavam na cura dessa ferida que parecia latejar em meu peito.

— Nós nos encarregamos do funeral deles e quando você for a San Francisco a levaremos até lá, era o mínimo que poderíamos fazer por eles... e por você — finalizou papai, com a voz pesada. Ao encará-lo com mais atenção, pude observar as lágrimas não derramadas tornando seus olhos ainda mais brilhantes.

Apesar de não saber se seria capaz de falar, se teria estrutura para isso, tentei:

— Obrigada por salvarem a minha vida, não resta dúvidas de que jamais estaria aqui hoje se não fosse por tudo que fizeram por mim e por eles. Mais do que isso, obrigada por me amarem todos os dias desde que entrei na vida de vocês. Eu sei que aos poucos tudo vai voltar ao lugar, eu amo tanto vocês!

Após a minha declaração mais sincera, me vi sendo esmagada por dois pares de braços que só faziam me transmitir amor e conforto naquele momento.

— Nós te amamos também, querida — disseram em uníssono, me fazendo derramar mais algumas lágrimas.





## Capítulo 25

Toda a comoção antes mesmo do café da manhã havia roubado meu apetite e humor, por isso inventei uma desculpa qualquer e me esquivei de permanecer na presença de meus pais, que aproveitariam uma pequena parte da manhã e a companhia do marido de Nora para conhecerem a vinícola e as belezas da região.

Eu me senti um tanto estranha, embora também tenha ficado aliviada. Caminhei pela casa sem um rumo exato. Ao passar diante da porta da adega, um calafrio me fez encolher ao recordar o porre que eu havia tomado semanas atrás, por isso segui adiante, mas não fiquei surpresa quando me vi parando diante do escritório. Ao que parecia, meu subconsciente era quem estava no comando naquele momento.

— Ah, aí está você, Nora informou... — James começou a falar pouco depois de eu ter aberto a porta. — Espere, o que houve? — perguntou, notando minha cara de choro assim que nosso olhar se encontrou. — Você está bem? Stella...? — Se levantou num pulo e avançou em minha direção.

Apesar de acreditar já ter chorado todas as lágrimas possíveis, me vi derramando mais algumas quando a preocupação de James se mostrou tão

natural e genuína, enquanto seus braços me pressionavam de encontro ao seu peito em um abraço acalentador.

— Você está bem? — insistiu, sem afrouxar o aperto ao meu redor. Incapaz de falar, apenas meneei a cabeça em uma resposta positiva.

Durante todo o tempo em que permanecemos em pé, abraçados no meio do escritório, enquanto eu inalava seu perfume e tentava me acalmar, nenhuma palavra foi dita. James apenas me deu o carinho e a segurança que eu precisava sem exigir nada em troca, nem mesmo uma explicação.

Quando as lágrimas cessaram, meu coração ainda batia um tanto descompassado, muito mais por nossa proximidade do que por qualquer outra razão. Me remexi de leve, um indício de que eu estava pronta para encerrar aquele contato e James se afastou um pouco, me permitindo erguer o rosto em sua direção.

Eu sabia que estava uma completa bagunça, com o rosto vermelho, os olhos inchados e os cabelos apontando para todos os lados, mas a julgar pela maneira como ele me olhou... Deus, eu nem sabia o que pensar.

Embora seus olhos atentos estivessem estudando cada centímetro de meu rosto, sua expressão ainda era neutra. Ele ajeitou atrás de minhas orelhas algumas mechas de cabelo que haviam grudado em minhas bochechas molhadas, as secou com os polegares e para minha surpresa, beijou a minha

testa.

Apesar de saber que ele não notaria, senti minhas bochechas queimarem diante do gesto, que acabou por me deixar tímida.

Por estar com as palmas pressionadas contra seu peito, não me passou despercebido que quando consegui exibir um sorriso de agradecimento por tudo que ele havia feito por mim, seu coração assumiu um ritmo mais acelerado, se igualando ao meu.

— Não sei se um “muito obrigada” é o suficiente — dei de ombros, fazendo-o sorrir e arquear a sobrancelha.

— Você sabe que não precisa agradecer.

— Claro! — Ri com escárnio. — Eu invadi o escritório, comecei a chorar nos seus braços, você me confortou e eu não tenho razões para agradecer?

— É, considerando que você molhou a minha camisa preferida com todas essas lágrimas, talvez você me deva também um pedido de desculpas, senhorita Hollywood — provocou, sabendo que conseguiria arrancar de mim um sorriso.

— Herdeiro babaca — resmunguei com bom humor, lhe dando um leve empurrão.

Aproveitando a minha deixa para se afastar um pouco mais, James caminhou até o frigobar e retirou de lá uma garrafa d'água.

— Venha, você deve estar cansada.

Com a mão espalmada em minha lombar, ele me conduziu até um dos sofás de frente para a lareira e assim que me acomodei, a garrafa me foi entregue.

— Precisa de algo, Stella?

Apesar de negar com um simples aceno, eu poderia admitir para ele que um novo abraço não cairia tão mal assim, mas a julgar por sua expressão, minha resposta não havia sido convincente.

— Você se alimentou? Tomou a sua cafeína? Porque pouco antes de você aparecer eu fui à cozinha e Nora disse que você ainda não havia descido, assim como os seus pais.

— Eu estava sem fome e...

— Espere aqui — disse em tom firme, já se afastando.

— James, eu posso ir até lá quando ...

Já prestes a sair, ele se virou para mim com a sua melhor feição de carrasco e disse:

— Não ouse deixar esse escritório em minha ausência.

Eu estava de olhos fechados e com a cabeça recostada no sofá quando ouvi a porta se abrir algum tempo depois de ser deixada sozinha no escritório. Percebendo que não houve nenhum outro som além daquele, abri os olhos e encontrei James parado junto à porta, me observando.

— Tudo pronto, vamos lá.

— Eu agradeço muito a preocupação, mas prefiro ficar aqui, quieta. Você já fez muito por mim, James, não quero te atrapalhar mais. Pode até voltar a trabalhar, eu só vou...

— Por favor? — pediu, estendendo a mão em minha direção. — Confie em mim.

Incapaz de resistir a um pedido dele, ainda mais depois de todo seu empenho para me ver bem, reuni a pouca disposição que restava em meu corpo e me levantei, caminhando a passos lentos em sua direção. No mesmo instante seu semblante se transformou de uma sobrancelha arqueada e uma testa franzida, para um sorriso bonito.

Depois de caminhar por todo o corredor, me virei com a intenção de entrar na sala de jantar onde tínhamos o costume de tomar o café, mas antes que eu o fizesse, James me impediu. Diante do meu questionamento sobre

onde estávamos indo, ele apenas insistiu para que confiasse nele.

Ao sairmos da casa, fui conduzida em direção à caminhonete que para a minha surpresa estava estacionada ao lado de meu carro, que havia sido deixado em sua casa duas noites atrás.

— Eu não sei como você fez isso, mas obrigada — falei, apontando para o carro enquanto James abria a porta para mim, sustentando um ar enigmático.



— Acho que aquela sombra é um bom lugar para estacionar, além do que, fica perto da entrada da trilha — falei enquanto indicava um lugar mais à frente.

James apenas sorriu e negou com um aceno ao me espiar através da visão periférica, enquanto guiava a caminhonete para o lugar que eu havia lhe sugerido.

— Você já sabia — constatou quando eu saltei de dentro do carro e olhei com expectativa em direção às árvores densas que bloqueavam a visão do riacho.

— Tenho conseguido me localizar melhor, não apenas na propriedade como também dirigindo através da cidade.

Orgulhoso de meu feito, que não era lá grandes coisas, ele retirou do banco traseiro uma cesta de piquenique e uma garrafa térmica que eu sequer havia notado e então começou a caminhar em direção à vegetação.

Embora não me sentisse confortável em minhas roupas para fazer aquela caminhada, permaneci calada, seguindo os passos de James pela trilha enquanto carregava a garrafa térmica, a única coisa que ele havia permitido ter a minha ajuda.

Quando chegamos ao ponto já conhecido, o mesmo em que havíamos nos sentado junto à margem do rio e tido a nossa primeira conversa mais honesta, conversa essa onde ele havia se permitido mostrar curiosidade a respeito de minha vida, James estendeu a toalha xadrez que pegou no interior da cesta e depois a colocou no centro. Assim que tudo foi disposto sobre a toalha, nós nos sentamos frente a frente e começamos a refeição.

Na tentativa de me distrair das inúmeras coisas que ainda passavam por minha mente, James e eu falamos sobre a nossa primeira visita àquele lugar, sobre como ele havia levado o meu carro de volta à vinícola contando com a ajuda de um amigo e outros assuntos mais irrelevantes.

Eu já havia saboreado um pouquinho de cada uma das coisas que

havam sido colocadas na cesta e já estava em minha segunda xícara de café quando me dei por satisfeita, assim como James, que já recolhia os recipientes vazios e os guardava. Com a toalha desocupada, ele considerou que seria uma boa ideia se deitar sobre ela e eu acabei fazendo o mesmo.

Demonstrando sua natureza gentil mais uma vez, James estendeu seu braço para que eu me acomodasse melhor, mas quando dei por mim, já estava aninhada junto à lateral de seu corpo com a cabeça repousando sobre seu peito e o braço que deveria ter servido de travesseiro me envolvia em um meio abraço.

— Eles contaram a minha história — disse baixo antes de fazer uma breve pausa. Quando ele permaneceu em silêncio, apenas deslizando os dedos sobre meu braço, entendi que deveria continuar. — Eu não fui rejeitada, James. Meus pais me amaram até o último instante... Eles foram vítimas do terremoto de oitenta e nove.

Apesar de se manter em silêncio durante todo o meu relato, eu podia captar suas reações a respeito do que ouvia quando seus dedos interrompiam a carícia por um instante, ou por quando ele me apertou um pouco mais de encontro ao seu corpo, ou ainda quando senti que ele já não encarava as árvores acima de nós, mas sim, olhava para mim.

Curiosamente, quando terminei de destrinchar tudo que havia



aprendido sobre minha história, eu não havia derramado mais nenhuma lágrima. Eu não me sentia insensível a respeito disso, pelo contrário, ainda sentia a ferida emocional aberta, pulsando, mas eu já não tinha mais o que extravasar, ao menos não naquele momento.

— Eu soube que você era uma mulher forte no instante em que levantou a voz comigo e se impôs na sala do senhor Hall, e em muitos outros momentos depois daquele.

Para tentar conter o sorriso que ele havia feito surgir ali, mordi o lábio e ergui o rosto de maneira que pudesse encontrar o seu olhar.

— Você diz isso mesmo depois de me consolar pela segunda ou terceira vez? — questionei, me recordando de já ter chorado em seu peito quando estava bêbada após descobrir a traição de Dylan.

— Ninguém é forte o tempo todo, Stella, e está tudo bem... Agora, sobre aquele dia na adega e fora dela, você se lembra de mais alguma coisa?

Embora sua pergunta não fizesse muito sentido para mim, eu podia notar a diversão e curiosidade contidas em sua voz.

— Tenho vagas recordações de algumas outras coisas. Você nunca me contou tudo que fiz e falei...

James deslizou o polegar sobre a minha bochecha em uma carícia

suave, que seguiu em direção aos meus lábios enquanto parecia travar uma batalha interna. Quando minha língua tentou umedecê-los, acabou esbarrando em seu dedo e isso foi tudo que precisamos para que a tensão entre nós aumentasse, atingindo um nível perigoso.

Retirando-me de cima de seu peito com cuidado, James se ajustou ao meu lado, inclinando-se em minha direção. Ao lhe agarrar pela camisa, o deixei saber que eu não apenas queria, como necessitava que ele me beijasse.

Seu rosto então se aproximou do meu até que nossos narizes estivessem se tocando e as respirações se misturando. Com os lábios pairando sobre os meus a milímetros de distância e o olhar fixo no meu, ele confessou:

— Aquele dia você fez algo muito parecido com isso quando a coloquei na cama. Você me segurou com firmeza — sorrimos um para o outro com cumplicidade por eu estar repetindo o gesto — e me beijou, Stella.

A julgar por seu sorriso, minha expressão deveria ser uma completa surpresa.

— Eu sei, difícil de acreditar, mas você fez isso...

— E quanto a você, senhor Preston, o que fez?

— Depois de retribuir, porque confesso que eu já havia me perguntado algumas vezes como seria beijá-la, eu a interrompi e disse que só

voltaria a beijá-la quando estivesse sóbria.

Instigada por sua declaração que havia me deixado ainda mais excitada, me remexi debaixo de James tentando me acomodar melhor e não fiz questão alguma de esconder o quanto o roçar de nossos corpos foi prazeroso para mim.

— Eu estou sóbria agora, James, então, por favor, me beije — pedi, olhando no fundo de seus olhos, que se fecharam segundos depois, enquanto seus lábios se juntavam aos meus, primeiro com mordiscadas e depois, com toda paixão e desejo que tínhamos queimando em nós.

A sensação de ter sua língua macia deslizando junto à minha era como o paraíso e a energia que fluía entre nós... Deus, eu só desejava que o momento não chegasse ao fim. Com beijos e toques, James foi me envolvendo em sua teia de sedução, deixando-me ainda mais desejosa.

Conforme as roupas foram deixando nossos corpos, mais a minha necessidade por ele aumentava e quando James tomou o meu corpo, me preenchendo por completo, fazendo-me sua, esqueci de tudo, exceto o seu nome, que escapou de meus lábios repetidas vezes enquanto entregava a ele tudo de mim.



## Capítulo 26

— *Acho que vai ser muito bom dar essa entrevista, Stella, eles fazem um trabalho sério...* — disse Gabby, enquanto eu me escorava no gradil da varanda de meu quarto e apreciava a vista do fim de tarde.

Apesar de sentir o corpo cansado e até meio dolorido devido à minha aventura com James horas atrás, eu me sentia relaxada, ao menos até o nome de Gabby surgir na tela do celular. Depois do que Dylan havia feito, eu vinha temendo pelo pior cada vez que ela me ligava.

— *E então?* — insistiu, diante de meu silêncio.

— Claro, estou de acordo, em algum momento vou ter que falar alguma coisa, mesmo que não queira. Odeio o fato de ter que dar explicações sobre esse assunto em específico — confessei, deixando escapar um suspiro de frustração.

Satisfeita com a minha resposta, ela então garantiu que nenhuma pergunta indiscreta ou invasiva demais seria aceita e que antes de respondê-las, eu poderia vetar algumas se julgasse necessário, o que de certa forma me tranquilizou. Ocupando a posição de empresária e amiga, eu sabia que podia confiar no julgamento de Gabby a respeito de assuntos como esse.

— *E quanto à campanha, não tenho nem o que questionar, por mim é um grande sim* — continuou. — *Eles me passaram a ideia da produção e...*

Conforme Gabby ia divagando do outro lado da chamada, falando com empolgação da campanha para uma marca de perfumes que me queria como garota propaganda, mais a minha mente se desligava de suas palavras e retornava à tarde na companhia de James.

Mesmo depois de tomar banho e colocar roupas limpas, eu ainda podia sentir seu cheiro impregnado em mim, bem como seu toque fantasma, que causava arrepios em todo meu corpo com a mera lembrança. Era assustadora a facilidade com que seu beijo conseguia me deixar rendida a ele e implorando por mais. Considerando todas as desavenças que havíamos tido em um primeiro momento, jamais poderia supor que éramos tão compatíveis.

Com os holofotes voltados sobre mim desde que Dylan havia jogado a minha vida na mídia para os leões falarem a respeito, James e eu tentamos ser o mais discretos possíveis ao retornar ao casarão naquela tarde, mas nem todo cuidado foi o suficiente para evitar que mamãe o flagrasse tirando algumas folhas presas em meu cabelo, enquanto conversávamos mais próximos do que seria o esperado para dois colegas, conforme eu havia dito a ela.

Apesar de manter a discrição, fazer vista grossa e não comentar nada a respeito do que viu no tempo que passamos juntas durante boa parte da

tarde, ao me envolver em um abraço apertado em nossa despedida o “*aproveite sem culpa*” sussurrado, solto quase que de maneira despretensiosa antes do contato ser interrompido, foi tudo que precisei para saber que nada havia escapado aos olhos de Lauren Davis.

— *Stella? Ainda está aí?* — chamou Gabby, me trazendo de volta ao presente.

— Desculpe, Nora apareceu na porta por um instante, eu não quis te interromper e ainda assim acabei me distraíndo — menti. — Pode repetir o que disse por último?

Apesar de ter perdido muito do que ela havia dito, eu sabia que não passava de elementos a respeito da campanha e se ela já havia dado seu sinal verde, sem dúvidas eu também concordaria.

— *Certo, eu disse que apesar de você ser a proprietária da vinícola, talvez seja interessante consultar o senhor Preston* — disse com um tom diferente, insinuante — *a respeito de usar o espaço como locação do comercial.*

— C-claro, faz todo sentido, eu jamais saberia tratar essas questões. Creio que ele já tenha partido, mas devo ter uma resposta em breve.

— *É uma excelente oportunidade, Stella...*

Eu sabia muito bem o que ela queria dizer com isso, era a sua sugestão de que eu deveria fazer todo o possível para obter o que desejava, mesmo que James tivesse uma opinião contrária. Por isso tratei logo de concordar e encontrar uma forma de encerrar a conversa antes que eu acabasse falando demais a ela.



— Em suas marcas — pediu o diretor.

Enquanto a maquiadora se afastava, aproveitei para ajustar o robe de seda de um profundo tom de vinho sobre os meus ombros, de maneira que ele ficasse caído em um dos lados de maneira proposital.

Percorrendo os bastidores com o olhar, acabei encontrando James através do reflexo do espelho. Ele aguardava o início das gravações em um canto, com os braços cruzados e o semblante curioso, que só era evidente para mim, que havia tido tempo para aprender a ler suas feições.

Dei a ele um sorriso discreto, que não passava de uma simples contração em meus lábios, me ajeitei melhor sobre o banco macio posicionado em frente à penteadeira, encarei a taça de vinho pela metade, o frasco de perfume e outros itens dispostos à minha frente e aguardei por



novas ordens.

Instantes depois, a sala se encheu de música, a mesma que seria tema da campanha. Era uma melodia sensual, com algumas notas mais altas e uma voz masculina sussurrada. Se eu fechasse os olhos e me imaginasse junto de James, sem dúvidas meu corpo se incendiaria.

Pouco mais de uma semana havia se passado desde que Gabby e eu havíamos conversado sobre a proposta de gravar a campanha para a marca de perfumes que me queria como garota propaganda. Como era de se imaginar, ela estava certa, seria um grande negócio, em especial pelo fato de que eu lucraria também com o aluguel da vinícola para as filmagens.

Naquela mesma tarde, logo depois de encerrar a chamada, eu havia me aventurado no corredor inferior e para a minha sorte James ainda se encontrava entretido com seus papéis no escritório.

— Tenho uma proposta para você — falei em um tom baixo, tentando soar provocante.

— Talvez seja melhor trancarmos a porta — sugeriu, quando me sentei de lado em seu colo.

Sem fazer qualquer menção de me impedir ou afastar, aproximei meus lábios dos dele, que eram carnudos e convidativos, e o mordisquei.

Meio segundo depois um sorriso sedutor se desenhou ali, mas logo se desfez, quando James reivindicou os meus em um beijo ousado, enquanto uma de suas mãos me segurava pela nuca e a outra repousava sobre o início de minha bunda, de maneira que ele pudesse me manter ali, sentada sobre a ereção que começava a se formar em suas calças.

Esquecendo por um momento qual era o meu propósito ao ir em busca de James naquele escritório, nós acabamos passando um pouco dos limites, enquanto nos divertíamos de maneira imprudente com o risco de alguém nos flagrar.

Passado o tesão que vinha ficando cada vez mais difícil de ser controlado quando estávamos próximos, conseguimos conversar sobre negócios e ele se mostrou muito interessado em me ajudar a ter um bom lucro com o aluguel da propriedade para as locações, além do que ganharia com a atuação para a campanha.

— Silêncio — pediu o diretor. Após meio segundo, quando o único som captado por meus ouvidos era a música ambiente, ele gritou: — Gravando.

Com o roteiro simples bem decorado, apanhei de cima da penteadeira o elegante frasco de perfume e o aproximei de meu rosto. Após inalar a fragrância que tinha notas de uva em sua composição, arqueei a cabeça para

trás, deixando meu pescoço mais a mostra para a câmera, ao mesmo tempo em que minhas pálpebras se fechavam com um olhar pesado de luxúria e uma nuvem de gotículas caía sobre a minha pele.

Assim como nas grandes produções, o roteiro não seguia com precisão a sequência cronológica em que as imagens apareceriam na edição final, por isso havíamos iniciado com essa tomada, que segundo o planejado, seria a segunda cena.

Pouco depois de ter borrifado o perfume sobre mim e devolvê-lo à penteadeira, o diretor gritou “corta”. Com um sorriso satisfeito ele me informou que a tomada havia ficado perfeita, mas que gostaria de repeti-la apenas por garantia, o que na realidade não era um problema para mim. Sem qualquer objeção ou intercorrência, acabamos gravando a sequência outras duas vezes, sendo que em uma delas eu fingi beber o vinho antes de usar o perfume. Ao final, havíamos produzido material suficiente para que pudessem trabalhar durante a edição.

Satisfeito, o diretor me dispensou pela próxima hora, tempo mais do que suficiente para que eu trocasse meus trajes, ajeitasse os cabelos e assumisse minha posição na área inferior da propriedade junto das barricas de vinho em maturação, onde integrantes da equipe e o modelo com quem eu contracenaria estariam à minha espera.

Sem ter muita certeza de como James reagiria a isso, acabei não contando a ele a parte do roteiro que incluía um beijo. Por isso, desejei um momento a sós para que pudesse tentar reparar esse meu deslize, o que sem dúvidas não seria possível, já que ele havia desaparecido do lugar em que eu o vira pela última vez e agora Gabby e outras pessoas da produção me rodeavam, prontas para me auxiliarem na nova caracterização.

— Ele já foi, mas me pareceu bem interessado... — disse Gabby, interceptando meu olhar, por mais discreto que tenha sido.

— Ele quem, o modelo com quem vou contracenar? Não o vi ainda — comentei, tentando me fazer de boba, mesmo sabendo a quem ela se referia.

— James Preston, Stella... Ele é um homem muito interessante, se é que me entende — disse baixo em um falso cochicho —, pena que passou tempo demais lhe devorando com os olhos durante as gravações.

— Deixe de besteira, Gabby, é apenas a curiosidade de quem não pertence a esse mundo. — Dei de ombros, tentando convencê-la que suas suposições estavam equivocadas, algo que na realidade eu vinha fazendo nas últimas vinte e quatro horas, desde que ela colocara os pés na vinícola.

Sendo a minha melhor amiga, quase como uma irmã mais velha, Gabby e eu não costumávamos guardar segredos uma da outra, por isso ela logo me deixou saber o quanto James, com todo o seu jeito de “homem da fazenda”,

lhe interessava, para meu total desagrado.

Por conta de sua presença marcante seguindo meus passos quase como uma sombra, eu e ele não havíamos tido muitas oportunidades de ficarmos sozinhos desde que ela havia chegado e isso estava me matando. Era absurdo pensar o quanto James havia me deixado dependente de seus beijos e toques em tão pouco tempo.

Desde que mamãe havia partido, nosso nível de intimidade só fez aumentar, tanto que em certa noite na qual trabalhou até mais tarde, James acabou cedendo ao meu pedido e ocupou o quarto em frente ao meu. Dizer que ele recebeu a minha visita no meio da noite não deveria ser nenhuma surpresa.

— Esse homem é tão quente em seus jeans e camisa xadrez que eu poderia levar a noite toda para me livrar deles sem perder o interesse. Ele parece ser tão selvagem — abanou-se com as mãos — Sinto calor apenas de imaginar...

Ocupada demais com o retoque de meu batom após ter substituído o robe de seda por um vestido longo na mesma cor, me vi impossibilitada de responder qualquer coisa que fosse afastar seus pensamentos para longe de James, enquanto torcia para que ele não cedesse às investidas de Gabby, que como eu já havia presenciado algumas vezes, poderiam ser bem eficientes.

De repente, ouvi-la falar de James daquela maneira havia despertado em mim um sentimento estranho, algo que eu não sabia ao certo como nomear e sequer sabia se tinha o direito de sentir, afinal, não havíamos discutido sobre sermos ou não exclusivos.

Ainda tomada pela incerteza de não saber se eu era apenas uma distração temporária em sua cama pelo tempo que estivesse ali, me vi caracterizada para a próxima tomada. Parada diante do espelho me admirei por um instante, desejando que ele pudesse me ver daquela maneira. Em momentos como aquele, eu acabava admitindo para mim mesma que tudo isso que estava vivendo com James era mais importante do que eu deixava transparecer.

Assinado por um famoso estilista, o modelito que eu usava havia sido confeccionado para a campanha e representava muito bem toda a elegância e sensualidade do perfume. Com mangas longas, um decote acentuado entre meus seios, cintura bem marcada e uma longa fenda na perna direita, o vestido era apenas deslumbrante e eu mal podia esperar para caminhar com ele por entre os barris, de maneira que o tecido leve fluísse ao meu redor, me fazendo sentir poderosa.

Conforme haviam me informado mais cedo, ao final da caracterização para a segunda tomada, fui levada, com Gabby em meu encalço, até o

subsolo da área comercial da vinícola.





## Capítulo 27

— Desculpe, preciso resolver isso — disse Gabby, segurando o celular que esperava para ser atendido. — Está tudo sob controle, a produção é muito organizada e não acredito que você vá precisar de mim nesse meio tempo, nos falamos mais tarde.

Antes que eu tivesse tempo de responder ou contra argumentar, ela já havia dado meia volta e subido as escadas que havíamos acabado de descer.

Tomando o máximo de cuidado possível para não sujar ou danificar o vestido, visto que todo o espaço ao meu redor tinha uma aparência antiga por conta das luzes amareladas, teto rebaixado com paredes e arcos feitos do mesmo tijolo avermelhado que compunham a fachada da vinícola, segui caminhando ao longo do corredor formado por fileiras e mais fileiras de barris de carvalho. Ao final de um deles, encontrei o diretor da produção e Cameron, modelo com que eu contracenaria, que aguardavam minha chegada.

Aliviada por James não estar ali para assistir as gravações, nós discutimos a respeito do roteiro, que teria dois takes diferentes gravados e instantes depois assumimos nossas posições.

De terno e camisa escuros com apenas a gravata da mesma cor de meu vestido, Cameron, meu companheiro de cena, estava muito elegante. Me encarou com um sorriso simpático ao se posicionar muito próximo de mim e envolver meu corpo com um dos braços, enquanto sua outra mão repousava em minha nuca. Adotando a minha postura, apoiei as mãos em seus ombros e coloquei a perna direita um passo à frente, deixando minha perna exposta através da elegante fenda do vestido.

Prestes a tombar a cabeça para trás e deixar meu pescoço exposto para Cameron, que iniciaria a cena inspirando meu aroma, acabei sendo atraída pelo olhar de James, que havia se juntado a equipe em meu momento de distração e agora me encarava como um predador mortal. Impossibilitada de fazer ou falar qualquer coisa que nos denunciasse, tentei lhe enviar um silencioso pedido de desculpas.

— Atenção — pediu o diretor. Incapaz de adiar mais o momento, desviei o olhar de James e assumi minha posição entre os braços de meu colega. — Gravando.

Assim que o sinal nos foi dado, Cameron me curvou mais para trás e após inalar o perfume de meu pescoço, seus lábios se juntaram aos meus em um beijo.

— Corta — gritou o diretor, fazendo-me suspirar aliviada.

No instante em que Cameron nos retornou à posição vertical, busquei por James. Apesar da expressão neutra em seu rosto, seus olhos brilhavam. Seria de raiva?

— Take dois!

Ao assumirmos a posição anterior, meu companheiro de cena voltou a me inclinar, mas dessa vez, quando o diretor deu o sinal ele encostou seu nariz junto à minha clavícula e trilhou um caminho por todo meu pescoço, até alcançar um ponto abaixo de minha orelha, onde depositou um beijo. Eu mantinha os olhos fechados, entregue.

— Corta! Vamos repetir a cena um. — informou o homem sentado a poucos metros de distância.

Olhando na mesma direção de instantes atrás, o encontrei imóvel como uma estátua de pedra. James continuava na mesma posição, com a mandíbula travada, as veias do pescoço saltadas e os braços cruzados diante de seu peito, deixando seus músculos evidentes sob o tecido.

No mesmo instante uma onda de calor se formou em meu baixo ventre e passou a se espalhar por meu corpo. Em silêncio, desejei que ele pudesse aplacar o fogo que agora me consumia.

— Em suas marcas. Gravando.

Incapaz de fechar os olhos, assisti o rosto de Cameron se aproximar de meu pescoço. Senti sua respiração em minha pele ao inalar o perfume e no momento em que seus lábios deveriam se unir aos meus, virei o rosto em direção à câmera, exibindo um sorriso provocante acompanhado de um arquear de sobrancelhas. Pego de surpresa com o fato de eu ter fugido do roteiro, meu colega de cena pressionou um beijo em meu pescoço.

— Corta! — gritou o homem, já se levantando e vindo em nossa direção. Por ser a primeira vez que trabalhava com Damien, não fazia ideia do que esperar. — Apesar de ter fugido do roteiro, gostei de como isso ficou na câmera, vamos repetir mais uma vez.

Aliviada por não ter levado uma bronca diante de todos, voltei à minha posição com Cameron e quando ousei espiar James, ele me encarava com uma sobrancelha arqueada.

Depois de repetir mais duas vezes aquela mesma sequência de cenas, partimos para a seguinte, na qual Cameron e eu corríamos e nos escondíamos um do outro entre os barris até nos reencontrarmos no mesmo ponto da cena anterior, onde ele me rodava em seus braços, pressionada contra seu corpo, antes de me colocar no chão.

Devido ao fato de ser uma cena que envolvia movimento, acabou sendo um pouco mais trabalhosa e demorada, mas nem mesmo isso motivou

James a partir, pelo contrário, a cada vez que Cameron me pegava, girava ou pressionava contra seu corpo, mais selvagem o olhar de James se tornava. Eu podia ver a fera desperta, apenas esperando o momento para ser liberta.

Ao final das gravações internas, me despedi de Cameron e fui acompanhada por algumas mulheres da produção até o camarim improvisado que eu havia usado mais cedo. Embora desejasse mais do que tudo um momento a sós com James, eu sabia que isso ainda estava longe de acontecer.

Depois que o vestido foi substituído por uma longa camisola off-white, de seda, fui levada com parte da equipe para um dos vinhedos onde a última tomada seria gravada, enquanto outra parte dos funcionários desmontavam os cenários usados, para que a vinícola voltasse a funcionar e atendesse ao público.

Por se tratar de uma cena simples, na qual eu caminhava por entre as parreiras de uva e “colhia” o perfume de um dos cachos, o trabalho acabou sendo concluído rápido, mas para a minha preocupação, James não se encontrava à vista.

Vesti um robe longo por cima da peça que usava, cumprimentei a equipe que havia sido sensacional durante todo o dia de gravação, me despedi do diretor e retornei ao casarão, que havia se tornado meu refúgio, a minha fortaleza.

— Imaginei que você chegaria faminta, Stella, deixei alguns lanches para você no quarto — falou Nora, assim que me viu atravessando a porta de entrada.

— O que seria de mim sem você? — brinquei, abraçando-a. Nas últimas semanas havíamos estreitado um pouco mais nosso laço de afeto e vez ou outra me peguei pensando o quanto sentiria falta disso ao voltar para Los Angeles.

— Ande, vá comer — ordenou de brincadeira ao se desvencilhar de mim.

— E quanto a você e aos demais, descansem, já tiveram trabalho demais com esse tanto de gente circulando por aqui.

— Obrigada, cuide-se — alertou enquanto se afastava.

Tomada não apenas pela fome, quanto pelo cansaço e o desejo de tomar um longo e relaxante banho, subi as escadas às pressas. Assim como Nora havia dito, uma bandeja repleta de comida, bem como uma jarra de suco estavam à minha espera sobre a mesa que vez ou outra usava para trabalhar.

Após considerar que dentre as minhas prioridades o banho era a mais urgente delas, tratei logo de ir para o banheiro. Depois de me livrar do estresse das gravações sob o delicioso jato d'água, vesti um conjunto de

lingerie da mesma cor das peças que havia usado durante todo o dia e que haviam me feito sentir bonita e poderosa, coloquei um robe escuro por cima e me sentei na cama, acompanhada da bandeja de comida. Em algum momento entre me satisfazer com um delicioso lanche e responder às mensagens de Gabby que ainda estava fora, acabei sendo vencida pelo cansaço e adormecendo.

Sem saber ao certo quanto tempo havia se passado, me senti um tanto quanto perdida ao abrir os olhos e notar que o sol já havia se posto do lado de fora, porém, mais impressionante do que isso foi ver que eu não estava sozinha no quarto. Parado junto à porta da sacada, James me encarava na penumbra.





## Capítulo 28

— Você está aí há muito tempo? — questionei com a voz ainda sonolenta enquanto me ajeitava na cama.

— Não, cheguei tem alguns minutos. A casa está vazia, queria saber se você estava bem, mas a encontrei dormindo. Desculpe por acordá-la.

— Está tudo bem, eu nem deveria ter dormido. — Dei de ombros, gesto esse que ele não viu devido a pouca iluminação do quarto.

Ao ligar o abajur posicionado do lado da cama, fechei os olhos por um instante para se adaptarem à claridade. Quando os abri, James permanecia parado no mesmo lugar, me encarando com seus olhos de predador, conforme eu havia notado mais cedo, durante as gravações.

Assim como eu, ele também havia tomado banho e substituído as roupas desde que havíamos nos visto pela última vez e o fato de estar parado diante da porta, por onde a corrente de ar entrava e carregava seu perfume até mim, não facilitava em nada para que eu pensasse com clareza.

— James, eu não... — murmurei, enquanto me levantava da cama. Sem dizer nada, seu olhar apenas acompanhou meus movimentos. — Nós

nunca falamos sobre... — recomecei, apenas para me deter um segundo depois.

Sem dizer nada ou desviar sua atenção, James passou a caminhar até mim. Tomada por nervosismo, expectativa e, mais do que tudo, desejo, permaneci imóvel no meio do quarto.

— Você tem ideia de como me senti assistindo aquilo tudo, Stella?

Embora eu houvesse aprendido a ler e interpretá-lo com o passar dos dias que convivíamos, essa sua calma e olhar de tempestade eram novos para mim, por isso apenas neguei com um aceno.

— Ver um completo estranho te tocando — deslizou o dorso dos dedos por meu rosto — apertando — rodeou minha cintura, colando nossos corpos — e mais do que isso, beijando — falou, com os lábios a milímetros dos meus — foi um verdadeiro teste para o meu juízo. Mais do que estar no lugar dele, Stella, eu desejei roubá-la para mim — confessou.

Atordoada com o fato de estar em seus braços, de estar tão perto de beijá-lo e não o fazer, permaneci imóvel, com a respiração descompassada.

— Você pode até negar, mas eu podia ver a provocação em seu olhar cada vez que me buscava por trás das câmeras.

— James... — ofeguei, espalmando ambas as mãos em seu peito.

— Eu passei cada segundo do meu dia te desejando, Stella, eu preciso que você seja minha. Por favor... — sussurrou em meu ouvido, me fazendo ofegar ao roçar a barba contra a minha pele.

Afastei-me apenas o suficiente para que nossos narizes ficassem alinhados e com os seus olhos fixos no meu, falei:

— Você também é meu, James Preston.

Enquanto isso estivesse acontecendo entre nós, eu não aceitaria dividi-lo com mais ninguém e ele precisava saber.

Ainda colado ao meu corpo, exibindo um sorrisinho arrogante e seu típico arquear de sobrancelhas, James avançou alguns passos, me fazendo caminhar de costas por todo o quarto até me chocar contra a parede.

Com os nossos dedos entrelaçados, James elevou meus braços e sem me soltar, recuou um passo, para que pudesse me olhar por completo. A essa altura, o laço que mantinha o roupão fechado já havia se desfeito, lhe dando completo acesso à minha lingerie de cor vinho.

Ele negou com um aceno e voltou a se aproximar, me deixando sentir sua ereção pressionada contra meu baixo ventre, enquanto explorava meu pescoço.

— Provocadora — sussurrou em meu ouvido.

Incapaz de me manter parada, rocei contra sua ereção e isso fez com que nós dois gemêssemos ao mesmo tempo.

— Me beija, James, por favor — implorei.

Tão sedento quanto eu me sentia, ele deu o que eu havia pedido. A sensação de ter seus lábios pressionados contra os meus e sua língua quente e macia se enroscando na minha era sem dúvidas como provar o paraíso.

No ritmo lento que sua língua investiu contra a minha, James seguiu roçando seu corpo no meu, fazendo com que eu me contorcesse contra a parede, principalmente por não poder tocá-lo.

Após um longo instante nessa deliciosa tortura, ele soltou as minhas mãos, mas foi apenas para alcançar a minha bunda. Espalmando uma mão de cada lado, James me segurou com firmeza ao me suspender, se virou e avançou alguns passos, colocando-me sentada sobre a mesa, enquanto se posicionava entre as minhas pernas.

Sem lhe dar tempo de pensar, segurei a barra de sua camiseta e a puxei para cima. Depois de me livrar da peça com a sua ajuda, me vi admirando e acariciando seu peitoral e abdômen.

Com as mãos ao lado de minhas pernas, James se inclinou para frente, deixando seu rosto mais perto do meu. Depois de mordiscar e sugar meus

lábios, fazendo-me gemer o seu nome enquanto lhe rodeava a cintura com as pernas, ele disse:

— O que eu faço com você, Stella? Você me deixou louco, eu nunca... me senti assim.

Depois de beijar seus lábios e me perder no sabor delicioso de sua boca, trilhei um caminho de beijos até seu ouvido e quando o alcancei, sussurrei:

— Faça o que você quiser.

James se curvou sobre mim até eu estar deitada com as costas pressionadas sobre a mesa. Então, passou a explorar meu corpo com as mãos e os lábios, deixando-me extasiada a ponto de mal conseguir retribuir suas carícias.

Com a habilidade de um mestre, ele se livrou de meu sutiã, tomou um de meus seios em sua boca e massageou o outro com a mão, enquanto sua ereção provocava meu centro, que já estava molhado e implorando por ele.

Infiltrando minhas mãos no mínimo espaço que havia entre nossos corpos, consegui abrir o botão de seus jeans e descer o zíper. Com a ajuda de meus pés, tentei descer sua calça.

— Eu preciso de você, dentro de mim, agora! — ordenei.

Ao notar o meu nível de desespero, James se deteve por um breve instante enquanto tateava o bolso traseiro. Inebriada pelo prazer, o assisti retirar a ereção para fora da calça e deslizar o preservativo por toda sua extensão. Seu olhar então voltou a se encontrar com o meu e depois de afastar minha calcinha para o lado, ele se posicionou em minha entrada.

Com o olhar fixo no meu, ele deslizou para dentro de uma só vez, me preenchendo, me fazendo sua, me levando ao paraíso que era estar em seu braços enquanto ambos gemíamos alto, pouco nos importando com o que acontecia do lado de fora daquelas quatro paredes.

— Porra, Stella — ofegou, enquanto enterrava o nariz em meu pescoço.

Depois de recuar e sair quase que por completo, James voltou a chocar o seu quadril contra o meu uma e outra vez, adquirindo um ritmo alucinante enquanto eu me agarrava a ele e deslizava as unhas por suas costas como se fosse a minha salvação.

Em meio a um beijo desajustado e respirações ofegantes ele me levou ao limite, fazendo meu mundo explodir em um orgasmo forte e poderoso, que foi acompanhado por ele instantes depois.

Sem interromper o movimento, James continuou deslizando lentamente para dentro e para fora de mim enquanto gemia meu nome com a

sua voz grave. Após se derramar por completo, seu corpo tombou exausto sobre meu, que o envolvi em um abraço enquanto sentia o coração pulsando frenético dentro do peito e os lábios desenhados em um sorriso.

— Me lembre de provocá-lo mais vezes, senhor Preston — sussurrei, acariciando seus cabelos.

Sem forças para sequer me encarar, James me respondeu com um beijo no seio esquerdo.





## Capítulo 29

— Preciso anotar com urgência o nome dos cremes que você tem usado — comentou Gabby, servindo-se de algumas panquecas e um pouco de café.

Após um dia exaustivo de gravações e uma noite intensa na companhia de James, eu havia me permitido dormir até mais tarde do que de costume e quando decidi sair da cama e tomar o café, acabei encontrando-a descendo as escadas para fazer o mesmo.

— Tenho usado os mesmos tratamentos de sempre, Gabby, por quê?

— Não que sua pele tenha sido ruim algum dia, Stella, mas ela está com um glow diferente desde a última vez que nos vimos. Não sei se é a vida no campo ou o que, mas ela me parece ainda mais reluzente essa manhã.

Sem interromper a tarefa de passar geleia sobre os waffles, evitei olhar na direção de minha amiga conforme ponderava sobre o que lhe responder.

Embora James houvesse me garantido que havia sido cuidadoso ao

entrar em meu quarto na noite passada e sair dele essa manhã, ainda existia a possibilidade dela ter ido à minha procura e escutado mais do que deveria, por isso, sem saber ao certo quanto de sua fala se tratava de suposições ou certezas, optei por seguir pelo caminho seguro e me fiz de desentendida ao dizer:

— Deve ser a vida no campo, pretendo te mostrar um pouco dos arredores depois do café. Você precisa ver isso antes de partir.

Apesar de sua incredulidade velada, ela apenas concordou com um aceno antes de provar as delícias dispostas em seu prato. Como mal havíamos encontrado tempo para conversar desde a sua chegada duas noites atrás, aproveitamos aquele momento para falar sobre amenidades, como a beleza do casarão, a simpatia dos funcionários e a cidade em si, que possuía um ritmo muito diferente do que estávamos acostumadas a encontrar em L.A.

— Deus, eu vou precisar levar um carregamento dessa geleia comigo e estou pouco me importando de pagar bagagem extra — ela comentou, olhando para a mesa por cima do ombro enquanto deixávamos a sala de jantar. — Quais os planos para o dia?

— Como ontem você já conheceu a parte comercial da vinícola, pretendo te levar a alguns lugares que não fazem parte do roteiro de visitaço usual. Coloque um biquíni, roupas confortáveis e tênis — instruí animada,

pensando no passeio que certa vez James havia feito comigo.

— Te encontro em dez minutos — anunciou, já se afastando em direção às escadas.

Vestida conforme havia sugerido que ela fizesse, uma vez que esse havia sido meu plano desde o início, apenas concordei e informei que cuidaria dos lanches. Depois de passar pela cozinha e pedir a Justine que colocasse tudo na cesta de piquenique, me esgueirei pelo corredor em direção ao escritório.

Sentado na imponente cadeira de encosto alto, usando uma camisa escura que ressaltava o bronzeado de sua pele e com um olhar atento aos papéis diante de si, James estava em sua usual postura “homem de negócios”, que suavizou assim que me viu invadir o espaço.

— Adoro essas suas visitas surpresas... — comentou, já se levantando. — Por que tenho a impressão de que você está aprontando algo?

— Bom saber, senhor Preston, o visitarei mais vezes — provoquei, atravessando o espaço. — Pretendo levar Gabby para explorar a vinícola, então ela foi se trocar e eu aproveitei para te roubar um beijo — esclareci, conforme rodeava seu pescoço com meus braços e inclinava o rosto em direção ao dele.

Consciente de que não tínhamos tempo a perder, James uniu seus lábios aos meus, a princípio em um beijo calmo, mas que segundos depois se transformou em algo mais exigente e cálido.

Naquele breve instante que me vi em seus braços, me perdendo no sabor de sua boca, desejei que o tempo parasse e eu pudesse aproveitar aquele momento repetidas vezes, mas como eu não possuía tal poder, aproveitei quando nossas respirações se tornaram ofegantes para colocar um fim ao beijo.

— Tenha cuidado na trilha e se precisar de qualquer coisa, me ligue — disse James, prendendo uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

— Pode deixar, serei cuidadosa, não se preocupe. Agora preciso ir — constatei, após uma breve olhada no relógio em meu pulso.

Com os polegares, James acariciou delicadamente as maçãs de meu rosto e voltou a unir seus lábios aos meus antes de se afastar, impondo uma distância entre nós.

— Se você não fugir agora, Gabby a encontrará como minha prisioneira — alertou com certa diversão contida em sua voz.

— Tirando a parte de ser flagrada por ela, senhor Preston, essa ideia de prisioneira me pareceu interessante. — Pisquei, antes de fechar a porta

atrás de mim sob seus protestos.

Conforme eu havia pedido, a charmosa cesta de piquenique já estava à minha espera na cozinha e assim que apoiei minha mão sobre a alça para retirá-la de cima do balcão, Gabby entrou no cômodo.



— Observando isso tudo, é fácil entender por que gostou tanto daqui, mesmo sendo uma menina da cidade grande — brincou, arrancando de mim um sorriso fácil.

Após fazer um breve passeio por algumas das plantações, apenas para que Gabby tivesse dimensão do tamanho da propriedade e do trabalho ali realizado, dirigi até um dos meus lugares favoritos.

Deixando o carro estacionado no lugar sob a mesma sombra que James costumava parar, retirei a cesta de comida do carro e caminhei junto da Gabby em direção à trilha. Com tempo de sobra para explorar o lugar, avançamos em um ritmo confortável que não demandava tanto esforço.

O fato de ter muito assunto a colocar em dia, inclusive sobre trabalho, fez com que os minutos passassem rápido e logo já estávamos fazendo a

parada no lugar usual junto à margem do riozinho que corria por ali.

— Você encontrou esse lugar sozinha? — questionou, enquanto me ajudava a estender a toalha.

— Não, James me trouxe aqui poucos dias após a minha chegada à vinícola, foi uma das primeiras vezes que deixamos as diferenças de lado e conseguimos conversar de maneira civilizada.

Me recordar de nossas constantes discussõezinhas, acabou me fazendo sorrir. Afinal de contas, quem diria que toda aquela antipatia inicial nos levaria a noites tão intensas, como a mais recente?

Depois de me encarar com um olhar insinuante, que deixei passar fingindo não ter percebido, Gabby girou ao redor de si e por fim comentou:

— É um lugar incrível.

Com tanto a ser admirado ao seu redor, ela parecia não saber se deveria começar sua exploração visual observando o céu através das copas das árvores ou encarando a água cristalina que fluía mais adiante. Dando a ela algum tempo para aproveitar, escolhi um lugar junto a uma árvore de tronco largo e ali me sentei para saborear uma maçã.

— Amiga, como você está? — perguntou após retirar um cacho de uvas de dentro da cesta e se sentar nas raízes de uma árvore em frente à que

eu ocupava.

— Hoje? Muito bem, mas nem todos os dias foram assim... Acredita que quando cheguei aqui, queria odiar esse lugar? — neguei, achando aquela ideia absurda até mesmo para mim. — É óbvio que falhei na missão, o que de certa forma foi bom, esse lugar foi meu refúgio quando Dylan fez com que tudo desabasse sobre minha cabeça, duas vezes.

— Filho da puta! Quando eu vi aquelas fotos, sério, Stella! Se ele cruzasse o meu caminho, não sei o que teria feito. E, depois, quando a bomba sobre a sua história da adoção explodiu, a minha vontade era de pegar um avião e ir até NY chutar a bunda dele.

— Eu fui idiota, Gabby, as evidências da traição estavam todas debaixo de meu nariz... Mas pior do que isso foi o dia de cão que tive depois de ter tomado um porre.

— Huum, quer dizer que alguém andou desfalcando o estoque da vinícola? — provocou com diversão.

Por ter superado tal incidente, que parecia ter acontecido em um passado muito distante, eu conseguia ver a história com certo humor, por isso não me importei de contar a ela o estado deplorável em que James havia me encontrado naquele dia. Quando cheguei ao fim da narrativa, que deixava de fora o beijo que eu havia roubado dele, Gabby gargalhava.

— Pior foi acordar na manhã seguinte com a sensação de que meu crânio estava sendo marretado.

— Sempre ouvi dizer que ressaca de vinho é a pior de todas. Essa valeu por todos os porres que você não tomou na vida.

— Jamais pretendo repetir o feito — disse com convicção, fazendo-a rir um pouco mais enquanto empurrava as folhas caídas de um lado para o outro com os pés.

Em meio aquele momento de descontração, me senti aliviada de poder falar sobre Dylan e perceber que isso já não me afetava como antes. Conforme havia comentado certa vez com Dra. Sarah, minha terapeuta, no fundo eu sempre soube que ele não era a pessoa certa para estar ao meu lado, Dylan apenas havia aparecido em um momento oportuno e eu o permiti ficar, até partir o meu coração já fragilizado por tantas outras mentiras.

— Hey, planeta Terra chamando — brincou, fazendo meu olhar fora de foco retornar para ela. — Você estava longe, no que estava pensando?

— Em todas as mentiras que precisei lidar nos últimos tempos — admiti, incapaz de disfarçar o tom melancólico em minha voz.

— Como está a situação com seus pais, amiga? Eles estiveram aqui há pouco tempo, não foi?



Por mais que eu houvesse tentado evitar que Gabby tivesse seus ouvidos alugados por mim e a minha enxurrada de problemas, isso se mostrou uma tarefa impossível, então apenas respirei fundo, apanhei um cacho de uvas na cesta e me acomodei melhor contra a árvore.

— Sim, depois de Dylan me expor na mídia daquela maneira, acabei ligando para a minha mãe. Era como se de repente eu precisasse de colo e bem, ela me deu. Nós tivemos uma longa conversa aquele dia e eu acabei os convidando, foi... Deus, me faltam palavras para descrever o que senti ao ver dois lados da minha história se chocando.

Com um olhar paciente, minha amiga seguiu comendo suas uvas enquanto eu precisava de um instante para reorganizar meus pensamentos.

— Eu não sabia o que esperar da verdade, Gabby, desde que descobri ter vivido uma mentira pelos últimos trinta anos e me afastei deles, tive tempo demais para pensar a respeito e considerar todas as situações possíveis, inclusive as piores. Cheguei a pensar que Alessandra houvesse me rejeitado, que meu pai talvez fosse um homem ruim, mas nunca, nem por um instante, a situação real de ser órfã porque eles morreram passou pela minha cabeça.

Gabby deixou o lugar que havia ocupado até então e sentou-se ao meu lado, com seu ombro encostado no meu. Era a sua maneira discreta de me dizer que estava ali por mim.

— Como disse a eles, ao esconderem o meu passado, me tiraram o direito de chorar pelas pessoas que me amaram e lutaram por mim. Olha isso tudo, Gabby, minha mãe deixou essa casa aos dezenove anos para viver um amor proibido, para que eu pudesse nascer... Era meu direito saber isso tudo.

Após um breve instante onde o nosso silêncio foi preenchido apenas por sons da natureza e da água corrente, ela falou:

— Eles são humanos, amiga... De maneira alguma estou dizendo que agiram certo, porque não estou, mas olhando de fora, você foi um presente que caiu do céu na vida deles e temeram te perder, com certeza ficaram com medo de serem rejeitados, que você fosse em busca de suas origens.

Olhando a situação a partir da perspectiva de minha amiga, ficava mais fácil entender os medos que os motivaram a agirem daquela maneira, eu havia passado tanto tempo preocupada apenas com os meus sentimentos nessa história toda, que sequer tentei me colocar no lugar deles.

— Eu me sinto grata, Gabby, pela vida que tive junto deles. Espero que o tempo me ajude a colocar uma pedra em cima disso para que possamos seguir em frente, sem ressentimentos sobre tudo isso.

— Não acho que eles estejam esperando por isso, mas te aconselho a não lhes dar as costas, porque isso sim os machucaria profundamente.

Ao ouvir tais palavras, percebi que a ideia de ver meus pais sofrendo era algo inaceitável. Provocar tal distanciamento iria ferir não só a eles, mas a mim também. Nesse instante, incapaz de aceitar uma realidade repleta de tristeza, foi que eu entendi que já os havia perdoado em meu coração.

Em silêncio, Gabby me observou por um ou dois segundos com cara de quem tramava algo, antes de lançar a bomba:

— O que acha de aproveitar o fato de estar tão falante, para me contar de uma vez por todas o que está rolando entre você e James? E não ouse vir com desculpinhas ou mentiras, Stella Davis, eu ouvi vocês dois.

Incrédula por não ter como fugir de seu questionamento, apenas dei de ombros, aceitando o fato de que nosso segredo havia sido descoberto por mais uma pessoa, e então, com as bochechas queimando de vergonha, comecei a contar a ela como James e eu havíamos saído do status de “te odeio” para “quero você na minha cama”.



## Capítulo 30

Sem mais visitas, gravação de comercial ou paparazzis acampados diante da vinícola em busca de alguma declaração ou foto exclusiva, ainda mais agora que um astro do rock havia se tornado o assunto mais comentado e a minha história já havia caído no esquecimento, os dias voltaram à normalidade costumeira e quando o final de semana chegou, James e eu não podíamos estar mais agradecidos, já que não precisaríamos mais ficar nos esgueirando pelos cantos para termos um momento a sós.

Parada diante da aconchegante casa, acionei o portão da garagem através do controle remoto que James havia me entregue dias atrás e esperei por alguns instantes para que ele abrisse. Assim que o carro foi estacionado e o portão fechado, saí do veículo para ser recebida por Snow, que já esperava por mim junto à porta que ligava a garagem à casa.

— Olá, menino bonito, senti sua falta — saudei, enquanto me abaixava para coçar suas orelhas.

Depois de emitir um latido em resposta, que acreditei ser uma concordância ao que eu havia dito, Snow se esquivou das carícias que eu lhe fazia para me dar algumas lambidas de boas-vindas.

— Hey, amigão, você está tentando roubar a minha garota, é? — disse James, surgindo de repente e parando junto à porta.

Com a presença de seu tutor junto de nós, Snow fungou antes de me dar mais uma lambida e sair em disparada para dentro de casa, sumindo de vista e deixando-me a sós com James.

— É, acho que não foi só eu que senti sua falta — brincou, abrindo passagem e me convidando a entrar.

— A sua garota também sentiu falta de vocês — provoquei ao passar por ele, que no mesmo instante enlaçou a minha cintura e me trouxe para junto de seu corpo.

Sem demonstrar um pinga de resistência, rodeei seu pescoço com meus braços e retribuí o olhar desejoso que recebia. Motivado por meu gesto, James então colou seus lábios aos meus, me beijando de forma carinhosa e até mesmo... apaixonada, eu diria.

Distraída demais com seu toque para pensar a respeito, apenas me entreguei ao momento e retribuí o beijo, que chegou ao fim pouco depois, de maneira tão delicada quanto havia começado. Antes de se afastar, James ainda ajeitou uma mecha de cabelo atrás de minha orelha e me deu mais um selinho.

— Por favor, entre, antes que eu te agarre de novo e a gente não consiga passar da porta.

Apesar de não ser uma má ideia ficar agarrada a ele, me deixei ser conduzida para dentro, por sua mão enlaçada à minha.

— Hum, o cheiro está bom, teremos macarrão com queijo para o jantar?

— Não se engane, senhorita Davis, eu não sou assim tão previsível.  
— Piscou, arrancando de mim uma careta por toda sua autoconfiança na cozinha.

Depois de retirar os sapatos, algo que fez James sorrir como havia acontecido desde a primeira vez em que eu havia estado em sua casa, me juntei a ele na cozinha. Enquanto suas mãos habilidosas temperavam o purê de batatas que já estava quase pronto, eu cuidei da salada e assim que o *timer* do forno anunciou que o frango crispy estava pronto, dividimos a tarefa de arrumar a mesa antes de nos sentarmos para jantar.

— Chegou quem estava faltando — comentei, assim que vi o par de olhos muito azuis se aproximando.

— É mesmo um interesseiro — disse James, em falsa repreensão.

Na intenção de ganhar parte da comida que estava em meu prato,

Snow saiu de seu esconderijo se juntos a nós, deitando-se aos meus pés enquanto James e eu desfrutávamos da refeição em um clima mais íntimo, à luz de velas e com uma música agradável de fundo.

Apesar de estar distraída com nossa conversa e com a comida saborosa que não perdia em nada para as que Justine preparava, vez ou outra flagrei James me encarando de maneira diferente, algo que na verdade vinha se repetindo há alguns dias.

A primeira vez que eu havia notado tal gesto foi em um dia de trabalho comum, no qual estávamos sentados lado a lado no escritório e quando me virei para lhe questionar sobre informações burocráticas da vinícola, o peguei me observando com atenção sem motivo algum, com uma expressão indecifrável.

Por considerar ser algo sem importância, nada disse a respeito na ocasião, mas a mesma situação voltou a se repetir com frequência em nossos almoços, alguns jantares e até mesmo após nos beijarmos. Pouco a pouco, o que parecia não ter importância alguma, vinha me preocupando e me matando de curiosidade, uma vez que não sabia como falar a respeito disso com ele.

Ao final do jantar, que havia sido um pouco mais silencioso do que de costume, porém com várias trocas de olhares entre nós, James e eu



colocamos a louça suja na lavadora e então decidimos ver um filme, já que ainda era cedo. Depois de nos acomodarmos no espaçoso e confortável sofá da sala, passamos a olhar o catálogo de uma plataforma de streaming.

— Precisa ser esse! — ele falou, ao selecionar um dos primeiros filmes que atuei, quando ainda era uma garotinha.

— Sério, James? Você só pode estar de brincadeira... — resmunguei.  
— Esse não é o seu tipo de filme. O que acha de algo que tenha explosões, carros em alta velocidade ou coisa assim? — sugeri, tentando dissuadi-lo.

— Olha só como você era adorável... — Sorriu, alternando o olhar entre mim e a TV. — Por favor, baby?

Distribuindo beijos em meus lábios, rosto e pescoço, me vi incapaz de recusar seu pedido e, dando-me por vencida, assisti um James muito animado apertar o play.

Me aninhando melhor a ele, que enlaçou meu tronco com seu braço e aproximou mais nossos corpos, apoiei a cabeça sobre seu peito e aproveitei a oportunidade para afundar o rosto em sua camiseta e sentir seu cheiro, algo que vinha se tornando mais viciante para mim a cada dia.

— Eu adoro o seu cheiro — confessei com os olhos fixos na TV, enquanto James acariciava meus cabelos.

Diante de seu silêncio, ergui meu rosto e o encontrei me encarando daquela mesma maneira profunda e indecifrável.

— Tão linda.

Sem saber ao certo o que fazer diante do elogio, timidamente voltei os olhos para a TV, que exibia minha versão infantil.

Com o passar dos minutos de filme, fui relaxando quanto ao fato de que James e eu estávamos assistindo juntos um filme antigo no qual eu havia atuado. Na época eu ainda tinha muito o que aprender, mas tudo isso foi sendo melhorado com o tempo e hoje já não cometia os mesmos deslizes.

Perdida em pensamentos, minha distração foi tanta que, em dado momento, notei que não olhava para a TV, mas sim para as pontas dos meus dedos, que traçavam espirais e percorriam o peitoral de James.

Ao notar a mudança sutil em sua respiração, interrompi o gesto e o encarei. E mais uma vez, o flagrei me olhando daquela maneira que vinha me perturbando o juízo. Inquieta demais para deixar passar, elevei parte de meu tronco, colocando o peso em um de meus braços e quando nossos rostos estavam alinhados, dei voz aos meus questionamentos.

— Ok, acho que precisamos conversar, James. Você tem me olhado assim, de maneira diferente desde aquela noite depois das gravações e isso

está me deixando louca. Quer me dizer de uma vez o que está acontecendo?

Sem graça por eu ter notado sua mudança, James moveu meu corpo para que ficasse sobre o seu, segurou meu rosto entre suas mãos, acariciou com o polegar minhas bochechas e lábio inferior e, fixando o seu olhar no meu, disse:

— Aquela noite foi quando percebi que havia me apaixonado por você, Stella — disse com delicadeza e convicção, enquanto seu olhar se mantinha preso ao meu.

Atordoadada com suas palavras um tanto quanto inesperadas, permaneci imóvel, encarando-o.

A verdade era que meu corpo e coração já sabiam disso muito antes de suas palavras esclarecerem as coisas, porque no instante em que abri os meus olhos naquela noite e o encontrei em meu quarto, eu tive a certeza de que tudo havia mudado. Senti isso em cada beijo, em cada toque, todas as vezes em que ele me fez sua, enquanto eu me entregava por completo.

— Desculpe se não consegui disfarçar... Eu estava tentando encontrar uma maneira de dizer isso sem fazer com que você se sentisse pressionada a corresponder.

Conforme as palavras foram saindo de sua boca e seu olhar se tornando

preocupado, mais rápido meu coração passou a bater dentro do peito, inundando-me de um sentimento que não me recordava de ter sentido antes. Temendo que James dissesse algo que pudesse acabar com o êxtase no qual ele mesmo havia me colocado, falei:

— Não há porque você se desculpar, baby, nem quero que tente esconder o que está sentindo, não quando eu também estou apaixonada por você, James.

De repente, seu olhar apavorado foi substituído por incredulidade, que fiz questão de apagar de seu rosto com um beijo. O que começou com um simples roçar de lábios e algumas mordiscadas, em questão de segundos se tornou intenso, exigente e apaixonado. Nossas mãos passaram a percorrer o corpo um do outro com desespero, tentando demonstrar de todas as maneiras possíveis o quanto aquele sentimento era real.

Quando nossas respirações se tornaram falhas demais para continuarmos, James selou seus lábios nos meus uma última vez e então se afastou, não muito, apenas o suficiente para que pudesse me olhar.

— Não quis te assustar, baby, você teve seu coração quebrado de tantas maneiras...

— Aparentemente, você fez um ótimo trabalho ao consertá-lo sem que eu percebesse — admiti, sorrindo de leve enquanto James me puxava para

junto de si e reivindicava a minha boca.



## Capítulo 31

A sensação de alívio veio de imediato, assim que retirei os sapatos de salto ali mesmo, junto à entrada. Cansada demais para me importar com organização àquelas horas, apenas atravessei o apartamento escuro em direção ao quarto.

Fazia tanto tempo desde a última vez que havia colocado os pés ali, que quase me sentia uma estranha em minha própria casa. Era como se as lembranças fossem de outra vida.

Parada em frente ao espelho com a maquiagem e os cabelos intactos, como se eu sequer tivesse saído de casa e passado a noite em uma festa, precisei me contorcer um pouco ao levar uma das mãos às costas e tatear o tecido à procura do zíper na parte superior.

— *Ah, Stella! Você não sabe o que eu daria para estar aí no final da noite e poder me livrar desse seu vestido* — James havia dito mais cedo, durante uma chamada de vídeo e agora eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a realização desse desejo.

Eu o queria ali.

Conformada que tal coisa não aconteceria, ao menos não nesse momento, apenas terminei de abrir o elegante vestido branco com recortes na cintura que Gabby havia escolhido para mim e o deixei deslizar por meu corpo em direção ao chão, onde se amontoou ao redor de meus pés. Depois de recolhê-lo, segui em direção ao closet, onde o coloquei pendurado em um dos cabides.

Ignorando a gaveta de pijamas, que costumava ser uma de minhas preferidas naquele espaço, apanhei a camiseta de James que eu havia pego em uma das últimas visitas a sua casa, uma calcinha limpa e segui para o banheiro. Iniciando o ritual que era cumprido todas as noites, uma vez que ter uma pele saudável e bem cuidada fazia parte de meu trabalho, removi a maquiagem pesada e só então entrei no banho.

A sensação de ter a água morna caindo por meu corpo foi reconfortante e ajudou a remover os resquícios da noite agitada. Quando enfim me dei por satisfeita, fechei o registro, sequei meu corpo, coloquei a calcinha e vesti a camiseta, que cobriu apenas parte de minha nudez enquanto me embriagava no perfume masculino.

Embora sentisse o cansaço devido aos últimos dias, que envolveram testes para uma superprodução que em breve seria rodada e algumas reuniões com a marca de perfume da qual eu havia protagonizado a campanha, me vi



sem sono algum, enquanto fazia o caminho do quarto para a cozinha munida de meu celular.

Vasculhando a geladeira vazia, exceto por alguns itens de sobrevivência que Gabby havia trazido assim que cheguei e que já estavam acabando, peguei uma lata de refrigerante que vez ou outra eu me permitia beber e segui até a varanda, onde me acomodei. A primeira coisa que notei ao destravar o aparelho foi uma mensagem não lida, enviada por James horas atrás, muito antes de eu sequer ligar para Gabby pedindo ajuda.

*“Eu não consigo parar de pensar no quanto você está linda e sexy com esse vestido”.*

*“Você diz isso por que não está me vendo agora”*, respondi, mesmo sabendo que ele não veria até a manhã seguinte.

Para levar a provocação a um outro nível, abri a câmera do celular, fiz uma falsa expressão de menina inocente e quando estava prestes a pressionar o botão para fotografar, a tela mudou, informando que eu estava recebendo uma ligação de vídeo.

— Você não deveria estar dormindo, senhor Preston? — disse baixo, focando apenas em meu rosto enquanto o observava com o peito desnudo e o cabelo desgrenhado.

— *Revirei na cama a noite toda sem conseguir dormir, só pensando em você, que por sinal, senhorita Hollywood, me deixou muito interessado em descobrir o que está vestindo.*

Sem um pingo de vergonha do que ele poderia vir a pensar, afastei o aparelho o suficiente para que conseguisse enxergar as minhas vestes, apesar da pouca luz.

— *Muito bonito, hein... E eu aqui pensando que Snow é quem tinha desaparecido com a minha camiseta...*

— Desculpe, baby, foi mais forte do que eu — falei, embora não sentisse de fato qualquer remorso.

— *Tudo bem, ela parece ter ficado melhor em você do que em mim, quando você voltar, confiro isso.* — Piscou, me fazendo derreter com a expectativa de sua promessa. — *Como foi a noite, se divertiu?*

Inspirei fundo enquanto pensava em uma resposta. O silêncio da madrugada se prolongou por mais tempo do que deveria e o zumbido da música pareceu ainda mais alto em meus ouvidos.

— Dylan estava lá, ele veio conversar comigo... — Ao soltar tal informação, capturei cem por cento de sua atenção.

Gabby considerou uma excelente ideia a minha presença na festa

badalada, organizada por um dos produtores do filme para o qual eu havia feito o teste na última semana. Uma vez que seria uma ótima oportunidade para que eu me colocasse em evidência. Porém, quando concordei de imediato, jamais imaginei que a noite terminaria daquela forma.

Conforme o evento foi seguindo noite adentro, tive a oportunidade de reencontrar amigas do meio, conversar com alguns produtores e socializar como a muito não acontecia, mas foi ao me afastar de uma pequena roda para ir ao banheiro que eu tive a surpresa da noite.

Parado há poucos metros de distância de onde eu estava, Dylan Maxwell me encarava como se estivesse vendo uma assombração.

Por um momento, acreditei que estava sendo traída por meus olhos ou pelos poucos drinques que havia ingerido. Pisquei algumas vezes antes de constatar que, de fato, eu não estava enganada.

Diferente do que certa vez eu havia imaginado, reencontrar Dylan não despertou em mim qualquer sentimento de raiva ou rancor, tampouco tristeza. Enquanto o assistia caminhar em minha direção, quando na verdade eu deveria estar indo para longe em uma tentativa de evitar qualquer confusão, não sentia qualquer coisa que não fosse a mesma indiferença que eu sentiria por um completo estranho.

— *Você parece muito bem* — ele disse, assim que se colocou diante de

mim.

— *Que bom, Dylan, pois é assim que me sinto.*

Acuado pela situação na qual ele mesmo havia nos colocado, o assisti trocar o peso do corpo de um pé para o outro antes de voltar a falar.

— *Eu gostaria de me desculpar, Stella.*

— *Por invadir a minha casa e descontar a sua ira em uma pessoa que nada tinha a ver com as merdas que você fez? Eu o desculpo Dylan, agora se me dá licença....*

— *Também lhe devo desculpas pela traição, você não merecia, Stella. Eu te amei, sabe, mas estava confuso e acabei fazendo tudo errado.*

— *Honestamente, Dylan, não sei se algum dia nos amamos de verdade, mas de qualquer forma, está desculpado. Ah e eu também o desculpo por expor a minha vida, mesmo quando não tinha esse direito.*

Pouco a pouco, conforme minhas palavras foram lhe atingindo, seu semblante confiante foi se desfazendo até restar apenas culpa e vergonha. Eu não queria humilhá-lo, não precisava disso para me sentir bem, mas se ele queria se desculpar por seus erros, era melhor que se recordasse de cada um deles, uma vez que havia me causado dor e humilhação.

— *Stella...*

— *Eu preciso mesmo ir, Dylan, passar bem.*

Sem lhe dar a chance de insistir em uma conversa que não tinha mais futuro, dei meia volta, desistindo completamente de ir ao banheiro e depois de apanhar o celular na bolsa de mão, enviei uma mensagem à Gabby dizendo que precisava ir embora urgente. Apesar de estar fora de vista há algum tempo, ela me encontrou no lugar marcado em poucos minutos. Sabendo que eu havia cumprido com o meu propósito há muitas horas, não houve qualquer reprimenda quanto ao meu desejo de ir embora, ainda mais depois citar o nome de Dylan.

Dei um gole na bebida que fez cócegas em minha garganta devido ao excesso de gás e respirei fundo, deixando que a brisa fresca da cidade invadisse os meus pulmões.

— *Sorte a dele não ter tentado nenhuma gracinha, ou eu não responderia por mim...*

— Meu cavaleiro de armadura reluzente — brinquei, embora certas vezes me sentisse como uma donzela indefesa perto dele.

— *Esqueça o que passou e tente descansar, baby. Se preferir, posso ficar no telefone até você pegar no sono.*

Contra a minha vontade, recusei a sua oferta ao vê-lo falhar na

tentativa de esconder um bocejo. Apesar de minha promessa de ir para a cama, após a nossa despedida permaneci ali, perdida no mar de luzes que se estendia diante de meus olhos, o completo oposto do que eu costumava ver ao sair na varanda do quarto que vinha ocupando nos últimos meses.

Por mais que amasse Los Angeles, o ritmo de vida agitado, os dias de sol e as escapadas à praia, também havia aprendido a amar o pequeno paraíso escondido no vale montanhoso. Era curioso pensar o quanto alguns dias afastada daquela realidade, que até pouco tempo me era desconhecida, causava mais saudade do que de fato era a minha vida real.

Claro que James e eu termos cruzado a linha da inimizade e nos apaixonado tinha um peso extra sobre isso, mas era como se parte de mim soubesse que no fundo aquele era o meu lugar, que independente de tudo que havia acontecido no passado entre meu avô e minha mãe, mesmo eu tendo crescido em uma outra família, com uma outra realidade, a minha volta àquele lugar estivesse predestinada.

Foi apenas quando os primeiros raios de sol despontaram no horizonte que percebi há quanto tempo havia ficado ali, refletindo não apenas sobre a última noite, como também a respeito dos últimos meses.

Haviam sido tantas mudanças em um curto espaço de tempo que a realidade até poderia ser confundida com um roteiro bem elaborado, repleto

de drama e reviravoltas como dos filmes que eu costumava atuar.

Tomada pelo sono, recolhi a lata vazia, o celular, fechei a porta de vidro e depois de descartar a embalagem e escovar os dentes, me entreguei à cama macia, desejando que as próximas horas passassem rápido e que eu pudesse voltar para o lugar onde eu pertencia.





## Capítulo 32

Assim como o previsto, deparei-me com um grande silêncio ao abrir a porta do casarão e no mesmo instante me arrependi da decisão que havia tomado. Depois de passar dias tão solitários em L.A, eu precisava do contato e acolhimento familiar que tinha ali, mas por pura estupidez, havia dispensado mais cedo Nora e Justine de seus afazeres, deixando a casa apenas para mim.

Sentindo-me tentada a ligar para James e lhe fazer um convite indecente de se juntar a mim, porque eu estava ansiosa demais para reencontrá-lo e não queria esperar até o dia seguinte, passei a arrastar a pequena mala de mão que havia levado comigo na viagem em direção às escadas, mas me detive no momento em que um vulto surgiu em minha visão periférica, seguido pelo som de patas batendo contra o piso e alguns latidos.

Com cara de quem havia feito uma travessura, Snow corria em minha direção com a língua de fora e os olhos azuis muito brilhantes. Em seu encalço vinha James, com cara de frustrado e a coleira preta inutilizada na mão.

— Diferente de mim, alguém não conseguiu se controlar e esperar por

mais cinco minutos — deu de ombros, enquanto a grande bola de pelos saltitava ao meu redor, abanava a cauda e me cutucava com o focinho molhado.

— Olá, menino bonito! Você sentiu a minha falta? — questionei, coçando atrás de suas orelhas enquanto James se aproximava.

— Eu sei que você queria ficar sozinha, mas...

— Você não faz ideia do quanto estou feliz que estejam aqui — confessei, interrompendo o carinho que fazia em Snow e voltando minha atenção para ele, que me encarava.

Tomada por uma necessidade absurda, joguei os braços ao redor de seu pescoço e pulei em seu colo. Assim que seus braços me rodearam com firmeza, me mantendo pressionada junto ao seu corpo, afundei o rosto na curva de seu pescoço enquanto ele fazia o mesmo. Quando o senti recuar algum tempo depois, espelhei seu movimento e, sem me dar a chance de raciocinar, James uniu seus lábios aos meus em um beijo apaixonado que misturava desejo e saudade.

Como se o mundo a nossa volta tivesse desaparecido, permanecemos abraçados, entregues ao beijo e ao momento tanto quanto foi possível, antes de nossas respirações se tornarem ofegantes demais e o meu desejo beirasse o incontrolável. Depois de um simples roçar de lábios, consegui dar o momento

por encerrado e abrir os olhos.

— Senti sua falta — dissemos em uníssono, após uma longa semana separados.

Naquele momento, sorrindo abertamente enquanto acariciava seu rosto com uma das mãos, me vi tomada por um sentimento inexplicável.

— Está com fome? — questionou, me fazendo rir um pouco mais. — Eu disse a Justine que não precisaria se preocupar, mas ela insistiu em deixar o nosso jantar pronto... Mas se preferir tomar um banho primeiro, posso esperar.

— Tudo bem, nesse momento a fome é maior que a vontade de tomar banho, além do que — aproximei os lábios de sua orelha —, eu posso vir a precisar de ajuda depois — sussurrei a última parte antes de sentir a dureza de seu corpo contra o meu, conforme eu deslizava de seus braços em direção ao chão.

— Você não deveria me provocar assim, não depois de tanto tempo longe — alertou em um tom de voz baixo e sedutor, conforme apoiava a mão em minha lombar e me conduzia até a sala de jantar, com Snow em nosso encalço.

Sentada em meu lugar costumeiro com o cão peludo deitado aos meus

pés, aproveitei enquanto James se acomodava em frente a mim, para observar com atenção os detalhes do jantar romântico que ele havia organizado para me receber. Apesar de não ser um gesto grandioso, pouco a pouco ele vinha me mostrando através de coisas como essa o quanto eu era especial, fazendo com que eu me apaixonasse ainda mais, se é que isso era possível.

— O que foi? Há algo errado? — perguntou, me encarando com certa preocupação.

Embora eu soubesse ao que ele se referia, diferentes respostas passaram por minha mente. Eu poderia responder que errado havia sido demorar tanto tempo para encontrá-lo, ou pior, desperdiçar nosso tempo precioso com implicâncias descabidas como havíamos feito após a minha chegada, mas naquele momento optei apenas por dizer:

— Está tudo perfeito, baby, obrigada!

Com um sorriso sincero, tentei demonstrar o quanto estava feliz de voltar para casa e tê-los esperando por mim. Diante de tal pensamento, me vi desejando que James, Snow e momentos como esse se tornassem constantes em minha vida.



O cansaço causado pelas horas de viagem chegou logo depois do jantar, então após ajudar James a colocar a louça suja na máquina, o convidei a se juntar a mim no banho, conforme havia insinuado mais cedo.

Após o comando para que Snow permanecesse no andar inferior, James e eu subimos as escadas de mãos dadas e a cada passo que nos aproximávamos do quarto, mais desperto meu corpo se tornava, chegando a queimar em determinadas partes apenas com a expectativa de seu toque.

— Por aqui, baby — James me deteve com gentileza, enlaçando minha cintura ao indicar o quarto que costumava usar.

Conduzida por ele, adentrei no cômodo indicado e segui atravessando-o, indo em direção a luz bruxuleante vinda do banheiro, onde o cenário mais romântico e sensual havia sido montado, a começar por seu perfume masculino pairando no ar.

— Você sabe o quanto o seu cheiro mexe comigo, não sabe? — questionei, apoiando minha cabeça em seu ombro, enquanto as minhas costas pressionavam a frente de seu corpo.

Deslizando a ponta de seu nariz por minha pele ao mesmo tempo em que me provocava com a aspereza de sua barba, James trilhou um caminho com beijos suaves, indo da curva de meu pescoço até a parte sensível abaixo de minha orelha, onde sua respiração provocou arrepios que se espalharam por todo meu corpo.

Entregue a ele, permaneci de olhos fechados, imóvel e com os lábios entreabertos, tentando recuperar o fôlego que ele havia me roubado.

— Me deixa cuidar de você? — pediu em um sussurro, fazendo sua voz soar ainda mais grave.

Incapaz de formar uma frase coerente, apenas mordi o lábio inferior e emiti um gemido em concordância quando as mãos que estavam em meus quadris começaram a subir, ultrapassando o limite de minha blusa, até alcançarem minha pele que já estava em brasa.

James ainda seria a minha ruína.

Com os polegares raspando contra a lateral dos meus seios, ele amontoou todo o tecido e por fim se afastou de meu corpo, apenas o suficiente para retirá-la por completo e descartá-la aos nossos pés. Necessitando de um contato maior, aproveitei sua breve distração para me virar e encará-lo.

Um tanto surpreso, James sustentava uma sobrancelha arqueada, os lábios vermelhos e muito beijáveis repuxados para o canto, em um sorriso sedutor. Seu olhar, escurecido de desejo, me desestabilizou por completo.

Enquanto as mãos de James tateavam as minhas costas para se livrar do sutiã, eu me concentrei em abrir os botões de sua camisa o mais rápido que meus dedos trêmulos permitiram e assim que o tecido se separou em duas partes, revelando sua pele bronzeada, macia e marcada por músculos discretos, não contive o desejo de tocá-lo.

De cima a baixo, do pescoço até onde o V de seus quadris desapareciam sob o jeans, meus dedos foram explorando a sua pele, sentindo seus músculos se contraírem ao meu toque, enquanto suas mãos acariciavam o meu corpo e provocavam os meus seios já sensíveis.

— James... — ofeguei, fechando os olhos por um instante e deixando a cabeça pender para trás, quando seus dedos se infiltraram por dentro de minha calça.

Por detrás da névoa de desejo que nublava meus pensamentos, tornei a encará-lo enquanto eu tentava me livrar de seus jeans, o que não foi tão difícil. Tomando o desafio para si, James retribuiu o gesto a seguir, livrando-se de minha calça, deixando nós dois apenas em nossas roupas íntimas.

Sem um pinga de pudor, me afastei um passo e me permiti admirá-lo

de cima à baixo, me demorando um pouco mais na parte de baixo, onde a boxer branca não fazia muito para esconder sua ereção.

Tomada por uma nova onda de calor que a sua visão provocava, enganchei os polegares em ambos os lados de minha calcinha e a empurrei para baixo, deixando-a deslizar por minhas pernas enquanto ainda o observava.

O sorriso provocador que havia em seus lábios se alargou e inspirado por meu ato, James se livrou da última peça que restava em seu corpo, permitindo que eu me deleitasse com a visão completa de sua nudez.

— É ainda melhor do que eu me lembrava — murmurei, mordendo o lábio inferior.

Motivado por meu comentário, ele atravessou o curto espaço que nos mantinha afastados, me prensou entre a parede e seu corpo, tomou meu rosto entre suas mãos e colou seus lábios aos meus. Primeiro sugando um e outro, depois mordiscando e por fim, me beijando com paixão. Assim que meus lábios se afastaram, ele passou a explorar a minha boca, até que nossas línguas se uniram, enroscando-se uma a outra com movimentos sensuais.

Movida por instinto, enrosquei minha perna esquerda em seu quadril, o que me permitiu sentir mais de sua ereção pulsando contra o meu centro, que já implorava por mais contato.



— Ainda não — falou contra meus lábios, antes de se afastar.

Ao me pegar nos braços, James me carregou através do curto espaço, colocando-me sentada dentro da banheira que já estava com a água morna recoberta de espuma, pronta para nos receber.

— Eu disse que ia cuidar de você — sussurrou, enquanto sentava-se atrás de mim.

Com a esponja de banho que estava sobre a borda da banheira, James passou a percorrer o meu corpo da maneira mais sensual e provocadora possível, deixando-me louca ao mesmo tempo que lutava contra o instinto de me virar e montar sobre o seu quadril.

— Por favor... — pedi.

— Relaxe, baby, nós temos a noite toda — garantiu, enquanto percorria a parte interna de minha coxa com a esponja.

Cumprindo com a sua promessa, James cuidou de mim e de cada parte do meu corpo durante o banho e ao final dele, os cuidados continuaram quando ele me levou para a cama e tomou meu corpo para si.



## Capítulo 33

— Corta — gritou o diretor. — Quinze minutos de pausa e retomamos daqui.

Naquele momento tive que conter um gemido de frustração diante de mais uma interrupção.

Aquela era uma das últimas cenas do dia e eu mal podia esperar para que terminasse. Desde que a preparação para as gravações havia começado, minha vida havia se tornado um caos, principalmente por ter que me dividir entre Napa Valley e L.A nos últimos meses. Embora a distância não fosse assim tão grande, após mais de uma semana de muito trabalho eu só precisava de um pouco de paz, o que acabava encontrando durante as minhas breves estadias na vinícola e nos braços de James.

Com o ritmo frenético que havíamos tido ao longo daquele dia, meus momentos de descanso haviam sido curtos e espaçados e se não fosse por Emily, minha recém contratada assistente, que sempre me lembrava de coisas simples como comer e beber água, sem dúvidas eu teria deixado isso passar, assim como acontecia com mensagens e ligações.

— Se deseja ir ao banheiro, a sua hora é agora — a jovem disse com

bom humor.

— Tudo bem, por enquanto só preciso beber algo.

Sua eficiência foi colocada em prática quando não precisei esperar mais do que meio segundo antes que ela surgisse com um copo de suco.

— Stella, seu advogado mandou mensagem mais cedo, disse que estava na vinícola com os papéis. Eu respondi a ele que você retornaria amanhã e ele se colocou à sua disposição.

— Papéis? Não me lembro de termos nenhuma pendência — murmurei, tentando me recordar de nossas últimas conversas. — Ele só disse isso, não deu mais detalhes? — questionei, lhe devolvendo o copo com uma das mãos, enquanto apanhava o celular com a outra.

Conforme Emily dissera, as mensagens haviam sido breves.

*“Como vai, senhorita Davis? Vim à sua procura, mas Nora disse que estava em Los Angeles. Está tudo certo, só preciso de sua assinatura em alguns papéis.”*

*“Olá, senhor Hall, me chamo Emily, sou assistente da senhorita Davis. No momento ela encontra-se filmando, mas irei repassar seu recado a ela, de qualquer forma, Stella retornará à vinícola amanhã”.*

*“Muito obrigado, deixarei os documentos aqui para que ela leia com*

*calma e em caso de dúvidas, estarei à disposição”.*

— Emily, vou até o lado de fora fazer uma ligação, por favor, me chame se eu demorar — pedi, antes de seguir na direção que havia lhe informado.

Com a cabeça tomada por dúvidas e preocupações, apertei o ícone de chamada assim que coloquei o pé para fora do estúdio. Dois toques depois, a voz conhecida do senhor Hall me saudou. Passadas as formalidades usuais, fui logo ao assunto, uma vez que não tinha muito tempo.

— Senhor Hall, me perdoe, mas não estou lembrada do que se tratam tais papéis que mencionou na mensagem. É algo do qual James cuida, mas que necessita de minha assinatura?

— *Oh, não, querida. Os documentos que deixei na vinícola à sua espera são referentes à venda da propriedade.*

Atordoada por suas palavras, com a cabeça girando e uma bola de gelo se formando em meu estômago, respirei fundo algumas vezes, tentando encontrar o mínimo de coerência para continuar a conversa.

— Desculpe, senhor Hall, não sei se entendi muito bem, poderia repetir?

— *Claro, veja bem, apareceu um possível comprador interessado na*

*vinícola. Como a senhorita havia deixado sob minha responsabilidade, eu mesmo cuidei de tudo, agora só lhe resta analisar o contrato de venda. Se a senhorita estiver de acordo com tudo, já partimos para a última parte do processo que diz respeito ao pagamento e a assinatura da documentação transferindo a propriedade para o novo dono.*

Embora suas palavras fossem simples e objetivas, eu sentia como se houvesse água em meus ouvidos, me impedindo de ouvir com clareza o que ele dizia.

Prestes a informá-lo que não me recordava de tal conversa, lembrei-me do dia que estive em seu escritório, muitos meses atrás, para assinar os papéis que transferiam a propriedade de Vincenzo Giordano para o meu nome. Lembrei-me também, que na ocasião muitas coisas eram diferentes, a começar pela maneira como eu me sentia em relação à vinícola, além é claro das brigas constantes com James e o caos no qual minha vida se encontrava após a traição de Dylan.

Era tudo tão novo e assustador, um fardo pesado demais que havia sido colocado sobre minhas costas para que eu carregasse...

Dentre tantos pensamentos rondando minha mente, a única coisa com a qual consegui me preocupar foi:

— James estava lá? O senhor disse algo a respeito para ele? —

perguntei alarmada, temendo que ele compreendesse tudo errado.

— *Não, ele estava fora da propriedade, pelo que Nora disse, havia saído para resolver algumas coisas...*

Embora fosse cedo demais para supor que James não havia encontrado os papéis em questão, me vi respirando com mais tranquilidade.

— Senhor Hall, por favor, não fale sobre isso com James, trataremos desse assunto amanhã, tudo bem? Agora... hum, me desculpe, mas preciso voltar às gravações.

Depois de encerrar a chamada com uma breve despedida, não pensei duas vezes antes de discar o número de James. Apesar do que o advogado dissera, meu sexto sentido gritava que havia algo com o qual eu deveria me preocupar.

A espera por qualquer sinal da chamada foi angustiante e a cada novo toque não atendido, meu coração assumia um ritmo mais acelerado em suas batidas. Quando por fim a ligação foi direcionada para a caixa de mensagem, eu temia que meu coração estivesse prestes a sair pela boca. Respirando fundo em uma falha tentativa de me acalmar, insisti mais uma vez na chamada, afinal de contas, ele poderia estar dirigindo ou apenas ocupado com alguma outra coisa.

Após três tentativas que não me levaram a lugar algum, disquei o número de Nora, que no mesmo instante me atendeu.

— Oi, Nora, me desculpe, não tenho muito tempo. James retornou à vinícola depois que o senhor Hall esteve aí?

— *Oi, querida. Sim, James havia saído para acompanhar a entrega de um novo fornecedor, mas pouco depois que Eric se foi, ele chegou.*

— Ele ainda está no escritório? Não estou conseguindo falar no número dele.

— *Não Stella, ele saiu já faz algum tempo e disse que não voltaria mais.*

Embora suas palavras não quisessem dizer muita coisa, eu sentia que o meu controle emocional estava começando a ruir.

— James parecia bravo ou...

— *Não, apenas a sua cara séria usual, mas quando perguntei, disse que estava tudo bem.*

— Certo, bem, preciso desligar, Nora.

— *Cuide-se, querida.* — Foi tudo que ouvi antes de pressionar o ícone vermelho na tela e finalizar a ligação.



Com a noção de tempo completamente perdida, só percebi que os quinze minutos de pausa estavam prestes a terminar quando Emily veio ao meu encontro sem que eu houvesse conseguido falar com James.

Apesar de parecer loucura, eu sabia, no fundo de minha alma eu tinha certeza de que James havia lido os papéis por engano, acreditando ser algo que lhe dizia respeito. Mas ainda assim, ele havia lido e entendido tudo errado.

— Emily, eu não sei como você vai fazer isso ou quanto vai me custar, mas, por favor, me ajude, eu preciso chegar em Napa Valley hoje!

De olhos arregalados e com um semblante determinado, a garota baixinha de rosto angelical recolheu o celular de minha mão e desapareceu de vista enquanto eu adentrava no estúdio.

Usando todo o autocontrole que eu não possuía no momento, fui forçada a deixar as minhas questões pessoais de lado, respirar fundo e assumir a personalidade à qual eu vinha dando vida em frente às câmeras.

Com o coração ainda pulsando descompassado assumi a minha marca e então ouvi a ordem seguida do barulho da claquete.

— Gravando!



Ao final da hora seguinte de gravações, Emily me informou que o voo com destino a Napa Valley sairia dentro de três. Tendo em mãos meus pertences mais necessários, incluindo uma troca de roupa limpa, não pensei duas vezes antes de usar o banheiro do estúdio para tomar um banho rápido antes de atravessar L.A em meio ao horário de pico, o que contribuiu para que o trajeto que levava quarenta minutos, fosse realizado em cinquenta e sete.

Com os óculos de sol no rosto, tentei passar o mais despercebida possível enquanto corria entre os terminais em direção ao raio-x. Com apenas uma mochila para ser analisada na máquina, tratei de retirar os tênis e os óculos e jogá-los em uma bandeja, enquanto passava pela inspeção. Assim que fui liberada, enfiei os pés dentro dos tênis de qualquer jeito e voltei a correr, enquanto a última chamada para o meu voo era anunciada.

Parada no portão de embarque, a funcionária parecia um tanto impaciente e enquanto ela validava o meu código de embarque, aproveitei para lhe pedir desculpa tantas vezes quanto consegui. Ao seu sinal de dispensa após me devolver o bilhete, segui em disparada pelo corredor que

me levaria ao avião.

Quando ocupei o lugar no qual passaria a próxima hora angustiada, desejando chegar ao meu destino o mais rápido possível, me vi pensando se algum dia em minha vida havia feito algo tão desesperado quanto o que acabara de acontecer.

Em dias comuns, a minha chegada ao aeroporto de Sonoma, uma das cidades que compunham a região de Napa Valley, era esperada por James e Snow, mas naquela noite caótica era apenas eu por eu mesma, por isso não hesitei um único instante ao desembarcar, correr em direção à locadora de veículos e cair na estrada.

Ao longo dos quarenta minutos que me separavam de James, tentei uma e outra vez ligar em seu celular, mas assim como havia acontecido desde a primeira, após alguns toques eu fui direcionada para a caixa de mensagem.

Agarrada a um fio de esperança, pedi aos céus para que tudo não passasse de um exagero de minha parte, algo que fizesse James sorrir e me chamar de louca, porque com isso eu poderia lidar, percorri as ruazinhas de Santa Helena até parar diante da casa que já me era tão familiar. Com o coração batendo em um ritmo frenético e as mãos trêmulas, saí do carro, percorri a trilha de pedras que conduzia em direção a entrada e pela primeira vez desde que havíamos tornado as coisas mais sérias, toquei a campainha ao

invés de usar as chaves.



## Capítulo 34

Assim como o telefone, a campainha foi ignorada na primeira e na segunda vez que a toquei. Ao fundo eu podia ouvir Snow latindo e uivando, porém, não havia qualquer sinal de que James estivesse ali, ou até mesmo que estivesse ali *e bem*. Deixando de lado qualquer senso de privacidade que ainda poderia existir, peguei o molho de chaves de um dos bolsos da mochila e abri a porta.

Depois de ser recepcionada por um Snow agitado, não no bom sentido, me deixei ser guiada até à varanda, a nossa varanda, o lugar onde cruzamos a linha pela primeira vez.

Sentado de maneira relaxada no sofá, com os pés apoiados sobre a mesinha de centro ao lado de uma garrafa de uísque pela metade e outra vazia, um copo na mão, sem camisa e com uma calça de moletom posicionada bem baixa em seu quadril, James me encarou com os olhos semicerrados e cara de poucos amigos

— Olha só quem apareceu, a senhorita Hollywood — ele disse com a fala um tanto enrolada, sem esconder o sorriso de deboche. — Já é sábado de manhã? — questionou olhando para o céu escuro, parecendo

verdadeiramente confuso.

Se antes me restava alguma dúvida de que James havia lido os papéis e entendido tudo errado, agora eu tinha absoluta certeza. Seu estado alterado era prova o suficiente.

— Não, James. É sexta à noite, consegui trocar meu voo, você desapareceu e me deixou preocupada.

A gargalhada carregada de sarcasmo que escapou de sua garganta me atingiu como se estivesse sendo apunhalada por uma porção de facas, mas apesar de causar dor, me preparou para a longa conversa que ainda estava por vir.

— É, eu desapareci... — Concordou, com um resquício de diversão na voz, antes de beber o que restava em seu copo. — Precisava pensar há quanto tempo você vinha escondendo de mim a sua decisão...

— James, eu não estava escondendo nada, eu sequer me lembrava disso.

Revirando os olhos enquanto sustentava um sorriso debochado, James apanhou a garrafa de cima da mesa, quase a derrubando no processo, encheu o copo e então me encarou com descrença.

— Você realmente quer que eu acredite nessa sua desculpa? Como

você pode se esquecer de algo com essa importância? Ah, é verdade, a vinícola não é importante para você. Nunca foi, não é, Stella?

Em meio a tentativa de não me deixar desestabilizar por suas palavras, tomei um longo fôlego e caminhei para longe dele, deixando que a mesinha central ficasse entre nós.

— James, você precisa acreditar, eu me esqueci que havia dito ao senhor Hall para encontrar um comprador, muito tempo se passou desde que isso aconteceu.

— Quanto tempo, Stella? Há quanto tempo você vem tramando isso pelas minhas costas? — ele exigiu em seu tom embriagado, com palavras se misturando.

Eu poderia rebater cada uma de suas acusações lhe dizendo que não devia satisfação alguma quanto a isso, que tinha o direito de fazer o que bem quisesse com a vinícola, mas uma outra parte de mim entendia as razões que levaram James a se sentir assim. Mais do que uma propriedade financeiramente rentável, aquele lugar, aquele pequeno pedaço do paraíso era a vida de James e em sua cabeça, eu estava prestes a lhe tirar isso.

— Você fala como se eu fosse um monstro, como se tivesse feito tudo isso de caso pensado. Por favor, preste atenção no que estou lhe dizendo! — supliquei, tomada por uma onda de frustração.



— Quanto tempo? — insistiu em um tom calmo.

Mantendo os olhos fixos em mim enquanto aguardava a resposta, mais uma vez o vi beber tudo que havia em seu copo.

— Meses, James, a última vez que mencionei isso ao senhor Hall foi no dia em que assinei os papéis transferindo a vinícola para o meu nome.

— Porra, Stella! Eu não posso acreditar — esbravejou, fazendo com que eu me sobressaltasse. — Depois de decidir se livrar da vinícola você ainda veio até a minha casa, comeu da minha comida, dormiu na minha cama... Você fez com que eu me apaixonasse por você enquanto planejava virar as costas e partir?

— Não, James, não! Você pode se colocar no meu lugar por um maldito instante? — gritei, perdendo completamente a compostura. — Eu estava no olho do furacão, além de descobrir que a minha vida toda foi uma mentira, ainda fui traída publicamente e as coisas entre nós estavam começando a mudar. Tudo que eu tinha diante de mim eram mentiras e incertezas. Você consegue compreender?

Sustentando uma máscara de indiferença misturada à embriaguez, assisti James pegar a garrafa de cima da mesa e beber diretamente no gargalo um longo gole, antes de me encarar com o que eu só poderia nomear como raiva.

— Ao decidir vender a vinícola, traiu as pessoas que aprenderam a gostar de você verdadeiramente. Acha que Nora e Justine merecem isso depois de tudo que fizeram para te acolher? Acha que eu merecia isso, Stella? Descobrir os seus planos dessa maneira? Como ia ser, na próxima semana eu seria notificado que ou trabalharia para outra pessoa ou estaria na rua? Como todos ficariam nessa situação? Por que de uma coisa eu tenho certeza, você estaria muito bem no seu apartamento de luxo em Los Angeles, afinal de contas, tudo está como sempre quis, não é?

— Você está sendo tão injusto, James. — Mordi o lábio inferior em uma tentativa de conter as lágrimas que haviam se acumulado em meus olhos.

— Sabe de uma coisa, Stella? Talvez tenha sido melhor seu avô morrer antes de te conhecer, isso o poupou de ver você se desfazer do que foi a vida dele.

— Chega, James, chega! Você foi longe demais — gritei.

As primeiras lágrimas escorrerem por meu rosto, me curvei por cima da mesa e arranquei a garrafa de suas mãos, o que pareceu não lhe afetar.

— E quanto a mim, ao menos um bom trabalho eu devo ter feito durante esse tempo que estive na sua cama, sendo o seu passatempo enquanto você tentava retomar a sua vida de glamour. — Deu de ombros, evitando

olhar em minha direção. — Você teve a aventura que queria, agora já pode voltar para a cidade grande.

— Não coloque palavras em minha boca ou subestime os meus sentimentos, James — vociferei, colocando a garrafa sobre a mesa com mais força que o necessário. — Não tem a mínima de condição de conversar com você nesse estado sem que um de nós saia mais machucado.

— Você sabe onde fica a porta...

Respirei fundo, tentando inutilmente secar as minhas bochechas com o dorso das mãos enquanto esperava que ele tivesse a coragem de olhar nos meus olhos e dizer aquilo. Quando longos segundos se passaram no mais absoluto silêncio, eu soube que aquela era uma batalha perdida e que nada do que eu fizesse ou falasse naquele momento adiantaria.

— Eu espero que você me dê a chance de explicar tudo e quando isso acontecer, você sabe onde me encontrar.

Após as minhas palavras não provocarem qualquer reação em James, lhe dei as costas, caminhando para dentro da casa. Deitado em um canto da sala, Snow me encarava com tristeza. Me abaixando junto dele, cocei suas orelhas tentando lhe dizer que ficaria tudo bem, mesmo sem ter essa certeza. Espiando James uma última vez por cima de meu ombro, fiz o que ele havia sugerido e fui em direção à porta.

Se diante de James eu havia conseguido conter a maioria das lágrimas que quiseram sair, o mesmo não aconteceu enquanto eu estava sozinha no carro, dirigindo até a vinícola. Com a visão embaçada, o coração apertado e a respiração dificultada por espasmos causados pelo choro, fiz todo o percurso até o casarão, o lugar onde eu havia me desmanchado para me refazer mais forte, após tantas rasteiras da vida.

Por não estar sendo esperada por ninguém, a casa encontrava-se escura e vazia. Depois de digitar o código de segurança do alarme, girei a chave na porta e finalmente entrei. A sensação era a de visitar uma mansão abandonada, mas talvez fosse apenas eu que estivesse me sentindo morta por dentro.

Sem me importar com mais nada, subi a escadaria e fui direto para o meu quarto. Diferente do que esperei, a sensação de estar deitada em uma cama macia não foi reconfortante, não enquanto eu ainda podia ver em minha memória a dor, a raiva e o desprezo que haviam estampado o rosto de James durante a nossa discussão. Sem forças para levantar, apenas me encolhi ali, esperando que em algum momento a dor passasse.



## Capítulo 35

Caminhar sozinha pelo casarão na noite de sábado, quando eu deveria estar acompanhada de James e feliz, não foi nada agradável e embora a minha vontade fosse de permanecer na cama, fingindo que o mundo além dos limites do meu quarto não existia, eu precisava comer. Como se já não estivesse sofrendo o suficiente, vesti a velha camiseta dele, que na verdade já havia se tornado a minha camiseta e segui para a cozinha.

Mesmo encontrando algumas coisas semiprontas que Justine deixara na geladeira, me propus a fazer macarrão com queijo e a partir daí a minha noite de sábado seguiu ladeira abaixo. Como se olhar para a cozinha vazia e ouvir o barulho da chuva já não fosse triste o suficiente, coloquei uma playlist aleatória para tocar e embalada ao som de *Falling Like the Stars* de James Arthur, mexi os ingredientes na panela.

Embora a cabeça estivesse longe e um tanto distraída, o riso triste acompanhado de uma lágrima solitária surgiram em meu rosto ao ouvir um trecho bobo da música, que acabou por evocar a memória de James me contando do dia em que me encontrou bêbada na adega e depois de me ajudar, eu o recompensei vomitando em seu pé.

Apesar de termos começado da maneira errada, com discussões e provocações descabidas, ele havia me feito feliz. Foi em James, um completo estranho à primeira vista, onde eu encontrei todo apoio para superar os maus momentos que havia enfrentado.

Voltei ao presente quando um leve cheiro de queimado já começava a subir do fundo da panela, desliguei o fogo e despejei o macarrão em uma travessa. Sem muita animação, comi ali mesmo, observando a chuva que caía do lado de fora.

Dizer que o domingo foi melhor seria uma completa mentira, isso porque quanto mais eu pensava sobre tudo, pior eu me sentia. Se eu tivesse me lembrado das questões da venda, se tivesse conversado com o senhor Hall antes, ou melhor, se tivesse conversado com James a respeito, talvez tudo seria diferente e... Eram tantas possibilidades rondando a minha mente, que mal conseguia pensar com clareza e me desligar de tudo aquilo enquanto permanecia sentada junto à margem do riacho, na tarde de domingo.

Assim que os primeiros raios de sol brilharam no céu na manhã de segunda-feira, entrei no escritório do casarão pela primeira vez após a discussão com James, apanhei o envelope com os documentos que criaram toda a confusão e sem pensar duas vezes fui em direção à cidade, pronta para colocar um ponto final naquela história que de tantas maneiras havia me

causado tristeza e dor.

Diferente do que havia sido a minha vinda até Santa Helena, permeada de angústia, preocupação e medo, quando entrei no avião com destino a Los Angeles na hora do almoço, nenhum desses sentimentos me acompanhavam, exceto a tristeza.

Ao não me procurar para uma conversa esclarecedora, onde eu poderia ser o mais transparente possível a respeito de tudo, assim como eu vinha sendo em nosso relacionamento, bem, exceto pelo fato de ter me esquecido que havia colocado a vinícola à venda, James tomou a decisão de acreditar em suas suposições e colocar um ponto final no que havíamos vivido até ali.

Embora eu não estivesse no meu melhor momento, havia prometido a mim mesma que jamais deixaria que questões pessoais voltassem a interferir em meu trabalho, muito menos se fossem amorosas, por isso, sem pestanejar, fui direto do aeroporto para o estúdio.

Naquela tarde, dei um grande trabalho para a equipe de maquiagem, que precisou esconder olheiras profundas das noites mal dormidas, mas ainda assim não deixei que nada interferisse nas gravações, que por sorte não se estenderam até muito tarde.

Como um verdadeiro clichê dos filmes de romance, após passar o dia



segurando as lágrimas e fingindo que tudo ia bem, embora estivesse óbvio que não estava, dirigi através da cidade chorando, vendo o mundo lá fora passar em uma velocidade rápida enquanto remói a dor de ter o coração partido novamente.

— Ok, você já teve dias de merda por tempo suficiente, está proibida de chorar! — Gabby disse assim que abriu a porta.

Apesar de sua ordem, as lágrimas continuaram a cair, mas me aproveitei de nosso abraço para escondê-las enquanto não conseguia fazê-las cessar de uma vez por todas.

Depois de passar dias tão tristes e solitários na vinícola, eu precisava de um ombro amigo e um pouco de distração, por isso não hesitei em aparecer em sua porta. Sendo parte de minha vida há tanto tempo, eu sabia que sempre poderia contar com ela.

Sem dizer nada ou cobrar qualquer explicação além do pouco que eu já tinha lhe dado mais cedo, Gabby fechou a porta após a minha entrada e então seguiu para a cozinha enquanto eu me acomodava em seu sofá. Minutos mais tarde ela retornou com duas colheres e dois potes de sorvete. Era a nossa maneira madura de lidar com problemas ou tomar grandes decisões.

Esparramadas no sofá confortável, não foi preciso mais do que três

colheradas para que eu começasse a lhe contar toda confusão que a visita do advogado com os papéis de venda havia causado. Em certo momento, apenas ignorei o pote de sorvete em minhas mãos e passei a detalhar a discussão, quando terminei, o sorvete já estava meio derretido, quase um milk shake.

Da outra ponta do sofá, Gabby me encarava pensativa enquanto tomava a sua sobremesa.

— Que ele foi um completo babaca ao te dizer aquelas coisas, não restam dúvidas, mas por tudo que você vem me contando sobre como as coisas estão bem entre vocês, ou no caso estavam antes dessa briga, eu acredito que é questão de tempo até que tudo se acerte.

— Ah, Gabby, eu pensei em todos os cenários possíveis e só me vi mais frustrada quando dois dias se passaram e ele não me procurou. Nem sei se devo voltar a Napa na próxima folga...

— Se ir à vinícola te faz bem, então vá, independente do que aconteça daqui para frente entre você e James. Se enquanto você estiver lá ele a procurar, ótimo, terão a oportunidade de conversar e se isso não acontecer, apenas siga em frente, como você já fez antes.

— Eu gostaria de pensar com essa sua clareza — comentei, levando uma porção do sorvete derretido à boca.

— É normal, você está afetada demais nesse momento. Enquanto as coisas não se resolvem, posso ser a sua voz da consciência como o grilo falante do Pinóquio. — Piscou, me fazendo rir pela primeira vez em dias e derramar um pouco de sorvete em minha roupa.

— Acho que essa é a deixa perfeita para eu tomar um banho.

— Você sabe, o quarto de hóspedes é todo seu.

Agradecida com a hospitalidade de sempre, descartei o pouco de sorvete que restava na embalagem e depois de voltar à sala e apanhar minha bolsa, subi as escadas. Já no quarto, apanhei uma calcinha limpa, a camiseta de dormir que ainda tinha um leve resquício do perfume de James e segui para o banheiro.

Nos breves minutos que permaneci sob o jato de água, senti parte da tensão de meus ombros se desfazer e o peso do longo dia ser levado embora. Ao fechar o chuveiro, restava apenas o cansaço que uma noite de sono bem dormida poderia curar.

Apesar de vestida, eu ainda estava dentro do banheiro aplicando um hidratante facial, quando ouvi meu celular tocar. Tentando não me sentir muito idiota por considerar que seria James me ligando a essas horas, corri de volta ao quarto para sanar minha curiosidade.

— Oi, Nora, como vai? — perguntei, um pouco desapontada.

— *Muito bem, querida e você? Sequer nos encontramos esse final de semana...*

— Ah, isso é verdade. Bem, eu tinha algumas pendências para resolver pela manhã, então acabei saindo bem cedo do casarão.

— *Querida, vou te fazer uma pergunta, mas gostaria que você não visse com maus olhos.* — Após um breve segundo de silêncio, que seria a minha deixa para contestá-la caso eu quisesse, o que não foi o caso, Nora continuou: — *Você e James tiveram algum problema? Exceto pela morte de seu avô, eu nunca o vi tão abatido, Stella, com olheiras escuras, a barba maior que de costume e um olhar triste...*

Após pensar na melhor maneira de dizer aquilo a ela sem detalhar demais as razões da briga, optei por lhe dizer o mínimo, ao menos naquele momento, durante uma conversa telefônica.

— Sim, nós... hum, nos desentendemos e acabamos por discutir — falei, sem conseguir esconder a tristeza atrelada a essa admissão.

— *Eu espero que você esteja bem, querida e lamento não estar por perto para ajudar. James às vezes pode ser muito cabeça dura, só enxerga o que quer, mas como te disse um milhão de vezes, ele tem bom coração. Se*

*estiver errado, cedo ou tarde ele irá reconhecer.*

— Muito obrigada, Nora, o simples fato de você se importar já me conforta demais. Acho que o pior já passou, mas de qualquer forma, vou ficar essa noite na casa de Gabby, ela vai me dar o ombro amigo que por enquanto você não pode oferecer — disse a última parte com certa diversão, depois de ver minha amiga abrir a porta e colocar a cabeça para dentro, ouvindo parte de minha conversa.

*— Me tranquiliza saber que não está sozinha, Stella, e sinta-se à vontade para me ligar caso precise de qualquer coisa. Cuide-se querida, boa noite.*

Depois de encerrar a chamada, permaneci sentada na cama, encarando o aparelho em silêncio, enquanto Gabby se juntava a mim.

— Nora disse que a aparência de James não era das melhores, que só o viu assim quando meu avô faleceu.

— Mal sabe ela o que eu encontrei na minha porta — provocou, me envolvendo em um abraço lateral logo depois. — Não vou mentir, Stella, acho muito bom que ele esteja assim. O mínimo que espero é que ele sofra, já que te causou sofrimento também.

— Às vezes me esqueço que sou amiga da rainha coração de gelo —

provoquei, ganhando um aperto mais forte em repreensão antes dela me soltar.

— Que tal um balde de pipoca e um filme de comédia? — ofereceu, indo em direção à porta.

Sabendo que nesse momento eu não estava em posição de recusar nada, acabei seguindo-a.



## Capítulo 36

Apesar de ainda estar com o coração partido, na manhã seguinte, após ter o apoio de minha amiga e uma boa noite de sono, meu corpo estava revigorado, livre do cansaço que havia me acompanhado nos últimos três dias.

Vestida e pronta para mais um dia de gravação, encontrei Gabby na cozinha já tomando o café da manhã.

— Você parece melhor — comentou, enquanto me servia de uma caneca de café.

— Eu me sinto, ao menos fisicamente, a cabeça já é outra história...

— Tudo bem, se dê um tempo, mas ainda acho que foi apenas uma briga. Já te disse, ele é homem da fazenda, o sistema é um pouco diferente.

— Piscou.

— Ok, grande guru do amor, acreditarei em você — disse com diversão, atacando minha pilha de panquecas.

Durante a refeição, Gabby seguiu com as conversas bobas da noite passada com a intenção de me entreter e mais rápido do que gostaria, precisei



me despedir dela e ir para o estúdio.

A sequência de cenas previstas para o dia não eram muitas, mas por se tratar de um filme de ação com tomadas mais difíceis e diversos personagens em cena ao mesmo tempo, as gravações acabaram levando mais tempo do que a equipe havia previsto e quando terminamos, já era tarde da noite. Me lembrando que não teria nada pronto para jantar aquela noite, acabei parando em um restaurante de comida chinesa a caminho de casa e pegando alguns pratos para viagem.

Dividida entre equilibrar a comida, uma mochila grande e a sacola com roupas sujas do final de semana, entrei no elevador e fiquei encarando o painel eletrônico, como se isso fosse o suficiente para fazê-lo trabalhar mais rápido.

Quando a porta se abriu em meu andar, me vi prestes a soltar um suspiro de alívio, que acabou ficando preso ao me deparar com James diante de minha porta.

Conforme Nora havia dito no dia anterior, sua aparência não era das melhores.

Embora estivesse bem vestido, sua camisa possuía alguns vincos das longas horas de uso, sua barba estava aparada no tamanho usual, mas os cabelos sempre arrumados estavam bagunçados, provavelmente por ele

passar a mão repetidas vezes nos fios. Porém, de tudo que vi, o que mais me afetou e fez meu coração doer foi encontrar o seu olhar triste e sem brilho.

Como se tivesse saído de um transe, James se aproximou com passos lentos e um tanto incertos, como se estivesse com medo de me assustar com sua presença. Incapaz de me mover, apenas o observei vir até mim.

— Posso te ajudar? — ofereceu, indicando as coisas que eu carregava. Ainda atordoada por sua presença, apenas acenei em concordância

Com gestos comedidos, ele pegou a sacola de roupas e a embalagem de comida e recuou um passo sem desviar o olhar de mim, que permanecia congelada no lugar.

— Nos últimos dois dias nada saiu como eu planejei, Stella, mas independente disso eu preciso saber: é tarde demais ou você ainda está disposta a conversar com um maldito herdeiro babaca que está muito arrependido? — James disse baixo, com os olhos fixos nos meus, deixando-me ver a vergonha que sentia depois de tudo.

Sem me esquecer de toda dor que suas palavras haviam me causado, do quanto suas acusações haviam me ferido, mas acreditando que seu pedido e seu arrependimento eram genuínos, abri a porta e o deixei entrar.

Embora estivéssemos em um relacionamento sério a ponto de termos a

chave da casa um do outro, aquela era a primeira vez que James colocava os pés em meu apartamento e isso em nada tinha a ver com falta de interesse da parte dele em vir me visitar.

Quando discutimos o assunto pouco antes do início das gravações, James havia argumentado e insistido mais de uma vez que poderia me encontrar em L.A, me poupando de um deslocamento constante, mas nem mesmo isso me convenceu a desistir das idas à vinícola.

Ter um abraço reconfortante no reencontro após mais de uma semana longe do homem por quem eu havia me apaixonado, ou um momento de paz e tranquilidade no lugar que aprendi a chamar de lar eram motivos suficientes para me fazer enfrentar aquela louca jornada com um sorriso no rosto.

Parado no centro da sala de tons claros e itens modernos com sua calça jeans, bota e camisa xadrez escura, era fácil perceber que ele não pertencia àquele lugar, mas ainda assim, não pude deixar de pensar o quanto parecia certo James estar ali.

— Sente-se, quer beber alguma coisa? Comer? Eu posso...

— Desculpe, Stella, eu sei que você deve estar cansada e faminta, mas se não for pedir demais, me diga todas as coisas que eu não quis ouvir antes.

Ainda atordoada por sua visita inesperada, deixei a mochila próxima

ao sofá antes de me aproximar e retirar de suas mãos o que ele ainda fazia o favor de segurar. Precisando de alguns instantes para digerir seu pedido tão direto e reorganizar meus pensamentos, segui até a cozinha com a plena certeza de que o par de olhos castanhos mais intensos e apaixonantes que eu já tinha visto estavam cravados em mim.

Após deixar a comida sobre a mesa, enchi o copo com água e bebi o conteúdo com calma, na tentativa de que a temperatura fria do líquido acalmasse meus ânimos, afinal de contas, depois de tudo, James estava ali.

— Você soube da minha vontade de vender a vinícola assim que me descobri herdeira, você estava naquela sala comigo quando Eric Hall leu o testamento — comecei a dizer, ganhando sua atenção enquanto me sentava em uma das poltronas. — E naquelas primeiras semanas essa ainda era a minha vontade. Na verdade, esse foi o meu desejo até o momento em que assinei os documentos que me declararam proprietária da vinícola.

Sentado no sofá diante de mim, James sustentava uma postura curvada, com os cotovelos cravados nas coxas, um sinal claro de seu desconforto e tristeza com a situação em que nos encontrávamos.

— Naquele mesmo dia nós nos encontramos no mercado, você me convidou para jantar e então tudo mudou — sorri de leve com a lembrança de nós dois na varanda, lembrança essa que logo se transformou, adquirindo um

sabor agri-doce após a nossa discussão. — Você me fez esquecer de tudo, James, dos problemas que eu vinha enfrentando, das incertezas que me rondavam e até mesmo quem eu era. Demorei a perceber o quanto tudo pareceu certo junto de você, mas quando entendi, abri as portas do meu coração e te deixei entrar. — Dei de ombros.

Durante a minha breve pausa para tomar fôlego e continuar, senti que lágrimas teimosas escorriam por minhas bochechas e antes que eu sequer conseguisse pensar em secá-las, ele já estava ajoelhado aos meus pés, segurando meu rosto entre as suas mãos. Com delicadeza, seus polegares deslizaram por minha pele, tentando secar o rastro molhado que agora marcava minha pele.

— Me perdoe — pediu com certo desespero e urgência. — Por fazê-la chorar, não só agora como quando você foi tentar esclarecer tudo. Me perdoe por ter sido rude e amargurado, por ter te ferido com palavras que não condizem com o que penso de você. Eu fui um imbecil, baby, fiquei cego, me senti traído e apunhalado pela mulher que amo. Sim, esse é um momento de merda para dizer isso, mas eu te amo, Stella, e estava assustado.

A essa altura, depois de todas essas palavras com direito a uma declaração explícita de seus sentimentos, algo que apesar de ser sentido e demonstrado ainda não havia sido nomeado, meu choro já havia se tornado

constante.

— Eu desisti da venda. Eu sequer li o contrato ou vi valores, nada disso me importa. A vinícola é parte de mim, James, sempre deveria ter sido e agora eu sei que jamais seria feliz ou me perdoaria se houvesse me desfeito dela.

Na tentativa de acalmar meu choro, ele me rodeou com seus braços e me trouxe para perto de seu corpo. Enterrando meu rosto em seu peito, como havia feito algumas vezes desde que nos conhecemos, me deixei chorar enquanto tentava distinguir o que estava sentindo naquele momento.

— Eu me arrependo de cada palavra dita com a intenção de te ferir, meu amor. Esses últimos dias foram miseráveis para mim e eu sei que para você também, então eu te peço que, por favor, Stella, me dê uma nova chance.

Incapaz de falar ou sequer raciocinar, meneei a cabeça ainda enterrada em seu peito em um aceno positivo e assim que consegui, murmurei em seu ouvido:

— Eu também te amo, James.

A prova de que ele havia escutado as minhas palavras veio com uma porção de beijos, que começaram em minhas pálpebras ainda molhadas, em

minhas bochechas, testa, ponta do nariz e por fim em meus lábios, que mal conseguiam sustentar o sorriso que eu queria dar, tamanha a minha alegria.





# Epílogo

Há quase três anos eu me encontrava no olho do furacão, descobrindo coisas sobre a minha vida que eu jamais teria imaginado e sem qualquer perspectiva sobre minha carreira, que estava indo ladeira abaixo. Hoje, pensando nos dias que ficaram para trás, me sentia feliz e aliviada de ter sido capaz de fazer tudo mudar.

Com muita dedicação e comprometimento, após a assinatura daquele primeiro contrato, eu havia me tornado uma vencedora do Oscar com um filme de drama muito elogiado e diferente das comédias românticas que costumava fazer, o que acabou por me abrir diversas outras portas, garantindo muito trabalho e pouco descanso nesse período. O que não foi de todo ruim, especialmente tendo ao meu lado alguém tão compreensivo e parceiro quanto James.

Se naquela mesma época alguém me dissesse que ele se tornaria meu fã número um, meu maior apoiador, que se dividiria entre a vinícola e L.A para estar comigo nos períodos de maior trabalho, ou que hoje nós estaríamos aqui, deitados sobre uma pedra às margens da cachoeira, trocando beijos como um casal qualquer, eu provavelmente teria dado risada na cara dessa pessoa e dito que ela estava há um passo da loucura, especialmente pela

maneira como tudo havia começado entre nós, com uma terrível discussão no escritório do advogado.

Mas olhando para o lado e vendo-o tão relaxado, com os braços cruzados atrás da cabeça enquanto seu corpo secava ao sol após nadar junto com Snow, eu não conseguiria pensar em um rumo melhor para a minha história.

Desde que nos conhecemos, fui do inferno ao paraíso algumas vezes, como quando fui traída publicamente e tive uma parte importante de minha vida exposta tão grosseiramente para que qualquer um falasse a respeito. Em ambos os casos James esteve lá, primeiro brigando por mim e depois me segurando em seus braços quando estive prestes a desmoronar.

Com o passar do tempo, fui descobrindo a sua real importância junto de mim e, às vezes, até parecia que todas as pequenas discussões que tivemos enquanto trabalhávamos por algumas horas em função da vinícola tinham acontecido em outra vida, assim como aqueles poucos dias assustadores que passamos separados.

Embora as coisas estivessem sérias entre nós muito antes da briga que quase colocou tudo a perder, o momento onde colocamos os sentimentos na mesa se tornou um marco em nosso relacionamento, por isso, desde então celebrávamos o nosso aniversário de namoro com comida chinesa, recriando o cenário que sucedeu as nossas declarações.

Contar a mamãe e a Nora que nós estávamos namorando fez com que as duas flutuassem de alegria, embora ambas fizessem questão de me dizer que já sabiam, que desde o princípio sentiram que era questão de tempo para ficarmos juntos. Apesar de não concordar em cem por cento com elas, me deixava feliz saber que torciam por nós.

Depois disso, veio a primeira ida à casa de meus pais, que por sinal, agora eu tinha uma relação até melhor do que antes de saber toda a verdade sobre o meu passado. Na visita em questão, pude mostrar a James um outro lado de minha vida, uma parte que não envolvia câmeras ou a herança, uma parte onde eu havia sido apenas Stella, uma criança feliz e uma adolescente um tanto travessa, antes de me jogar no mundo não tão glamouroso de Hollywood.

— Um beijo por seus pensamentos — falou, me fazendo sorrir como em todas as vezes que fazia a mesma oferta.

Desviei minha atenção do céu azul acima de nós, me perdi na calmaria de seus olhos castanhos que me observavam com curiosidade.

— Estava pensando em nós, no quanto brigamos no início, quando você procurava motivos para me irritar de propósito.

Virando-se de lado, James rodeou minha cintura com seu braço e me puxou para junto de si, nos deixando frente a frente, com os rostos muito

próximos.

— Você fala como se não tivesse sua parcela de culpa nessa história, não é mesmo, senhorita Hollywood? — disse baixo, com os lábios roçando nos meus.

— Mas por muito tempo você foi um babaca comigo...

— E agora? — exigiu, mordiscando meu lábio inferior.

— Agora eu te amo.

— Não mais do que eu amo você.

Após rebater a minha declaração com outra, James me fez deitar de costas e se colocou sobre mim, fazendo com que o peso de seu corpo me pressionasse nos lugares certos, enquanto seus lábios se uniam aos meus em um beijo lento, provocante e apaixonado, que se não fosse por culpa de meu estômago reclamando por comida, teria durado muito mais.

— Um *timer* perfeito — zombou, enquanto se retirava de cima de mim. — Vou pegar algo para comermos, não quero você mal-humorada por estar de barriga vazia.

— Eu nunca fico mal-humorada — reclamei, enquanto ele se afastava.

Deitada há tempo demais sobre a pedra, aproveitei aquele momento para me levantar, alongar o corpo e fazer um carinho em Snow, que agora

rodeava minhas pernas e respingava sobre elas uma porção de gotas d'água. Distraída como estava, só percebi a aproximação de James quando ele chamou carinhosamente de “amor”.

Pronta para receber de suas mãos um dos lanches que havíamos feito juntos ou uma maçã, acabei ficando paralisada ao encontrá-lo ajoelhado, segurando uma caixinha aberta, onde era possível ver um lindo anel de aparência antiga.

Sentindo o coração falhar uma batida, levei as mãos ao peito em uma tentativa inútil de acalmá-lo.

— James... — deixei escapar em um murmúrio, sentindo minhas pernas amolecerem mais e mais a cada segundo que ele permanecia ali.

— Quando seu avô já havia perdido as esperanças de te encontrar, ele me deu de presente esse anel que pertenceu a sua avó e disse que eu deveria presentear a mulher que roubasse meu coração. Coincidência ou não, Stella, a única capaz de fazer isso foi você, então eu te pergunto, meu amor, aceita se casar comigo e continuar fazendo os meus dias felizes?

Com o rosto marcado por lágrimas, permaneci imóvel encarando James ajoelhado diante de mim enquanto me perguntava se tudo não passava de um lindo sonho. Ao ganhar uma lambida e algumas cabeçadas de leve na perna, sorri, percebendo que tudo era a mais pura realidade.

Incapaz de proferir uma única palavra que fosse, balancei a cabeça uma porção de vezes em um gesto afirmativo antes de conseguir dizer em um tom choroso e eufórico:

— Sim, meu amor, eu aceito!

O mesmo sorriso lindo que havia me conquistado e feito eu me apaixonar por ele a cada dia mais emoldurou o seu rosto. James segurou a mão trêmula que lhe ofereci, deslizou a joia por meu dedo anelar e então o beijou antes de ficar em pé.

Ainda com a sensação de estar flutuando, coloquei a mão sobre seu peito, sentindo seu coração pulsar contra o meu toque e fechei os olhos no momento em que ele plantou um beijo em minha testa. Depois desse, outros dois foram dados em minhas bochechas e na ponta do nariz, antes que seus lábios se juntassem aos meus.

James demonstrou carinho, delicadeza, cuidado e, sobretudo, amor ao segurar o meu rosto entre suas mãos e me beijar de maneira suave, despreocupada, como se dissesse através daquele gesto, que tínhamos todo tempo do mundo para sermos felizes, algo do qual eu não tinha nenhuma dúvida.



*Leia também!*

## Outras obras da autora

[Procura-se Pedro](#)

[O amor não tem regras](#)

[Uma bela jogada \(O amor não tem regras – 1.5\)](#)

[Doce rendição \(O amor não tem regras – 2.0\)](#)

[Em busca de mim](#)

[Longe de você](#)

[Além da meia noite](#)



## Leia um trecho de Procura-se Pedro



[Clique aqui e leia agora](#)

— Merda, merda, merda — resmunguei após olhar as horas na tela do celular e ver que já estava atrasada.

Saltando da cama imediatamente, segui às pressas para o banheiro. Depois de lavar bem o rosto, escovar os dentes e aliviar a bexiga em tempo recorde, voltei para o quarto e me liberei do confortável pijama que vestia, substituindo-o por um conjunto de academia.

Mesmo depois de guardar em minha mochila tudo que eu precisaria para sobreviver a esse dia que já estava começando todo errado, algumas coisas ainda ficaram de fora, e sem ter outra alternativa devido ao pouco tempo que me restava, empilhei tudo em meus braços e parti.

Agradecendo ao universo pelo simples fato de não estar caindo uma chuva torrencial, embora o sol quente logo nas primeiras horas da manhã também não fosse lá muito convidativo, chequei mais uma vez o relógio em meu pulso e respirei aliviada por ainda estar dentro do tempo limite que eu havia imposto.

Embora meus olhos cor de chocolate não fossem tão sensíveis à luz quanto outros mais claros costumavam ser, coloquei os óculos escuros no rosto, que também me ajudaria a esconder o fato de que acabara de acordar, e segui caminhando rapidamente.

Diferente do que imaginei que encontraria, a estação de metrô estava mais lotada do que o normal para o horário, com pessoas cruzando o caminho das outras às pressas, exatamente como eu fazia. Ao passar as catracas, ouvi um trem se distanciar da plataforma, então passei a descer com rapidez e agilidade os degraus da escada rolante, que parecia levar uma eternidade para chegar ao andar de baixo.

Após três lances de escada, que já nem me resultava em uma respiração ofegante, parei em um ponto da plataforma, calculando quão próxima eu estaria das escadas de minha estação de desembarque. Esse era apenas um dos muitos instintos de sobrevivência que eu havia desenvolvido ao longo dos anos vivendo na grande metrópole.

Como esperado, o próximo trem não tardou a chegar e assim que

encontrei um lugar vago para me sentar, me permiti dar o mínimo de atenção à minha aparência, até então negligenciada. Usando o reflexo da janela à minha esquerda como espelho, penteei com os dedos os fios acobreados de meu cabelo e sem ter muito o que fazer para controlar o volume causado pela umidade do ar, passei a trançar os fios, enquanto o trem seguia seu caminho.

Quando o sinal sonoro soou algumas estações mais adiante, enrosquei as alças da mochila em meus ombros, apanhei as pastas que vinha carregando desajeitadamente em um dos braços e me posicionei próxima a saída. No instante em que as portas se abriram, me adiantei para fora do vagão e tomei o caminho em direção às escadas, que não se encontravam muito longe, mas em meio a uma estação cheia e movimentada, com pessoas que pareciam estar tão apressadas quanto eu naquela manhã, acabei me chocando em alguém e derrubando minhas pastas.

— Me desculpe — falei alto, para que o homem abaixado a alguns passos de distância pudesse ouvir. — Eu saí tão apressada que fui descuidada — esclareci, terminando de recolher minhas coisas.

— Acontece — disse tranquilamente, enquanto um sorriso discreto despontava em seus lábios. — Acho que isso é seu.

Estendeu uma caneta marca texto rosa neon em minha direção.

Tentando alcançá-la em meio aos passantes, me estiquei como pude, ganhando alguns olhares feios por estar atrapalhando. Assim que consegui

segurar o objeto, senti nossos dedos se tocarem. A partir desse mínimo contato que fez a minha pele formigar, uma corrente elétrica subiu por meu braço, e se espalhou por meu corpo, me fazendo encará-lo com surpresa.

Devido à sombra projetada em seu rosto a partir da aba do boné, não pude confirmar em seu rosto se ele também havia sentido aquilo, mas a julgar por seu sorriso simpático, que agora havia se ampliado e me deixava ver seus dentes brancos bem alinhados, apenas eu havia sido afetada por nosso contato.

— Muito obrigada.

Incapaz de desviar o olhar de seus lábios, lhe agradei em um murmúrio ao colocar a caneta dentro de uma das pastas recém recolhidas.

— Tenha um bom dia — desejou com um meneio de cabeça, ainda sustentando o sorriso, enquanto se virava e retomava seu caminho em direção ao vagão, sem esperar por uma resposta. Depois de recomposta, segui para as escadas, desejando silenciosamente o mesmo a ele.

[Clique aqui e leia agora](#)

# Leia agora um trecho de O amor não tem regras



[Clique aqui e leia agora](#)

A última visão que tive do Brasil foi das pequenas luzes da cidade de São Paulo lá embaixo, ficando cada vez menores conforme o avião se distanciava do chão e cortava o céu. Eu não quis uma despedida com choros e abraços no aeroporto, isso me fazia lembrar que minha partida era algo definitivo, o que me dava um pouco de medo. Ultimamente, o definitivo não era tão definitivo assim em minha vida.

A comissária de bordo passou oferecendo as bebidas, alguns minutos depois de alcançarmos a altitude correta. Eu não costumava beber com

frequência, mas provavelmente teria uma péssima noite de voo, sem a ajuda de um pouco de álcool. Sem pensar muito, aceitei um copo de uísque e mandei para dentro o mais rápido que consegui.

Fiquei ali, encarando a escuridão, vendo as luzes da cauda da aeronave piscar enquanto assimilava que a velha Valentina havia ficado para trás, junto com os velhos sonhos. Ainda era estranho pensar que tudo mudara em um piscar de olhos. Em um instante, eu estava feliz e pronta para dividir o resto da minha vida com o cara que namorava há três anos, e no instante seguinte, os fantasmas do passado destruíram tudo.

Para ser honesta comigo mesma, eu sabia que ninguém era o culpado das coisas terminarem assim. Uma coisa ligava a outra, e assim como vários dominós alinhados, bastou um cair para levar todos os outros consigo, provocando uma reação em cadeia. Eu não planejava encontrar Henrique naquela festa, e muito menos esperava que meu corpo reagisse a ele.

Quatro longos anos haviam se passado desde que eu colocara meus olhos nele pela última vez, mas foi como se nem mesmo um segundo houvesse se passado. Claro que seu rosto ganhara traços mais maduros, o que indicava que o tempo realmente havia passado, mas tenho certeza de que eu também estava diferente, e isso não era apenas fisicamente.

O álcool, enfim, começou a fazer efeito, e eu já sentia minha cabeça mais leve. Antes de ser tomada completamente pelo sono, acabei por aceitar

tudo e finalmente entender que nenhum de nós era realmente o culpado. Felipe não tinha culpa por eu não amá-lo o suficiente; Henrique não tinha culpa por me mostrar que, apesar da ligação que tínhamos, as coisas não dariam certo, e eu não tinha culpa se as borboletas do meu estômago escolheram bater asas pelo cara errado.

Acordei com os primeiros raios do sol infiltrando-se pela janelinha. Se você nunca viu o sol nascer durante um voo, não sabe o que é um belo nascer do sol. Lá de cima, sem nem mesmo as nuvens para te distrair, o sol vem forte, amarelo e brilhante, direto no seu rosto, mostrando toda a sua força. Ainda admirando o belo espetáculo da natureza diante de mim, senti minhas energias se renovarem. Talvez fosse uma promessa silenciosa de que as coisas finalmente estavam entrando nos eixos.

Passado meu deslumbramento, bocejei, ajeitei os cabelos e dei uma pequena esticada nos ombros e braços, porque era só o que eu conseguia esticar, já que o espanhol gordo e barbudo ao meu lado ocupava todo o espaço — *que deveria ficar vazio* — entre as nossas duas poltronas.

Puxei minha bolsa de debaixo do assento e peguei minha *nécessaire*. Com muito custo, consegui sair do lugar e me alongar enquanto caminhava pelo corredor em direção ao banheiro. Devido ao tamanho limitado, tudo que consegui fazer ali foi a minha higiene matinal básica. Penteei os cabelos o melhor que pude e os preendi em um rabo de cavalo baixo para esconder o

amassado de dormir em uma poltrona. Quando voltei ao meu lugar e consegui me sentar novamente, a voz do comandante já avisava que nos aproximávamos do aeroporto Adolfo Suarez.

Encarei a cidade lá embaixo, banhada pelo sol do verão europeu, e suspirei encantada — *Madri era mesmo uma cidade linda.*

O avião começou a baixar lentamente, mostrando mais e mais da cidade, até que pude ver a sinalização da pista. Aterrissamos suavemente, e alguns minutos depois, eu já estava na fila do desembarque.

Assim que passei pelo corredor e avistei as portas de vidro do aeroporto, senti todo o meu interior se agitar. Era um grande passo, o maior que eu poderia dar.

Até bem pouco tempo atrás, eu tinha todo um plano de vida traçado. Terminar a faculdade, casar, abrir um consultório de sucesso e ser cirurgiã em algum hospital famoso. Era praticamente a personificação de um personagem de novela das oito, mas era o que eu queria para a minha vida. E depois de tudo, lá estava eu, mudando de sonho e de país, com uma vida mais para romance de sessão da tarde.

Enquanto saía do avião, fiz uma prece silenciosa, desejando que de agora para frente tudo fosse melhor, e para validar o meu pedido, fiz questão de pisar com o pé direito do meu All Star branco em solo europeu. Eu só queria boas vibrações de agora em diante.



Já com as malas, caminhei por todo o corredor, empurrando o carrinho em direção à saída. Meu coração batia mais acelerado com a expectativa e a saudade conforme me aproximava de Helena. Eu queria vê-la, estava ansiosa. Ter enfrentado tudo sem ela por perto, só havia me dado a certeza de que eu não conseguiria recomeçar se não estivéssemos juntas.

*Não era fácil lidar com a vida sem a sua melhor amiga ao lado!*

Helena correu para mim como se uma manada de rinocerontes em fuga ou coisa do tipo estivesse atrás dela. A boca curvada em um sorriso, as mãos apertadas em punho. Eu quase podia ouvir os gritinhos dela de onde estava. Esperei que ela chegasse mais perto e então abri os braços, apertando Helena contra mim.

Em meio a esse abraço carregado de emoções, me recordei da primeira vez que nos encontramos pessoalmente, na porta de uma livraria, alguns anos atrás.

Apesar do pouco tempo de convívio que tivemos antes de sua mudança, eu sentia como se fosse uma vida toda. Helena havia sido um presente que o universo me dera, quase como um anjo da guarda designado unicamente para estar ao meu lado.

Nós nos conhecemos através de amizades em comum, mas o que nos manteve unidas no decorrer dos anos é algo inexplicável. Eu gostava de pensar que, talvez, em uma outra vida, nós havíamos sido irmãs, pois apenas

isso conseguiria justificar nossa conexão.

— Pelo menos agora vamos economizar no telefone. — brinquei, porque se não dissesse algo do tipo, acabaríamos chorando.

— Boba! — ela disse sorrindo e secando os cantos dos olhos com as costas da mão. — Também senti sua falta!

Passadas as primeiras lágrimas de um encontro tão aguardado por ambas, Helena e eu seguimos em direção à saída e pegamos um táxi. Lena mora em um bairro antigo, na parte velha e mais histórica de Madri. Uma área muito bonita, cheia de cafés e bares, conforme eu havia visto por fotos e em relatos da internet. Parecia animado e elegante.

*Pelo menos o trabalho dela parecia estar dando muito certo.*

— Uau! — exclamei assim que coloquei meus pés na grande sala aberta — Alguém está ficando rica e nem contou para a amiga! — brinquei.

— Alguém provavelmente está ficando rica nesse momento, e com certeza esse alguém não vai dizer aos amigos, mas acredite, esse alguém não sou eu! — ela brincou. — Mas fico feliz que tenha gostado, já que vai ajudar a pagar isso tudo!

Soltei um gritinho histérico, puxando Helena em um abraço apertado. Era a primeira vez que eu moraria em um lugar realmente meu, e ainda poderia dividir a experiência com Lena, o que tornava tudo melhor.

— Anda! Vem ver seu quarto novo! — Helena disse, levando-me

pela mão escadas acima.

Conforme ela havia me dito, anteriormente o armazém usava o mezanino como depósito, então Helena provavelmente havia perdido alguns meses e zeros na sua conta bancária para deixar tudo como eu estava vendo. Segui-a por todo corredor aberto do andar superior, até ela parar diante de uma porta, que foi aberta ao mesmo tempo em que um sorriso amplo surgia em seu rosto.

— Espero que goste, Tina! Mas você vai ter que dar a sua cara a ele, porque eu deixei tudo bem básico, para que você pudesse redecorar tudo! — ela explicou ansiosa.

Caminhei pelo espaço, girando meu corpo para absorver tudo ao meu redor. Havia uma janela grande, muito grande. Ela pegava toda uma das paredes e se abria para a rua de trás. A cortina fina estava aberta, deixando o sol da manhã iluminar o quarto e me permitindo ver o movimento das pessoas lá embaixo. Acabei por fechar os olhos enquanto absorvia os sons da cidade ao meu redor e sentia a brisa quente do verão contra a minha pele. Eu ainda não acreditava que finalmente estava em Madri.

— Vamos! — Helena cobrou — Me diz alguma coisa!

Sentei na cama, alisando o edredom macio que a estava cobrindo, e voltei a sorrir.

— Se isso é o seu básico, amiga, eu nem quero ver o que seria o

especial!

Helena me abraçou, soltando um grunhido fofo. Ela queria o meu reconhecimento.

— Você sabe que é uma engenheira incrível! — eu disse elogiando, porque era a mais pura verdade.

— Mentirosa como sempre! — Helena brincou de volta.

— Para, Lena; se não fosse, nós não teríamos dinheiro para morar em um lugar como esse, amiga!

Helena sorriu e eu sorri junto. Tínhamos sorte!

— Agora vem ver o resto da casa. — ela me arrastou para fora do quarto.

No andar superior, havia três quartos. De um lado da escada, havia uma suíte maior, que Helena usava, já que havia chegado lá primeiro. Do outro lado, além do meu, havia um quarto menor, sem banheiro, que usaríamos como quarto de hóspedes.

No andar inferior, não havia paredes separando os ambientes, apenas algumas divisórias. Tínhamos uma sala grande, com um grande sofá e uma tela plana de cinquenta polegadas, além de algumas poltronas e pufes. Um pouco mais à frente, havia uma mesa de madeira de demolição com pés de metal e dez cadeiras, todas diferentes umas das outras.

— Alguém pretende dar festas para toda a Madri aqui! — brinquei,

sinalizando o tamanho da mesa.

— Nunca se sabe. — disse sorrindo e dando de ombros.

Havia também um canto de leitura — nossa maior paixão em comum — com uma estante grande e abarrotada de livros em um ponto elevado do piso. Ela ficava em destaque, como deveria ser.

A cozinha era clara e toda equipada com o necessário e separada da sala por um balcão que poderia ser usado como mesa por nós duas facilmente. A lavanderia ficava ao lado da cozinha, por trás de uma parede de gesso. O único cômodo separado por paredes ficava bem próximo à entrada, e era um escritório. Helena havia feito o escritório para o caso de ter que receber algum cliente em casa, e agora nós dividiríamos o espaço para trabalhar e estudar.

Depois de começar a arrumar minhas coisas e tomar um banho longo e relaxante em minha nova banheira, constatei que precisava de um cochilo. Estava cansada do voo e morrendo de ansiedade por conta da entrevista que teria dali a poucos dias com Marco Salazar, o responsável por minha residência e, provavelmente, o responsável por minha permanência em Madri, já que, sem emprego, eu não teria um visto porque não era cidadã espanhola.

Eu me senti em casa ao me deitar na cama macia e apoiar minha cabeça sobre o travesseiro fofo. Por um instante, era como se tudo ainda

estivesse igual.

*Eu podia ver a surpresa estampada em seu rosto, assim como imaginei que estaria no meu. Tantas lembranças, tantos sentimentos, tantas coisas deixadas para trás sendo compartilhadas com apenas um olhar. Era possível cortar a tensão entre nós com uma faca.*

*Mesmo do outro lado do salão, seus lindos olhos azuis permaneciam fixos em mim, mesmo quando a morena que estava ao seu lado se afastou com cara de poucos amigos. Embora Felipe mantivesse nossos braços enganchados, ele estava distraído demais para perceber o que se passava. Sorvi um gole do champanhe, desejando que ele acalmasse as borboletas que inesperadamente voavam em meu estômago. Elas estiveram adormecidas por um tempo longo demais, e tê-las agitadas agora não era um bom sinal.*

*Eu tentei a todo custo desviar meu olhar e ignorar sua presença. Eu tinha que me preservar e poupar Felipe da minha confusão, mas não fui boa o suficiente em disfarçar. Bastou um olhar em minha direção, e ele sabia que havia algo errado. Então, um sorriso terno surgiu em seu rosto, e eu senti meu mundo ruir.*

*Sendo o cara atencioso por quem me apaixonei, Felipe me conduziu para uma área mais afastada do salão, longe da vista de Henrique, e se manteve ao meu lado, cuidando de mim e tentando entender o que se passara*

*por toda a noite. A cada segundo que passava, eu me sentia a pior pessoa do mundo.*

Acordei assustada, sem saber onde estava, mas bastou ver Helena com as mãos prontas para me sacudir uma vez mais, e então tudo voltou a fazer sentido. Eu ainda me sentia cansada, mas sabia que isso tudo era efeito da mudança de fuso horário, da qual meu corpo ainda não havia tido tempo para se acostumar.

— Não me diga que pretende passar a sua primeira noite em Madri dormindo! — reclamou.

Tapei minha cabeça com um dos travesseiros, negando-me a responder.

— Credo, Tina! Até parece que a velha de nós duas é você! — continuou reclamando.

— Nenhuma de nós é velha, já te disse, mas vou reiterar: você não é velha, Helena Cerqueira! — murmurei contra o travesseiro, antes de Helena arrancá-lo de cima de mim e me abraçar, fazendo meu emaranhado de cabelos ficar ainda pior.

— Por isso que eu te amo e precisava de você aqui! — disse animada.

— Para quê? Para ficar dizendo que você não é velha? Quanta

insegurança! — brinquei.

— Não, sua boba — disse, se afastando da cama em direção às malas — Para me ajudar a dar conta de todos — ela traça um círculo com os dedos, dando dimensão do espaço ao nosso redor — Esses espanhóis gostosos! — finalizou exibindo seu sorriso “Malévola”.

Mesmo estando cansada, acabei sorrindo sabendo que Helena tinha razão. Eu não poderia passar minha primeira noite na Espanha enfiada debaixo das cobertas. Depois de muito revirar minha mala, enquanto eu cochilava mais cinco minutinhos, finalmente Helena encontrou o que procurava.

— Chega de dormir, Tina, agora não tem mais desculpas. Já para o banho enquanto eu dou um jeito nisso — disse, saindo do quarto e levando uma peça de roupa com ela.

A contragosto, acabei seguindo para o banheiro e fazendo o que Helena havia praticamente mandado. Quinze minutos mais tarde, me sentia mais humana e pronta para ter minha primeira noite em Madri. Sai do banheiro com cabelo arrumado de maneira simples, em cachos soltos, para encontrar Helena estendendo na cama um vestidinho azul ao lado do branco que ela usaria.

— Vem aqui, amore. Vou cuidar dos seus periquitos, agora que os meus estão domados — sorri sinalizando aonde ela deveria se sentar. Helena



riu descontrolada enquanto se aproximava alguns passos e se sentava na cama. Depois de escovar seu cabelo e tirar os nozinhos, separei os fios em pequenas mechas que pouco a pouco fui enrolando. No final, o resultado me agradou muito, pois os cachos estavam soltos em ondas bagunçadas, que lhe davam movimento sem parecer arrumado demais.

Assim que me afastei com o baby liss, Helena correu para a frente do espelho e ficou lá se admirando, passando o dedo pelos fios modelados, enquanto eu quase morria de ansiedade.

— Fala logo!! — pedi impaciente.

— Eu amei!!! — disse sorrindo abertamente, sem desgrudar os olhos do espelho.

Deixei que Helena se admirasse um pouco mais enquanto fazia uma maquiagem leve e me vestia. Assim que eu estava pronta, acabei ajudando-a com o delineador, e pouco depois, ela também já estava devidamente vestida e pronta para se jogar na noite.

— Alguém precisa criar vergonha na cara, perder o medo de dirigir e comprar um carro — murmurei, caminhando em direção à estação. Mesmo sabendo que o metrô seria de longe a nossa opção mais econômica de transporte, eu não fui capaz de ignorar o ponto fraco de Helena.

— Alguém chegou hoje e acha que já tem moral para falar o que quer — respondeu sorrindo. Eu adorava nossas alfinetadas e me divertia

muito com elas.

Algum tempo depois, finalmente chegamos ao *Barrio de La Latina*, e acabei sendo pega de surpresa por todo o movimento do lado de fora da estação de metrô. As ruas eram repletas de bares, e o fluxo de gente circulando ao redor não era pouco. Helena e eu seguimos descendo a rua e olhando fachada por fachada, até chegarmos ao “La Ardosa”, onde paramos, por simpatizar com a fachada.

Conseguir cruzar as portas e entrar foi um verdadeiro desafio, mas depois de nos espremermos entre todas as pessoas que ocupavam a parte da frente da bodega, Lena e eu conseguimos lugares em um balcão lateral, mais ao fundo. Helena olhou o ambiente ao nosso redor com os olhos de um perito, enquanto eu apenas admirava a estante ao fundo, por nunca ter visto tantas garrafas juntas, rodeando todo o ambiente.

Apesar de todo o movimento ao redor, o garçom não demorou a se aproximar e tomar notas de nosso pedido. Assim que se afastou, Lena e eu passamos a olhar as pessoas. A maioria predominante era *madrileños*, mas alguns turistas, assim como eu, estavam circulando por ali.

Nós estávamos em meio a uma conversa animada, sobre o que faríamos nos próximos dias, quando o casal sentado próximo a nós desocupou os seus assentos, dando lugar para dois belos espanhóis se sentarem ao nosso lado. Depois de observá-los, sinalizei para que Helena

olhasse para o outro lado. Embora ela seja boa em disfarçar suas expressões, o sorrisinho discreto, de canto, que surgiu em seu rosto, foi o suficiente para eu saber que alguém havia despertado seu interesse.

Nós continuamos nosso assunto, fingindo ignorar os espanhóis, que não tiravam os olhos de nós. Como eles estavam sentados à esquerda de Helena e eu à sua direita, a pobre acabou ficando de costas para eles, mas isso não parecia ser um problema, uma vez que o moreno sentado ao seu lado pouco a pouco se aproximava, enquanto o outro seguia me encarando.

Disposta a ver até onde o flerte discreto iria, aproveitei que o garçom colocou nossas taças diante de nós e ergui a minha, lhe propondo um brinde silencioso, que foi aceito com um lindo sorriso brilhante. Helena me encarava com uma sobrancelha arqueada enquanto eu tomava um pequeno gole, ocultando assim o sorriso que não queria sair de meus lábios.

— Alguém mal chegou e já está fazendo sucesso com o sexo oposto — murmurou, antes de provar seu vinho.

— Fica na sua que tem para você também — pisquei para ela.

Nossa porção de tapas, uma comida típica espanhola, chegou pouco depois, então Helena se sentou de frente para o balcão e conseqüentemente de lado para o moreno, que não fazia o mínimo esforço para disfarçar que seus olhos estavam grudados nela. Enquanto desfrutávamos de nossa porção, eles conversavam baixo, e por conta do barulho ao redor e do sotaque forte que eu

ainda não havia tido a chance de me habituar, estava praticamente impossível entender o que falavam.

Em um momento de distração, fomos pegas de surpresa ao ver o moreno se virar para Helena com uma mão estendida e um sorriso brilhante, enquanto o outro caminhava em minha direção. Atrapalhei-me ao colocar a taça sobre o balcão, e por pouco não a derrubei. Ergui os olhos, sentindo o calor aquecer meu rosto, e encontrei um lindo par de olhos castanhos me encarando, acompanhado por um sorriso simpático, parecido com o que Helena recebia.

— Álvaro — disse sorrindo, com a mão estendida em minha direção.

— Valentina — sorri, devolvendo o cumprimento. O moreno, que agora eu sabia chamar Álvaro, segurou minha mão um pouco mais do que o necessário, mas quando a soltou, não fez menção nenhuma de se afastar.

Álvaro se virou na direção de Helena e seu novo acompanhante, e como uma boa amiga, tratei logo de olhar também e fazer uma inspeção para ver se ele era bom o suficiente para ela, mas acabei me surpreendendo ao ver tantas semelhanças entre eles. Nesse instante, Helena me encarou, mordendo o lábio para conter o riso. Eles eram gêmeos!

O moreno, ainda desconhecido, se aproximou, e depois de se apresentar como Fernando, o irmão gêmeo de Álvaro, pediu que trocássemos de lugar. Agora Helena e eu éramos o centro das atenções, e cada um estava

postado ao nosso lado, impedindo que qualquer outro se aproximasse. Não que eu estivesse reclamando.

Ele não precisou de muito esforço para ganhar minha atenção, e pelo visto, o mesmo acontecia com Helena. Álvaro era gentil e engraçado, e aos poucos me fez falar do Brasil muito mais do que eu gostaria, e por incrível que pareça, isso não causou o incômodo que imaginei.

Nossas bebidas acabaram rápido demais, e como bons anfitriões, Álvaro e Fernando fizeram questão de nos deixar à vontade e bem servidas.

Nossa conversa estava animada demais, e eu não tinha certeza se era apenas pelo assunto ou se o vinho estava colaborando de alguma forma, mas, definitivamente, o balcão estava pequeno demais para nós. Assim que uma mesa próxima ficou vaga, nossos belos *chicos* trataram logo de ocupar o espaço. Com a nova disposição de lugares, nós estávamos mais próximos. Tão próximos que, em um movimento mal calculado, Álvaro acabou roçando seus lábios no canto de minha boca enquanto se afastava do meu rosto, depois de fazer um comentário qualquer perto de meu ouvido, para que eu conseguisse compreendê-lo. Eu sorri sem graça, embora desejasse provar de seus lábios.

Álvaro sorriu quando percebeu o efeito que havia causado em mim. Eu estava parada, ainda sem saber como agir diante ao seu sorriso, quando senti as costas de sua mão roçar por meu rosto em uma carícia suave. Sem

criar nenhum tipo de resistência, segui encarando-o, apreciando o desenho de seus lábios, que eu estava louca por provar. Quando as pontas de seus dedos completaram o contorno de meu rosto, tudo que eu conseguia ver em seus olhos era desejo.

Respondendo à pergunta não feita, me virei na cadeira, ficando totalmente de frente para ele, encaixando uma de minhas pernas entre as suas. Álvaro escorregou a mão que envolvia meu rosto até minha nuca, e me manteve ali, olhando fixamente para ele. Seu rosto se aproximou mais do meu. Em questão de segundos, nossas bocas finalmente se tocaram.

Os lábios macios e a barba cerrada eram uma mistura e tanto, que pouco a pouco me empurravam a beijá-lo com mais vontade. Sua língua se enroscava na minha com calma, quase como se estivessem em uma dança sensual, me provocando de tal forma que eu não queria mais largá-lo. Quando nossos lábios se afastaram, e tive que abrir os olhos, me vi perdida no seu olhar. Seus dedos gentilmente deslizaram por minha bochecha e depois seguiram para os meus lábios, ainda inchados pelo beijo. Sorri, desviando o olhar.

Depois de quebrar o contato com seus lindos olhos e sorver um gole do vinho, foi que me dei conta de que Helena e Fernando não estavam mais na mesa. Álvaro e eu rimos cúmplices, sem poder culpá-los. Assim que nosso riso foi silenciado, ele jogou algumas notas sobre a mesa, levantou-se da

cadeira e estendeu sua mão para mim. Eu a agarrei como se minha vida dependesse disso, e pouco depois, nós saímos para a noite, ainda em silêncio.

Já do lado de fora da bodega, Álvaro passou seu braço por meus ombros, me atraindo para junto de seu corpo. Rodeei sua cintura com o meu braço, e agora caminhávamos sem rumo por uma rua quase deserta. Embora seu corpo não fosse monstruosamente grande, eu podia sentir seus músculos se contraírem sob a minha mão e contra a lateral do meu corpo, o que me fez imaginá-lo sem roupa.

Fui pega de surpresa quando passávamos em frente a uma loja fechada. Álvaro aproveitou que as luzes da rua criavam uma sombra contra o recuo do prédio e me prensou contra a parede. Apesar da pouca luz, busquei seus olhos, tentando entender o que ele queria com tudo isso, e o que eu encontrei ali era puramente desejo.

— Preciso te beijar mais uma vez — sussurrou a resposta da pergunta não dita, antes de tomar meus lábios.

Deixando-me levar pelo calor de seus lábios, apoiei uma mão contra seu peito, enquanto a outra brincava com seu cabelo. Álvaro colocou uma perna entre as minhas, e com suas mãos em minha cintura, ajustou melhor o encaixe de nossos corpos. Ainda com meus lábios colados aos dele, acabei gemendo ao sentir sua ereção ser pressionada contra meu baixo ventre. Meu gemido fez com que ele repetisse o movimento, e eu acabei apertando sua

camisa entre meus dedos, trazendo-o ainda mais para mim.

O ar se tornou escasso, e quando nossas bocas se desgrudaram, não fui capaz de abrir os olhos. Respirei fundo, buscando todo meu autocontrole, e quando me senti pronta, finalmente o encarei. Álvaro tinha um lindo sorriso em seus lábios, e me permitindo ser impulsiva uma vez mais, lhe roubei um beijo rápido antes de afundar meu rosto na curva de seu pescoço e inalar mais de seu cheiro. Essa, sem dúvidas, era o melhor tipo de boas-vindas que a Espanha poderia me oferecer.

Já recompostos, saímos das sombras e voltamos a caminhar a passos lentos pela rua em direção ao seu carro, conforme fui informada. Estacionado entre dois prédios altos, o SUV de vidros escuros nos oferecia segurança e a privacidade que o estacionamento de uma loja não tinha.

Eu não pretendia chegar tão longe com ele, não naquela situação, mas um pouco de distração dentro do carro certamente não faria mal a ninguém. Entre beijos *calientes* e a necessidade de respirarmos, Álvaro e eu tivemos uma conversa divertida, e me senti muito bem. Era como se eu estivesse me redescobrando; ressuscitando a Valentina alegre e divertida que um dia eu havia sido.

Sem saber ao certo há quanto tempo estávamos ali, fomos interrompidos quando o celular passou a vibrar dentro da pequena carteira que eu carregava. A tela iluminada tinha uma foto de Helena sorrindo. Acabei



sorrindo como sempre fazia e então atendi.

— Não me diga que você já vai pedir água! — brinquei em português porque, como era um tipo de gíria, Álvaro não entenderia.

— Água? — Helena respondeu rindo alto contra o telefone — Se eu ficar mais cinco minutos aqui, vou ter que pedir o café da manhã completo, porque não vou embora antes do dia raiar! Encontre-me na praça, estou te esperando. — Controlei o riso, já encerrando a ligação, e avisei a Álvaro que eles já nos esperavam na praça em frente ao bar. Álvaro segurou meu rosto e levou até o dele mais uma vez, me beijando devagar, como se quisesse que isso durasse para sempre.

Nós refizemos nosso caminho em silêncio, porém de mãos dadas. Já de volta à praça, encontramos Helena e Fernando em meio a um beijo digno de censura. Quando paramos ao lado deles, eles sequer notaram. Álvaro acabou cutucando as costas de Fernando para que soubessem que estávamos ali, assistindo ao showzinho.

Helena fez um esforço mínimo para se desvencilhar dos beijos de Fernando, rindo para mim com a sua cara de safada dissimulada de sempre. Estreitei os olhos para ela, murmurando “*Sua safada*” sem emitir som algum. Ela deu um selinho na boca do garoto, que parecia um tanto desconcertado com a interrupção, e sorriu para ele usando sua cara de santa.

Enquanto Lena se despedia de Fernando, beijando-o como se não

houvesse amanhã, me virei para Álvaro e resolvi fazer o mesmo.

— Não vai mesmo me passar seu número? — sussurrou contra minha boca.

— Deixe que a vida se encarregue de um novo encontro, se assim tiver que ser. — sorri de leve, completando com uma piscadinha.

Álvaro pareceu não gostar muito de minha resposta, mas aquela era apenas a minha primeira noite em terras espanholas, e a última coisa que eu queria era me ligar a alguém.

Sem trocar números de telefones e sem criar expectativas de um novo encontro, sorrimos cúmplices, satisfeitos com a companhia um do outro e com os beijos mais do que deliciosos.

Nós entramos no táxi assim que ele parou próximo ao meio fio, sob os protestos dos rapazes, que se ofereciam para nos levar. Recusamos de maneira educada e por fim nos despedimos. Assim que o táxi virou a esquina, eu não me contive e a bombardeei com perguntas, querendo saber absolutamente tudo. Helena começou a rir de maneira incontrolável, fazendo-me rir junto, ainda que não soubesse o motivo.

O taxista parecia interessado em nosso assunto, embora não conseguisse acompanhar muito da nossa conversa em português; seus olhos seguiam fixos no retrovisor, nos observando. Após uma respiração profunda, Helena finalmente parou de rir e me contou que, como uma adolescente

inconsequente, ela havia simplesmente montado na garupa da moto do garoto e ido parar no apartamento dele, deixando-me de queixo caído com tamanha ousadia.

Descemos do táxi e entramos em casa. Eu me joguei no sofá, livrando meus pés dos saltos, enquanto Helena ia até a cozinha e voltava com uma caixa de chocolates. Ela sentou-se no lado contrário ao meu, deixando nossas cabeças na mesma almofada, com a caixa de chocolates no tapete à nossa frente.

— Detalhes — ela pediu — Todos, incluindo os mais sórdidos.

Dessa vez, quem acabou tendo uma crise de riso foi eu, mas confessei que havíamos escapado do bar pouco depois deles e ido nos esconder no carro para ter mais privacidade. Peguei um chocolate e desembulhei, colocando-o na boca, enquanto ela continuava a fazer perguntas, intercalando com a sua própria aventura.

Nós passamos mais algum tempo largadas no tapete, mas logo o sono voltou a me castigar, e então nos recolhemos para nossos quartos.

[Clique aqui e leia agora](#)

## Leia agora um trecho de Em busca de mim



[Clique aqui e leia agora](#)

### **Início do verão**

Férias. Eu mal podia acreditar que depois de meses de provas, trabalhos e uma rotina incansável, eu finalmente voltaria para casa.

Enquanto esperava que o atendente do outro lado do balcão entregasse meus pedidos, deixei que meu olhar se perdesse além das janelas. Era um dia bonito e ensolarado, oficialmente o primeiro das férias, e boa parte dos estudantes já haviam partido na noite anterior.

Com meu pedido em mãos, saí da cafeteria e segui pelas ruas

tranquilas em torno do campus. Josh morava em um prédio a poucas quadras do meu e isso havia tornado tudo mais fácil desde o início.

Josh e eu havíamos estudado na mesma escola a vida toda e morávamos em uma cidade relativamente pequena, então era natural que nos conhecêssemos e nos aproximássemos, mas ele só entrou realmente em minha vida quando enfrentei uma fase difícil.

As coisas entre nós aconteceram de maneira fácil e natural, rapidamente me afeiçoei a ele, e em pouco tempo havíamos nos tornado oficialmente namorados. Nós vivemos momentos maravilhosos desde então, e quando chegou a formatura do ensino médio, eu não sabia o que esperar. Eu não queria perdê-lo, Josh era exatamente tudo que eu precisava do meu lado, mas abrir mão de uma grande conquista, como uma bolsa na UIC, não era uma opção, o que me deixou apreensiva quanto ao nosso destino.

Quando a sua carta de aceitação na UIC chegou, algumas semanas após a minha, me senti aliviada, completa. Era como se a vida estivesse me dando uma nova chance de ser feliz, apesar da perda irreparável que eu tivera.

Embora estivéssemos animados com a nova etapa e muito felizes juntos, dividir um apartamento não fazia parte de nossos planos naquele momento. Além de ser assustador demais avançar tanto de uma única vez, mamãe jamais concordaria com algo do tipo. Morar com Neil, meu irmão

mais velho, também não era uma opção. Eu queria ter o meu próprio espaço e privacidade, sem ficar sob o seu olhar protetor, então, quando chegou a hora de me mudar, optei por um dormitório próximo ao campus.

Após uma curta caminhada, que não durou mais do que dez minutos, eu finalmente estava diante do prédio. Como ainda era cedo, Josh provavelmente estava dormindo, o que de fato não era sua culpa, visto que quem estava mudando os planos era eu. O prédio não era controlado por um porteiro ou algo do tipo, então retirei da bolsa a chave que ele havia me dado algum tempo atrás e destravei a porta. Assim como em meu próprio dormitório, o prédio estava silencioso, praticamente vazio por conta das férias.

Sem pressa alguma, atravessei o lobby tranquilamente em direção ao elevador antigo, que fez um barulho assustador enquanto subia até o quinto andar. Quando ele finalmente parou, segui pelo corredor, passando por várias portas fechadas até chegar a de Josh.

Imerso nas sombras da manhã, o apartamento estava quieto e Josh fora de vista. Sabendo bem onde o encontraria, segui diretamente para o quarto. Parada diante da porta ligeiramente aberta, aproveitei a pouca claridade vinda do corredor para observá-lo dormir, e isso me deixou arrependida por não ter aceito seu convite na noite anterior. Eu poderia estar ali com ele na cama, ao invés de espiando-o da porta.

Deixando de lado tais pensamentos, atravessei o quarto com cuidado para não fazer barulho e deixei os muffins sobre a mesa de canto. Avançando alguns passos, me aproximei da cama, planejando deixar o café sobre o criado-mudo, mas um movimento diferente atraiu a minha atenção. Permaneci estática por mais um ou dois segundos antes que o lençol voltasse a se mexer e sons estranhos preenchessem o quarto. Sem ter certeza do que acontecia, cerrei meus olhos tentando melhorar o foco, e foi então que eu me dei conta de que ele não estava sozinho na cama.

De repente, as coisas passaram a se mover em câmera lenta. Meus pés repentinamente se tornaram mais pesados, como se estivessem colados ao chão. Meu corpo passou a tremer como se a temperatura tivesse baixado de forma brusca, e tudo que fui capaz de fazer nos próximos minutos foi assistir meu namorado ganhar um oral matinal, que não estava sendo feito por mim.

Da mesma maneira em que eu entrei nesse torpor, fui arrancada dele. Uma onda de calor invadiu meu corpo enquanto o sangue pulsava alto em meus ouvidos. Sem pensar em mais nada, avancei em direção à cama.

— Que porra é essa? — gritei, arrancando o lençol que cobria a parte inferior de seu corpo e a cabeça da desgraçada.

Mesmo com a pouca luz, pude ver o sorrisinho de prazer, que enfeitava seus lábios, ser substituído por uma expressão de horror, ao mesmo tempo em que a garota puxava o lençol, cobrindo seu corpo e deixando-o

descoberto.

Sem pensar em mais nada, virei o copo de café sobre sua virilha. Seu grito de desespero, ao sentir o líquido quente sobre sua pele sensível, foi como música para os meus ouvidos. Eu tinha certeza de que, a essa altura, o café não estava fervendo, mas talvez quente o suficiente para causar algum dano, como o que ele havia causado em mim.

— Você só pode estar louca — Josh gritou, enquanto se limpava com o lençol.

A garota se manteve praticamente prensada contra a parede sem emitir um som sequer. Eu não faria nada com ela, ela não me devia lealdade e eu nem sabia se ele havia dito que namorava. Eu queria que os dois fossem à merda.

Sem lhe dar tempo de fazer qualquer coisa, fui saindo do apartamento, mas antes de realmente cruzar a saída, eu olhei por cima do ombro e lhe alertei:

— Não ouse fazer uma denúncia e não venha atrás de mim, Josh. Juro por Deus que não sei o que sou capaz de fazer com você. — Declarei, batendo a porta atrás de mim.

Encarando o outro lado do corredor, constatei que as portas do elevador estavam abertas, como se estivessem à minha espera. Corri o curto espaço e praticamente me lancei para dentro da caixa metálica. Diante do



painel cheio de botões e com a visão borrada pelas lágrimas que insistiam em se acumular, me apressei em encontrar o que fecharia as portas do elevador. Em meio ao meu desespero, vi sua porta se abrir, dando passagem a um Josh que mais se parecia com um touro espanhol.

Quando por fim encontrei o botão que fecharia as portas, o apertei com força, como se isso fosse acelerar o processo. Através do espaço que se tornava menor a cada instante, pude vê-lo apressando o passo, enrolado em um lençol, tentando me alcançar.

Patético.

Apoiada contra um dos cantos do elevador, tentando me segurar emocionalmente, constatei que a descida parecia ainda mais lenta do que a subida havia sido. Após alguns instantes de uma espera que pareceu durar décadas, as portas se abriram já no térreo. Sem pensar em mais nada, corri para fora do prédio e não me permiti olhar para trás uma única vez. Eu só queria esquecer o que havia acontecido.

Segui correndo pela calçada sem realmente prestar atenção em que direção eu estava indo. Naquele instante, só queria aumentar a distância que me separava de Josh.

Ainda com a mente nublada por tantos sentimentos, corri mais algumas quadras, e antes de atravessar um cruzamento, o som do celular me arrastou para fora da bolha que eu havia entrado. Retirei o aparelho do bolso

e ri incrédula ao ver o nome de Josh estampado no visor. Encerrei a chamada sem atender e olhei ao meu redor.

Sentindo-me um pouco mais consciente, embora a adrenalina ainda estivesse a mil em minha corrente sanguínea, atravessei alguns terrenos correndo e segui na direção que me levaria à única pessoa que poderia me salvar nesse momento.

Depois de sete minutos de corrida e dez chamadas ignoradas, eu finalmente entrei pelas portas do prédio de tijolos aparentes como um vendaval. Em meio ao meu desastre, acabei esbarrando em um cara que estava próximo à porta, e se não fosse por suas mãos me segurando, provavelmente eu teria ido de encontro ao chão.

Sem realmente prestar atenção no que eu estava fazendo, apenas murmurei um pedido de desculpas e me afastei apressada, voltando a correr em direção às escadas. Três andares depois, parei diante da porta de Neil.

O ar que chegava aos meus pulmões não parecia ser o suficiente, por isso me curvei para frente e apoiei as mãos nos joelhos. Com alguns fios de cabelo se aderindo à minha pele molhada pelo suor, forcei-me a inspirar pelo nariz e expirar pela boca. Repeti esse processo por várias vezes, até que meus batimentos cardíacos se normalizassem e a ardência dos meus pulmões diminuísse.

Depois de secar meus olhos, que estavam úmidos pelo choro, ajeitei o

cabelo e desejei que Neil não notasse que eu havia chorado, embora meu nariz vermelho provavelmente me denunciaria. Sentindo-me mais calma, dei três batidinhas na porta e não precisei esperar muito antes de ouvir o barulho da fechadura.

No instante em que a porta se abriu e ele colocou os olhos em mim, Neil sabia que havia algo errado, mas, ainda assim, tudo que ele fez foi dar um passo para o lado e abrir os braços para me receber. Eu estava segura novamente.

Após um longo e duradouro abraço, ele se afastou em direção à cozinha sem dizer uma palavra sequer, e quando voltou minutos mais tarde, Neil trazia consigo uma caneca de chocolate quente.

A corrida intensa, somada ao açúcar do chocolate, fizeram maravilhas para meu corpo, e, pouco tempo depois, eu já podia sentir o esgotamento. Enquanto Neil acabava de arrumar suas coisas no quarto, fui até o banheiro e lavi o meu rosto, mandando embora os resquícios de choro. Também aproveitei para pentear meu cabelo, que estava uma completa desordem, e forcei um sorriso para o meu reflexo. Eu queria que tudo ficasse bem.

— Quer falar sobre isso? — perguntou ao passar por mim, carregando suas malas.

Quando seus olhos pousaram em mim, apenas neguei com um aceno enquanto fungava.

— Certo. — Concluiu, sem desviar os olhos de mim — Vai precisar de carona para casa?

Sem ter forças para verbalizar a humilhação pela qual havia passado e o quanto eu precisava dele, apenas concordei com um aceno enquanto mordida o lábio inferior, tentando conter o choro que insistia em querer sair.

— Não vale a pena, Sophie. — disse, com o olhar preocupado, enquanto eu fungava, tentando não ceder.

Neil ainda me encarava por um instante enquanto coçava a cabeça, em um sinal de ansiedade. Se eu bem o conhecia, nesse momento ele estava dividido entre encontrar uma maneira de acabar com Josh e me consolar.

Depois de ajudá-lo a carregar a caminhonete com suas malas e mais alguns pertences, pulei no banco do passageiro e me acomodei ali. Ele juntou-se a mim logo depois, e num piscar de olhos, já estacionava diante de meu dormitório.

Sem perguntar nada, Neil saiu da caminhonete antes que eu o fizesse e estendeu a mão pela janela aberta, esperando que eu lhe entregasse a chave. Assim que o pequeno pedaço de metal foi colocado em sua mão, ele seguiu tranquilamente pelo jardim, sumindo no interior do prédio logo depois.

Como meus pertences já estavam todos arrumados, ele não demorou a voltar. No instante em que tudo estava devidamente acomodado na carroceria, Neil deu partida e caímos na estrada, seguindo para o lugar mais

seguro do mundo, deixando toda a merda que Josh causara para trás.

[Clique aqui e leia agora](#)



*Camila Alkimim*

## Sobre a autora

Me chamo Camila Alkimim, tenho 28 anos e moro no interior de São Paulo. Embora seja graduada como biomédica e tenha atuado em minha área, concílio essa paixão com a escrita desde 2009, quando escrevia pequenos contos por diversão e presenteava as minhas amigas próximas.

Decidida a levar à paixão pela literatura a um outro nível, publiquei no ano de 2016 meu romance de estreia, O Amor não tem Regras, que esteve por várias semanas entre os mais vendidos e que ganhou a votação no blog Livros do coração como “Top lançamento de abril - 2016”, com 45.618 votos de um total de 89.827. Desde então, sigo me dedicando ao universo literário e atualmente conto com 4 livros e 3 contos publicados através da Amazon.





# Amores e Vinhos

Camila Alkimim